

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DANILO MARQUES LOBO GODINHO DELGADO

**NEOFASCISMO, ANTI-IMPERIALISMO E QUARTA TEORIA POLÍTICA: O
PENSAMENTO DE ALEKSANDR DUGIN NO BRASIL E A ATUAÇÃO DO
GRUPÚSCULO NOVA RESISTÊNCIA**

Juiz de Fora
2026

DANILO MARQUES LOBO GODINHO DELGADO

**NEOFASCISMO, ANTI-IMPERIALISMO E QUARTA TEORIA POLÍTICA: O
PENSAMENTO DE ALEKSANDR DUGIN NO BRASIL E A ATUAÇÃO DO
GRUPÚSCULO NOVA RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à
obtenção do título de Mestra em História. Área
de concentração: História, Cultura e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto

**Juiz de Fora
2025**

DANILO MARQUES LOBO GODINHO DELGADO

**NEOFASCISMO, ANTI-IMPERIALISMO E QUARTA TEORIA POLÍTICA: O
PENSAMENTO DE ALEKSANDR DUGIN NO BRASIL E A ATUAÇÃO DO
GRUPÚSCULO NOVA RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à
obtenção do título de Mestra em História. Área
de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 09 de fevereiro de 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Tatiana Silva Poggi de Figueiredo
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, aos colegas de curso e a todos os professores que passaram por minha trajetória docente. Suas contribuições, diretas e indiretas, reverberam nas páginas deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto, pela orientação paciente e constante, da graduação aos últimos dias do mestrado.

À Prefeitura de Juiz de Fora e ao Estado de Minas Gerais, à Escola Estadual Cônego Joaquim Monteiro, às Escolas Municipais Santos Dumont e José Calil Ahouagi, pelo sustento que permitiu o desenvolvimento da pesquisa e, principalmente, pelas companhias do dia-a-dia nas trincheiras da educação e da produção de conhecimento.

À Profa. Dra. Tatiana Silva Poggi de Figueiredo e ao Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos, pelas importantíssimas contribuições na banca de qualificação e pela presença na banca final.

Aos meus pais, Valéria e Ignacio, pelo apoio, amor e carinho, constantes e essenciais para a persistência neste estudo, e pelas inúmeras trocas ao longo do mestrado.

À minha companheira de vida, Larissa, pelo suporte nos momentos mais necessários, pelas incontáveis discussões historiográficas, pelo amor.

Aos amigos e familiares que tanto me apoiaram na construção deste trabalho.

A todos que estão e estiveram aqui, meu muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação analisa o pensamento de Aleksandr Dugin e sua difusão no Brasil a partir da atuação do grupo Nova Resistência, compreendendo esse processo como parte de um movimento mais amplo de reorganização do pensamento revolucionário de direita no mundo contemporâneo. Partindo da trajetória intelectual de Dugin, desde sua formação em círculos esotéricos soviéticos até sua consolidação como um dos principais articuladores da ultradireita russa e internacional, o trabalho investiga os fundamentos teóricos que estruturam o duginismo, com destaque para o Tradicionalismo Integral, o Neo Eurasianismo, a geopolítica e a formulação da Quarta Teoria Política. A pesquisa busca demonstrar como essas ideias, originalmente formuladas no contexto russo e euroasiático, são apropriadas, reinterpretadas e instrumentalizadas pelo Nova Resistência para a leitura da realidade brasileira e para a proposição de um projeto político antiliberal, anticolonial e palingenésico. Ao analisar o núcleo teórico do grupo, suas estratégias metapolíticas e sua inserção no mosaico da extrema direita brasileira, o trabalho evidencia a formação de um neofascismo dissidente, que busca transcender a dicotomia tradicional entre esquerda e direita e se apresentar como alternativa à ordem liberal contemporânea. A partir da contraposição entre o pensamento de Dugin e sua assimilação pelo Nova Resistência, a dissertação contribui para os estudos sobre a ultradireita no Brasil, sobre a circulação transnacional de ideologias iliberais e sobre os processos de ressignificação do fascismo histórico no século XXI.

Palavras-chave: Aleksandr Dugin; Quarta Teoria Política; Nova Resistência; Neofascismo.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the thought of Aleksandr Dugin and its diffusion in Brazil through the activities of the group Nova Resistência, understanding this process as part of a broader reorganization of revolutionary right wing thought in the contemporary world. By examining Dugin's intellectual trajectory, from his early involvement in Soviet esoteric circles to his consolidation as one of the main theorists of the Russian and international far right, the research investigates the theoretical foundations of Duginism, with particular emphasis on Integral Traditionalism, Neo Eurasianism, geopolitics and the formulation of the Fourth Political Theory. The study demonstrates how these ideas, originally developed within the Russian and Eurasian context, are appropriated, reinterpreted and operationalized by Nova Resistência in order to construct a reading of Brazilian reality and to propose an antiliberal, anti imperialist and palingenetic political project. Through an analysis of the group's theoretical core, its metapolitical strategies and its position within the Brazilian far right, the dissertation highlights the emergence of a dissident neofascism that seeks to transcend the traditional left right dichotomy and to present itself as an alternative to the contemporary liberal order. By contrasting Dugin's original formulations with their Brazilian reinterpretation, the research contributes to the study of the far right in Brazil, the transnational circulation of illiberal ideologies and the contemporary reconfigurations of historical fascism.

Keywords: Aleksandr Dugin; Fourth Political Theory; Nova Resistência; New Resistance Neofascism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ALEKSANDR DUGIN	27
1.1 ORIGENS E PARTICIPAÇÃO NO CÍRCULO DE YUZHINSKII	27
1.2 ASCENSÃO EM MEIO À EFERVESCÊNCIA NACIONALISTA.....	30
1.3 CONSOLIDAÇÃO INTELECTUAL E ESPAÇO POLÍTICO NA ERA PUTIN	40
1.4 DISSEMINAÇÃO INTERNACIONAL E GUERRA DA UCRÂNIA	44
2. O NÚCLEO TEÓRICO DE ALEKSANDR DUGIN	55
2.1 O TRADICIONALISMO INTEGRAL EM DUGIN	57
2.2 DUGIN E IDEOLOGIAS DIREITA	71
2.3 O PENSAMENTO POLÍTICO DE ESQUERDA EM DUGIN	86
2.4 DUGIN E O LIBERALISMO	99
2.5 A GEOPOLÍTICA DUGINISTA	116
3. O NOVA RESISTÊNCIA: NEOFASCISMO DUGINISTA NOS TRÓPICOS	126
3.1 O NEOFASCISMO NO BRASIL	126
3.2 ORIGENS DO NOVA RESISTÊNCIA	130
3.3 O NÚCLEO TEÓRICO DO NOVA RESISTÊNCIA	139
3.3.1 Nova Resistência, Dugin e a Quarta Teoria Política	141
3.3.2 Revisionismo histórico pelo Nova Resistência	148
3.3.3 Nova Resistência e o Tradicionalismo Integral	163
3.3.4 O trabalhismo no Nova Resistência	178
3.3.5 O Nova Resistência e a esquerda brasileira	186
3.3.6 Geopolítica e visão global pelo Nova Resistência	194
3.3.7 O Nova Resistência na extrema direita	201
CONCLUSÃO	217
REFERÊNCIAS	228
FONTES	228
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	233

INTRODUÇÃO

Com o colapso do fascismo histórico e o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o mundo parecia esperar que os preceitos intelectuais e ideológicos que embasaram a atuação de inúmeros movimentos revolucionários de direita ao redor do mundo estivessem esgotados. A partir da formação de dois blocos, liberais e comunistas dividiam o globo e disputavam a ação política da humanidade compartilhando a derrota de um devastador inimigo comum. Apesar disso, desde os primeiros anos do pós-guerra e, sobretudo, a partir da década de 1970, diversos grupos empenharam esforços na tentativa de restaurar o potencial político de ideias ligadas ao pensamento de extrema-direita. A consolidação da *Nouvelle Droite*¹ francesa e a disseminação de seus princípios pela Europa ocidental permitiram o surgimento do fenômeno de ressurgência do pensamento fascista. Assimilada à pós-modernidade² e com formas de atuação simbióticas ao mundo contemporâneo, a ideologia³ da extrema-direita, que havia sustentado a chegada ao poder dos fascismos, décadas antes, partia para um segundo movimento que, anos depois, levaria ideias revolucionárias de direita novamente ao centro da política global.

Nesse sentido, a recente chegada ao poder de personagens como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Javier Milei, Viktor Orbán, Nahib Bukele, Giorgia Meloni e diversos outros é resultado de um amplo processo de reorganização do pensamento revolucionário de direita⁴ ao longo da segunda metade do século XX e das primeiras décadas do século XXI. Ainda assim,

¹ Nova Direita, em tradução livre

² Nesse estudo, entende-se Pós-Modernidade como uma condição cultural e epistemológica que surge da crítica e do esgotamento das perspectivas modernistas sobre o conhecimento, a cultura e a política. Dessa forma, observa-se o processo de fragmentação das narrativas políticas como um fenômeno histórico que cria novas condições para a disputa do espaço político e ideológico, em contraponto às condições impostas pela modernidade, fortemente marcadas por discursos políticos universalizantes e totalizantes. Sendo assim, percebe-se a reconfiguração do discurso político de forma assimilada à fluidez da pós-modernidade. Nas ciências humanas, em geral, e na historiografia, em específico, nota-se o deslocamento da construção do saber, que se afasta das narrativas totalizantes da modernidade em direção à construção discursiva do saber. Como uma condição fundamental do mundo contemporâneo, o advento da Pós-Modernidade molda as estratégias e práticas políticas, bem como o processo de construção do conhecimento nas últimas décadas. Ver mais em: JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. In: **Postmodernism**. Routledge, 2016. p. 62-92; BAUMAN, Zygmunt. **Liquid modernity**. John Wiley & Sons, 2013 e LYOTARD, Jean-François. *The postmodern condition. The postmodern turn: new perspectives on modern theory*, p. 27-38, 1994.

³ Ao longo desta pesquisa, o termo ideologia será empregado em sentido amplo, como um conjunto de ideias, valores e concepções políticas articuladas, e não no significado específico que lhe é atribuído pela tradição marxista, não no significado específico que lhe é atribuído pela tradição marxista, em que a ideologia é compreendida como forma de consciência social historicamente situada, frequentemente associada à ocultação ou naturalização das relações de dominação

⁴ Entende-se, no âmbito desta pesquisa, o pensamento revolucionário de direita como o conjunto de ideias e proposições ideológicas que baseiam, no passado e no presente, a atuação de atores políticos interessados na subversão do poder estabelecido a partir de meios revolucionários, embasados por teorias vinculadas à direita do espectro político. Nesse sentido, o pensamento revolucionário de direita é caracterizado como o núcleo teórico compartilhado pelo fascismo histórico e a extrema-direita contemporânea em seu objetivo comum de criação de novas ordens políticas sustentadas por ideologias de extrema-direita.

a chegada ao poder da ultradireita⁵ contemporânea não se manifesta, apenas, por seus líderes políticos mais conhecidos, sendo amparada por uma vastidão de movimentos que, nas entrelinhas da política majoritária, e sobretudo em meios digitais, constrói uma base que permite a ampla difusão do pensamento da ultradireita em bases populares.

Nesse sentido, observa-se a formação de um campo neofascista que se articula nas sombras da política institucional e, a partir disso, é capaz de construir influência sobre importantes agentes da cena política global. Dessa forma, é essencial analisar como o neofascismo atua diante da recente reformulação da direita radical e, ao mesmo tempo, constrói uma base extremista que busca meios revolucionários como resposta à ordem mundial contemporânea. As leituras do campo a respeito do mundo atual e de suas respectivas realidades nacionais é variada, mas os grupos componentes do neofascismo compartilham princípios e procedimentos básicos em suas estruturas intelectuais, ideológicas e de atuação política.

Dessa forma, é fundamental destacar que a ascensão da ultradireita, em geral, e particularmente do neofascismo, revela-se como um processo multifacetado, que transcende a mera adaptação das ideias do fascismo histórico para o mundo contemporâneo. A partir do entrelaçamento entre a reivindicação de valores tradicionais e hierarquias sociais com estratégias populistas e metapolíticas, a ultradireita se apresenta, no universo político da atualidade, como um conjunto de atores capazes de dialogar com descontentamentos e frustrações de diversos segmentos da sociedade contemporânea.

Diante disso, pode-se entender que a ascensão da ultradireita na contemporaneidade é um processo intimamente ligado ao empreendimento de estratégias metapolíticas⁶ pelos

⁵ Nesse estudo, será utilizada a nomenclatura definida por Cas Mudde a respeito dos conceitos de Ultradireita, Direita Radical e Extrema-Direita. Ainda assim, a vasta aplicabilidade dos respectivos termos para a Europa ocidental, em detrimento dos processos históricos ocorridos, simultaneamente, ao redor do mundo, pode criar ambiguidade quando se utiliza-se os conceitos em questão em outros contextos. Sendo assim, para além da ampla verificação histórica empreendida por Mudde para delimitar a aplicabilidade dos conceitos no contexto do ocidente europeu, entende-se: por ultradireita, um termo guarda-chuva que abarca os atores envolvidos no processo de ressurgência do pensamento fascista na contemporaneidade. Por direita radical, os atores que, de alguma forma, permeiam-se no jogo político das democracias liberais em que se inserem. Por extrema-direita, aqueles que buscam transcender a realidade política contemporânea, a partir da direita, por meios estritamente revolucionários. Ainda, denota-se que os conceitos em questão passam, também, a terem uso mais amplo a partir da porosidade dos atores que compõem esse fenômeno político contemporâneo. Nesse sentido, será empreendida, também, a noção construída por Andrea Pirro, que postula a possibilidade de uso da nomenclatura proposta por Mudde de maneira extensa e não excludente a categorias mais específicas, no caso, a de neofascismo. MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; PIRRO, Andrea LP. Far right: The significance of an umbrella concept. **Nations and Nationalism**, v. 29, n. 1, p. 101-112, 2023.

⁶ A metapolítica tem sido ferramenta importante da prática política da ultradireita no pós-guerra, sobretudo a partir do fenômeno do “Gramscismo de direita”. Com uma noção particular do conceito de metapolítica, distinta de outras bases teóricas construídas ao longo do século XX e baseada em uma leitura distorcida da obra de Antonio Gramsci, a ultradireita contemporânea, a partir da atuação de Benoist e do GRECE, entende que as revoluções

diversos atores que compõem suas fileiras. Sob forte influência dos princípios definidos por Alan de Benoist e demais intelectuais da Nova Direita Europeia (NDE)⁷, inúmeros grupos buscam “conquistar corações e mentes” com o intuito de superar, sob diversos moldes ideológicos, o predomínio da democracia liberal na política atual.

Paralelamente, a reorganização da ultradireita ao longo das últimas décadas é marcada, também, por um amplo processo de reestruturação intelectual do pensamento revolucionário de direita, com o surgimento de inúmeros atores envolvidos não apenas na difusão de ideologias ligadas ao fascismo histórico, mas dedicados a empreender uma profunda reorganização de suas bases para que façam sentido na realidade contemporânea. Sendo assim, a recente ascensão política e intelectual da ultradireita representa um movimento que transcende seus homólogos do início do século XX, com a formação de eixos ideológicos que se assemelham, mas transcendem a intelectualidade do fascismo histórico.

políticas advêm, essencialmente, de transformações anteriores promovidas no “espírito” da sociedade revolucionária. Nesse sentido, observa-se uma profunda distorção da noção gramsciana de hegemonia cultural para justificar o combate, pela direita, do que se entende como predomínio cultural de esquerda. Nesse cenário, o conceito de hegemonia é entendido, em deformação da noção gramsciana, como um mecanismo de articulação cultural, distorcido para antagonizar, diametralmente, a efervescência cultural e intelectual construída pela esquerda a partir do maio de 1968. A metapolítica da ultradireita contemporânea, ou o “gramscismo de direita”, surge nesse contexto. Ressalta-se que o termo “gramscismo de direita” é amplamente utilizado, academicamente, para definir os esforços metapolíticos da ultradireita desde a segunda metade do século XX. Ainda assim, a vinculação das propostas da ultradireita contemporânea às proposições gramscianas é fortemente questionada, sendo importante demarcar que o conceito de “gramscismo de direita” contempla a profunda distorção das ideias de Gramsci promovida por grupos radicais e revolucionários de direita. Sendo assim, Metapolítica e “Gramscismo de direita” apresentam-se, no âmbito desta pesquisa, como conceitos que sintetizam a atuação cultural, jornalística e ideológica da ultradireita a partir das propostas estruturadas pela *Nouvelle Droite*. Dada a ampla distorção das noções gramscianas pela Nova Direita Europeia, o fenômeno do “gramscismo de direita” pode, em muitos momentos, ser melhor compreendido a partir dos conceitos edificados nas análises das Guerras Culturais estadunidenses, sobretudo a partir do uso equivalente dos termos “metapolítica” e “guerra cultural”. Mais em: BURES, Eliah. The intellectual as culture warrior: metapolitics and the European new right. **Fascism**, v. 12, n. 1, p. 1-26, 2023 e GRIFFIN, Roger. Between metapolitics and apoliteia: The Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the 'interregnum'. **Modern & Contemporary France**, v. 8, n. 1, p. 35-53, 2000.

⁷ A Nova Direita Europeia (*Nouvelle Droite*), surgida na França nos anos 1960 com Alain de Benoist e o grupo GRECE, é uma escola intelectual e um movimento metapolítico que se originou, em suma, a partir da síntese de duas correntes teóricas: a Revolução Conservadora e a Nova Esquerda (New Left). Capaz de redirecionar a cultura política europeia em direção à direita, a Nova Direita Europeia propõe uma modernidade alternativa, crítica ao liberalismo e baseada na sua noção de “direito à diferença”. Tal ideia é basilar para a construção do etnopluralismo, conceito chave para a NDE ao buscar o deslocamento do racismo biológico, fundamental no fascismo histórico, para a cultura. Nesse contexto, a NDE defende a formação de núcleos culturais bem definidos como meio de organização global e postula, na verdade, a separação das regiões do planeta a partir de princípios étnicos. Por meio da metapolítica, ou do “gramscismo de direita”, a NDE procura reorganizar os paradigmas culturais, filosóficos e midiáticos da Europa a fim de consolidar seus objetivos políticos. Dessa forma, a Nova Direita Europeia, também, é responsável por uma profunda reorganização teórica, ideológica da prática política da extrema-direita no pós-guerra, formulando e criando condições que permitam a ascensão de ideias de extrema-direita após o colapso do fascismo histórico. Mais em: VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. Alain de Benoist e a Nova Direita Europeia: gramscismo de direita, revolução conservadora e fascismo cultural. **Princípios**, v. 41, n. 163, p. 208-239, 2022 e BAR-ON, Tamir. Transnationalism and the French nouvelle droite. **Patterns of Prejudice**, v. 45, n. 3, p. 199-223, 2011.

No Brasil, o processo de ascensão de movimentos de direita que contestam a democracia liberal é representado por Jair Bolsonaro, politicamente, e Olavo de Carvalho, intelectualmente. Como em diversas partes do mundo, porém, o fenômeno em questão vai muito além de dois personagens centrais, observando-se a prevalência de um verdadeiro mosaico ideológico, composto por diversos atores que embasam sua atuação a partir de uma miríade de proposições intelectuais. Esse processo é nítido quando se analisa a atuação do grupo Nova Resistência (NR), fundado em 2015, no Rio de Janeiro. Fruto do fenômeno grupuscular⁸, que é parte fundamental do processo de ressurgência do pensamento revolucionário de direita no século XXI, o grupúsculo defende a superação da ordem liberal estabelecida no cenário global e apresenta bases intelectuais que permitem-no construir uma leitura particular da realidade brasileira.

Nesse contexto, o grupo assume posição hegemônica no campo *dissidente* do neofascismo no Brasil. Desse modo, denota-se que o NR surge como culminância do processo de criação, organização e consolidação de novos espaços de debate dedicados ao pensamento de extrema direita, sobretudo na internet. Dessa forma, o grupo surge a partir de espaços digitais pautados no debate de ideias tradicionalistas, no cerne da segunda onda do neofascismo brasileiro, e estrutura-se a partir de preceitos fundamentalmente antiliberais. Buscando disputar o campo político tanto pela direita, quanto pela esquerda, a organização é fortemente amparada e se organiza a partir do pensamento de um dos mais importantes intelectuais revolucionários de direita das últimas décadas: Aleksandr Dugin.

Nascido em Moscou, em 1962, Dugin passou sua juventude em contato com grupos clandestinos ligados à intelectualidade esotérica soviética e, a partir da *Perestroika*, consolidou-se como um importante articulador ideológico da Rússia ao longo das últimas décadas⁹. Sempre buscando conexões intelectuais com pensadores de outras partes do mundo, Dugin atuou, ao longo dos anos 1990, como uma ponte entre seu país e as ideias de Nova Direita Europeia, buscando adaptá-las e reinterpretá-las para o contexto russo. Com o amplo crescimento do

⁸ O conceito de Direita Grupuscular foi desenvolvido por Roger Griffin e se tornou uma ferramenta de análise indispensável no estudo da ultradireita contemporânea. Griffin mostra que, ao contrário dos grandes partidos e movimentos fascistas do século XX, a direita grupuscular é caracterizada pela extrema fragmentação da ultradireita na contemporaneidade, com a formação de inúmeros grupos e células que tem certa afinidade ideológica e compartilham objetivos políticos, mas atuam de forma autônoma e descentralizada. Mais em: GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. **Patterns of Prejudice**, v. 37, n. 1, p. 27-50, 2003.

⁹ UMLAND, A. Aleksandr Dugin's Transformation from a Lunatic Fringe Figure into a Mainstream Political Publicist, 1980–1998: A Case Study in the Rise of Late and Post-Soviet Russian Fascism. **Journal of Eurasian Studies**, v. 1, n. 2, p. 144–152, jul. 2010.

pensamento nacionalista nos países do antigo bloco comunista, mas ainda sob a sombra do legado soviético, Dugin buscou conceber preceitos ideológicos que pudessem influenciar, diretamente, a política de seu país.

Esse processo, particularmente na Rússia, mas em todo o leste europeu, significou o amplo fortalecimento de movimentos nacionalistas em um ambiente pautado pelo avanço paradigmático de preceitos liberais na política dos países antes cobertos pela cortina de ferro. O contexto em questão, portanto, tornou-se favorável para o crescimento do neofascismo no leste europeu, de maneira tardia em relação ao fenômeno observado na Europa ocidental. Desse modo, emergidos dos escombros deixados pelo comunismo e, muitas vezes, em resposta ao liberalismo importado do Ocidente, atores e ideias neofascistas passaram a encontrar relevância na política da Europa oriental a partir dos anos 1990. Dugin surge, nesse cenário, como um intelectual, divulgador intelectual e articulador político fundamental para a extrema direita russa e, desde o início de sua trajetória, busca assimilar suas ideias, pautadas pelo pensamento revolucionário de direita, à herança soviética e comunista prevalente na Rússia.

Advogando pela manutenção da influência da Rússia sobre seus vizinhos e permeado por um forte espírito anti-moderno e antiliberal, Dugin concebe o *Neo-Eurasianismo* como ferramenta ideológica capaz de, ao mesmo tempo, justificar a zona de influência russa no espaço euro-asiático e condenar, veementemente, os avanços da democracia liberal no universo pós-soviético. Buscando inspiração em diversos campos da teoria política, o intelectual russo foi parte fundamental da oposição ao governo de Boris Yeltsin, atuando no Partido Nacional Bolchevique (PNB), e influenciou, diretamente, a formação de ideais geopolíticos que passaram a impactar a política externa russa na Era Putin. Ainda assim, a participação direta de Dugin nos círculos do Kremlin sempre foi limitada, ainda que, em alguns momentos, suas ideias encontrassem ressonância nas ações do regime putinista.

Ressalta-se, ainda, o crescimento do impacto midiático sobre Dugin a partir da escalada do conflito entre Rússia e Ucrânia no Donbass, a partir de 2014. Desde então, observa-se o aumento do espaço dedicado a Dugin em veículos de mídia no Ocidente, muitas vezes relacionando o pensamento duginista às ações de Putin sobre a Ucrânia. Entender o real impacto do duginismo na política externa russa está além do escopo deste estudo, mas deve-se destacar como Dugin é fruto de um processo histórico de fortalecimento do nacionalismo e da ultradireita na Rússia e em todo o leste europeu. Esse processo gerou impactos profundos na política dos antigos países comunistas e, portanto, pode ser temerário associar a construção de uma política externa expansionista, por parte da Federação Russa, às influências de um único

intelectual. Fato é que as ideias defendidas por Dugin encontram ressonância em diversos outros atores imersos na política russa e, muitas vezes, esses agentes foram formados a partir do mesmo processo histórico que alçou Dugin a uma posição de importância no contexto da extrema direita russa e internacional.

Dessa forma, influenciado por doutrinas ligadas ao Tradicionalismo Integral, à Revolução Conservadora e aos novos princípios estipulados pela Nova Direita Europeia, Dugin pôde se estabelecer como um importante intelectual do pensamento revolucionário de direita para além das fronteiras de seu país. Sempre buscando conexões transnacionais, influenciando e sendo influenciado por diversas correntes ideológicas da ultradireita contemporânea, o intelectual russo, gradualmente, conquistou espaço em diversas partes do mundo, embasando a atuação de movimentos políticos e estabelecendo trocas intelectuais com importantes atores do contexto de ressurgência do pensamento fascista.

Nesse cenário, pode-se observar a formação de um campo duginista que transcende a própria atuação de Dugin, com a consolidação de uma rede transnacional ligada ao pensamento do ideólogo russo composta por grupos que buscam, a partir da Quarta Teoria Política, construir alternativas revolucionárias para suas respectivas realidades nacionais. Atuando fortemente a partir dos preceitos neofascistas, os grupos em questão buscam na metapolítica, no revisionismo histórico e em formas desterritorializadas de nacionalismo os meios para assimilar a Quarta Teoria Política aos contextos nacionais e regionais em que se inserem. O Nova Resistência, nesse cenário, emerge como um dos mais consolidados e articulados grupos no duginismo internacional.

Construindo os componentes ideológicos seu pensamento a partir de forte antagonismo à hegemonia liberal-moderna sobre o mundo contemporâneo, Dugin encontrou espaço em países periféricos da ordem geopolítica ao defender a autonomia do sul global diante das influências liberais. Defendendo uma *Nova Ordem Mundial Multipolar* e propondo a defesa de valores tradicionais regionais em oposição ao que é definido como cosmopolitismo atlantista, as ideias de Dugin se tornaram importante ferramenta para grupos que buscam contestar as influências do ocidente liberal sobre suas respectivas realidades nacionais a partir da direita.

Nesse movimento, Dugin articula o Etnopluralismo, estipulado pela Nova Direita Europeia, para defender o *direito à diferença* de cada *civilização*. Dessa forma, o autor preza pela manutenção e fortalecimento das características étnicas e culturais de cada povo a partir da formação de *Grandes Espaços* civilizacionais. Para organizar o poder sobre esses espaços,

Dugin propõe a forma de império como meio de garantir o *direito à diferença* entre as civilizações e, ao mesmo tempo, permite a organização de múltiplos povos sob uma estrutura estatal autoritária. Esse mecanismo é fundamental para o avanço do pensamento duginista sobre a Rússia, país étnica e culturalmente diverso. Para Dugin, a autonomia cultural dos povos eurásianos seria garantida em um *grande espaço* imperial, organizado sob liderança do povo russo.

No Brasil, esse movimento também é ressonado pelo Nova Resistência, que busca conceber uma noção orgânica para a formação do povo brasileiro, relativizando as contradições raciais e econômicas observadas na construção histórica do Brasil. A partir disso, o grupo postula a necessidade de defesa dos valores brasileiros diante do avanço do que entendem como uma globalização homogeneizante, que avançaria sobre as características culturais de cada civilização. Desse modo, o grupo busca, também, a construção de um grande espaço imperial, liderado pelo Brasil, para a América Latina.

Por fim, a consolidação do pensamento duginista é concebida a partir da *Quarta Teoria Política* (QTP), conceito que busca contrapor, sintetizar e, em alguns casos, avançar sobre, respectivamente, liberalismo, comunismo e fascismo, como uma forma de oposição ao advento da Modernidade ocidental. Rejeitando diametralmente os ideais liberais e buscando suporte em determinados aspectos das duas outras teorias políticas dominantes no mundo moderno, Dugin propõe a QTP como teoria revolucionária capaz de transcender, através da política, o declínio cultural e espiritual que enxerga na humanidade a partir do advento da Modernidade. Com Quarta Teoria Política, Neo-Eurasianismo e Teoria do Mundo Multipolar compondo o cerne de suas proposições teóricas, Dugin propõe a construção revolucionária de um novo mundo, decisivamente livre das supostamente degradantes influências do pensamento liberal e iluminista.

Desse modo, observa-se que a palingenesia, construída a partir de uma cosmovisão tradicionalista, torna-se aspecto essencial da obra de Dugin, que apresenta seu projeto revolucionário como forma de superação do que enxerga como um processo de declínio espiritual, moral e cultural do mundo contemporâneo. A partir desse preceito, a Quarta Teoria Política torna-se ferramenta pela qual determinados grupos são capazes de interpretar suas respectivas realidades nacionais e propor projetos revolucionários. Esse princípio, também, é essencial para Dugin, que determina a necessidade de construção de “múltiplas Quartas Teorias Políticas”, assimiladas aos valores civilizacionais dos espaços em que se manifestam.

Diante disso, percebe-se que, com a paulatina disseminação transnacional do pensamento duginista ao redor do mundo, o impacto das ideias de Dugin em diversas partes do planeta passa a transcender a própria figura do intelectual russo. É possível dizer, portanto, que o duginismo, hoje, está além de Dugin, com sua doutrina sendo amplamente reinterpretada e assimilada por grupos que buscam instrumentalizá-la como ferramenta para analisar suas respectivas realidades nacionais. No caso brasileiro, esse fenômeno pode ser observado a partir da análise da chegada e circulação das ideias de Dugin no país, no fim da década de 2000.

Esse processo se inicia, de forma organizada, em 2009, com a participação de Aleksandr Dugin nos primeiros *Encontros Nacionais Evolianos*. Contando com a participação de inúmeros ativistas e intelectuais interessados no resgate das ideias de Evola e outros intelectuais tradicionalistas, os Encontros marcam o princípio do processo de disseminação do duginismo no Brasil, com a publicação de suas obras, traduzidas para o português, pela Editora Austral, ligada a participantes do evento. A organização dos *Encontros* e a formação da Austral são, por sua vez, fruto de um amplo processo de reorganização do campo neofascista no Brasil.

Emergido de forma tardia, em relação à Europa ocidental, o neofascismo brasileiro passa por uma profunda reformulação a partir da década de 2000, sobretudo a partir da disseminação e debate de novas ideias, como as de Dugin e da Nova Direita Europeia, em espaços digitais. Os *Encontros* e a Austral, portanto, surgem a partir da efervescência de espaços digitais ligados ao pensamento tradicionalista. Com o passar dos anos e outras visitas de Dugin ao país, o movimento iniciado na internet e consolidado nos Encontros Evolianos culmina na formação, em 2015, do grupo Nova Resistência, que se tornaria um bastião das ideias de Dugin no país.

Assumindo posição hegemônica e predatória sobre outros grupos que disputavam o pensamento duginista no Brasil, o Nova Resistência, nos primeiros anos após sua fundação, consolidou-se como o principal vetor de discussão e disseminação da Quarta Teoria Política no contexto brasileiro. Nesse movimento, o grupo passou a estabelecer importantes contatos com grupos inseridos na política majoritária e institucional, à esquerda e à direita. Construindo um neofascismo *rubro-pardo*, que busca superar a dicotomia entre esquerda e direita, Dugin e o Nova Resistência propõem uma leitura sobre agentes políticos que os divide entre aqueles que se conformam e aqueles que dissidem à ordem mundial contemporânea, pautada pelo liberalismo. A política, portanto, estaria dividida entre *dissidentes* e conformados, com a QTP sendo formulada como um meio de articulação e união ideológica e intelectual de diferentes

vertentes da *dissidência*. O Nova Resistência, portanto, assume posição central no *neofascismo dissidente* brasileiro, ao longo de seus primeiros anos de existência.

Esse fenômeno se complexifica a partir de um cisma no NR e a consequente formação do grupo Sol da Pátria, que dá novos contornos à formação da extrema direita dissidente no Brasil. Os esforços para dar nome ao fenômeno em questão tem ampla prevalência nas academias brasileiras, com a formação de noções como Dissidência Tradicionalista, campo tradicionalista evoliano e, aqui, neofascismo dissidente. Com o Nova Resistência sendo o campo mais próximo do pensamento duginista no contexto brasileiro e tornando-se hegemônico nos avanços da QTP no Brasil, o grupelho passa a interpretar a realidade brasileira sob a luz da Quarta Teoria Política, combinando Dugin com o pensamento de determinados setores da intelectualidade política nacional para propor um projeto de país intimamente ligado à doutrina duginista ou, como propõe Dugin, uma Quarta Teoria Política à brasileira.

Nesse contexto, a NR passa, também, a se inserir no jogo político brasileiro, disputando espaço com setores da ultradireita nacional, sobretudo a partir da influência do Tradicionalismo na atuação do grupo. Paralelamente, a partir da multipolaridade defendida por Dugin, a organização dialoga com campos da esquerda nacional ao compartilhar a busca pelo fim da influência norte-americana no país. Manifestando o caráter ambíguo e contraditório do duginismo diante do espectro político convencional, a atuação do Nova Resistência é um exemplo claro de como as ideias de Dugin buscam transcender noções tradicionais de esquerda e direita, ainda que o pensamento do intelectual russo e do grupelho brasileiro estejam muito mais próximos, de maneira geral, dos ideais defendidos pela extrema direita. Observa-se, portanto, uma ampla mobilização do núcleo ideológico do fascismo e dos procedimentos do neofascismo contemporâneo por Dugin, pelo Nova Resistência e por demais grupos duginistas.

Diante da complexidade que concerne a obra de Aleksandr Dugin e a atuação de movimentos que nela se baseiam para atuar politicamente, observa-se a prevalência de inúmeros estudos acadêmicos que buscam compreender e explicar, cientificamente, o fenômeno duginista. Diante disso, pode-se perceber a gênese dos estudos acadêmicos sobre Dugin, com publicações em inglês, no início dos anos 2000, sobretudo a partir das análises de John Dunlop¹⁰ a respeito da influência institucional do campo geopolítico do duginismo em

¹⁰ DUNLOP, John B. Aleksandr Dugin's "Neo-Eurasian" Textbook and Dmitrii Trenin's Ambivalent Response. *Harvard Ukrainian Studies*, v. 25, n. 1/2, p. 91-127, 2001; DUNLOP, John B. Aleksandr Dugin's "Neo-Eurasian" Textbook and Dmitrii Trenin's Ambivalent Response. *Harvard Ukrainian Studies*, v. 25, n. 1/2, p. 91-127, 2001.

academias militares russas. Paralelamente, Alan Ingram¹¹, em 2001, analisa as relações do pensamento duginista em setores da política russa. Por fim, Markus Mathyl¹², em 2002, é pioneiro no estudo de duas organizações fundamentais na trajetória intelectual e política de Aleksandr Dugin: o Partido Nacional Bolchevique (PNB) e a *Arktogeya*.

Em anos subsequentes, sobretudo a partir de 2007, observa-se o crescimento da produção acadêmica referente ao pensamento duginista a partir da atuação de dois dos mais importantes acadêmicos dedicados ao estudo da intelectualidade de Aleksandr Dugin: Andreas Umland e Dmitrii Shlapentokh. Nesse contexto, Umland se debruça sobre inúmeros temas caros para a compreensão do duginismo entre 2007 e 2011¹³, como o impacto do Neo-Eurasianismo no discurso político russo, a trajetória intelectual de Dugin ao longo da década de 1990, a presença de nomes importantes da sociedade russa no Movimento Internacional Eurasiano e a inserção do pensamento de extrema-direita nas academias russas a partir do Centro de Estudos Conservadores, liderado por Dugin na Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou. Esse momento da trajetória acadêmica de Umland é balizado, sobretudo, pela tese de doutorado, publicada em 2007, na qual o autor analisa a infiltração de ideias de extrema-direita na sociedade russa e no discurso político do país, conferindo destaque a Dugin nesse processo, apesar do relativo fracasso de suas ideias em processos eleitorais e na política parlamentar.

Concomitantemente, Shlapentokh¹⁴, entre 2007 e 2008, é responsável por publicações que analisam as visões geopolíticas de Aleksandr Dugin, tanto de forma ampla quanto em

¹¹ INGRAM, Alan. Alexander Dugin: geopolitics and neo-fascism in post-Soviet Russia. **Political Geography**, v. 20, n. 8, p. 1029-1051, 2001.

¹² MATHYL, Markus. The National-Bolshevik Party and Arctogaia: two neo-fascist groupuscules in the post-Soviet political space. **Patterns of Prejudice**, v. 36, n. 3, p. 62-76, 2002.

¹³ UMLAND, Andreas. Pathological Tendencies in Russian "Neo-Eurasianism": The Significance of the Rise of Aleksandr Dugin for the Interpretation of Public Life in Contemporary Russia. **Russian Politics & Law**, v. 47, n. 1, p. 76-89, 2009.; SHEKHOVTSOV, Anton; UMLAND, Andreas. Is Aleksandr Dugin a traditionalist? "Neo-Eurasianism" and perennial philosophy. **The Russian Review**, v. 68, n. 4, p. 662-678, 2009.; UMLAND, Andreas. Post-Soviet 'Uncivil Society' and the Rise of Aleksandr Dugin: A Case Study of the Extraparliamentary Radical Right in Contemporary Russia. **Available at SSRN 2892325**, 2007.; UMLAND, Andreas. Alexander Dugin, the issue of post-Soviet fascism, and Russian political discourse today. **Russian analytical digest**, v. 14, n. 07, p. 2-5, 2007.; UMLAND, Andreas. Aleksandr Dugin's transformation from a lunatic fringe figure into a mainstream political publicist, 1980-1998: A case study in the rise of late and post-Soviet Russian fascism. **Journal of Eurasian Studies**, v. 1, n. 2, p. 144-152, 2010.; UMLAND, Andreas. Making Great Power Identities in Russia: An Ethnographic Discourse Analysis of Education at a Russian Elite University. **Slavic Review**, v. 70, n. 1, p. 226-227, 2011.; UMLAND, Andreas. Issues in the Study of the Russian Extreme Right: Guest Editor's Introduction. **Russian Politics & Law**, v. 47, n. 1, p. 4-6, 2009.

¹⁴ SHLAPENTOKH, Dmitry. Dugin Eurasianism: a window on the minds of the Russian elite or an intellectual ploy?. **Studies in East European Thought**, v. 59, p. 215-236, 2007.; SHLAPENTOKH, Dmitry. Dugin, Eurasianism, and Central Asia. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 40, n. 2, p. 143-156, 2007.; SHLAPENTOKH, Dmitry. Alexander Dugin's views of Russian history: collapse and revival. **Journal of Contemporary Central and Eastern Europe**, v. 25, n. 3, p. 331-343, 2017.; SHLAPENTOKH, Dmitry. The time of troubles in Alexander Dugin's narrative. **European Review**, v. 27, n. 1, p. 143-157, 2019.; SHLAPENTOKH, Dmitry. The time of troubles in Alexander Dugin's narrative. **European Review**, v. 27, n. 1,

relação a espaços geográficos específicos, como a Ásia Central e o Oriente Médio. Paralelamente, a partir de 2014, o autor se aprofunda no estudo da geopolítica duginista, das relações institucionais de Dugin e do núcleo teórico do duginismo, debatendo o papel do Neo-Eurasianismo na aproximação entre Rússia e Turquia e as relações entre Putin e o pensamento duginista no processo que entende como “consolidação totalitária” do putinismo. Ainda, o autor discorre sobre visões específicas de Dugin sobre a História russa, contribuindo para o preenchimento de uma importante lacuna nos estudos do duginismo.

A partir da análise das pesquisas de Dunlop, Mathyl, Umland e Shlapentokh, é possível perceber que a gênese dos estudos sobre o duginismo passa, sobretudo, por um foco em aspectos teóricos, sobretudo ligados à geopolítica, e na inserção das ideias de Dugin na política russa. Esse processo, porém, é substancialmente transformado a partir de 2014, com um aumento exponencial da atenção acadêmica sobre o duginismo, de forma a permitir que sejam analisados inúmeros componentes da obra de Aleksandr Dugin, sob inúmeras perspectivas metodológicas. Além disso, pode-se observar uma aproximação das análises sobre o duginismo com o processo de invasão da Ucrânia pela Rússia, iniciado em 2014, com a anexação da península da Crimeia. Nesse contexto, destacam-se dois pesquisadores fundamentais para os estudos sobre Dugin: Marlene Laruelle e Anton Shekhovtsov.

Nesse cenário, Laruelle¹⁵ é preponderante ao analisar aspectos importantes do pensamento duginista por uma perspectiva ampla, como o legado deixado pelo Círculo de Yuzhinskii na obra de Dugin e diferentes visões sobre o conceito de “Eurasia”, na qual a autora entende que, para Dugin, a noção representa uma versão russa da terceira via política. Ainda, é

p. 143-157, 2019.; SHLAPENTOKH, Dmitry. The ideological framework of early post-soviet Russia's relationship with Turkey: The case of Alexander Dugin's Eurasianism. **Journal of Balkan and Near Eastern Studies**, v. 18, n. 3, p. 263-281, 2016.; SHLAPENTOKH, Dmitry. Alexander Dugin's views on the Middle East. **Space and Polity**, v. 12, n. 2, p. 251-268, 2008.; SHLAPENTOKH, Dmitry V. Implementation of an ideological paradigm: Early Duginian Eurasianism and Russia's post-Crimean discourse. **Contemporary security policy**, v. 35, n. 3, p. 380-399, 2014.

¹⁵ LARUELLE, Marlene. Aleksandr Dugin: a Russian version of the European radical right. **Occasional Paper**, v. 294, p. 1-25, 2006.; LARUELLE, Marlene. The two faces of contemporary Eurasianism: an imperial version of Russian nationalism. **Nationalities Papers**, v. 32, n. 1, p. 115-136, 2004.; LARUELLE, Marlene. The two faces of contemporary Eurasianism: an imperial version of Russian nationalism. **Nationalities Papers**, v. 32, n. 1, p. 115-136, 2004.; LARUELLE, Marlene. In Sanctioning Dugin, Washington Got the Wrong Man. **Foreign Affairs**, v. 25, 2015.; LARUELLE, Marlene. The Iuzhinskii Circle: Far-Right Metaphysics in the Soviet Underground and Its Legacy Today. **The Russian Review**, v. 74, n. 4, p. 563-580, 2015.; LARUELLE, Marlene. The three colors of Novorossiia, or the Russian nationalist mythmaking of the Ukrainian crisis. **Post-Soviet Affairs**, v. 32, n. 1, p. 55-74, 2016. LARUELLE, Marlene. Larger, higher, farther north... geographical metanarratives of the nation in Russia. **Eurasian Geography and Economics**, v. 53, n. 5, p. 557-574, 2012.; LARUELLE, Marlene. Alexander Dugin and Eurasianism. **Key thinkers of the radical right**, p. 155-169, 2019.; LARUELLE, Marlene. In Search of Putin's Philosopher. **Intersection Project**, 2017.; LARUELLE, Marlene. The intellectual origins of Putin's invasion. **UnHerd**, 2022.; LARUELLE, Marlene. (Neo-) Eurasianists and Politics: "Penetration" of State Structures and Indifference to Public Opinion?. **Russian Politics & Law**, v. 47, n. 1, p. 90-101, 2009.

possível dizer que a contribuição de Laruelle para o entendimento da atuação de Dugin é essencial em sua busca por compreender as inspirações intelectuais do regime de Vladimir Putin, debatendo o conceito de *Novorossiya*¹⁶ no contexto do putinismo, o papel de nacionalismo e iliberalismo como motores da agenda externa de Putin e, sobretudo, demonstrando que “não há um ‘novo Rasputin’ na Rússia contemporânea”.

Paralelamente, Shekhovtsov¹⁷ é fundamental na análise das relações de Dugin com o Kremlin no contexto de anexação da Crimeia, debruçando-se sobre o frenesi midiático ocidental que posiciona Dugin como o cérebro por trás da política externa de Putin. Da mesma forma, o autor aborda as relações estabelecidas por Dugin com a extrema-direita da Europa ocidental, de forma ampla e focado em casos específicos, com a consolidação dessa pesquisa se apresentando em sua tese de doutorado, em 2018.

Ainda, John Cody Mosbey¹⁸ oferece um dos mais completos estudos acerca da natureza teórica e conceitual do duginismo ao analisar, à luz da filosofia e da teologia, as relações do pensamento de Aleksandr Dugin com o Tradicionalismo Integral, os componentes esotéricos presentes na lógica econômica do duginismo e o papel da escatologia ortodoxa na cosmovisão apresentada por Dugin na Quarta Teoria Política. Esse processo, também, culmina na tese de doutorado do autor, na qual é observada a confluência das noções de Teologia, Tradição e Eurásia no núcleo da obra de Aleksandr Dugin.

Por fim, observa-se a prevalência de inúmeros estudos que, de forma tangente, analisam aspectos pontuais do duginismo e da atuação política de Aleksandr Dugin, como os trabalhos

¹⁶ SHEKHOVTSOV, Anton; UMLAND, Andreas. Is Aleksandr Dugin a traditionalist?" Neo- Eurasianism" and perennial philosophy. **The Russian Review**, v. 68, n. 4, p. 662-678, 2009.; SHEKHOVTSOV, Anton. Alexander Dugin and the West European new right, 1989–1994. **Eurasianism and the European far right: Reshaping the Europe-Russia relationship**, p. 35-54, 2015.; AKCALI, Emel et al. **Eurasianism and the European far right: Reshaping the Europe–Russia relationship**. Lexington Books, 2015.; SHEKHOVTSOV, Anton. Aleksandr Dugin's Neo-Eurasianism: The New Right à la Russe 1. **Religion Compass**, v. 3, n. 4, p. 697-716, 2009.; SHEKHOVTSOV, Anton. The Palingenetic Thrust of Russian Neo-Eurasianism: Ideas of Rebirth in Aleksandr Dugin's Worldview. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 9, n. 4, p. 491-506, 2008.; SHEKHOVTSOV, Anton. Aleksandr Dugin's neo-Eurasianism and the Russian-Ukrainian war. **The politics of Eurasianism: Identity, popular culture and Russia's foreign policy**, p. 185-204, 2017.; SHEKHOVTSOV, Anton. Aleksandr Dugin and Greece's SYRIZA Connection. **The Interpreter**, 2015.; SHEKHOVTSOV, Anton. Russian Fascist Aleksandr Dugin Gathering Intelligence on the French Military. **The Interpreter**, v. 28, 2014.

¹⁸ MOSBEY, John Cody. Russia, Dugin, and traditionalism in politics: Political and theological placement of the fourth political theory. **March 3, CHAP**, 2015.; MOSBEY, John Cody. Considering Alexander Dugin's Esoteric Economic Thinking. 2021.; MOSBEY, John Cody. Churchill was Right about Russia and Still Is. **world**, 2015.; MOSBEY, John Cody. **Dublin to Vladivostok**. AirCerberus, LLC, 2023. MOSBEY, John Cody. Conspirology: With the 2020 Election, Conspiracy Theory Moves to Center Stage. 2021. MOSBEY, John Cody. **Alexander Dugin: Geopolitics at the Confluence of Theology, Tradition, and Eurasia**. 2020. Tese de Doutorado. University of Dublin.

de Dustin Byrd¹⁹, Victor Shnirelman²⁰ e Jafe Arnold²¹. Também, pode-se destacar a publicação de livros que analisam Dugin sob perspectivas específicas, como o trabalho de Mark Sedgwick²² a respeito do Tradicionalismo Integral, a obra de Benjamin Teitelbaum²³ sobre Dugin, Steve Bannon e Olavo de Carvalho, a pesquisa de Dmitrii Shlapentokh sobre a intelectualidade russa no contexto do regime putinista²⁴, o estudo organizado por Mark Bassin e Gonzalo Pozo sobre as diversas manifestações políticas do Eurasianismo²⁵ e as análises de Marlene Laruelle, respectivamente, a respeito do nacionalismo russo²⁶ e das relações da ultradireita europeia com a noção de Eurasianismo²⁷.

Diante disso, é possível perceber que os estudos acadêmicos sobre o pensamento de Aleksandr Dugin e sua atuação política e intelectual se manifestam de forma multifacetada, com inúmeras perspectivas que constroem um amplo material bibliográfico disponível para se entender o duginismo. Paralelamente, cabe destacar que existe um limite para análise da bibliografia disponível sobre Dugin, no escopo desta pesquisa, a partir dos idiomas trabalhados, com inúmeros materiais publicados em russo, ucraniano e alemão, por exemplo, que não estão analisados na apresentação do estado da arte dos estudos sobre o duginismo. Ainda, destaca-se a existência de inúmeros estudos dedicados à inserção do pensamento duginista em realidades nacionais específicas, fundamentais para a contextualização do processo transnacional de disseminação global das ideias de Aleksandr Dugin e para o entendimento de sua atuação metapolítica.

¹⁹ BYRD, Dustin J. The Russian Restrainer of the Apocalypse: The Katechon in St. Paul, Carl Schmitt, and Alexander Dugin. **Islamic Perspective**, v. 27, p. 1-22, 2022.; BYRD, Dustin J. Neo-Eurasianism as Ideology of Empire: Alexander Dugin and Russia's War on Ukraine. **Islamic Perspective**, v. 28, p. 1, 2022.

²⁰ SHNIRELMAN, Victor. Alexander Dugin: Between eschatology, esotericism, and conspiracy theory. In: **Handbook of conspiracy theory and contemporary religion**. Brill, 2018. p. 443-460.; SHNIRELMAN, Victor A. Alexander Dugin: Building a Bridge between Eschatology and Conspiracy. **Gosudarstvo, Religii, Tserkov v Rossii i za Rubezhom**, v. 34, n. 4, 2016.; SHNIRELMAN, Victor. Hyperborea: the arctic myth of contemporary Russian radical nationalists. **Journal of Ethnology and Folkloristics**, v. 8, n. 2, p. 121-138, 2014.

²¹ ARNOLD, Jafe. *Mysteries of Eurasia: The Esoteric Sources of Alexander Dugin and the Yuzhinsky Circle*. Amsterdam: University of Amsterdam, 2019. ARNOLD, Jafe. From Traditionalism and Sufism to "Islamic Radicalism": The Peculiar Case of Geydar Dzhemal (1947–2016). 2018.

²² SEDGWICK, Mark. **Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century**. Oxford University Press, 2004.

²³ TEITELBAUM, Benjamin R. **War for eternity: The return of traditionalism and the rise of the populist right**. Penguin UK, 2020.

²⁴ SHLAPENTOKH, Dmitry. **Ideological seduction and intellectuals in Putin's Russia**. Springer Nature, 2020.

²⁵ BASSIN, Mark; POZO, Gonzalo (Ed.). **The politics of Eurasianism: identity, popular culture and Russia's foreign policy**. Rowman & Littlefield, 2017.

²⁶ LARUELLE, Marlene. **Russian Eurasianism: An Ideology of Empire**. Woodrow Wilson Center Press, Washington, DC The John Hopkins University Press, Baltimore, v. 276, 2008.

²⁷ LARUELLE, Marlene. **Russian nationalism: Imaginaries, doctrines, and political battlefields**. Taylor & Francis, 2019.

Paralelamente, estudos sobre Dugin em língua portuguesa são cada vez mais comuns, com destaque para inúmeras publicações brasileiras. Nesse contexto, destaca-se o trabalho de Ângelo Segrillo²⁸ que, a partir do Eurasianismo, foi um dos primeiros a trazer análises sobre Dugin para as academias brasileiras em sua tese de doutorado. Paralelamente, Francisco Vasconcellos²⁹ se consolidou como um dos mais importantes analistas do fenômeno duginista no Brasil, abordando aspectos teóricos do pensamento de Dugin, sua trajetória pessoal e a disseminação do duginismo no país a partir da Dissidência Tradicionalista. Com inúmeros artigos publicados na década de 2020, Vasconcelos debate o posicionamento da Dissidência Tradicionalista no contexto da extrema-direita brasileira, além de analisar aspectos importantes da teoria duginista, como o Tradicionalismo Integral, o pensamento de Julius Evola e a Revolução Conservadora.

Da mesma forma, é possível perceber, nos últimos anos, o crescimento das análises sobre Dugin no Brasil. Nesse contexto, Aldo Sauda e Henrique Carneiro³⁰ analisam, em 2020, a chegada do pensamento duginista na política brasileira a partir do Nova Resistência, evidenciando as relações embrionárias do grupo brasileiro com a *New Resistance* estadunidense e a *Nouvelle Resistance* francesa. Ainda, Nathalia dos Reis Cruz³¹, em 2024, traça o panorama da trajetória intelectual de Dugin, destacando o Neo-Eurasianismo e a Multipolaridade como componentes centrais de sua obra. Por fim, Beatriz de Oliveira Silva³² apresenta um importante estudo sobre o grupo Nova Resistência e suas relações com o pensamento duginista.

²⁸ SEGRILLO, Angelo. Rússia: **Europa ou Ásia?** A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Tese de doutorado. 2016.

²⁹ VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A dissidência tradicionalista: a reinvenção da extrema direita brasileira como aliança “vermelho-marrom”. **Almanaque de Ciência Política**, v. 7, n. 2, p. 01-29, 2023.; VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. "Para salvar a nação somos até capazes de comunismo": o nacional-bolchevismo ontem e hoje. **Almanaque de ciência política**, v. 6, n. 1, p. 01-34, 2022.; VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A "guerra cultural" neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo: The neofascist "cultural war" in Brazil: between neoliberalism and national-bolshevism. **REVISTA-Revista de História da UEG**, v. 10, n. 02, p. e022101-e022101, 2021.; VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. Alain de Benoist e a Nova Direita Europeia: gramscismo de direita, revolução conservadora e fascismo cultural. **Princípios**, v. 41, n. 163, p. 208-239, 2022.; VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha; MARIZ, Silvana Fernandes. O 11 de setembro como marco simbólico do revisionismo histórico à direita: “guerra cultural”, elitismo e geopolítica civilizacional. **Locus: Revista de História**, v. 27, n. 2, p. 74-97, 2021.; VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a “revolução conservadora” e o tradicionalismo. **Plural**, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022.; VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. Contra o mundo moderno: uma história do Tradicionalismo e do reacionarismo revolucionário. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 58, n. 1, p. 64-69, 2022.

³⁰ CARNEIRO, Henrique; SAUDA, Aldo. Híbrido entre neofascismo e stalinismo, Alexander Dugin chega ao Brasil. **CONTRAPODER**. 2020.

³¹ DOS REIS CRUZ, Natalia. Aleksandr Dugin, o Projeto Neoeurasianista e a Narrativa sobre a Nova Ordem Mundial. **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 11, n. 2, p. 53-70, 2023.

³² SILVA, Beatriz Lima de Oliveira da. Aleksandr Dugin e a Quarta Teoria Política: uma análise do discurso da nova extrema direita. **Trabalho de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes: UFF**, 2022.

Da mesma forma, Ramiro Valdez³³, em 2024, publica o mais completo estudo sobre o Nova Resistência, apresentando a Quarta Teoria Política como ferramenta transnacional utilizada pela NR para agenciar seus ideais nacionalistas. Discorrendo sobre aspectos centrais da teoria duginista e sua aplicação na política brasileira através do Nova Resistência, Valdez contribui de forma diametral para os estudos acerca da disseminação do pensamento duginista no contexto brasileiro.

Paralelamente, pôde-se observar, entre os anos de 2015 e 2019, a prevalência dos primeiros estudos publicados em língua portuguesa a respeito das relações entre a geopolítica duginista e a política externa de Putin, tanto no Brasil, quanto em Portugal. No caso brasileiro, destacam-se os trabalhos de Thainá Nunes e Mayane Silva³⁴ a respeito do papel do Neo-Eurasianismo na anexação da Crimeia e na participação russa no conflito sírio. Em Portugal, Felipe Barros³⁵ e Frederico Brugnara³⁶ debatem, respectivamente, o uso da religião como elemento de legitimação política na Rússia e as relações da teoria Neo-Eurasianista com o processo de invasão russa da Crimeia, evidenciando a centralidade dos recursos energéticos para a influência da Rússia no espaço euroasiático.

Por fim, cabe destacar que as análises sobre o pensamento duginista e sua inserção no contexto brasileiro passaram, antes de chegar em meios acadêmicos, por um amplo movimento de estudo por grupos antifascistas, que contribuíram significativamente para viabilizar os estudos sobre Dugin nas academias brasileiras. Destacam-se, nesse contexto, os estudos publicados no portal *El Coyote*³⁷, que analisam profundamente o processo de chegada do

³³ VALDEZ, Ramiro Soares. **Um nacionalismo transnacional?: estudo de caso da Nova Resistência**, organização neofascista brasileira. Dissertação de Mestrado 2024.

³⁴ NUNES, Thainá Penha Baima Viana; SILVA, Mayane Bento. A Retomada da Geopolítica Russa: a Influência do Eurasianismo na Anexação da Crimeia à Rússia. **Revista Intelector**, 2018.; NUNES, Thainá Penha Baima Viana; SILVA, Mayane Bento. Fundamentos da geopolítica neo-eurasianista na inserção russa no caso sírio. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 5, n. 1, 2018.

³⁵ DE BARROS, Felipe Eduardo Lima Reina. **Geopolítica e Religião Uma Análise Crítica da Obra de Alexander Dugin**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

³⁶ BRUGNARA, Frederico Augusto. **A política Russa no espaço pós-soviético: a influência do Neo-Eurasianismo e dos recursos energéticos**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

³⁷ OLIVEIRA, LETICIA. “Desgraça, estás de pé; agora toma o rumo que bem te parecer.”: um perfil de Rafael Lusvarghi. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/desgraca-estas-de-pe-agora-toma-o-rumo-que-bem-te-parecer-um-perfil-de-rafael-lusvarghi/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.; COYOTE, EL. **A infiltração neofascista no PDT**. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/a-infiltracao-neofascista-no-pdt/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.; COYOTE, EL. **Vestindo a esquerda de camisas pretas: Alexander Dugin e a ascensão do fascismo “politicamente correto” Parte II**. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/vestindo-a-esquerda-de-camisas-pretas-alexander-dugin-e-a-ascensao-do-fascismo-politicamente-correto-parte-ii/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.; COYOTE, EL. **Vestindo a esquerda de camisas negras: Como os fascistas colonizaram o Anti-imperialismo , Parte I**. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/vestindo-a-esquerda-de-camisas-negrascomo-os-fascistas-colonizaram-o-anti-imperialismo-parte-i/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.

pensamento de Dugin no Brasil, a partir da NR, e sua infiltração no Partido Democrático Trabalhista (PDT), além de elementos teóricos fundamentais do duginismo.

Sendo assim, pode-se perceber a prevalência de um amplo material bibliográfico disponível para a análise do pensamento duginista, da trajetória intelectual de Aleksandr Dugin e da disseminação de sua obra na política brasileira. Nesse sentido, a partir dos inúmeros trabalhos acadêmicos referentes à ascensão da ultradireita no Brasil, fundamentais para a construção dessa pesquisa e para o entendimento do fenômeno duginista brasileiro, é importante ressaltar que este trabalho busca contribuir para o estudo das direitas brasileiras, em geral, e preencher determinadas lacunas no que se refere à chegada do pensamento de Dugin no Brasil. Ainda, esta pesquisa busca se inserir como uma, dentre as inúmeras análises feitas ao redor do mundo que buscam compreender a inserção do pensamento duginista em realidades nacionais específicas e o processo transnacional de difusão das ideias de Aleksandr Dugin.

Dessa maneira, diante da recente e crescente ascensão do pensamento da ultradireita no mundo contemporâneo, torna-se urgente analisar o fenômeno e suas diversas manifestações. Da mesma forma, o crescimento do impacto de ideias ligadas ao fascismo histórico, revitalizadas e reorganizadas, no contexto brasileiro, cria uma ampla necessidade de estudos acerca dos processos históricos por trás da ascensão da ultradireita no Brasil.

Da mesma forma, a consolidação de Dugin enquanto um importante articulador e proponente intelectual das ideias da ultradireita torna central o aprofundamento acadêmico nos componentes teóricos de sua obra, bem como em seu processo metapolítico de disseminação. Nesse contexto, mostra-se essencial analisar o processo transnacional de difusão do duginismo. Paralelamente, a chegada das ideias de Dugin ao Brasil e sua consolidação como ferramenta de análise da realidade brasileira e proposição de projetos de país cria a demanda por estudos que investiguem a forma como a obra de Dugin chegou ao Brasil e a maneira como é instrumentalizada por atores brasileiros. Sendo assim, manifesta-se o objetivo dessa pesquisa: analisar a difusão do pensamento de Aleksandr Dugin no Brasil a partir de sua operacionalização no contexto brasileiro pelo grupo Nova Resistência.

Dessa forma, após análise da trajetória intelectual de Aleksandr Dugin, a pesquisa será organizada em uma estrutura analítica de contraposição entre as ideias de Dugin e do grupo Nova Resistência. O empreendimento desse estudo, portanto, passa pela análise do pensamento duginista, a partir das obras publicadas pelo intelectual russo e, posteriormente, pela investigação do núcleo teórico do grupo Nova Resistência. A partir disso, será possível

compreender como Dugin estrutura a proposta revolucionária da Quarta Teoria Política e os meios pelos quais a organização brasileira propõe sua assimilação para o Brasil.

Assim, como em um jogo de espelhos, serão analisados o pensamento de Aleksandr Dugin e sua concreta transmutação para a realidade brasileira. Para além de questões linguísticas, traduzir a Quarta Teoria Política para o Brasil significa reinterpretar e articular as ideias de Dugin para uma realidade que apresenta questões particulares. A resposta a essas questões, pelo Nova Resistência, passa pela articulação da QTP com outras correntes intelectuais, sobretudo brasileiras. Com um amplo esforço metapolítico, o NR não apenas transmite as ideias de Dugin no Brasil, mas efetivamente busca construir uma Quarta Teoria Política a brasileira.

O objetivo principal desse trabalho, portanto, está na análise do núcleo teórico de Aleksandr Dugin e do Nova Resistência. A partir disso, além de elencar aproximações e distanciamentos entre as ideias do ideólogo russo e do grupo brasileiro, pode-se compreender como o NR avança na proposição de um projeto revolucionário pautado pela Quarta Teoria Política no Brasil.

Diante disso, destaca-se que o processo de pesquisa se direciona a partir de dois núcleos de fontes bem delimitados. Por um lado, os livros de Aleksandr Dugin permitem uma análise aprofundada de suas ideias, relacionando-as ao contexto de escrita de cada obra. Paralelamente, o *site* do Nova Resistência oferece um vasto corpo documental que possibilita o estudo acerca da forma como a organização entende, assimila e instrumentaliza as ideias de Dugin como ferramenta intelectual indispensável para a construção de seu projeto político.

Dessa maneira, este trabalho busca, fundamentalmente, responder ao questionamento sobre como as ideias de Aleksandr Dugin chegaram e se disseminaram em determinados contextos da política brasileira. Para isso, torna-se necessário analisar, de forma panorâmica, a trajetória intelectual de Dugin, de forma a preencher uma importante lacuna nos estudos sobre o autor disponíveis em língua portuguesa. Ainda, é central compreender o núcleo teórico e conceitual que embasa o pensamento duginista, bem como as principais ideias de Dugin foram articuladas pelo Nova Resistência, maior embaixador metapolítico do duginismo no Brasil.

Assim, os dois capítulos finais dessa pesquisa se estruturam a partir da investigação segmentada das ideias de Dugin e do Nova Resistência, respectivamente. Busca-se, portanto, evidenciar como o ideólogo russo e a organização brasileira se relacionam com diversos campos intelectuais centrais para suas doutrinas. A partir disso, será possível entender a influência

central do Tradicionalismo e do pensamento revolucionário de direita sobre o duginismo, bem como o processo de aproximação do neofascismo duginista com determinadas ideias e correntes políticas de esquerda. Por fim, observando a centralidade do antiliberalismo e da geopolítica da multipolaridade, pode-se analisar os componentes ideológicos centrais da Quarta Teoria Política de Dugin e de seu fruto brasileiro em construção pelo Nova Resistência.

Sendo assim, a pesquisa se estrutura em três eixos centrais. O primeiro é dedicado à compreensão da trajetória política e intelectual de Aleksandr Dugin, inicialmente prevalente na Rússia e, posteriormente, no ocidente. Nesse momento, busca-se entender como o intelectual construiu, no contexto soviético, bases conceituais importantes para, a partir da *Perestroika*, apresentar-se como um nome importante na articulação intelectual da oposição ao liberalismo nos primeiros anos da Federação Russa. Paralelamente, enquanto consolida sua atuação interna, Dugin passa a dialogar intensamente com setores da ultradireita de outros países, sobretudo ligados à Nova Direita Europeia, trazendo à gênese o estabelecimento de uma rede transnacional de discussão e disseminação de suas ideias.

Concomitantemente, no segundo eixo, pretende-se analisar os principais componentes teóricos das obras de Dugin, de forma a permitir compreender as origens intelectuais de seu pensamento. Partindo de correntes centrais para a formação do duginismo, como o Tradicionalismo Integral, a Revolução Conservadora e o fascismo histórico, busca-se destrinchar o pensamento de Aleksandr Dugin, sua visão de mundo e o projeto político idealizado a partir da Quarta Teoria Política. Da mesma forma, será feito um movimento semelhante na análise das ideias de Dugin incorporadas, fagocitadas e instrumentalizadas pelo Nova Resistência, buscando compreender como a organização se apropria do duginismo para propor um projeto revolucionário erguido sobre uma Quarta Teoria Política à brasileira.

Nesse processo, também, será analisado o processo de formação do Nova Resistência no seio da segunda onda do neofascismo brasileiro. A partir disso, torna-se possível entender os impactos de um fragmento do mosaico grupuscular que forma a ultradireita brasileira, em geral, e seu campo neofascista, em específico. A partir da busca pelo *dissenso* em relação à ordem mundial contemporânea, Dugin e o Nova Resistência criam um tipo particular de neofascismo capaz de se relacionar com diferentes campos do espectro político. As respostas democráticas a esses grupos podem demandar princípios diferentes àquelas empreendidas diante de outros setores da extrema direita brasileira que, de forma geral, é marcada por um vasto campo ultraliberal.

Torna-se fundamental, portanto, analisar a formação de uma vertente dissidente do neofascismo brasileiro que mobiliza o mito das três raças para criar uma noção orgânica da formação do povo brasileiro e, então, propor uma revolução palingenésica na sociedade brasileira diante do que veem como ataques oriundos da agenda liberal à cultura nacional. Ao mesmo tempo o grupo advoga pela união do sul global diante da hegemonia ocidental e busca a união latino-americana frente à influência norte-americana na região. Conquistando espaço relevante no mosaico grupuscular da extrema direita brasileira e, também, estabelecendo relações importantes com atores da política majoritária no Brasil, o Nova Resistência avança na disseminação do pensamento de Aleksandr Dugin no país e busca consolidar a Quarta Teoria Política como mecanismo revolucionário viável para a realidade brasileira.

Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para o estudo das extremas-direitas no Brasil, em geral, e para a análise da influência de Aleksandr Dugin na política brasileira, a partir da atuação do grupo Nova Resistência, em específico. Sendo assim, o trabalho se insere em um amplo movimento de discussão sobre os processos históricos que levaram à ascensão da ultradireita, globalmente e no Brasil, e no campo de estudos dedicados ao pensamento duginista e suas manifestações transnacionais. Longe de esgotar os temas abordados, esse trabalho se apresenta como um, dentre inúmeros, dedicados a cumprir a urgente demanda do tempo presente de se analisar as transformações contemporâneas observadas na política global e em respectivas realidades nacionais.

1 A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ALEKSANDR DUGIN

1.1 ORIGENS E PARTICIPAÇÃO NO CÍRCULO DE YUZHINSKII

A trajetória de Aleksandr Dugin tem origem em sua infância e juventude, permeadas por laços familiares que criaram condições favoráveis para a transformação da criança em um jovem revoltado e do jovem em um intelectual revolucionário, gradualmente consolidado como um cânone entre determinadas ideologias de extrema-direita. A maioria dos relatos posiciona o intelectual como membro de uma família privilegiada, marcada por ao menos três gerações de oficiais das forças armadas imperiais e soviéticas³⁸.

Após finalizar sua trajetória escolar com resultados modestos, Dugin ingressa no Instituto de Aviação de Moscou (IAM), possivelmente sob insistência de seu pai³⁹, sendo rapidamente removido da instituição. As versões sobre os motivos que levaram à saída de Dugin do IAM são divergentes: algumas afirmam que ele interrompeu os estudos por vontade própria⁴⁰, enquanto outras relacionam esse movimento ao início da trajetória esotérica e intelectual do autor⁴¹, a partir de suas relações com o círculo de Yevgeny Golovin⁴². A divergência de perspectivas diante da juventude de Dugin continua após sua saída do Instituto, mas uma certeza se apresenta: é a partir desse momento que o intelectual tem os primeiros contatos profundos com obras que serão centrais para a formação de seu núcleo ideológico⁴³.

Esse processo culmina na primeira atuação relevante de Dugin em meio à intelectualidade soviética, com seu ingresso no Círculo de Yuzhinskii em algum momento

³⁸ SHENFIELD, S. **Russian fascism : traditions, tendencies, movements**. Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, 2001, p. 191.

³⁹ As referências sobre o pai de Aleksandr Dugin são dúbias: algumas fontes dizem que ele morreu enquanto Aleksandr era criança (Polyannikov *apud* Umland, 2010, p. 145), outras afirmam sua influência no ingresso de Dugin no IAM (Kaledin *apud* Umland, 2010, p. 146).

⁴⁰ KALEDIN *apud* UMLAND, A. Aleksandr Dugin's Transformation from a Lunatic Fringe Figure into a Mainstream Political Publicist, 1980–1998: A Case Study in the Rise of Late and Post-Soviet Russian Fascism. **Journal of Eurasian Studies**, v. 1, n. 2, p. 146, jul. 2010.

⁴¹ SEDGWICK, Mark *et al.* **Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy**. Nova York: Oxford University Press, 2019, p. 327.

⁴² Segundo Sedgwick (2004, p. 327), referenciando fala do próprio Dugin em entrevista, o intelectual foi expulso do MAI após ser preso em uma festa do círculo de Golovin, enquanto tocava guitarra e cantava “músicas místicas anti-comunistas”.

⁴³ Segundo Sedgwick (2004, p. 327), Dugin passa a trabalhar com a limpeza das ruas e tem acesso à Biblioteca Lenin com um cartão de leitura falsificado. Kaledin (*apud* Umland, 2009, p. 146), porém, afirma que o autor passa a trabalhar na KGB, tendo acesso a literaturas proibidas na URSS, ligadas a teorias fascistas, paganistas e maçônicas.

circundante ao ano de 1983⁴⁴. O grupo em questão foi um dos mais relevantes, dentre muitos, círculos intelectuais esotéricos que atuaram nos anos finais da União Soviética, a partir da década de 1960, aproveitando-se do processo de desestalinização que gerou uma era de permissividade para ideias ocultistas e esotéricas vindas do ocidente⁴⁵. Com práticas notadamente dissidentes, círculos como o Yuzhinskii eram marcados por unir a boemia a inúmeros rituais para alteração de consciência, sublinhando o interesse em ideias místicas e em uma agressiva oposição à autoridade e às normas de conduta do regime soviético. Ainda que inclinados à esquerda do espectro político, esses grupos eram caracterizados por leituras esotéricas e ocultistas de diversas tradições religiosas, incluindo as da Igreja Ortodoxa Russa, bem como uma predisposição radical ao sincretismo religioso⁴⁶.

O Círculo de Yuzhinskii, especificamente, surge em rua homônima por volta do ano de 1958, fundado pelo intelectual e novelista Yuri Mamleev, um dos mais importantes nomes do misticismo russo. Amplamente difundida pelos *samizdat*⁴⁷, a obra de Mamleev foi central nos meios esotéricos na União Soviética, pincelando a vida cotidiana do país em um mundo de fantasia marcado por tons obscuros, com “o suficiente de vestígios do dia-a-dia para que o leitor encontrasse uma conexão com sua própria realidade”⁴⁸. Basilares para o desenvolvimento do Círculo, Mamleev e seus escritos estavam particularmente ligados à metafísica oriental, sobretudo a partir de ideias budistas e hinduístas, obtidas por fontes primárias ou releituras oriundas de teorias ocultistas ocidentais. Um dos principais pontos do trabalho de Mamleev em relação ao Círculo de Yuzhinskii é o chamado pela aproximação entre a Rússia e o “oriente”, notadamente representado pela Índia, construído a partir da observação de afinidades entre a Cristianismo Ortodoxo e o Hinduísmo⁴⁹.

Paralelamente, as idéias de Mamleev e do Círculo de Yuzhinskii partiam de forte negação do materialismo, considerando o mundo físico como o aprisionamento das almas humanas e clamando por uma busca espiritual pela transcendência do mundo material. Por fim, Mamleev e o círculo enxergavam um momento de ressurreição das tradições russas, ao passo

⁴⁴ Umland, 2010, p. 145

⁴⁵ ARNOLD, J. **Mysteries of Eurasia: The Esoteric Sources of Alexander Dugin and the Yuzhinsky Circle**. Department of Religious Studies, Faculty of Humanities, University of Amsterdam, 2019, p. 24

⁴⁶ NOSACHEV *apud* ARNOLD, J. **Mysteries of Eurasia: The Esoteric Sources of Alexander Dugin and the Yuzhinsky Circle**. Department of Religious Studies, Faculty of Humanities, University of Amsterdam, 2019, p. 29.

⁴⁷ Amplamente difundida no bloco comunista, era a prática de redigir manualmente, geralmente em máquinas de escrever, textos proibidos pelos regimes, como forma de driblar a censura.

⁴⁸ CLOVER, C. **Black Wind : the Rise of Russia's New Nationalism**. New Haven: Yale University Press, 2016, p. 191.

⁴⁹ ARNOLD, 2019, p. 29

em que, ainda assim, o mundo e a URSS se aprofundavam no declínio espiritual⁵⁰ do *kali yuga*⁵¹. Essas ideias, emergentes no contexto de ascensão do pensamento de Mamleev e da atuação do Círculo de Yuzhinskii e basilares para a oposição ocultista ao materialismo soviético, tornaram-se, décadas depois, fundamentais para o desenvolvimento da obra de Aleksandr Dugin.

Paralelamente, poucos anos após ser fundado por Mamleev, o Círculo passa a ser liderado por aquele que, possivelmente, tornou-se maior guia teórico e espiritual do grupo, Evgenyi Golovin. Inserido no Círculo a partir de 1963, Golovin tornou-se, rapidamente, uma figura central nas leituras do grupo, aproximando seus membros de ideias essenciais para as discussões a partir daquele momento, baseadas no livro “A Manhã dos Mágicos”⁵², em tradução livre⁵³. A obra em questão aproximou o Yuzhinskii de duas correntes fundamentais para o desenvolvimento do grupo: o Tradicionalismo Integral e o Ocultismo Nazista. Consonantes com a perspectiva radicalmente antimodernista de Golovin, obras tradicionalistas, sobretudo as de René Guénon e Julius Evola, forneceram a base teórica da crítica do grupo à Modernidade.

Concomitantemente, o Ocultismo Nazista aproximou as ideias do fascismo clássico ao misticismo e a cosmovisões esotéricas. Assimilando teorias da conspiração a ideias nazistas e apelando ao componente estético do fascismo alemão, a corrente define que o Nazismo foi, essencialmente, um movimento embasado em sociedades secretas e ideias ocultistas. Com o livro de Pauwels e Bergier sendo um verdadeiro sumário das ideias que viriam a embasar a atuação do grupo nos anos seguintes, Golovin liderou o Círculo que, eventualmente, passou a intitular-se como “Ordem Negra da SS”, em tradução livre, com seu líder sendo proclamado *Reichsführer*⁵⁴. Ainda que a aproximação explícita ao fascismo histórico possa ser relacionada com a atmosfera inconformista das subculturas soviéticas e ao “carnaval esotérico” de Golovin⁵⁵, estavam ali sendo difundidas visões essenciais para a formação da cosmovisão de Dugin, intimamente ligada ao pensamento fascista.

⁵⁰ *ibid*, p. 31.

⁵¹ Conceito central para o Tradicionalismo Integral, o *kali yuga* é definido como o momento atual de crise espiritual global vivida pela humanidade, a partir do advento do espírito moderno. Sua antítese é denominada *sata yuga*, um período de harmonia espiritual e compartilhamento das verdades universais postuladas pelas teorias tradicionalistas. Para saber mais: SEDGWICK, Mark. **Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century**. Nova York: Oxford University Press, 2004. P. 69-97

⁵² PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. **The Morning of the Magicians: Secret Societies, Conspiracies, and Vanished Civilizations**. Translated by Rollo Myers. Rochester: Destiny Books, 2009

⁵³ LARUELLE, Marlene. The Iuzhinskii Circle: Far-Right Metaphysics in the Soviet Underground and Its Legacy Today. **The Russian Review** 74, October 2015, p. 572.

⁵⁴ UMLAND, 2010, p. 145.

⁵⁵ ARNOLD, 2019, p. 40.

Por fim, a terceira figura fundamental para entender a atuação do Círculo de Yuzhinskii e a participação de Aleksandr Dugin é o azerbaijano Geydar Dzhemal, responsável por unir as ideias tradicionalistas, comuns no círculo, com aspectos teológicos do islamismo, criando sua própria corrente teórica, o “Radicalismo Islâmico”, e publicando o manifesto “Orientação: Norte”, que combinava o Islamismo à teoria tradicionalista de *Hyperborea*^{56 57}. Dzhemal, ainda, foi responsável por introduzir Dugin ao círculo e tornou-se um mentor intelectual para o jovem, incentivando seu estudo de línguas e aproximando-o de teorias esotéricas importantes para o desenvolvimento de seu núcleo conceitual.

Diante disso, é possível perceber como o Círculo de Yuzhinskii, um grupo restrito, composto por algumas dezenas de pessoas e atuante durante décadas no contexto subcultural soviético, foi não apenas o ponto de partida para a atuação intelectual de Aleksandr Dugin, mas também uma influência fundamental na concepção de sua cosmovisão. As ideias de Mamleev, Golovin, Dzhemal e outros teóricos aproximaram Dugin de conceitos basilares para seus trabalhos futuros, sobretudo a partir do pensamento tradicionalista. O então jovem, paralelamente, participou ativamente do grupo nos anos 1980, com destaque para a tradução para o russo de “Imperialismo Pagão”, de Julius Evola, no começo da década em questão⁵⁸. Com círculos esotéricos sendo, particularmente na Rússia, fortemente associados à extrema-direita⁵⁹, Dugin formava uma base teórica que, nos anos seguintes, permitira-o ascender como um importante publicista no contexto de ascensão de ideias nacionalistas na Rússia após o colapso da União Soviética.

1.2 ASCENSÃO EM MEIO À EFERVESCÊNCIA NACIONALISTA

Nos anos finais da União Soviética e após seu colapso, Aleksandr Dugin passa a ser um importante disseminador e aglutinador de ideias no universo intelectual das direitas russas, estabelecendo relações com importantes nomes do cenário jornalístico político do país. Esse

⁵⁶ *Ibid*, p. 45.

⁵⁷ Nas teorias tradicionalistas, a *Hyperborea* seria um espaço espiritual mágico, localizado sempre ao norte, onde estaria a gênese de verdades primordiais contempladas pelo Tradicionalismo Integral. Ver mais em: ARNOLD, Jafe. Thinking in continents: Hyperborea and Atlantis in René Guénon's conception of tradition. 2018.

⁵⁸ UMLAND, Andreas. Alexander Dugin, the Issue of Post-Soviet Fascism, and Russian Political Discourse Today. **Russian Analytical Digest**, v. 14, n. 07, 2007, p.147.

⁵⁹ LAQUEUR, W. **Fascism**. [s.l.] Oxford University Press, USA, 1996, p. 65.

processo, sumariamente, inicia-se em 1991⁶⁰, com a inserção de Dugin no quadro editorial do jornal *Den* (“O Dia” – em tradução livre) e o estreitamento de seu contato com Aleksandr Prokhanov, um dos mais relevantes publicadores da extrema-direita russa no espaço pós soviético⁶¹. Na publicação em questão, as ideias de Dugin passam a circular nos círculos intelectuais do nacionalismo russo, em movimento de formação da simbiose entre o nacionalismo revolucionário e o legado soviético⁶², que viria a se tornar fundamental no núcleo teórico de Dugin e nos movimentos de oposição ao Liberalismo na Rússia dos anos 1990. Paralelamente, o *Den*, posteriormente renomeado como *Zavtra* (“Amanhã” – em tradução livre), torna-se um ponto de convergência teórica da oposição a Yeltsin, processo que culmina na campanha presidencial de Gennady Zyuganov, em 1996⁶³.

Diante disso, observa-se que a inserção de Dugin nos meios nacionalistas russos dos anos 1990 deve ser compreendida em meio à profunda fragmentação desse campo político, atravessado por tensões entre neossoviéticos, monarquistas ortodoxos, nacionalistas pagãos, tradicionalistas esotéricos e grupos abertamente neofascistas. Longe de representar um bloco coeso, a direita radical russa se organizava em redes descontínuas e competitivas, marcadas por disputas internas pela autoridade simbólica e pela reivindicação do autêntico nacionalismo. Nesse ambiente, o posicionamento de Dugin era frequentemente estratégico: adaptava-se a diferentes interlocutores, negociando simultaneamente com setores neopagãos, neossoviéticos e tradicionalistas.

Concomitantemente às contribuições no *Den/Zavtra*, Dugin inaugura sua trajetória como publicador independente, movimento que inicia um dos seus principais legados para a extrema-direita russa: a transmissão de ideias da Nova Direita Europeia (NDE) para os círculos nacionalistas do espaço pós soviético⁶⁴. Esse processo, fundamental para a consolidação de

⁶⁰ UMLAND, 2010, p. 147

⁶¹ Aleksandr Andreevich Prokhanov foi, no contexto de ascensão do nacionalismo nos primeiros anos da Federação Russa, um dos mais importantes divulgadores intelectuais da extrema direita no país, aglutinando em suas publicações as ideias dos mais relevantes pensadores de oposição da época, incluindo Dugin. Atuando, também, como um teórico, Prokhanov tem influência fundamental na construção da visão de Dugin sobre o legado soviético ao entender que, em 1942, quando o *Comintern* se rompe na luta contra os nazistas, o Partido Comunista havia se tornado o partido do povo russo. Dessa forma, o autor rejeita o Bolchevismo original e o legado de Lenin, mas reconhece a importância do stalinismo e da União Soviética como parte espírito nacionalista russo. Ver mais em: DUNLOP, J.B. **The Rise and Fall of the Soviet Empire**. Princeton, N. 1993.

⁶² MITROFANOVA, A.V. **The Politicization of Russian Orthodoxy: Actors and Ideas**. Soviet and Post-Soviet Politics and Society, no. 13. Stuttgart: ibidem-Verlag, 2005, p. 57.

⁶³ ALLENSWORTH, W. **The Russian Question**. [s.l.] Rowman & Littlefield, 1998, p. 261

⁶⁴ A partir dos contatos estabelecidos com a NDE, Dugin edificou o Etnopluralismo e o Pan-Europeísmo como conceitos centrais para a organização política defendida no Neo-Eurasianismo. Ainda, a reorganização da intelectualidade e prática política da ultradireita, proposta pela NDE, foi fundamental para basear a atuação de Dugin na Rússia, altamente construída sob os preceitos metapolíticos da NDE.

Dugin como fomentador de ideias de extrema-direita no contexto russo, tem início com a criação, entre 1990 e 1991, de duas organizações: a *Arktogeya* e o *Centro para Estudos Especiais Meta-Estratégicos*⁶⁵.

A primeira delas – a *Arktogeya* – foi um centro de estudos históricos e religiosos, que funcionou também como editora e tornou-se uma das principais instituições da trajetória de Dugin nos anos 1990, mantendo relações com a NDE e com os altos círculos militares russos a fim de criar estratégias para lidar com a Nova Ordem Mundial unipolar⁶⁶. A segunda, o *Centro para Estudos Especiais Meta-Estratégicos* – em tradução livre – posteriormente renomeado como *Centro para Expertise Geopolítica*, foi um *think-tank* no qual eram trabalhados conceitos de geopolítica que se tornariam basilares para os primeiros livros de Dugin. Organizações como essas, vale ressaltar, eram comuns na “Rússia de Weimar”, nos primeiros anos após o colapso do regime comunista, e as criadas por Dugin estavam entre as mais relevantes⁶⁷.

Pouco depois, em 1991, Dugin publica seus primeiros livros, sob o selo da *Arktogeya*: *Mistérios de Eurásia* e *Caminhos para o Absoluto*, em tradução livre, juntamente com a primeira edição dos almanaques *Milyy Angel* (Anjo Encantador) e *Gyperboreets* (O Hiperbóreo)⁶⁸. Com os livros aprofundando a confluência de ideias que formam o pensamento de Dugin, como os conceitos de Geopolítica, Tradicionalismo e teorias ocultistas, e os almanaques fazendo ponte entre Dugin e a NDE, percebe-se que, já nos primeiros anos após o colapso soviético, o ideólogo se posicionava como um dos mais importantes nomes da intelectualidade nacionalista russa e, ainda, promovia laços singulares entre ideias revolucionárias de direita e premissas esotéricas, movimento comum à extrema-direita do pós-guerra. Nos anos seguintes, Dugin seguiria publicando livros e periódicos, de autoria própria, bem como contribuindo em obras de diversos agentes ligados a correntes tangentes à sua vasta agenda política e intelectual.

Ainda, em 1992, Dugin cria o periódico *Elementy*, revista bianual que se tornaria a manifestação concreta de seu papel de ponte entre Rússia e Nova Direita Europeia. Fazendo analogia ao correlato francês *Elements*⁶⁹, de Alain de Benoist, a publicação foi responsável por

⁶⁵ Umland, 2010, p. 149.

⁶⁶ MATHYL, M. The National-Bolshevik Party and Arctogaia: two neo-fascist groupuscules in the post-Soviet political space. *Patterns of Prejudice*, v. 36, n. 3, p. 69, jul. 2002.

⁶⁷ YANOV, A. *Weimar Russia and what We Can Do about it*. New York. Slovo-Word, 1995, p. 275.

⁶⁸ UMLAND, 2010, p. 150

⁶⁹ Com edições homônimas em outros países europeus, como Itália e Alemanha, o periódico foi uma das importantes publicações do GRECE, *think tank* liderado por Alain de Benoist, em seu esforço metapolítico de reorganização da direita radical europeia no pós guerra. Ver mais em: BAR ON, Tamir; *The French New Right's Quest for Alternative Modernity. Fascism*. 1, 2012.

inserir o pensamento de nomes como o próprio Alain de Benoist, Claudio Mutti e Jean François Thiriart, centrais para a NDE, no espaço russo. As edições contavam, também, com textos de autores estrangeiros do entreguerras ou dos primeiros anos do pós-guerra, como Julius Evola, Mircea Eliade e Carl Schmitt, bem como de personalidades políticas da Rússia da época, como Sergei Baburin e Eduard Limonov⁷⁰. Explicitando os contatos estabelecidos entre Dugin, Benoist e a Nova Direita Europeia, bem como o esforço coletivo empenhado na busca pela disseminação de ideias de extrema-direita no espaço russo, o periódico começava a edificar ideias fundamentais para o pensamento duginista, como a Geopolítica e, sobretudo, o Neo-Eurasianismo. A capa da primeira edição mostrava, notadamente, um mapa indicando as fronteiras do “Império Euro-Soviético”: Dublin, Moscou – a terceira Roma, e Vladivostok⁷¹. Unindo a bandeira do Império Russo e da União Soviética à Cruz Celta⁷², a primeira edição do *Elementy* mostra esboços do projeto político de Dugin que seria consolidado nas décadas seguintes ao combinar a vocação imperial russa ao legado soviético e ideias fascistas.

⁷⁰ MITROFANOVA, 2005, p. 55

⁷¹ SHEKHOVTSOV, A. **Russia and the Western Far Right**. Nova York, Routledge, 2018, p. 44.

⁷² Inicialmente utilizada pela extrema-direita nos anos 1920, a Cruz Celta consolidou-se na simbologia fascista na presença nazista na Noruega, entre as décadas de 1930 e 1940. No pós-guerra, o símbolo tornou-se preponderante entre movimentos supremacistas brancos, sendo um componente estético fundamental de movimentos que advogam pela supremacia racial europeia em todo o ocidente. Nesse contexto, a Cruz Celta passou a ser representação simbólica fundamental para a Nova Direita Europeia, sobretudo em relação a suas proposições teóricas referentes ao etnopluralismo e à defesa da identidade racial europeia. A insígnia, também, foi o símbolo do movimento Pan-Europeísta, liderado por Oswald Mosley e defensor do nacionalismo europeu e da instauração do continente europeu como entidade política única, fazendo contraponto ao internacionalismo comunista.



Fonte: ЭЛЕМЕНТЫ (ELEMENTY), Moscou, n. 1, 1992.

Nesse contexto, Dugin está em constante contato com nomes e organizações importantes para a NDE, sobretudo entre 1989 e 1994⁷³. Estabelecendo trocas intelectuais com Alain de Benoist e diversos outros autores e organizações, Dugin teve passagem importante por diversos países da Europa ocidental no começo da década de 1990, como França, Bélgica e Espanha. Nesse movimento, além de levar para a Rússia o pensamento da NDE, Dugin passou a ser, também, um influenciador no contexto intelectual da extrema-direita ocidental. Com o apoio de seus pares do ocidente à aliança vermelho-marrom que se formava na Rússia, Dugin e a NDE tinham um crescente interesse mútuo, ampliando as alianças paneuropeias idealizadas pelo GRECE e Alain de Benoist.

No meio da década de 1990, porém, ao longo do contexto da consolidação do poder de Yeltsin, as afinidades entre Dugin e a NDE esfriaram, e os contatos passaram a ser cada vez

⁷³ SHEKHOVTSOV, 2018, p. 41

mais esporádicos. Os motivos para esse afastamento são discutíveis⁷⁴, mas as influências eram irreversíveis: o pensamento da NDE estaria, cada vez mais, entranhado na obra de Dugin que, por sua vez, seria amplamente difundida no ocidente.

Diante disso, pode-se analisar que os movimentos editoriais de Aleksandr Dugin nos primeiros anos da década de 1990 culminam, enfim, na formação do que foi, possivelmente, a mais importante organização política de sua vida: o Partido Nacional Bolchevique (PNB), em 1994. Emergido como um meio de abarcar a oposição ao governo de Boris Yeltsin, quase toda definida por ideologias nacionalistas, o partido é formado com uma clara vocação vermelho-marrom, que buscava unir o legado soviético a ideias nacionalistas, muitas vezes revolucionárias. Unindo elites conservadoras⁷⁵, preocupadas com o novo *establishment*, aos círculos contraculturais radicais formados no período da *Perestroika*, o PNB, popularmente conhecido como *Nazbol*⁷⁶, tinha como objetivo principal contestar o domínio da democracia liberal e do espírito ocidental na Federação Russa⁷⁷.

Buscando se opor a Yeltsin e ao liberalismo por meios além dos convencionais da democracia liberal, o PNB tinha um forte espírito metapolítico, construindo sua ideologia ao redor da *Arktogeya*, organização criada, anos antes, por Aleksandr Dugin. O grupo em questão conseguia, com eficiência, unir os interesses ideológicos de altos círculos militares russos com a ideologia da Nova Direita Europeia, emergida décadas antes na Europa Ocidental. Com Dugin sendo seu principal teórico, o Nacional-Bolchevismo floresce como um partido político a partir da atuação de Eduard Limonov⁷⁸, um ícone contracultural dos anos finais do período soviético.

Exilado entre 1974 e 1991, Limonov esteve na vanguarda contracultural seguinte à *Perestroika*, publicando livros e sendo figura constante nas páginas do *Den/Zavtra*. Nesses textos, o autor clamava por uma “Revolução Nacional” e, principalmente, construía um estilo bélico a partir de suas experiências na Guerra da Iugoslávia, consolidando uma mitologia própria para os Nacional-Bolcheviques baseada em guerra e revolução⁷⁹. O terceiro líder do

⁷⁴ Ver mais em SHEKHOVTSOV, Anton. Alexander Dugin and the West European New Right, 1989-1994. In: SHEKHOVTSOV, Anton: **Russia and the Western Far Right** – Tango Noir, 2018.

⁷⁵ É importante ressaltar que, no período analisado e, de certa forma, até hoje, ser conservador na Rússia significa, muitas vezes, ter uma visão nostálgica e positiva do passado comunista, fenômeno antagônico ao conservadorismo prevalente nos países ocidentais. Ver mais em: VARGA, Mihai, BLUHM, Katharina (eds.): **New Conservatives in Russia and East Central Europe**, Routledge, New York, 2019.

⁷⁶ União entre Nazismo e Bolchevismo, o termo é amplamente utilizado para definir o Partido, especificamente, e o ideal Nacional-Bolchevista como um todo.

⁷⁷ MATHYL, 2002, p. 65

⁷⁸ VASCONCELOS, Francisco T. R. "Para salvar a nação somos até capazes de comunismo": o Nacional Bolshevismo ontem e hoje. Almanaque de Ciência Política, v. 6, ed. 1, p. 22, 2022.

⁷⁹ MATHYL, 2002, p. 67

PNB, ressaltando a vertente artística e contracultural do partido, foi Yegor Letov, cantor *punk* e anarquista radical durante o período soviético que passou anos em um hospital psiquiátrico, isolado da sociedade pelo regime comunista. Após ingressar nas fileiras do PNB, Letov passou a reinterpretar sua obra sob uma perspectiva consonante com a ideologia Nacional-Bolchevique⁸⁰.



Símbolo do Partido Nacional Bolchevique. Fonte: FENGHI, Fabrizio. Making post-Soviet counterpublics: the aesthetics of Limonka and the National-Bolshevik Party. **Nationalities Papers**, v. 45, n. 2, p. 188, 2017.

O conjunto estético concebido pelo PNB, por sua vez, representa de forma basilar os ideais do partido, unindo símbolos fascistas e comunistas. O símbolo do partido, apresentado acima, evoca de maneira única e imediata o legado construído por nazistas e soviéticos ao longo do século XX⁸¹, retratando a reivindicação direta dos passados bolchevique e fascista construída pelo PNB e, em certa medida, teorizada por Aleksandr Dugin. Paralelamente, a moda nacional-bolchevique, proposta pelo partido ao longo da década de 1990, demonstra a vocação contracultural da organização, que buscava contestar a chegada massiva do Liberalismo na Rússia no contexto pós-soviético permeando através da ação política e, também, da inserção no contexto cultural russo que se reinventava nos primeiros anos após a queda do regime comunista.

Esse fenômeno pode ser percebido na análise do ensaio fotográfico de moda publicado nas páginas do *Limonka*⁸², em 1994, no qual o PNB apresentava seus ideais do vestir ao

⁸⁰ *ibid*, p.67

⁸¹ FENGHI, Fabrizio. Making post-Soviet counterpublics: the aesthetics of Limonka and the National-Bolshevik Party. **Nationalities Papers**, v. 45, n. 2, p. 187, 2017.

⁸² O *Limonka* foi o jornal oficial e principal meio de divulgação teórica e cultural do PNB ao longo de sua existência, com participação relevante de Aleksandr Dugin nas páginas do periódico dedicadas a aspectos intelectuais do partido. Ainda assim, o *Limonka* se apresentava como um veículo contracultural, fortemente dedicado à exaltação do estilo de vida concebido e defendido pelos nacional-bolcheviques. Dessa maneira, o jornal

combinar elementos de uniformes militares soviéticos a alusões ao conjunto estético nazista, neo-nazista e de inúmeros movimentos *punks* do ocidente⁸³. Buscando questionar as correntes culturais e políticas que, naquele momento, tornavam-se predominantes no espaço russo, o PNB construía sua base estética como forma de significar, ao mesmo tempo, uma oposição radical ao sistema político contemporâneo e um retorno a concepções utópicas da arte e da política⁸⁴



Uma das fotografias do ensaio fotográfico representativo da moda do PNB, publicado no *Limonka*. Fonte: Limonka, N. 4, Moscou, dezembro de 1994. Foto: Laura Il'ina in FENGHI, Fabrizio. Making post-Soviet counterpublics: the aesthetics of Limonka and the National-Bolshevik Party. **Nationalities Papers**, v. 45, n. 2, p. 182-205, 2017.

Diante disso, é possível notar que a ideologia do PNB foi baseada na união dos pressupostos teóricos da NDE com tradições autoritárias da intelectualidade soviética, além de fortemente influenciada pelo Tradicionalismo e pelo pensamento fascista, sobretudo em suas vertentes ocultistas. Nesse sentido, pode-se diferenciar, radicalmente, o Nacional-Bolchevismo de Dugin, Limonov e Letov de seu correlato do começo do século XX, no período anterior à Revolução Russa. Ainda, é importante mencionar que a ideologia do PNB surge como uma síntese metapolítica de diversas perspectivas iliberais⁸⁵ e antiliberais que floresciam, sob a égide

se transformou no principal referencial estético e cultural do PNB. Mais em: ROGATCHEVSKI, Andrei. The National Bolshevik Party (1993-2001): A Brief Timeline. **New Zealand Slavonic Journal**, v. 41, p. 90-112, 2007 e FENGHI, Fabrizio. Making post-Soviet counterpublics: the aesthetics of Limonka and the National-Bolshevik Party. **Nationalities Papers**, v. 45, n. 2, p. 182-205, 2017.

⁸³ FENGHI, 2017, p. 191

⁸⁴ Ibid, p. 197

⁸⁵ O Iliberalismo, sobretudo no contexto do pensamento de extrema-direita, define-se a partir da negação diametral dos princípios epistemológicos e ontológicos definidos na modernidade liberal. Dessa forma, ao contrário do anti-liberalismo, que propõe a constestação de fundamentos específicos dos preceitos liberais e consequências da política liberal, o iliberalismo renega, de forma completa valores do Liberalismo, como o individualismo, a universalidade de direitos e a racionalidade normativa, propondo novas alternativas político-ideológicas que

do nacionalismo, nos primeiros anos após o fim do regime comunista⁸⁶. Nesse sentido, mais que uma teoria criada com o intuito de embasar a ação política de uma organização específica, o Nacional-Bolchevismo forma-se como uma ideologia com formas políticas variáveis⁸⁷, com o PNB de Dugin, Limonov e Letov sendo sua manifestação evidente na Rússia dos anos 1990.

Diante disso, no caso do Partido Nacional-Bolchevique, é necessário destacar que sua relevância histórica se deve menos à atuação eleitoral ou programática e mais à criação de uma estética política capaz de mobilizar afetos e identidades. A combinação de iconografia soviética, linguagem futurista e referências ao vanguardismo radical produzia um repertório performático que influenciou a cultura militante juvenil da época. Para Dugin, essa experiência foi decisiva não apenas como vivência organizacional, mas como demonstração prática do papel da estética e do mito na constituição de subjetividades políticas. Essa compreensão da política como performance anteciparia elementos centrais de sua atuação metapolítica posterior.

Oscilando, ao longo dos anos, entre períodos de clandestinidade e proeminência política, o Partido foi fundamental na atuação política de Dugin nos anos 1990. Paralelamente, a centralidade da *Arktogeya* na formação intelectual da organização demonstra o primeiro exemplo de atuação política organizada embasada pelas ideias de Aleksandr Dugin. Rompendo com o partido em 1998, por divergências com seus membros, o ideólogo é tachado como fascista por seus antigos companheiros de partido e, a partir disso, a organização tem um forte giro à esquerda do espectro político. Poucos anos depois, Dugin cria o movimento *Eurasia*, colocando o Neo-Eurasianismo, cada vez mais, no centro de sua agenda política e intelectual a partir da segunda metade dos anos 1990⁸⁸.

Diante disso, é possível perceber como, ao longo dos anos 1990, Dugin se aproveita da abertura política gerada pela *perestroika* para se consolidar como um dos mais importantes autores, articuladores e divulgadores intelectuais da Rússia nos primeiros anos após o fim da URSS. Em um contexto de florescimento de diversas propostas nacionalistas, Dugin foi

superem a ordem liberal. Princípio crescente em determinados campos da ultradireita contemporânea, o iliberalismo é uma ferramenta ideológica fundamental para o pensamento de Aleksandr Dugin em sua contestação da modernidade liberal e para a proposição da Quarta Teoria Política. Ver mais em: ZAKARIA, Fareed. Illiberal democracy. *Foreign Affairs*, v. 76, n. 6, p. 22-43, 1997 e VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. O suprafascismo de Julius Evola e os fundamentos da Nova Direita Iliberal. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 119, p. 14-47, 2023.

⁸⁶ MATHYL, 2002, p. 68

⁸⁷ VASCONCELOS, 2022, p. 25

⁸⁸ KAILITZ, S.; UMLAND, A. How post-imperial democracies die: A comparison of Weimar Germany and post-Soviet Russia. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 52, n. 2, p. 109, jun. 2019.

personagem central da oposição a Yeltsin, assimilando diversas correntes intelectuais em suas ideias que buscavam, em suma, alternativas para uma Rússia que não deveria se curvar ao liberalismo ocidental. Aliando-se a atores importantes do contexto em questão, como Eduard Limonov, e fundando e fomentando a atuação de organizações centrais para a articulação política do nacionalismo revolucionário pós-soviético, Dugin se consolidou, indiscutivelmente, como um importante ator político e intelectual da Rússia ao longo dos anos 1990.

Paralelamente, o mesmo processo histórico que permitiu que Dugin se consolidasse na Rússia fez, também, com que ele pudesse viajar e buscar contatos e influências em espaços inalcançáveis ao longo do período soviético. Nesse processo, observa-se que a Rússia e o espaço pós-comunista europeu passam, de maneira geral, por um momento de efervescência de proposições ideológicas nacionalistas. Esse fenômeno, sucedente às décadas de domínio comunista, cria no leste europeu, e particularmente na Rússia, um movimento de formação tardia do neofascismo, no qual novas correntes passam a circular no espaço deixado pelos regimes do bloco comunista⁸⁹.

Construindo laços com a Nova Direita Europeia, Dugin consegue um movimento duplo que seria central para seu crescimento político e intelectual: por um lado, torna-se uma ponte entre a Rússia e as ideias de Benoist, Mutti, entre outros, sendo pioneiro na difusão do pensamento da NDE nos círculos nacionalistas russos e, com isso, consolidando a relevância de suas publicações no cenário local. Concomitantemente, esses mesmos contatos fazem com que as ideias de Dugin, notadamente conceitos como o Neo-Eurasianismo e suas noções de geopolítica, passassem a circular em setores da ultradireita ocidental. Essa via de mão dupla, enquanto alçava Dugin ao centro da política russa, criava as condições iniciais para que, décadas depois, essa pesquisa fizesse sentido: com a difusão das ideias de Dugin pela NDE na Europa, inicialmente, e por fim em todo o ocidente, tornou-se possível que o duginismo alcançasse a América Latina e, eventualmente, o Brasil, tornando-se parte importante do mosaico ideológico da extrema-direita brasileira na última década.

⁸⁹ FORTI, Steven *et al.* **Patriotas indignados: sobre la nueva ultraderecha en la posguerra fría. Neofascismo, posfascismo y nazbols.** Madrid: Akal, 2019.

1.3 CONSOLIDAÇÃO INTELECTUAL E ESPAÇO POLÍTICO NA ERA PUTIN

Após romper com o *Nazbol* e Limonov, Aleksandr Dugin inicia um novo momento de sua trajetória política e intelectual, sendo alçado aos mais altos escalões da política russa e trazendo suas ideias para o centro do debate intelectual do país nos primeiros anos do século XXI. Nesse contexto, Dugin deixa as margens revolucionárias ocupadas pelo Nacional-Bolchevismo e, decisivamente, insere-se no seio do *mainstream* da política russa. Ao mesmo tempo, esse período é marcado, também, pelo influxo contínuo de ideologias vinculadas à ultradireita na política russa e no regime de Vladimir Putin, então em processo de consolidação⁹⁰ (Umland, 2009, p. 13). Nesse cenário, Dugin torna-se figura influente em setores do Kremlin, trazendo suas ideias para o centro do debate político russo no começo dos anos 2000.

No contexto em questão, Dugin cria, em 2001, o movimento *Eurasia*, primeira afiliação política do ideólogo desde a ruptura com o *Nazbol*. Edificando a atuação política de Dugin, o movimento atuou como um espaço de articulação entre a intelectualidade duginista e suas influências no cenário institucional. Dessa maneira, faziam parte do *Eurasia* diversos atores do alto escalão da política russa, vinculados a variados campos do Estado, sobretudo em meios acadêmicos, militares e parlamentares. Da mesma forma, o movimento condensava a influência de Dugin fora da Rússia, contando com a participação de atores internacionais associados a meios acadêmicos e institucionais de outros países, sobretudo na Turquia e em países que fizeram parte, décadas antes, do bloco comunista⁹¹.

Em 2002, o *Eurasia* deixa de ser um movimento e é transformado em um partido político “radicalmente de centro”, segundo o próprio Dugin. Esse processo representa a constante busca do intelectual por espaço na política eleitoral de seu país⁹². Ao mesmo tempo, a institucionalização do *Eurasia* e a persistência do ideólogo por um lugar ao sol na nova Rússia de Putin sinaliza, enfim, que Dugin aceita o “liberalismo patriótico” do regime, postulando que seu interesse não era “tomar o poder ou lutar por ele, mas influenciá-lo”⁹³. Após repetidas

⁹⁰ UMLAND, Andreas. Fascist Tendencies in Russia's Political Establishment: The Rise of the International Eurasian Movement. **Russian Analytical Digest**, v. 60, n. 9, P. 14, 2009.

⁹¹ A lista com participantes relevantes do MIE/*Eurasia* pode ser encontrada em UMLAND, A. Fascist Tendencies in Russia's Political Establishment: The Rise of the International Eurasian Movement. **Russian Analytical Digest**, v. 60, n. 9, 2009.

⁹² Cabe destacar, nesse cenário, a breve participação de Dugin no *Bloco Rodina*, uma proeminente aliança eleitoral criada por atores políticos de direita. Dugin, porém, encontrou diversas divergências ideológicas com seus líderes, sobretudo no que se refere à nostalgia monárquica, e ficou poucos meses no bloco entre 2003 e 2004.

⁹³ LARUELLE, Marlene. Russian Eurasianism: An ideology of Empire. Washington: Woodrow Wilson, 2012, p. 111.

tentativas de aproximação a movimentos midiáticos e eleitorais e inserção direta na política parlamentar, sobretudo nas eleições de 2003, Dugin transforma, mais uma vez, a natureza do *Eurasia*, sendo renomeado como *Movimento Internacional Eurasiano* (MIE) e direcionado na busca pelo crescimento da organização a partir da inserção de oficiais da política russa e atores internacionais em suas fileiras.

Nesse cenário, o Movimento Internacional Eurasiano tornou-se, em suma, um espaço no qual Dugin, ao mesmo tempo, consolidava sua influência na política interna russa e expandia sua zona de atuação para além das fronteiras domésticas. Nesse movimento, o ideólogo buscava ampliar sua influência em países historicamente próximos à Rússia e, simultaneamente, aproximava-se de atores ligados à ultradireita da Europa ocidental. Com uma atuação internacional em duas frentes, Dugin posicionava o Neo-Eurasianismo como uma corrente intelectual capaz de justificar a manutenção da influência russa sobre antigos aliados enquanto acenava para uma ultradireita europeia que, cada vez mais, buscava alternativas ideológicas à globalização cultural e econômica representada, especialmente, pela ascensão da União Europeia. Dessa forma, o MIE simboliza a mudança feita por Dugin em sua atuação na política doméstica e internacional. Sempre em busca de caminhos institucionais para suas ideias revolucionárias, ao longo da década de 2000 o ideólogo consolida-se, fundamentalmente, como um agente de influência em setores da política russa e da ultradireita internacional⁹⁴.

O respectivo movimento de aproximação de Dugin de círculos de poder da Federação Russa é materializado no livro *Fundamentos da Geopolítica – O Futuro Geopolítico da Rússia* (1997). Sendo a primeira obra de grande alcance publicada por Dugin, tornou-se manual indispensável nas academias militares russas, muitas vezes apontado como o texto fundador da geopolítica do país na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, o sucesso da obra e seu prestígio entre oficiais de alto escalão das forças armadas foram a porta para Dugin se inserir nas estruturas parlamentares do Estado russo⁹⁵. Nesse processo, o ideólogo consolida uma das áreas mais importantes de sua obra: a oposição aos EUA e à globalização justificam-se pois, afinal, estão neles representados um antigo sistema global em que civilizações cosmopolitas ameaçam culturas tradicionais. Dugin, então, baseia o ideal geopolítico russo na defesa da civilização eurásiana contra o cosmopolitismo atlantista.

⁹⁴ Ibid, p. 110

⁹⁵ Ibid, p. 109

Nesse contexto, a importância de Dugin para a política interna russa cresce, e o autor é apontado como conselheiro por Gennadii Seleznyov, líder do Partido Comunista na *Duma*, em 1998. Um ano depois, passa a gerenciar o setor geopolítico do Conselho Consultivo de Segurança Nacional do parlamento russo, aproximando-se do processo de tomada de decisões ligadas à atuação geopolítica da Federação. Discretamente complacente com o regime de Putin⁹⁶ nos anos seguintes, o ideólogo passa a exercer influência, mesmo que indireta, nos processos decisórios do Kremlin. Ainda assim, a atuação de Dugin nos altos círculos de poder do regime de Putin, nos primeiros anos da década de 2000, é marginal, e seu grande espaço de interferência está, indiscutivelmente, nas academias militares a partir de suas noções de geopolítica.

A trajetória política e intelectual de Dugin na década de 2000 culmina, em 2008, na criação do *Centro para Estudos Conservadores* da Universidade Estatal de Moscou. Como professor da instituição a partir do mesmo ano e chefe do departamento de Sociologia entre 2009 e 2014, Dugin cria o centro de estudos como polo de disseminação de ideias originadas em diversos núcleos da intelectualidade fascista, com o Conservadorismo encobrindo o real viés ideológico do núcleo⁹⁷. A partir de figuras como Rene Guenon, Julius Evola, Carl Schmitt e Martin Heidegger, fundamentais para a construção de sua cosmovisão⁹⁸, Dugin concebe, no seio de uma das mais renomadas universidades moscovitas, um meio para difundir ideias revolucionárias, ultranacionalistas, imperialistas e avessas ao ocidente. Trazendo suas principais influências intelectuais para a academia russa, Dugin consolida-se como um importante articulador do pensamento de direita, anti-atlantista e anti-iluminista na Rússia dos anos 2000. Paralelamente, sua saída do quadro profissional da universidade, em 2014, por declarações sobre a Guerra da Ucrânia⁹⁹, indicam o tom de sua atuação ao longo dos anos 2010: digital, polêmico e global.

⁹⁶ Com a persistente hesitação de Putin em apresentar-se como um eurasianista, para constante decepção de Dugin, o ideólogo não se posiciona plenamente como um apoiador do regime. Paralelamente, Dugin busca exaltar outras figuras que, segundo ele, foram diretamente influenciadas, como Nursultan Nazarbaev e Aleksandr Lukachenko, presidentes de, respectivamente, Cazaquistão e Belarus. Reivindicando influência direta na formação da *União Econômica Eurasiana*, organização em que participam cinco ex-membros da União Soviética, incluindo a Rússia, Dugin dedica todo um livro a Nazarbaev, um homem que, segundo o ideólogo, encarna o “Eurasianismo em ação”. Para saber mais, ver: RAIKHAN, Sadykova. Eurasian idea of N.A. Nazarbayev as the basis of modern integration, *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 89, 2013, 377 – 386.

⁹⁷ UMLAND, 2009, p. 13.

⁹⁸ BACKMAN, Jussi. A Russian radical conservative challenge to the liberal global order: Aleksandr Dugin. *Contestations of Liberal Order: The West in Crisis?*, p. 297, 2020.

⁹⁹ Na ocasião, Dugin comentava o assassinato de 42 manifestantes contrários ao Euromaidan na cidade ucraniana de Odessa. Referindo-se ao ocorrido, declarou: “O que vimos no dia 2 de maio está além de quaisquer limites. Matem-os, matem-os, matem-os. Não deve haver mais diálogo, considero isso como professor”. Na época, solidificou-se a versão de que Dugin clamava pela morte dos ucranianos. Uma petição com mais de cem mil assinaturas pedindo a remoção de Dugin da Universidade Estatal de Moscou foi entregue ao reitor da instituição e

Nesse contexto, o Centro de Estudos Conservadores da Universidade Estatal de Moscou deve ser entendido no contexto mais amplo de flexibilização política que marcou o campo acadêmico russo durante o período. Embora formalmente vinculado à universidade, o centro agia como espaço de articulação da direita radical e de promoção de vertentes conservadoras antiliberais, abrindo suas portas para intelectuais estrangeiros associados à extrema direita europeia. A expulsão de Dugin após suas declarações sobre a crise ucraniana foi, portanto, menos um gesto de proteção acadêmica e mais uma operação política destinada a dissociar publicamente o Kremlin de discursos considerados excessivamente radicais naquele momento. Essa ambivalência evidencia a posição liminar ocupada por Dugin entre academia, militância e poder estatal.

É nesse contexto em que Dugin publica a primeira edição do que se tornara, provavelmente, sua mais importante obra: a Quarta Teoria Política. Com a primeira publicação do livro em 2009, a Quarta Teoria Política surge como síntese do pensamento duginista e de sua trajetória intelectual ao longo dos anos 1980, 1990 e 2000, confluindo ideais geopolíticos, ideológicos e metafísicos de Dugin para apresentar seu projeto político global.

Diante disso, é possível perceber como, ao longo dos anos 2000, Dugin empenha-se para sair das margens dos cenários político e intelectual da Federação Russa e se inserir suas ideias nos centros de poder do país. Com relativo sucesso, o ideólogo ascende para posições relevantes no meio político e intelectual. Amplamente influente em academias militares com suas noções de Geopolítica, Dugin coloca o Neo-Eurasianismo no caldo ideológico que sustenta as ações da política externa russa ao longo das últimas décadas. Aproveitando-se do clima anti-ocidente gerado na Rússia após revoluções em países vizinhos¹⁰⁰, Dugin posiciona-se como um importante intérprete do cenário político global em seu país, mantendo sua presença midiática construída na década anterior. Ainda, Dugin é capaz de se inserir em diversos núcleos políticos internacionais, por meios institucionais, acadêmicos ou grupusculares.

Dugin se afastou do cargo. Fonte: <https://www.interpretermag.com/russia-this-week-what-will-be-twitters-fate-in-russia/>

¹⁰⁰ As “Revoluções Coloridas” foram movimentos de oposição emergidos em alguns estados pós-soviéticos ao longo da década de 2000 e buscavam, sumariamente, a construção de Estados liberais, baseados no ocidente, nos respectivos países envolvidos. Os casos mais notáveis do período citado foram a Revolução Rosa, na Geórgia, em 2003, a Revolução Laranja, na Ucrânia, em 2004 e 2005 e a Revolução das Tulipas, no Quirguistão, em 2005. Amplamente instrumentalizados na Rússia para criticar o Ocidente e, simultaneamente, no Ocidente para criticar a Rússia, as Revoluções coloridas foram palcos iniciais da crescente disputa entre a Rússia e o Ocidente pela influência sobre as antigas repúblicas soviéticas. Para saber mais, ver: KORYBKOV, Andrew. **Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes**. 2018. São Paulo, Editora Expressão Popular; LANE, David. **Coloured Revolutions as a Political Phenomenon**. Rethinking the Coloured Revolutions. Routledge, 2013. 1-23.

Percebe-se, então, como na década de 2000 Dugin expandiu e consolidou sua influência em meios importantes da política interna russa, ao passo em que fortalecia sua presença internacional, sobretudo a partir da busca pela disseminação do Neo-Eurasianismo em países vizinhos. Esse processo abriu portas para, na década seguinte, Dugin expandir seu potencial de influência na Rússia, nos países circundantes e no ocidente. Ideologicamente, esse período marca o crescimento do pensamento geopolítico nas idéias de Dugin e a busca por ações práticas que viabilizem o Neo-Eurasianismo como uma política de Estado alternativa ao modelo democrático liberal, dominante no ocidente e crescente nos antigos membros da URSS desde a década de 1990.

1.4 DISSEMINAÇÃO INTERNACIONAL E GUERRA DA UCRÂNIA

A trajetória de Aleksandr Dugin nos anos 2010 e 2020 pode ser definida sob múltiplos prismas, de acordo com o olhar empreendido diante de suas ações. Em primeiro lugar, é importante notar que se trata de um período no qual as ideias de Neo-Eurasianismo e Quarta Teoria Política passaram, cada vez mais, a ter vida própria, para além de Dugin, com o surgimento e desenvolvimento de diversos atores históricos que reinterpretaram a doutrina utilizaram-na em contextos políticos e intelectuais específicos. Paralelamente, é um momento, também, em que Dugin passa a atuar de maneira intensa no processo de internacionalização e, sobretudo, ocidentalização de suas ideias, surfando em um contexto favorável para a disseminação do pensamento de diversas vertentes da ultradireita no ocidente. Por fim, os conflitos entre Rússia e Ucrânia e o fortalecimento de perspectivas expansionistas no regime de Vladimir Putin atrelaram fortemente a imagem pública de Dugin e do Neo-Eurasianismo ao processo de invasão russa da Ucrânia, em meios tanto acadêmicos quanto jornalísticos, mesmo que sua influência direta no referido processo histórico seja altamente debatida.

Diante disso, é importante ressaltar que o envolvimento de Aleksandr Dugin nos conflitos entre Rússia e Ucrânia, ao longo da última década, atravessa uma miríade de questões políticas, intelectuais e midiáticas. Sendo assim, para entender a participação de Dugin no referido processo histórico, é necessário analisar qual é sua atuação prática e intelectual diante do conflito e a forma como suas ideias são utilizadas como meio de interpretação do fenômeno por diversos atores envolvidos. Paralelamente, é impossível falar da participação de Dugin na

Guerra da Ucrânia sem observar a forma como, na mídia ocidental, o autor é, muitas vezes, tratado como um agente diretamente envolvido nos processos decisórios da Federação Russa. Dessa maneira, o conflito russo-ucraniano torna-se central para a análise da circulação das ideias de Aleksandr Dugin ao longo das décadas de 2010 e 2020.

Nesse contexto, pode-se ressaltar que a existência do Estado ucraniano e sua aproximação ao ocidente são, há algum tempo, uma preocupação para Dugin. Em “Fundamentos da Geopolítica”, o autor afirma que a existência do Estado ucraniano é, por si, uma ameaça à civilização eurásiana, defendendo a resolução da “questão ucraniana” como prerrogativa central para o avanço de seus princípios geopolíticos¹⁰¹. Paralelamente, observa-se que a influência de Dugin nas ações do Kremlin teve seu pico no fim da década de 2000, e sua participação atual nas decisões do regime Putin é marginal. Nesse sentido, é possível observar que, apesar de certo alinhamento entre o Neo-Eurasianismo e as ações do Kremlin contra a Ucrânia, as políticas defendidas por Dugin já foram solidificadas no governo russo por outras vias, em um contexto intelectual no qual ideias revanchistas e expansionistas são disseminadas de forma multifacetada¹⁰². Ainda, é importante notar que Dugin foi, muitas vezes, crítico das ações de Putin na Ucrânia e de sua agenda de política externa¹⁰³.

Concomitantemente, pode-se observar a prevalência do pensamento Neo-Eurasianista em diversos grupos diretamente envolvidos no conflito, sobretudo em núcleos estrangeiros que lutam no lado russo. Baseados na perspectiva de que a Guerra da Ucrânia é, também, a manifestação de uma disputa global de poder, amplamente defendida por Dugin, movimentos de diversas partes do mundo vão ao Donbass visando defender não apenas o Estado russo, mas todo o mundo, diante do que enxergam como uma ameaça atlantista¹⁰⁴. Esse fenômeno pode ser observado, inclusive, no Brasil, com atores brasileiros, alegadamente envolvidos com Dugin, participando do conflito e sendo capturados por tropas ucranianas¹⁰⁵.

¹⁰¹ LIKHACHEV, Viacheslav. **The far right in the conflict between Russia and Ukraine**. Ifri, 2016. p. 18

¹⁰² BARROS, Felipe Eduardo Lima Reina. **Geopolítica e Religião uma Análise Crítica da Obra de Alexander Dugin**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, 2019

¹⁰³ Em *Putin vs. Putin – Vladimir Putin viewed from the right*, Dugin vê o líder russo em uma encruzilhada: seguir o caminho liberal ocidental ou buscar as tradições russas e reerguer o país como uma potência global. Para o autor, a Guerra da Ucrânia representa um passo contra os avanços do mundo atlantista sobre a Eurásia, mas ainda marginal diante de seus objetivos de construir uma Nova Ordem Mundial Multipolar.

¹⁰⁴ GUERRA, Nicola. Foreign fighters from the far right and extreme left in the Russia–Ukraine conflict. **Dynamics of Asymmetric Conflict**, v. 17, n. 1, p. 44-70, 2024A. p. 9

¹⁰⁵ Um ativista político brasileiro foi diversas vezes capturado em solo ucraniano por envolvimento direto no conflito entre Rússia e Ucrânia. Com participação ativa em esforços de alistamento de brasileiros para a Guerra, o ativista alega que contatos com Dugin foram essenciais para o estabelecimento da rede de contatos que o levaram a se alistar nas forças armadas russas. O agente em questão e suas relações com a Quarta Teoria Política no Brasil

Diante disso, é possível perceber como a Guerra da Ucrânia tornou-se um processo histórico intimamente ligado a ideias de extrema-direita e direita radical, com visões antagônicas dentro do universo da ultradireita sobre o conflito¹⁰⁶. O Neo-Eurasianismo, nesse sentido, apresenta-se como uma doutrina central para a atuação de grupos na defesa do lado russo, sob o prisma do conflito ser, na verdade, a manifestação de uma disputa global. Paralelamente, Ainda, a proeminência de Aleksandr Dugin no ocidente criou terreno fértil para a disseminação, sobretudo através da mídia, de uma visão que o coloca como a mente por trás do conflito. Dugin e suas ideias tem participação marginal nos processos de decisão do Kremlin sobre a Guerra, apesar da clara influência do autor sobre círculos militares da Federação Russa¹⁰⁷.

Paralelamente, os anos 2010 e 2020 são palco para o processo de consolidação das ideias de Aleksandr Dugin fora da Rússia, e sobretudo no ocidente, com a formação de diversos grupos que tem Neo-Eurasianismo, Quarta Teoria Política e Nova Ordem Mundial Multipolar como componentes centrais de suas respectivas doutrinas políticas. Nesse sentido, o duginismo passa a ter, muitas vezes, autonomia em relação à própria figura de Dugin, com seu pensamento sendo fagocitado e reinterpretado para fazer sentido em realidades nacionais específicas. Diante de seu caráter transnacional e intimamente relacionado a processos políticos globais, é possível dividir o fenômeno de expansão das ideias de Dugin em três grandes núcleos geográficos, nos quais observa-se o fortalecimento de componentes específicos da cosmovisão duginista.

Em primeiro lugar, destaca-se o mundo eurasiático, composto pela Europa oriental e países asiáticos vizinhos à Rússia, no qual observa-se o fortalecimento do Neo-Eurasianismo e das ideias de Dugin que justificam a aproximação desses países à Rússia, tida como centro político e cultural do mundo eurasiático. Concomitantemente, no ocidente, sobretudo na Europa ocidental, as ideias de Dugin vinculam-se, majoritariamente, a grupos de oposição radical à influência do liberalismo na política europeia e norte-americana, com fortes componentes raciais envolvidos no ataque a políticas de imigração. Por fim, na América Latina, nota-se a

serão debatidas em capítulo posterior. Ver mais em: <https://elcoyote.net/politica/desgraca-estas-de-pe-agora-toma-o-rumo-que-bem-te-parecer-um-perfil-de-rafael-lusvarghi/>

¹⁰⁶ Seja entre os Estados envolvidos ou nos grupos paramilitares em campos de batalha, o pensamento de ultradireita permeia, indiscutivelmente, o conflito entre Rússia e Ucrânia, em ambos os lados. A Guerra mostra, a partir da multiplicidade de ideias de extrema-direita e direita radical envolvidas no conflito, direta ou indiretamente, o caráter multifacetado do processo de crescimento da ultradireita no século XXI. Ver mais em: GUERRA, Nicola. The Russian-Ukrainian war has shattered the European far right. The opposing influences of Steve Bannon and Aleksandr Dugin. 2023. *European Politics and Society*, 25(2), 421–439

¹⁰⁷SEGRILLO, Angelo. Rússia: **Europa ou Ásia?** A questão da identidade russa nos debates entre ocidentais, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Tese de doutorado. 2016, p. 342.

prevalência do caráter terceiro-mundista das ideias de Dugin, com grupos fortemente baseados nas noções de multipolaridade defendidas pelo intelectual. É fundamental ressaltar que, em cada um desses espaços, as ideias do intelectual se relacionam com a cultura política do país e dos grupos em que se inserem, adquirindo forma própria a partir do contexto político em que se manifestam.

A recepção do pensamento duginista fora da Rússia revela-se profundamente assimétrica. No Leste Europeu, sua influência se limita a pequenos grupos nacionalistas sem grande capilaridade social; no Ocidente, sua presença é mediada por movimentos da direita radical que selecionam apenas fragmentos de sua obra, frequentemente desconectados de seu contexto original; na América Latina, sua incorporação ocorre em chave anti-imperialista, encontrando ressonância não por afinidade doutrinária, mas por convergência estratégica contra os Estados Unidos. Assim, mais do que um pensador global, Dugin opera como fonte de repertórios adaptáveis, apropriados seletivamente conforme necessidades políticas locais.

Diante disso, é possível notar a prevalência de múltiplos discursos empreendidos por Aleksandr Dugin a respeito dos países da Europa oriental, direcionados meticulosamente para posicionar cada nação no prisma do Neo-Eurasianismo. Nota-se assim, a aproximação de ideias eurasianistas ao plano estatal de países como Cazaquistão e Belarus, sobretudo a partir da fundação da União Econômica Eurasiática, em 2015¹⁰⁸¹⁰⁹. Com fortes interesses russos nos países da antiga URSS, a criação da organização surge como um meio de preservação da influência institucional de Moscou sobre os Estados vizinhos, sobretudo tratando-se de países que se mantêm mais próximos à Rússia em relação ao ocidente. No Cazaquistão, cabe destaque, o Eurasianismo foi uma ideologia de Estado impulsionada pelo presidente Nursultan Nazarbayev¹¹⁰, reconhecido por Dugin em seu livro “A Missão Eurasianista de Nursultan Nazarbayev”¹¹¹, em tradução livre, inédito em português.

¹⁰⁸ A União Econômica Eurasiática foi criada em 2015, mas os esforços para a formação de uma zona econômica livre entre países da antiga União Soviética pode ser observada poucos anos após o colapso do bloco comunista. Desde 2015, o bloco funciona como um mercado comum entre Rússia, Cazaquistão, Belarus, Armênia e Quirguistão, sendo os três primeiros membros originais, que formaram outras organizações similares ao longo das décadas de 1990 e 2000, e os dois últimos tendo se juntado ao bloco em 2014. A Ucrânia foi parte do bloco até a Revolução Laranja, em 2004, e sua desistência formal foi consolidada apenas em 2023. Ver mais em: VINOKUROV, Evgeny. **Introduction to the Eurasian economic union**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2018.

¹⁰⁹ ISMAILOV, Eldar; PAPAVAL, Vladimer. Rethinking Central Eurasia. **Johns Hopkins University, SAIS**, 2010. p. 24

¹¹⁰ LARUELLE, 2012, p. 113

¹¹¹ Do original: DUGIN, Aleksandr. **Евразийская миссия Нурсултана Назарбаева**. 2004.

Concomitantemente, Dugin e suas ideias mantem presença em outros países do leste europeu de diversas formas, de acordo com a realidade nacional em que se inserem. Em Hungria, Bulgária e Grécia, por exemplo, nota-se a aproximação de Dugin com os grandes partidos da ultradireita de cada país, de acordo com afinidades ideológicas ligadas à percepção de que a globalização, liderada pelo mundo atlantista, representa uma ameaça à unidade cultural dos países europeus¹¹². Nesse sentido, Dugin enxerga, respectivamente, *Jöbbik*, *Ataka* e Alvorada Dourada como partidos aliados na luta contra a assimilação cultural promovida pelo mundo ocidental. Ainda assim, ideias de Quarta Teoria Política e Neo-Eurasianismo aparecem, quando muito, como componentes marginais do projeto político dos respectivos partidos.

Por fim, é importante ressaltar como Dugin busca se aproximar de núcleos políticos de diversos países a partir de possíveis afinidades ideológicas específicas. Na Sérvia, por exemplo, observa-se a valorização, por Dugin, de temas como o Cristianismo Ortodoxo e de política externa, sobretudo da questão kosovar, em suas constantes visitas ao país desde 2008¹¹³. Na Romênia, por outro lado, o intelectual enxerga o país como uma ponte entre os eslavos do leste, sobretudo russos, e Estados do sudeste europeu, clamando aos movimentos políticos romenos que assumam esse papel central para o mundo eurasiático em detrimento de sua participação marginal nas organizações atlantistas, como OTAN e União Europeia¹¹⁴.

Por fim, o Neo-Eurasianismo merece atenção especial quando se observa sua inserção no espaço político turco, no qual a ideologia atingiu um alto potencial de influência a partir de relações com grupos políticos e ideologias locais. Nesse sentido, a História das ideias de Aleksandr Dugin na Turquia advém da década de 1990, quando Istambul sediou as primeiras conferências eurasiáticas internacionais que dariam origem, em 1998, ao Movimento Internacional Eurasiático¹¹⁵. Com a aproximação do Neo-Eurasianismo a movimentos políticos e atores ligados ao Kemalismo¹¹⁶, as ideias de Dugin passaram a permear o imaginário político turco a partir dos anos 2000 e se consolidaram ao longo das últimas duas décadas, sendo uma

¹¹² PETSINIS, Vassilis. Eurasianism and the far right in central and Southeast Europe. **Central and Eastern European Review**, v. 1, n. 8, p. 1-10, 2014.

¹¹³ DEVIĆ, Ana. The Eurasian Wings of Serbia: Serbian Affinities of the Russian Radical Right. **Extremism and Violent Extremism in Serbia**, v. 109, 2019. p. 118

¹¹⁴ GHENGHEA, Mircea-Cristian. Romania and the Eurasian Union. Plans, Predictions and Perspectives. **CES Working Papers**, v. 8, n. 1, p. 74-80, 2016. P. 77

¹¹⁵ AKÇALI, Emel; PERİNÇEK, Mehmet. Kemalist Eurasianism: An emerging geopolitical discourse in Turkey. **Geopolitics**, v. 14, n. 3, p. 550-569, 2009. P. 561

¹¹⁶ Originado no processo de formação do Estado turco, nos anos 1920, o Kemalismo baseia-se, sobretudo, nas ideias do pai fundador da República da Turquia, Mustafa Kemal Atatürk. Conhecida, também, como Atatürkismo, a ideologia defende uma Turquia soberana, com forte presença do Estado. Ver mais em: AKÇALI, Emel and PERİNÇEK, Mehmet. Kemalist Eurasianism: An Emerging Geopolitical Discourse in Turkey', *Geopolitics*, 14:3, 550 — 569, 2009.

importante ferramenta para contestar a histórica aproximação da Turquia ao ocidente, defender a valorização de tradições autoritárias na política local e posicionar o país como uma potência do mundo eurasiático.

Concomitantemente, na Europa ocidental, observa-se fortemente a alta adaptabilidade das ideias de Aleksandr Dugin, de acordo com o contexto em que são inseridas, de forma que tanto a ação do próprio intelectual, quanto a de grupos políticos associados ao seu pensamento, manifestam-se de múltiplas maneiras. Para além do reconhecido intercâmbio com nomes importantes da Nova Direita Europeia, Dugin busca inserir suas ideias em contextos específicos da radicalidade política dos países da Europa ocidental a partir de possíveis afinidades ideológicas. Nesse cenário, observa-se que suas ideias se inserem na política europeia ocidental, sobretudo, a partir da atuação de pequenos grupos de extrema-direita, especialmente por meio do iliberalismo e de ideias etnopluralistas. Ainda assim, a defesa, por Dugin, do aumento da influência russa sobre o continente europeu é, muitas vezes, um fator a impedir a disseminação massiva do imaginário duginista entre a ultradireita ocidental.

Diante disso, é possível observar que a extrema-direita da Europa ocidental, de maneira geral, pode ser dividida entre uma parcela que, seguindo a tendência da ultradireita europeia no pós-1945, enxerga o domínio político e econômico do ocidente como retrato da superioridade cultural dos povos europeus, defendendo a OTAN e os demais mecanismos de controle geopolítico do bloco ocidental. Por outro lado, emergem movimentos de extrema-direita que criticam, de variadas formas, a noção de “ocidente”, defendendo a formação de novos blocos de poder contra o domínio atlântico global¹¹⁷. O cisma da ultradireita contemporânea entre defensores do bloco norte-atlântico e multilateralistas, por sua vez, deu-se no seio do antigo bloco comunista, ao longo da década de 1990, com a ruptura de visões entre países dos balcãs a respeito da influência liberal e russa, respectivamente, na região. Esse fenômeno, iniciado na política balcânica, disseminou-se por toda a Europa, definindo um ponto de ruptura entre a visão global dos setores que compõem a ultradireita nas últimas décadas¹¹⁸.

A consolidação de uma extrema-direita europeia e ocidental contrária ao domínio do ocidente, sem dúvidas, tem relação com o avanço da disseminação de ideias vinculadas a Dugin na porção ocidental do continente europeu, a partir das múltiplas relações estabelecidas entre Dugin e movimentos de extrema-direita que compartilham de visões multilateralistas no

¹¹⁷ GUERRA, Nicola. The Russian-Ukrainian war has shattered the European far right. The opposing influences of Steve Bannon and Aleksandr Dugin. **European Politics and Society**, v. 25, n. 2, p. 421-439, 2024B.

¹¹⁸ FORTI, 2019, p. 91

ocidente europeu. A partir de relações diversificadas e, muitas vezes, ambíguas¹¹⁹, estabelecidas entre Dugin e a extrema-direita dos países da Europa ocidental, o intelectual posiciona suas ideias no mosaico ideológico da ultradireita europeia.

Atravessando o atlântico e chegando às Américas, as ideias de Aleksandr Dugin foram inseridas e consolidadas, sobretudo, entre núcleos ligados a ideias tradicionalistas. Nos Estados Unidos, Dugin estabeleceu relações com Steve Bannon, mas sua influência foi limitada pelo crescimento da *Alt-Right*¹²⁰, fundamentalmente oposta às noções de geopolítica e organização global defendidas pelo intelectual russo¹²¹. Cabe destacar, nesse contexto, a breve existência do movimento *New Resistance*, criado em meados dos anos 2000 e embaixador das ideias de Dugin no contexto estadunidense¹²². No Canadá, Dugin encontrou espaço, fundamentalmente, em meios acadêmicos específicos, como a partir da atuação de Michael Millerman na Universidade de Toronto¹²³. Em um espaço político fortemente definido pelo Liberalismo e com um consolidado movimento da ultradireita, a *Alt-Right*, Dugin encontrou grandes obstáculos para estabelecer suas ideias na política norte-americana.

Por fim, na América Latina, Dugin se insere em um amplo movimento de influência russa em setores da política local em diversos países da região¹²⁴. Criando relações com grupos políticos ligados à extrema-direita de países como Brasil, Argentina e Chile, bem como com

¹¹⁹ Longe de ter suas ideias como dominantes no cenário ideológico da ultradireita na Europa ocidental, Dugin busca instrumentalizar a atuação de diversos atores envolvidos no contexto de ascensão da ultradireita no continente, com o objetivo de justificar sua posição contrária ao domínio ocidental. A título de exemplo, observa-se como, ao mesmo tempo em que pretende se inserir em núcleos grupusculares de extrema-direita, Dugin condena a ação de outros atores, como no caso do ataque terrorista de Andreas Breivik, na Noruega, em 2011. Na ocasião, Dugin condenou o ataque em seu blog pessoal, enxergando o ato como retrato do declínio cultural da Europa ocidental, mesmo que Breivik tenha sido amplamente influenciado por ideias de extrema-direita. Mais em: ENSTAD, Johannes Due. “Glory to Breivik!”: The Russian Far Right and the 2011 Norway Attacks. **Terrorism and Political Violence**, v. 29, n. 5, p. 773-792, 2017.

¹²⁰ Criada a partir da revista digital fundada por Richard B. Spencer, *The Alternative Right*, em 2010, a *Alt-Right* tornou-se o mais importante movimento da ultradireita nos Estados Unidos, baseando-se em ideias de supremacia branca e retomando símbolos históricos da opressão racial norte-americana, como a bandeira dos Estados Confederados. Ver mais em: MAIN, Thomas J. **The rise of the alt-right**. Brookings Institution Press, 2018.

¹²¹ TEITELBAUM, Benjamin in BAR-ON, Tamir; MOLAS, Barbara, 2022, p. 223

¹²² Parte da Global Revolutionary Alliance, organização internacional criada para difundir ideias ligadas a Dugin no ocidente, juntamente com outros dois grupos que advogavam pelas ideias de Dugin nos E.U.A., o *New Resistance* foi o mais importante movimento duginista nos Estados Unidos. Hoje, sobretudo a partir dos desdobramentos ligados à Guerra da Ucrânia, o grupo se distanciou do ideal duginista. Ver mais em: TEITELBAUM, BENJAMIN. Traditionalism in the American Right. in BAR-ON, Tamir; MOLAS, Barbara. **The right and radical right in the Americas: ideological currents from interwar Canada to contemporary Chile**. Lexington Books, 2021.

¹²³ Forte crítico do liberalismo na academia canadense, sobretudo a partir de Heidegger, Millerman criou afinidade com o iliberalismo de Dugin e passou a promover suas ideias em sua atuação como estudante de PH.D. na Universidade de Toronto, causando tensões no departamento de Ciência Política da instituição. Mais tarde, sua tese seria publicada pela Arktos, uma das mais importantes editoras da ultradireita ocidental.

¹²⁴ FARAH, Douglas; ORTIZ, Román D. **Russian Influence Campaigns in Latin America**. United States Institute of Peace, 2023. p. 28

alguns movimentos relacionados a ideias bolivarianistas, o pensamento duginista se dissemina no mundo latino-americano por vias múltiplas, encontrando espaço em setores diversos da política de cada país a partir do iliberalismo, da defesa da Nova Ordem Mundial Multipolar e, sobretudo, das críticas à influência estadunidense na região. Ainda, estabelecendo contato com a intelectualidade política local, como no caso de Olavo de Carvalho, no Brasil, e Alberto Buela, na Argentina¹²⁵, Dugin encontra, na América Latina, solo fértil para a difusão de seu pensamento por meios que transcendem as noções de esquerda e direita, consolidadas no espectro político ocidental.

Diante disso, é possível observar como as ideias de Dugin tem maior impacto, dentro do continente americano, no caso brasileiro, exercendo influência na política local de diversas formas e mostrando grande predisposição para se inserir nas dinâmicas intelectuais do país. Desde a formação dos Encontros Nacionais Evolianos, nos anos finais da década de 2000, até a consolidação do Nova Resistência e de toda a Dissidência Tradicionalista¹²⁶, as ideias de Dugin passaram a permear a atuação de setores específicos da extrema-direita local, baseados na busca por uma aliança vermelho-marrom oposta aos círculos majoritários da política brasileira¹²⁷. Paralelamente, é importante destacar que esses grupos, de maneira geral, buscam contemplar ideias revolucionárias de direita de maneira antagônica aos núcleos predominantes da ultradireita local, estritamente ligados ao legado bolsonarista e às ideias de Olavo de Carvalho.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a extrema-direita brasileira passa por um importante momento de expansão, iniciado, sobretudo, a partir de diálogos transnacionais estabelecidos com diversos setores do campo, especialmente na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa¹²⁸. Dessa forma, a pluralidade de discursos da extrema-direita internacional se reflete nos movimentos brasileiros na ordem global defendida por cada um deles, em seus projetos políticos arquitetados para o país e nas estratégias utilizadas em sua ação política. A inserção desses grupos em diversas plataformas digitais, sobretudo nas últimas duas décadas,

¹²⁵ JARA TOWNSEND, Gonzalo. Una antigua y nueva derecha – Dugin y Fusaro. **Antagonismos**, Vol. 1, N° 1, p. 161-196, 2020. p. 165

¹²⁶ Formada a partir da atuação de grupos tradicionalistas em meios digitais ao longo das décadas de 2000 e 2010, o movimento se consolida na busca por uma síntese ideológica revolucionária de oposição a Olavo de Carvalho, sendo, desde seus primórdios, pautada no objetivo de criar uma alternativa revolucionária ao olavismo no Brasil. Hoje, pode-se dividir a Dissidência entre o Nova Resistência e a Frente Sol da Pátria, que se desmembrou da própria NR. A atuação dos respectivos movimentos, seu núcleo ideológico e as afinidades com o pensamento de Aleksandr Dugin serão abordados em capítulo posterior. Ver mais em: VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha (2023).— A dissidência tradicionalista: a reinvenção da extrema direita brasileira como aliança “vermelho-marrom” **Almanaque de Ciência Política**, Vitória, vol. 7, n. 2, pp. 01-29

¹²⁷ VASCONCELOS, 2022, p. 13

¹²⁸ Ver mais em: MAGALHÃES, David; NETO, Odilon Caldeira. As vias de transnacionalização da ultradireita brasileira. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs**, n. 11, 2024.

permite a consolidação de uma rede transnacional de influências que dinamiza e potencializa o impacto político da extrema-direita brasileira, de forma a possibilitar a criação de inúmeros grupúsculos que disseminam ideias de múltiplos setores da extrema-direita internacional, reinterpretadas para o contexto brasileiro, sobretudo em meios digitais¹²⁹.

Chegando, também, em círculos acadêmicos e militares, o pensamento de Dugin foi reinterpretado e assimilado por diversos atores que buscam adapta-lo para a realidade brasileira. Com leituras que colocam o Brasil como uma potência regional da Nova Ordem Mundial Multipolar defendida por Dugin¹³⁰, as ideias do intelectual russo ganham cada vez mais apelo em determinados grupos políticos, militares e acadêmicos que buscam alternativas radicais à atual dinâmica institucional e ideológica da política brasileira. Sendo assim, é necessário examinar como Dugin chega ao Brasil e quais atores se envolvem na disseminação de suas ideias no país, bem como os projetos políticos por trás da multifacetada difusão do duginismo no Brasil.

Diante disso, pode-se perceber como a trajetória política e intelectual de Aleksandr Dugin ao longo da década de 2010 é marcada, fundamentalmente, pelo processo de disseminação de suas ideias fora da Rússia e sobretudo no ocidente. Alcançando influência em círculos acadêmicos, militares e, principalmente, em grupos políticos ligados à extrema-direita, Dugin tornou-se um dos mais importantes intelectuais do recente processo de ascensão da ultradireita no mundo contemporâneo. Paralelamente, o escalonamento do conflito entre Rússia e Ucrânia entre 2014 e os dias atuais e a clara afinidade de Dugin com as políticas expansionistas de Moscou fizeram com que, midiaticamente, o intelectual passasse a ser visto como um ator altamente influente no Kremlin, apesar da falta de evidências concretas que sustentem essa hipótese.

Diante disso, observa-se como, desde meados da década de 1980 até os dias atuais, Aleksandr Dugin transformou sua trajetória pessoal em um conjunto de experiências e inspirações teóricas que foram materializadas em um vasto corpo intelectual. Do Círculo de Yuzhinskii à Guerra da Ucrânia, Dugin se inseriu intensamente nos contextos políticos que circundaram sua vida, propondo transformações globais para reverter o processo de declínio observado por ele na estrutura política e cultural do mundo contemporâneo. Sendo parte importante de processos políticos russos e surfando na onda nacionalista que tomou todo o

¹²⁹ MAGALHÃES; NETO, 2024, p. 112

¹³⁰ MORGADO, 2017, p. 166

antigo bloco comunista ao longo da década de 1990, o intelectual se firmou como um importante teórico e divulgador ideológico no espaço russo pós-soviético. Paralelamente, estabelecendo contatos com a Nova Direita Europeia e se consolidando como ponte entre as ideias da ultradireita russa e seus correlatos na Europa ocidental, o autor transformou-se em um dos mais importantes elos entre Rússia e Europa no processo de ascensão da ultradireita ao longo das últimas décadas.

Alçando voos mais altos nos anos 2000, doméstica e internacionalmente, Dugin passou a ter relativa influência em determinados setores da política russa, sobretudo a partir da ampla disseminação de suas noções de geopolítica nas academias militares de seu país. Ainda, ampliando e consolidando o processo de internacionalização de suas ideias em diversas partes do mundo, o intelectual passou a ser figura relevante na ultradireita global e transformou-se, para muitos grupos, em um dos cânones ideológicos do processo de crescimento do pensamento revolucionário e direita em todo o planeta. Estabelecendo relações multifacetadas com atores políticos dentro e fora da Rússia, Dugin instrumentalizou seus contatos como forma de consolidar Neo-Eurasianismo, Quarta Teoria Política e Nova Ordem Mundial Multipolar como correntes ideológicas de impacto em diversas realidades nacionais, adaptando seu discurso para o contexto em que se inseria.

Do discreto e ambíguo apoio ao regime de Putin, passando pelo prestígio em setores do Estado em Cazaquistão e Belarus e pela capacidade de influenciar, de forma basilar, a atuação de diversos grupúsculos de extrema-direita mundo afora, Dugin usou do pragmatismo e das múltiplas influências que inspiram sua obra para ter impacto em diversos espaços políticos, através de diferentes perspectivas contidas em sua cosmovisão. Encontrando, no Brasil, solo fértil para a disseminação de suas ideias, o ideólogo, a partir de visitas e intercâmbios intelectuais com múltiplos atores da política brasileira, foi capaz de ganhar relevância no cenário ideológico nacional, sendo paulatinamente instrumentalizado e reinterpretados por grupos que buscam transformar a realidade brasileira em consonância com o ideal duginista de organização política global.

Dessa forma, Dugin se insere no contexto brasileiro com idéias de extrema-direita capazes de atrair, inclusive, segmentos de grupos políticos que transcendem a própria ultradireita nacional. Paralelamente, apresentando alternativas ao projeto político bolsonarista e olavista, Dugin coloca suas ideias na disputa pelos projetos revolucionários e reacionários do país de forma única, sempre propenso a estabelecer contatos políticos e intelectuais no contexto local e colocando suas ideias à disposição para serem fagocitadas e reinterpretadas por atores

brasileiros para fazer sentido na realidade política nacional. A partir da atuação do Nova Resistência e de toda a Dissidência Tradicionalista, as ideias de Dugin reverberam na radicalidade política brasileira e, cada vez mais, tem impacto no contexto ideológico nacional.

A partir disso, torna-se necessário o aprofundamento no corpo de ideias que forma a cosmovisão duginista, buscando as principais inspirações intelectuais de Aleksandr Dugin e a forma como são empreendidas e instrumentalizadas para compor seu projeto político. Por fim, poderá ser analisado o caso brasileiro, desde a forma como chegam entre as décadas de 2000 e 2010, as ideias de Dugin no país, até o processo de consolidação do movimento Nova Resistência e da Dissidência Tradicionalista nos últimos anos, passando pela forma como esses grupos reinterpretam o duginismo como ferramenta ideológica indispensável para o avanço do projeto político que defendem para o Brasil.

2 O NÚCLEO TEÓRICO DE ALEKSANDR DUGIN

Diante da complexidade teórica da obra construída por Aleksandr Dugin, torna-se necessário analisar como diversas categorias, conceitos e correntes foram absorvidas, interpretadas e instrumentalizadas pelo autor, servindo como base para a formulação do Neo-Eurasianismo e a proposição da Quarta Teoria Política. Nesse sentido, pode-se observar que Dugin, ao longo de sua trajetória intelectual, estabeleceu diálogos importantes com inúmeros campos da teoria política e da filosofia, em movimentos evidenciados por suas publicações. Assim, o objetivo deste capítulo é explorar como o autor se relaciona, teórica e historicamente, com correntes que formam o substrato sob o qual se ergue seu projeto político global.

Nesse sentido, para entender o conjunto de ideias mobilizadas pelo Nova Resistência no Brasil, é necessário analisar os componentes centrais do pensamento de Aleksandr Dugin. Como um grupo pautado pela Quarta Teoria Política atuante na política brasileira, o Nova Resistência se apropria e reinterpreta o núcleo teórico do duginismo para assimilá-lo à realidade brasileira. Dessa forma, este capítulo e o subsequente terão como norte a análise, respectivamente, da intelectualidade de Aleksandr Dugin e do Nova Resistência.

Dessa forma, busca-se entender como conceitos e categorias como Tradicionalismo, Fascismo, Revolução Conservadora, Geopolítica, Bolchevismo e Liberalismo se inserem na cosmovisão de Dugin e da organização brasileira. Além disso, pretende-se analisar não apenas como o autor faz uso da teoria, mas como esses elementos, muitas vezes antagônicos na teoria política, são combinados e condensados nas proposições de Dugin para formar a Quarta Teoria Política. Sendo assim, o objetivo se torna compreender a relação do autor e sua interpretação de cada uma dessas correntes para, então, esboçar um panorama intelectual do duginismo a partir de suas principais inspirações teóricas.

Em suma, portanto, busca-se entender como Dugin enxerga o mundo e como diversas lentes se misturam para formar um olhar específico sobre a sociedade contemporânea e a História da humanidade. Isso importa pois é a partir desse olhar, muitas vezes visto como ambíguo e contraditório, que Dugin concebe seu projeto revolucionário para a política global. Explorar as ambiguidades e as contradições do autor no empreendimento de mesclar correntes teóricas distintas torna-se, também, aspecto fundamental desta análise. Ainda, é essencial pontuar que a forma como Dugin integra diversos conceitos e categorias sob o guarda-chuva da Quarta Teoria Política é, também, um processo cronológico experimentado pelo próprio autor, sendo fundamental definir, dentro do possível, como se deu a evolução do pensamento de Dugin

a partir da paulatina inserção, assimilação e instrumentalização de diversas correntes teóricas no seio de suas obras.

A partir disso, torna-se possível compreender como Dugin, desde o Círculo de Yuzhinskii, teve ideias tradicionalistas no cerne de sua cosmovisão. Da mesma forma, nos contatos estabelecidos com a Nova Direita Europeia, o autor pôde encontrar ferramentas essenciais para a proposição da Quarta Teoria Política, como a metapolítica e o Etnopluralismo, concebendo um projeto, essencialmente, neofascista. Fruto, enquanto intelectual, do colapso soviético, Dugin apresenta, também, relação embrionária com determinadas noções ligadas à esquerda, em um movimento simbiótico a amplos setores da ultradireita do leste europeu. Por meio desses componentes Dugin edifica sua oposição ao mundo contemporâneo, representado pelo liberalismo, pela hegemonia ocidental e norte-americana e pela globalização. Por fim, o autor postula os princípios geopolíticos de seu pensamento e propõe um mundo multipolar, tradicionalista e neofascista.

Entender a articulação desses componentes é fundamental para compreender a forma como o pensamento duginista se dissemina transnacionalmente, assumindo novas roupagens para se inserir em diferentes contextos nacionais. Dessa forma, é necessário esmiuçar a ideologia duginista para, então, analisar a forma como o Nova Resistência empreende reinterpretações, assimilações e avanços sobre o pensamento de Aleksandr Dugin para propor um projeto revolucionário para o Brasil. Nesse caso, observando as visões do grupo, pode-se notar a prevalência de discursos ligados à união do sul global e do terceiro mundo em oposição à hegemonia norte-atlântica. Esse movimento representa, sumariamente, uma disputa por discursos historicamente ligados à esquerda brasileira, processo já observado em outros espaços de atuação da extrema direita.

Diante disso, ressalta-se a necessidade de compreensão do duginismo para, então, entender os aspectos singulares da ideologia do Nova Resistência, bem como a forma como as ideias de Dugin se inserem em seu mosaico intelectual. Sendo assim, portanto, será possível analisar como o NR se apropria de ideias e conceitos fundamentais para Dugin, como o Etnopluralismo, o Tradicionalismo e discursos neofascistas e a forma como são inseridos na política brasileira.

Esse movimento, por fim, não poderia ser iniciado sem abordar o Tradicionalismo Integral, componente essencial e mais antigo na trajetória intelectual de Aleksandr Dugin. Em esboço, pode-se notar como o Tradicionalismo Integral é evidenciado nos caminhos de Dugin

desde os tempos de Yuzhinskii, sendo componente primário de sua obra. Paralelamente, o direcionamento da atenção do autor em direção a reflexões geopolíticas pode ser notado, sobretudo, a partir do colapso da União Soviética. Diante disso, observa-se a necessidade de analisar não apenas o que é escrito por Dugin, mas também como se apresentam os contextos que são palcos da introdução de cada teoria em sua cosmovisão. Sendo assim, busca-se analisar as principais inspirações teóricas de Aleksandr Dugin, a forma como são condensadas perspectivas sociopolíticas antagônicas em suas obras e as influências contextuais que direcionaram o olhar do autor para determinadas correntes teóricas.

Nesse movimento, para a análise do núcleo teórico duginista, é imperativo realizar um escrutínio rigoroso de sua vasta produção bibliográfica, reflexo das metamorfoses de sua trajetória intelectual do esoterismo clandestino soviético à articulação de uma teoria política de alcance global. As fontes primárias mobilizadas neste capítulo permitem rastrear as bases ontológicas e políticas do autor, iniciando-se por obras seminais como *Puti Absolyuta, Tainy Evrazii e Metafizika Blagoi Vesti*. Estes textos, publicados originalmente sob o selo da organização *Arktogeya*, são fundamentais para compreender a herança do Círculo de Yuzhinskii e a confluência entre o Tradicionalismo Integral, teorias ocultistas e os primeiros esboços do Neo-Eurasianismo, pautados em uma oposição mística e espiritual ao materialismo.

A transição de Dugin para uma esfera de influência institucional e acadêmica é materializada pelo livro *Fundamentos da Geopolítica – O Futuro Geopolítico da Rússia*. Considerado o texto fundador da geopolítica russa na contemporaneidade e manual indispensável em academias militares do país, esta obra é essencial para desvelar a estruturação do pensamento duginista em torno da oposição ao "cosmopolitismo atlantista" e a defesa do destino imperial da Rússia sobre o *Heartland* eurasiático. Já a maturidade de seu projeto intelectual culmina em *A Quarta Teoria Política*, que funciona como o eixo gravitacional desta pesquisa ao propor a superação do liberalismo, do comunismo e do fascismo em favor de uma síntese pautada na Tradição.

O arcabouço documental estende-se a obras que delineiam a expansão transnacional de sua doutrina e o posicionamento crítico do autor diante do cenário político russo sob Vladimir Putin. *Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism* atua como um guia sistemático para a disseminação global de seus conceitos fundamentais, enquanto *Putin vs Putin: Vladimir Putin viewed from the Right* oferece uma análise profunda das tensões entre o "liberalismo patriótico" do regime e as exigências de um destino imperial eurasiático, avaliando Putin como uma figura em uma encruzilhada decisiva.

Por fim, o arcabouço documental estende-se a obras que delineiam a expansão transnacional e a adaptação do duginismo aos dilemas do século XXI. Trabalhos como *Geopolítica do Mundo Multipolar* e *Teoria do Mundo Multipolar* fornecem os subsídios para a proposta de integração global a partir de Grandes Espaços civilizacionais. Concomitantemente, produções recentes como *The Great Awakening vs the Great Reset*, *Templars of the Proletariat* e *The Trump Revolution* evidenciam o esforço contemporâneo do autor em arregimentar uma frente global dissidente, buscando atrair atores de diferentes polos do espectro político contra a Modernidade Ocidental.

Diante diversificação da produção bibliográfica de Aleksandr Dugin ao longo das últimas décadas observa-se que seu projeto intelectual permanece ancorada em um alicerce ontológico comum: o **Tradicionalismo Integral**. Dessa forma, deve-se analisar como a herança tradicionalista constitui o componente mais longo e fundamental de sua trajetória, remontando às suas origens no Círculo de Yuzhinskii e fornecendo a base metafísica para sua negação absoluta da Modernidade Ocidental.

2.1 O TRADICIONALISMO INTEGRAL EM DUGIN

Dentre as múltiplas correntes teóricas que embasam o pensamento do filósofo russo Aleksandr Dugin, o Tradicionalismo Integral se apresenta como uma das mais importantes. Considerando-se um Tradicionalista, mas rejeitando determinadas propostas da corrente, o autor mantém uma relação de contradição e ambiguidade com o pensamento Tradicionalista, ainda que seja posicionado como um dos mais relevantes expoentes do Tradicionalismo nas últimas décadas. Apropriando-se de perspectivas concebidas por Rene Guenón¹³¹ e avançando

¹³¹ Dugin se apresenta como um pensador pós-guenonista, ou seja, alguém que, embora profundamente influenciado por René Guénon e por toda a metafísica da Tradição, propõe uma superação ativa de suas premissas. Em vez de manter a rigidez apolítica e antiprofética típica do guenonismo original, Dugin reinterpreta a Tradição à luz de seu engajamento político, especialmente por meio da Quarta Teoria Política. Nessa chave, a crítica ao mundo moderno não conduz à inação contemplativa ou ao exílio espiritual, mas a um projeto revolucionário antiliberal, ancorado em mitos fundacionais e na ação histórica. Tal posicionamento faz de Dugin, simultaneamente, herdeiro e transgressor do Tradicionalismo guenoniano — um intérprete que transforma a ortodoxia em instrumento de combate metapolítico. Mais em: SEDGWICK, Mark. Aleksandr Dugin's Traditionalist roots. *Studies in East European Thought*, p. 1-16, 2025.

sobre o pensamento de Julius Evola, Dugin está, indiscutivelmente, dentre os mais importantes disseminadores de propostas tradicionalistas na contemporaneidade.

Pode-se destacar, nesse sentido, que Dugin faz parte de um amplo movimento de circulação de perspectivas tradicionalistas em setores da ultradireita contemporânea. Como indica Benjamin Teitelbaum no título de um importante livro a respeito do Tradicionalismo em círculos políticos contemporâneos¹³², “o retorno do Tradicionalismo” no século XXI é um importante aspecto do processo de ascensão da extrema direita na atualidade. Ainda assim, discordâncias fundamentais com Guénón e releituras radicais de sua teoria geram um questionamento ímpar: seria Aleksandr Dugin, fundamental expoente do Tradicionalismo no século XXI, um autêntico expoente do campo tradicionalista?

Antes, é necessário elucidar que o Tradicionalismo Integral é definido como uma doutrina filosófica e espiritual que postula a existência de uma Tradição Primordial única, fonte de todas as religiões e da sabedoria metafísica. Sua História remonta às obras fundadoras de René Guénon, no início do século XX, que, diagnosticando uma profunda degradação espiritual no Ocidente desde o advento da modernidade, estabeleceu os pilares dessa corrente. Posteriormente, pensadores como Julius Evola radicalizaram e difundiram esses postulados, que entendem o deslocamento da sociedade ocidental em direção ao materialismo e ao cientificismo como um processo contínuo de degeneração, contra o qual é necessário um retorno integral aos princípios perenes que regem a civilização.

Por fim, para responder à pergunta anterior, é necessário analisar, minuciosamente, a cosmovisão de Dugin e a manifestação do pensamento tradicionalista em suas obras, sobretudo a partir das inspirações advindas de perspectivas guenonianas e evolianas. Nas obras de tais autores, Dugin encontra elementos essenciais de seu projeto político, sobretudo a partir do entendimento tradicionalista a respeito do que é percebido, em teorias do campo, como a decadência do mundo contemporâneo. Ainda assim, René Guénon e Julius Evola encontram espaços distintos no pensamento duginista, o que pode ser atestado a partir de trabalhos acadêmicos dedicados ao tema.

Da mesma forma, discutir o caráter tradicionalista do duginismo passa, substancialmente, por uma discussão a respeito do Tradicionalismo de Evola, no qual Dugin se baseia para construir parte considerável de seu projeto político-ideológico. Ainda, é importante

¹³² TEITELBAUM, Benjamin R. **War for eternity: The return of traditionalism and the rise of the populist right**. Penguin UK, 2020.

ressaltar que responder ao questionamento supracitado, amplamente debatido em meios acadêmicos, não é suficiente: para entender Dugin e as ramificações transnacionais de seu pensamento é fundamental compreender o papel do Tradicionalismo em sua visão de mundo sobre o passado e em seu projeto global para o futuro.

Diante disso, é importante lembrar que a relação de Dugin com o Tradicionalismo é observada desde sua participação no Círculo de Yuzhinskii, a partir da qual o autor passa a ser um dos mais relevantes disseminadores do pensamento de Evola e Guenón no contexto intelectual soviético, ainda que de forma tímida, como indica Jafe Arnold¹³³. Paralelamente, após o colapso da União Soviética e o consequente processo de abertura política, os ideais tradicionalistas conhecidos por Dugin no Yuzhinskii passam a ser seu principal foco de atuação intelectual. Os primeiros livros do autor¹³⁴, juntamente com edições dos periódicos *Milyi Angel e Elementy*, dedicaram-se profundamente à divulgação de ideias tradicionalistas no contexto russo, processo descrito por Arnold e Marlene Laruelle¹³⁵. Ainda, observa-se a tentativa, por Dugin, de inserir o Tradicionalismo nos movimentos políticos dos quais fez parte no início de sua trajetória intelectual, sobretudo o *Pamyat*, em movimento descrito por Mark Sedgiwick¹³⁶ e o Partido Nacional Bolchevique (PNB), também abordado por Arnold¹³⁷.

Paralelamente, a ruptura de Dugin com o PNB pode ser encarada como a consolidação do pensamento tradicionalista em sua prática política. Deixando o partido em 1998, um ano após se converter ao ramo dos *Antigos Crentes* da Igreja Ortodoxa russa, Dugin escolhe a Tradição¹³⁸ como o eixo fundamental de sua atuação intelectual¹³⁹. Passando a enxergar na Igreja Ortodoxa a tradição histórica da civilização russa, o autor concebe um importante ponto de seu projeto político e cultural para o espaço euroasiático. Paralelamente, o caminho seguido por

¹³³ ARNOLD, 2019, p. 14

¹³⁴ DUGIN, Aleksandr G. *Puti Absolyuta*. Moscou: Arktogeya, 1989.; DUGIN, Aleksandr G. *Tainy Evrazii*. Moscou: Arktogeya, 1996.; DUGIN, Aleksandr G. *Metafizika Blagoi Vesti*. Moscou: Arktogeya, 1996. Reunidos na coletânea: DUGIN, Aleksandr G. *Absolyutnaya Rodina: tri trilogii*. Moscou: Arktogeya, 1999.

¹³⁵ ARNOLD, 2019, p. 54; LARUELLE, 2006, p. 10

¹³⁶ SEDGWICK, 2004, p. 327

¹³⁷ ARNOLD, 2019, p. 80

¹³⁸ O conceito de Tradição, com inicial maiúscula, difere do uso mais amplo e cotidiano do termo, referindo-se à noção de Tradição Primordial no Tradicionalismo Integral. Essa perspectiva entende a existência de uma sabedoria ancestral e universal, originária e imutável, que sustenta todas as expressões autênticas das culturas e religiões ao longo da história. Essa Tradição se opõe radicalmente ao mundo moderno e materialista, marcado pelo declínio espiritual da atual era conhecida como Kali Yuga — um ciclo de degeneração e afastamento dos valores metafísicos que, segundo a doutrina tradicionalista, deve ser superado para que a humanidade retorne à ordem sagrada e ao equilíbrio original.

¹³⁹ ARNOLD, 2019, p. 82

Dugin em direção ao Cristianismo e à Ortodoxia demanda um importante movimento de sua trajetória tradicionalista: a revisão das visões de Rene Guenon sobre o cristianismo¹⁴⁰.

Compartilhando com Guenon uma intransigente rejeição da Modernidade e advogando pelo retorno de fundamentos religiosos ao cotidiano europeu, Dugin busca no filósofo francês as bases para interpretar o declínio da sociedade europeia na contemporaneidade, como indica Jeffrey Byrd¹⁴¹. Nesse sentido, o intelectual russo, assim como Guenón, entende que a sociedade europeia passa por um profundo processo de degradação cultural e espiritual desde o advento da Modernidade. Segundo ambos, o deslocamento das bases socioculturais da sociedade ocidental em direção ao materialismo, ao cientificismo e à laicidade, em detrimento de perspectivas religiosas e escatológicas, criou um processo contínuo de degeneração no espírito humano.

Paralelamente, Dugin e Guenon tem visões radicalmente antagônicas a respeito do que deve ser feito a respeito do referido processo de declínio da sociedade. Para Guenon, combater a Modernidade a partir da ação política é um paradoxo, uma vez que esse movimento estaria, sumariamente, reproduzindo perspectivas modernas. Para o filósofo francês, cabe aos tradicionalistas, individualmente, retomar as bases espirituais que, segundo ele, são base da cultura europeia. Segundo Guenon, deve-se adotar uma postura contemplativa em relação ao declínio contemporâneo, visto como irreversível diante da soberania dos ciclos espirituais sobre a humanidade.

Esses ciclos (*yuga*), descritos por Benjamin Teitelbaum¹⁴², postulam a imutável circularidade da História humana, que estaria destinada a conviver com períodos inevitáveis de declínio e redenção espiritual. O *Kali Yuga*, ciclo contemporâneo, nas leituras de Guenón, Evola, Dugin e demais tradicionalistas, seria a época de mais profunda degradação, na qual apenas poucos teriam acesso a componentes das verdades primordiais. O *Sata Yuga*, por sua

¹⁴⁰ Enquanto Guenon, apesar de convertido ao Islã, entende o Catolicismo como um importante legado da Tradição no Ocidente, apesar de criticar a perda de aspectos iniciáticos e metafísicos na igreja romana, Dugin busca revisar essa visão do filósofo francês ao advogar que a Igreja Ortodoxa Russa oferece um caminho espiritual e social viável dentro de perspectivas tradicionalistas, ao contrário do catolicismo romano. Nesse contexto, é importante ressaltar o aspecto pragmático da aproximação de Dugin com a ortodoxia: no contexto pós soviético, o crescimento da igreja na Rússia foi marcante e a instituição religiosa rapidamente galgou espaço na política. Da mesma forma, em muitos momentos, a Igreja e as crenças ortodoxas foram ponto de convergência na oposição ao governo de Yeltsin, momento fundamental da trajetória política e intelectual de Dugin. Por fim, aceitar a ortodoxia torna-se essencial para Dugin reinterpretar o passado russo e a legitimidade do período imperial: para Dugin, a queda de Constantinopla e a consequente transferência do patriarcado ortodoxo para Moscou são fundamentais para a articulação retórica do eixo eurasiático proposto por Dugin, que estaria na órbita de Moscou.

¹⁴¹ BYRD, 2022, p. 22

¹⁴² TEITELBAUM, 2020, p. 18

vez, seria a desejável era de ouro, na qual a humanidade reestabeleceria pleno contato com a Tradição. Para entender essa visão, porém, é necessário evidenciar a relação estabelecida pelo Tradicionalismo entre as eras e seus protagonistas históricos. Para os tradicionalistas, o *Kali Yuga* seria a era de domínio das massas, materialistas e individualistas, ao passo que a Era Dourada seria liderada pelos sacerdotes. Eras intermediárias seriam de controle, respectivamente, de guerreiros e mercadores. A busca por estratificações sociais bem definidas, inspiradas no Hinduísmo, é marca fundamental do Tradicionalismo e encontrará espaço essencial na cosmovisão de Dugin. Ainda assim, se Guenon adota uma postura passiva em relação à possibilidade de aceleração ou superação dos ciclos, Dugin apresenta outras perspectivas.

O ideólogo russo, portanto, é crítico dos tradicionalistas que seguem a visão guenoniana a respeito da ação política, defendendo que é necessário, para o homem imerso no processo de declínio, subverter-se aos paradigmas da Modernidade e buscar novas alternativas políticas que possibilitem o retorno dos valores Tradicionalistas ao cerne da sociedade europeia. Essa postura, de tal forma, relaciona-se com um amplo processo de disseminação do Tradicionalismo na Rússia pós-soviética, na qual a busca por proposições nacionalistas se tornava fundamental para os grupos de oposição ao governo Yeltsin e sua Terapia de Choque que liberalizou rapidamente a política russa. O Tradicionalismo assume papel fundamental nesse período da trajetória intelectual de Dugin, quando o autor buscava se consolidar como voz importante na defesa do que ele vê como o legado histórico russo. Ainda, o diálogo entre Dugin e autores ligados à Nova Direita Europeia, sobretudo Alain de Benoist, é fundamental pois, a partir dele, o russo encontra, após contatos clandestinos com a doutrina tradicionalistas no período soviético, correntes intelectuais que já aplicavam aspectos do pensamento Tradicionalista em um projeto político ligado a extrema direita.

Esse movimento é fortemente inspirado pela obra de Julius Evola, um dos mais relevantes pensadores a inserir a prática política em teorias tradicionalistas, como evidenciam Andreas Umland e Anton Shekhovtsov¹⁴³ em obra dedicada a esmiuçar os aspectos tradicionalistas do pensamento duginista. Simbiótico a Evola, Dugin buscou construir discursos políticos pautados pelo tradicionalismo como resposta à liberalização da sociedade russa. Paralelamente, em análise comparativa acerca do *katechon*¹⁴⁴ em textos de Dugin, Karl Schmitt

¹⁴³ SHEKHOVTSOV, UMLAND, 2009, p. 667.

¹⁴⁴ O conceito de *katechon* refere-se à força ou princípio que retém o avanço do caos e da destruição. De origem bíblica, o termo foi posteriormente retomado por Carl Schmitt para designar o poder ou instituição capaz de conter a desordem e adiar o colapso da ordem mundial.

e do apóstolo cristão Paulo, Jeffrey Byrd aponta uma convergência entre Dugin e Evola: segundo ambos, haverá um inevitável conflito pelo futuro da humanidade entre Tradicionalistas e forças materialistas e cosmopolitas, defensoras da Modernidade¹⁴⁵. Essa ideia de choque de civilizações é fundamental na cosmovisão duginista e será construída a partir da união dos preceitos tradicionalistas evolianos com a intelectualidade de outras correntes de extrema direita.

Paralelamente, pode-se perceber um distanciamento entre Dugin e Evola diante de suas perspectivas a respeito da organização social ideal da humanidade. Como aponta Ângelo Segrillo, pioneiro nos estudos sobre o duginismo em academias brasileiras, em tese dedicada ao estudo da identidade russa em diferentes correntes intelectuais, as diferenças estão, em retomada do sistema de castas do hinduísmo, em quem deve estar no topo da sociedade hierárquica que ambos pretendem construir. Desse modo, Evola defende que os Xátrias, guerreiros, devem estar no topo da sociedade, enquanto Dugin, seguindo preceitos de Rene Guenon e da tradição do hinduísmo, advoga pela manutenção dos brâmanes, sacerdotes, como pilar social primário¹⁴⁶. Nesse contexto, destaca-se o elitismo do pensamento tradicionalista em relação a organização da sociedade e a valorização de estruturas sociais altamente hierarquizadas a partir de preceitos espirituais. Além de, muitas vezes, idealizar o sistema de castas e outros modelos pré-modernos de organização social, pensadores tradicionalistas concebem que, no mundo contemporâneo, apenas uma elite intelectual e espiritual conseguiria manter contato com as verdades primordiais, enquanto as massas se corromperiam no materialismo e no individualismo modernos.

Diante disso, é possível perceber que ideais tradicionalistas estão no centro da visão de mundo duginista, embasando o projeto político da Quarta Teoria Política. Isso é nítido, por exemplo, ao observar a visão de Dugin sobre o espectro político: para o intelectual russo, a divisão entre esquerda e direita, tradicionalmente postulada, limita-se à política moderna. Como indica Marlene Laruelle, historiadora do pensamento duginista, Dugin propõe um novo espectro definido a partir das interpretações políticas a respeito da História da ação oriunda dessas visões. Nesse espectro, estariam à extrema esquerda aqueles que enxergam a História como progresso e buscam contribuir para o avanço da Modernidade. Ao centro, situam-se os que veem a História como constância, advogando pelo equilíbrio entre o material e o espiritual. Por fim, à direita, estariam os que enxergam a História como decadência e urgem pela restauração

¹⁴⁵ BYRD, 2022, p. 28

¹⁴⁶ SEGRILLO, 2016, p. 184.

espiritual e escatológica da humanidade¹⁴⁷. Para Dugin, a única posição viável para os tradicionalistas, em seu próprio espectro político, seria na extrema direita. Nesse ponto, o espectro político criado por Dugin converge com um movimento comum da extrema direita do espectro político convencional, como indica Zdzislaw Mach¹⁴⁸: a construção simbólica e teórica de um passado idealizado, no qual as tradições promoveriam valores permanentemente estáveis e não relativos. As supostas certezas de um passado imaginado, portanto, são contrapostas às ambiguidades e incertezas do mundo real contemporâneo.

Nesse sentido, apresentando a Tradição como pilar de seu projeto político, Dugin estabelece as bases de seu pensamento a partir de noções intimamente ligadas ao pensamento tradicionalista. Nesse sentido, o autor encontra, no Tradicionalismo, uma filosofia que sustenta sua negação fundamental da modernidade e do liberalismo. A partir disso, Dugin delimita suas perspectivas a respeito do pensamento tradicionalista¹⁴⁹:

O tradicionalismo – é a forma de conservadorismo que afirma: os momentos separados que despertam nossa rejeição não são ruins, tudo que é moderno é ruim. “A ideia de progresso é ruim, a ideia de desenvolvimento técnico é ruim, a filosofia do sujeito e do objeto de Descartes é ruim, a metáfora newtoniana do relojoeiro é ruim, a ciência positiva moderna e a educação e pedagogia que se baseiam nela são ruins”. “Essa episteme – diz o conservador-tradicionalista ainda – não serve de modo algum. Esta é uma episteme totalitária, falsa, negativa, com a qual nós deveríamos lutar”. E em seguida, para continuar sua reflexão: “Eu gosto apenas daquilo que foi antes do início da Modernidade”. É possível prosseguir ainda mais e sujeitar a críticas àquelas tendências que fizeram possível a emergência da Modernidade na sociedade tradicional. Indo até emergir a ideia de tempo linear.

Nesse cenário, definindo sua crítica da modernidade e do iluminismo, em sua plenitude, e identificando o declínio cultural do *Kali Yuga* com processos históricos concretos do mundo contemporâneo, Dugin postula a necessidade de união daqueles que ainda carregam resquícios da Tradição. Dessa forma, o autor indica a necessidade de um conflito entre os tradicionalistas e o ocidente¹⁵⁰:

Então, todos os tradicionalistas devem ser contra o Ocidente e contra a globalização, assim como contra as políticas imperialistas dos Estados Unidos. Esta é a única posição lógica e responsável. Então os tradicionalistas e os partisans dos princípios e valores tradicionais devem se opor ao Ocidente e defender o Resto, caso o Resto mostre sinais de conservação da Tradição, quer em parte, quer inteiramente.

Dessa forma, Dugin propõe a criação de um programa político essencialmente antagônico à modernidade. Caminhando para perspectivas morais a respeito de seus inimigos,

¹⁴⁷ LARUELLE, 2006, p. 12

¹⁴⁸ MACH, Zdzislaw. Right-wing populism, Euroscepticism, and neo-traditionalism in Central and Eastern Europe. In: **The right-wing critique of Europe**. Routledge, 2022. p. 26.

¹⁴⁹ DUGIN, Alexander. **A Quarta Teoria Política**, 1ª Edição. Tradução: Raphael Machado. Caxias do Sul: ARS Regia, 2021a, p. 218

¹⁵⁰ DUGIN, *op. cit.*, p. 188.

o autor proclama a manifestação contemporânea do grande conflito entre Tradição e modernidade a partir da atuação de processos históricos da política atual¹⁵¹:

Agora é seguro instituir como programa político aquilo que foi banido pela modernidade. E isso não mais parece tão tolo e destinado à derrota quanto antes – pelo menos porque tudo na pós-modernidade parece tolo e destinado à derrota, inclusive seus aspectos mais “glamourosos”. Não é por acaso que os heróis da pós-modernidade são “aberrações” e “monstros”, “travestis” e “degenerados” – essa é a lei do estilo. Contra o pano de fundo dos palhaços do mundo nada e ninguém pode parecer “arcaico demais”, mesmo as pessoas da Tradição que ignoram os imperativos da vida moderna. A validade dessa asserção não é provada apenas pelas conquistas significativas do fundamentalismo islâmico, mas também pelo ressurgimento da influência exercida pelas vastamente arcaicas seitas protestantes (dispensacionalistas, mórmons, etc.) na política externa americana.

Paralelamente, o filósofo russo defende a formação de um sistema educacional baseado perspectivas fortemente ligadas ao Tradicionalismo, como o estudo teológico, metafísico, da tradição medieval e de sistemas não ocidentais de pensamento¹⁵². Nesse sentido, observa-se o interesse de Dugin por ampliar, de forma basilar, o estudo de conceitos fundamentais para seu projeto político, inspirados pelo Tradicionalismo. Essa perspectiva é confluyente com os esforços metapolíticos do intelectual pela difusão de ideias que criem um contexto favorável para o retorno de condições políticas, sociais e culturais do período pré-moderno. Dessa forma, Dugin identifica a ordem mundial unipolar, prevalente no mundo contemporâneo, com o *Kali Yuga*, conceito tradicionalista que define o período de degradação do espírito humano a partir do distanciamento em relação à Tradição Primordial¹⁵³.

A criação dessas condições, para Dugin, passa por uma necessidade de *aceleração*¹⁵⁴ da degradação cultural da Modernidade, vista como necessária para permitir o renascimento do espírito humano¹⁵⁵. Nesse ponto, observa-se uma aproximação do pensamento duginista com o campo aceleracionista, que postula a aceleração dos processos políticos, culturais, sociais e econômicos como forma de alcançar determinados fins políticos. Originado em meios acadêmicos nos anos 1990, sobretudo a partir dos trabalhos do britânico Nick Land, o Aceleracionismo se ramifica em duas vertentes. A primeira, de matriz marxista, busca a

¹⁵¹ DUGIN, *op. cit.*, p. 16.

¹⁵² MAIZ, 2023, p. 12

¹⁵³ SEDGWICK, 2004, p. 330

¹⁵⁴ No pensamento tradicionalista, o conceito de aceleração refere-se à intensificação do processo de afastamento da humanidade em relação à Tradição Primordial ao longo da história, especialmente a partir da Idade Média e, de forma mais contundente, desde a Renascença. Essa aceleração marca a transição do contato consciente com valores espirituais universais para uma involução marcada pelo predomínio do materialismo e da fragmentação cultural, situando a humanidade na era das trevas da Kali Yuga. Diferente das visões evolutivas modernas, para autores como René Guénon e Julius Evola, esse movimento não é progresso, mas uma intensificação do declínio espiritual e cultural, em que as últimas manifestações autênticas da Tradição desaparecem rapidamente diante da modernidade.

¹⁵⁵ MOSBEY, 2015, p. 24

transição para um mundo pós-capitalista a partir da aceleração do desenvolvimento tecnológico. A segunda, mais próxima do pensamento duginista, é definida pela extrema direita e propõe ações violentas como forma de impulsionar processos erosivos na política contemporânea de forma a permitir o colapso e superação da hegemonia liberal.

Como indica Kieran Aarons¹⁵⁶, o campo aceleracionista está fortemente associado ao fenômeno dos assassinatos em massa, com menções explícitas ao conceito de Iluminismo Sombrio, formulado por Nick Land, em manifestos publicados seguintes a tais atos performáticos de violência. Em síntese, Dugin e o campo aceleracionista compartilham visões semelhantes a respeito da decadência cultural contemporânea e propõem o aumento das tensões como estratégia para causar o colapso da ordem mundial atual. Ainda assim, contatos entre o ideólogo russo e as correntes da extrema direita explicitamente vinculadas ao aceleracionismo¹⁵⁷ são pontuais.

Nesse sentido, perspectivas tradicionalistas são essenciais para embasar o caráter palingenésico do pensamento duginista¹⁵⁸. A Palingenesia, no contexto do fascismo, é definida por Roger Griffin como o núcleo mítico mobilizador das ideologias fascistas, fundamentado na ideia de um "renascimento nacional". Parte-se da visão de que a nação está em crise profunda, decadente ou corrompida, e que só poderá ser restaurada à sua glória original por meio de uma ruptura revolucionária que destrua a velha ordem e instaure uma nova era. Esse mito de regeneração é o que distingue o fascismo de outros movimentos autoritários ou reacionários, conferindo-lhe um impulso radicalmente modernizador e redentor. Para Griffin, o fascismo é, essencialmente, uma forma de ultranacionalismo palingenésico. Nesse contexto, a Quarta Teoria Política é apresentada como um agente de aceleração do “fim dos tempos”, na perspectiva de Dugin, ao mesmo tempo em que é posicionada como o núcleo teórico destinado a embasar a criação de um novo mundo após o supostamente inevitável colapso da Modernidade.

Para atingir esse objetivo, Dugin concebe os sujeitos revolucionários da Quarta Teoria Política a partir da noção de “Sujeito Radical”¹⁵⁹, antagônico à postura passiva e contemplativa

¹⁵⁶ AARONS, Kieran. *Genealogy of Far-Right Accelerationism*. 2023, p. 263.

¹⁵⁷ A corrente da Neoreaction (NRx), formulada por Nick Land e Mencius Moldbug, constitui uma vertente derivada do aceleracionismo, reinterpretando sua lógica em chave política. A NRx defende que a aceleração levaria ao colapso das democracias liberais e à emergência de formas hierárquicas, tecnocráticas e pós-democráticas de governo.

¹⁵⁸ SHEKHOVTSOV, 2021, p. 7

¹⁵⁹ Enxergando Evola, demais tradicionalistas políticos e, provavelmente, ele mesmo como “Sujeitos Radicais”, Dugin posiciona o conceito como os “Novos Filósofos”, ou o quarto homem, do modelo dos quatro homens estabelecido por Heidegger. Nessa perspectiva, a noção dos “quatro homens”, elaborada por Heidegger, expressa

defendida pelos tradicionalistas integrais. Segundo o ideólogo russo, o “Sujeito Radical” heideggeriano seria capaz de reconhecer o caos estabelecido na comunidade humana a partir do advento do espírito moderno¹⁶⁰ e buscaria fazer parte do mundo em que se insere de forma transitória, como meio de transformá-lo de acordo com perspectivas tradicionalistas. Para Dugin, o “Sujeito Radical” é antagonista do que ele entende como “Anticristo Coletivo”, ou seja, a massa de indivíduos modernos que, a partir da aceitação do materialismo e do individualismo modernos, tornar-se-iam agentes da degradação do espírito e do esgotamento da Tradição no mundo contemporâneo.

Por fim, pode-se observar que Dugin busca, a partir do Tradicionalismo, conceber um projeto político capaz de lutar contra a modernidade. Nesse sentido, o autor postula que sua luta idealizada poderia ser travada por atores múltiplos, muitas vezes antagônicos no contexto contemporâneo. Dessa forma, devem se unir todos aqueles que são afetados pelas chagas da modernidade, em luta pela Tradição¹⁶¹:

Outra questão é a da estrutura de uma possível frente anti-globalista e anti-imperialista e dos seus participantes. Eu creio que nós devemos incluir nela todas as forças que lutam contra o Ocidente, contra os Estados Unidos, contra a democracia liberal, contra a modernidade e a pós-modernidade. O inimigo em comum é a instância em comum para todos os tipos de alianças políticas. Muçulmanos, cristãos, russos e chineses, tanto esquerdistas quanto direitistas, os hindus e judeus que desafiam o atual estado das coisas, a globalização e o Imperialismo Estadunidense. Portanto, todos eles são virtualmente amigos e aliados. Nossas ideias podem ser diferentes, mas nós temos uma característica muito forte em comum: o ódio pela realidade social atual. Nossas ideias que diferem são potenciais (in potentia). Mas o desafio com que lidamos é real (in actu). Então, esta é a base para uma nova aliança. Todos que compartilhem de uma análise negativa sobre a globalização, a ocidentalização e a pós-modernização, devem coordenar seus esforços para a criação de uma nova estratégia de resistência ao Mal onipresente. E nós podemos achar aliados em comum mesmo nos Estados Unidos, assim como, entre aqueles que escolheram a via da Tradição sobre a decadência atual.

Essa visão, particularmente, assumirá papel fundamental no esforço de síntese antiliberal empreendido por Dugin na concepção da Quarta Teoria Política. Dessa forma, o

diferentes modos de ser e de compreender o mundo ao longo da história do pensamento ocidental. O primeiro homem corresponde ao grego arcaico, em cuja experiência o Ser ainda se manifesta de forma originária, vinculada ao sagrado e à physis. O segundo homem, o metafísico, inaugura-se com Platão e Aristóteles, momento em que o Ser passa a ser pensado a partir do ente e da razão conceitual. O terceiro homem, o moderno, representa o sujeito humanista e técnico, que transforma o mundo em objeto de cálculo e domínio, esvaziando o mistério do existir. Já o quarto homem, anunciado por Heidegger, seria aquele capaz de superar a metafísica e a era da técnica, abrindo-se novamente à escuta do Ser e a um modo de habitar o mundo não reduzido à racionalidade instrumental. Mais em: DREYFUS, Hubert L. interpreting Heidegger on das Man. **Inquiry**, v. 38, n. 4, p. 423-430, 1995.

¹⁶⁰ Ainda que reconheça na Modernidade a consolidação do processo de degradação espiritual da humanidade, Dugin observa o princípio d instauração do caos humano a partir da Idade do Ferro, visto como o último momento de organização espiritual plena da espécie humana. É importante ressaltar, porém, que enquanto Dugin atrela conceitos tradicionalistas a processos históricos específicos, como o cismo da Igreja Ortodoxa, a Idade do Ferro, neste caso, é tida como um período indefinido, dentro da lógica tradicionalista de separação da trajetória humana em eras espirituais, não podendo ser correlacionada com a Idade do Ferro conceitualmente definida pela ciência moderna.

¹⁶¹ DUGIN, 2021a, p. 188.

autor se apropria de preceitos tradicionalistas buscando unir atores antagônicos, mas que compartilhem visões antiliberais contrárias a globalização e à hegemonia do ocidente e dos Estados Unidos no mundo contemporâneo, para propor um projeto revolucionário amplo de combate à Ordem Mundial estabelecida após o colapso do comunismo soviético.

Diante disso, pode-se perceber que ideias tradicionalistas assumem um papel fundamental na constituição do pensamento de Aleksandr Dugin. Sendo um dos principais componentes da doutrina duginista, o Tradicionalismo embasa, diametralmente, a cosmovisão de Dugin e, ao mesmo tempo, o projeto da Quarta Teoria Política. Ainda assim, as diferenças fundamentais entre Dugin e os pais fundadores do Tradicionalismo, sobretudo em relação à ação política, criam um contexto de ambiguidade acadêmica no que se refere à classificação de Dugin como um tradicionalista. Esse assunto é explorado, de forma ampla, na historiografia e em outras áreas das ciências humanas.

Inicialmente, observa-se que Mark Sedgwick¹⁶² posiciona Dugin como um dos mais importantes expoentes de ideias tradicionalistas, enxergando o filósofo russo como o último grande transformador do Tradicionalismo no século XX. Para o autor, Dugin assimila ideias tradicionalistas de forma a inseri-las no contexto da Europa oriental, em geral, e da Rússia, em específico. Revitalizando e reinterpretando o Tradicionalismo, Dugin é capaz posicioná-lo em correntes majoritárias da política russa ao longo das últimas décadas, combinando ideais tradicionalistas com o pensamento geopolítico. Dessa forma, admitindo a volatilidade do Tradicionalismo, para além de seus primeiros expoentes, Sedgwick entende Dugin como um dos mais importantes tradicionalistas do século XX.

Desse modo, Sedgwick entende que os esforços de Dugin e Evola, entre outros, para combinar ideais tradicionalistas à política são parte de um empreendimento político e intelectual. Para o autor, os intelectuais em questão buscaram levar indivíduos e organizações de extrema direita para o campo tradicionalista. Da mesma forma, o Tradicionalismo seria importante para Dugin ao possibilitar a combinação de elementos existenciais às proposições geopolíticas do ideólogo russo. Ainda, Sedgwick analisa a genealogia do pensamento tradicionalista na Rússia, relacionando-a ao Yuzhinskii e destacando a importância de membros do grupo para a disseminação da corrente no contexto soviético. Por fim, o autor trata as ideias de Dugin como parte de um “Tradicionalismo brando”¹⁶³, no qual estariam presentes as bases

¹⁶² SEDGWICK, 2004.

¹⁶³ *Soft traditionalism*, no original.

intelectuais do campo, mas sem contemplar a radical passividade defendida por René Guenón e outros tradicionalistas clássicos.

Por outro lado, Anton Shekhovtsov e Andreas Umland¹⁶⁴ contestam a classificação do ideólogo russo como um verdadeiro tradicionalista, em diálogo e contraposição constantes com Sedgwick. Ressaltando as diferenças entre o pensamento guenoniano e o duginismo¹⁶⁵ e reconhecendo o papel de Evola na concepção do pensamento de Aleksandr Dugin, os autores entendem que o italiano promove uma profunda revisão na obra de Guenon, e não uma extrapolação consistente do Tradicionalismo. Ainda, os autores apontam a prevalência de temas tradicionalistas em correntes da Nova Direita Europeia, mas entendem que se tratam de interpretações distorcidas, instrumentalizadas para a proposição de projetos políticos distantes das determinações fundacionais do Tradicionalismo.

Dessa forma, os autores reconhecem a importância de Dugin no processo de disseminação do pensamento tradicionalista na Rússia, sobretudo em seus empreendimentos editoriais. Sedgwick e Umland, portanto, não vêem as obras do intelectual russo como expressões autênticas do campo tradicionalista, mas como instrumentalizações das teorias do campo em combinação a preceitos definidos pela Nova Direita Europeia. Evola, por sua vez, estaria distante dos ideais originais do tradicionalismo ao inserir ideias como as de Fredrik Nietzsche e Oswald Spengler.

Por fim, os autores debatem a reprodução das perspectivas de Sedgwick nos estudos acadêmicos a respeito do duginismo. Questionando essas posições, Shekhovtsov e Umland, portanto, veem o tradicionalismo como parte de uma “combinação sincrética, quase aleatória” que compõe o arsenal teórico do pensamento de Aleksandr Dugin. Desse modo, a partir, sumariamente, da comparação entre as ideias de Dugin e Guenon, os autores rejeitam a classificação de Dugin como um tradicionalista, que seria uma máscara para sua natureza verdadeiramente fascista.

Por fim, John Cody Mosbey¹⁶⁶, em sua tese de doutorado a respeito das inspirações filosóficas presentes na obra de Aleksandr Dugin, indica outros caminhos. Para ele Dugin, assim como Evola, é um Neo-Tradicionalista. Dessa forma, Mosbey enxerga duas diferenças

¹⁶⁴ SHEKHOVTSOV; UMLAND, 2009.

¹⁶⁵ Além da já mencionada diferença entre Guenon e Dugin a respeito da ação política, cabe mencionar que os intelectuais em questão discordam no que se refere à modernização: para Guenon, qualquer modernização corrompe o espírito humano e deve ser combatida. Para Dugin, o problema está na modernização ocidental, cosmopolita e materialista, que ataca as tradições humanas.

¹⁶⁶ MOSBEY, 2020.

fundamentais entre o Neo-Tradicionalismo e o Tradicionalismo Integral: o primeiro propõe a ação política como ferramenta capaz de acelerar o fim da decadência espiritual moderna e é aplicado, efetivamente, em projetos políticos de extrema direita. O segundo, por sua vez, propõe a contemplação espiritual como única alternativa para o enfrentamento dos tempos modernos. Dessa forma, o Neo-Tradicionalismo, ao contrário de seu correlato original, interno e passivo, se projeta ao externo como elemento teórico do pensamento duginista, com ideais tradicionalistas inseridos na agenda geopolítica de Dugin na busca por uma teoria política viável para se opor à hegemonia ocidental. Mosbey, ainda, enxerga maior aproximação entre o Neo-Tradicionalismo duginista e o fundamentalismo do que propriamente com o Tradicionalismo Integral.

Diante disso, é importante elucidar que o conceito de Neo-Tradicionalismo não é exclusivo às análises de Mosbey a respeito do duginismo. Segundo Zdzislaw Mach, o Neo-Tradicionalismo surge como estratégia política na busca pela retomada de valores tradicionais. Essa estratégia, por sua vez, é inserida tanto em círculos de extrema direita, na oposição à globalização, quanto em setores pós-coloniais que buscam remover as marcas do colonizador na formação de Estados independentes. Para o autor, o campo ultradireitista do Neo-Tradicionalismo elenca três características fundamentais na Europa pós-comunista: a rejeição do comunismo, das políticas pós-comunistas e, sobretudo, da modernidade liberal e progressista, hegemônica no século XXI. Leituras distorcidas do passado são, dessa forma, essenciais para o Neo-Tradicionalismo, ao possibilitar a criação de passados idealizados que, supostamente, não estariam impregnados com as incertezas do mundo contemporâneo.

Com a combinação de ideias guenonianas com preceitos evolianos de ação política, Dugin concebe uma síntese, conceituada por Mosbey como Tradicionalismo Aplicado. Com ideias tradicionalistas embasando substancialmente a diametral oposição de Dugin ao liberalismo ocidental, de forma a justificar seus preceitos geopolíticos, torna-se impossível afastar o intelectual russo do rótulo de tradicionalista, ainda que seja possível complexificar o conceito para abarcar as diferenças entre Dugin e Guenon. Ainda assim, Mosbey ressalta que o Tradicionalismo de Dugin, para além das análises conceituais, deve ser estudado a partir de seu impacto geopolítico e seu potencial de embasamento para a atuação de grupos revolucionários, na Rússia e em outros espaços.

Sendo assim, é possível e necessário reafirmar a centralidade do pensamento tradicionalista na construção da cosmovisão de Aleksandr Dugin. Se em seus diagnósticos do mundo contemporâneo o ideólogo russo concebe uma central visão de decadência, associada

aos ciclos tradicionalistas, suas utopias e projetos de reorganização social passam, sumariamente, por ideias ligadas ao Tradicionalismo Integral. Ainda, Dugin foi, indiscutivelmente, fundamental para a disseminação de preceitos tradicionalistas no espaço russo pós-soviético, seja a partir de sua atuação intelectual ou editorial.

A construção de uma visão de mundo pautada pelo Tradicionalismo traz, para Dugin, a possibilidade de edificar um projeto político revolucionário profundamente vinculado a questões morais e espirituais, que acompanham os diálogos estabelecidos pelo autor com diversos campos da teoria política. Esse movimento, porém, não é singular a Dugin. Como demonstra Benjamin Teitelbaum, observa-se a formação de um campo intelectual e político ligado ao Tradicionalismo e à ultradireita contemporânea. Com relativo acesso institucional a partir de Dugin, Steve Bannon e Olavo de Carvalho, em associação com políticos de direita radical, ideias tradicionalistas passam, cada vez mais, a permear os processos ligados à ascensão da ultradireita na contemporaneidade.

Classificar Dugin, ou não, como um autêntico expoente do Tradicionalismo é tarefa tangente aos propósitos desta pesquisa, mas os debates intelectuais a respeito desse dilema trazem perspectivas fundamentais para a compreensão do fenômeno de ressurgência do pensamento tradicionalista, em geral, e de construção dos preceitos duginistas, em específico. Nesse sentido, é fundamental evidenciar que, em concordância com Shekhovtsov e Umland, tratar Dugin como um tradicionalista pode ocultar a caracterização de Dugin a partir de outros conceitos que estão presentes em seu projeto político. Notadamente, afirmar que Dugin é um tradicionalista não pode impedir que se evidencie os aspectos (neo-) fascistas de sua cosmovisão. Paralelamente, em um contexto acadêmico de busca por novos conceitos que representem as características fundamentais da ultradireita contemporânea, a vinculação de Aleksandr Dugin ao Neo-Traducionalismo, proposta por John Cody Mosbey, pode trazer ferramentas importantes para a abordagem conceitual do pensamento duginista.

Paralelamente, entender o Tradicionalismo duginista é essencial para a compreensão dos avanços e apropriações promovidos pela Nova Resistência para inserir a Tradição em seu projeto político para o Brasil. A partir da particularidade histórica do caso brasileiro, a reinvenção do passado na busca por uma era de ouro dominada pela Tradição é aspecto essencial dos movimentos intelectuais promovidos pelo Nova Resistência. Em simbiose com Dugin, o NR busca ideais tradicionalistas para propor ações revolucionárias que conduzam o Brasil no caminho da Tradição construída retoricamente pelo grupo a partir da idealização do passado. Com preceitos duginistas no cerne de sua atuação, compreender os objetivos e

discursos do Nova Resistência passa, substancialmente, por entender o papel do Tradicionalismo em Dugin.

Dessa forma, pode-se analisar como o Tradicionalismo Integral permeia a obra de Aleksandr Dugin, fenômeno que se relaciona tanto à efervescência de visões esotéricas e ocultistas em círculos intelectuais dos anos finais da URSS, quanto à formação de novos discursos ligados ao Tradicionalismo em setores importantes da extrema direita contemporânea. Esse fenômeno se manifesta concretamente no Brasil, onde pode-se observar uma clivagem na extrema-direita em campos que se opõem em questões geopolíticas, sociais e econômicas, mas compartilham de uma base tradicionalista. Um dos mais importantes agentes no lado *dissidente* dessa clivagem é o grupo Nova Resistência, que avança sobre o tradicionalismo, sobretudo duginista, para propor um projeto político para o Brasil a partir da Quarta Teoria Política.

Diante disso, é possível perceber como o conjunto de ideias ligadas ao Tradicionalismo Integral sustentam, de forma basilar, a visão de mundo defendida por Aleksandr Dugin, bem como embasam o projeto de futuro proposto pela Quarta Teoria Política. Com evidentes inspirações no pensamento de René Guenon e, sobretudo, Julius Evola, o duginismo se apresenta, indiscutivelmente, como um dos mais importantes polos de disseminação, reflexão e reinterpretação de ideias tradicionalistas na contemporaneidade. Ainda que existam divergências entre Dugin e os pais fundadores do Tradicionalismo Integral, o autor é um dos mais importantes expoentes da corrente no mundo contemporâneo. Suas extrapolações, por fim, indicam caminhos para outras inspirações. Se o Tradicionalismo está no cerne da cosmovisão duginista, estão nas direitas, em geral, e na extrema direita, em específico, os elementos através dos quais Aleksandr Dugin propõe seu projeto revolucionário.

2.2 DUGIN E IDEOLOGIAS DIREITA

Analisar as relações entre Dugin e correntes teóricas vinculadas à direita do espectro político convencional significa refletir acerca do principal ponto de inflexão presente em seu projeto global. Se estão no Tradicionalismo Integral os principais elementos analíticos que permitem a Dugin interpretar o passado e o presente, é na intelectualidade das direitas em que se encontram os instrumentos pelos quais o russo propõe seu projeto revolucionário. Especialmente embasado em aspectos do fascismo histórico, da Revolução Conservadora e da

Nova Direita Europeia, o autor está intimamente ligado a ideias historicamente vinculadas a ideologias de direita, sobretudo em suas vertentes mais radicais. Ainda assim, diante da natureza camaleônica do pensamento de Dugin negação duginista do liberalismo, resta um questionamento importante: Dugin é de direita?

Esse questionamento, quando aplicado apenas a Dugin, exige a análise de inúmeros componentes teóricos e ideológicos de suas obras. Ainda assim, ao estender a abrangência da pergunta para todo o duginismo, encontra-se uma miríade de grupos e indivíduos que, sob influência do pensamento de Aleksandr Dugin, que se dissipa transnacionalmente, apresentam distintas leituras e projetos políticos para suas respectivas realidades nacionais. O Nova Resistência se insere nesse contexto, utilizando, instrumentalizando e interpretando as propostas de Dugin em assimilação a correntes teóricas e culturais autóctones.

O movimento transnacional de ideias, atores e propostas é fundamental no processo de análise do fenômeno de ascensão da extrema direita na contemporaneidade. Como atestam inúmeras pesquisas acadêmicas, o fluxo de ideias entre diferentes países e continentes é essencial para a formação do amplo campo ultradireitista da contemporaneidade. Ao articular ideias e conceitos utilizados pela ultradireita ao longo do último século e ao vincula-los ao Tradicionalismo e outros campos político-filosóficos, Dugin propõe a concepção da Quarta Teoria Política.

Paralelamente, próprio Dugin responde à pergunta inicial em diversos momentos de sua trajetória intelectual, mas, antes, é necessário evidenciar que, muitas vezes, Dugin propõe novas dimensões para o espectro político tradicional. Nesse sentido, para ele, ser de direita ou esquerda não se refere à posição de um grupo ou indivíduo diante das desigualdades e do papel do Estado sobre elas. Como aponta Norberto Bobbio¹⁶⁷, ao refletir sobre os conceitos de esquerda e direita no mundo pós-Guerra Fria, a diferença central contemporânea entre esquerda e direita reside nas prioridades entendidas por cada um dos campos a respeito da organização socioeconômica. À direita, estariam aqueles que reconhecem as desigualdades, mas entendem que a intervenção do Estado sobre elas pode prejudicar elementos considerados mais importantes, como a liberdade econômica. A esquerda, por sua vez, entenderia como papel do Estado intervir diante de desigualdades.

¹⁶⁷ BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1995. p. 101.

A partir dessa perspectiva, pode-se analisar que à extrema-direita estariam aqueles que condenam assiduamente qualquer intervenção estatal diante de contextos de desigualdade e, sobretudo, os que veem aspectos positivos em distintas formas de ordenação e estratificação social. Inequivocamente, é necessário destacar a fluidez de tais conceitos e a necessidade de observá-los a partir do contexto em que se inserem. Ademais, a complexidade de cada campo e as limitações da dicotomia esquerda-direita para analisar processos e fenômenos políticos concretos implicam na necessidade de buscar as concepções dos próprios atores sobre o lugar que entendem ocupar no espectro político.

Diante disso, também é possível perceber a clara inclinação de Dugin ao campo da extrema-direita. Para o russo, as desigualdades são desejáveis na construção de um novo mundo pautado por seus preceitos intelectuais. Nesse processo, o Tradicionalismo assume papel fundamental e, no que Mach descreveria como um movimento neo-tradicionalista, Dugin constrói passados idealizados nos quais a Tradição de sociedades altamente hierarquizadas e estratificadas libertaria a humanidade da decadência moderna. Nesse argumento, portanto, Dugin entende que determinadas desigualdades são, na verdade, aspectos culturais que devem ser preservados diante do avanço da globalização liberal.

O ideólogo russo, porém, propõe uma nova leitura do espectro político, na qual as diferenças entre direita e esquerda se definem a partir da visão de cada um dos campos sobre passado e futuro. Na visão de Dugin, à direita estariam os que vêem o passado como desejável e o futuro sob as lentes da decadência presente, postulando pela defesa, preservação e conservação de elementos culturais, sociais, políticos e econômicos do passado. À esquerda, por sua vez, estariam os que veem o futuro como progresso e leem negativamente o passado. Ao centro, estariam os que prezam pelo equilíbrio entre o progresso e a tradição. Dessa forma, ao enxergar a humanidade em profundo declínio espiritual e advogando pela transcendência da modernidade, a partir de meios revolucionários, Dugin se coloca na extrema direita de seu próprio espectro político¹⁶⁸.

Ainda assim, é possível e necessário debater o posicionamento das ideias de Dugin no espectro político convencional, buscando as origens de suas principais inspirações teóricas e suas relações com experiências históricas ligadas ao pensamento revolucionário de direita. Nesse sentido, pode-se identificar uma correspondência nítida entre o pensamento duginista e

¹⁶⁸ LARUELLE, 2006, p. 12

a palingenesia¹⁶⁹, aspecto fundamental do fascismo genérico definido por Roger Griffin¹⁷⁰. Segundo o autor, o fascismo se define a partir da diversidade de movimentos que combinam o ultranacionalismo palingenésico, que busca reerguer a nação.

Percebendo uma “severa crise étnica, biológica e espiritual”¹⁷¹ na civilização eurásiana, que se destina a suportar um amplo “processo orgânico étnico-cultural” para transcender a decadência, Dugin apresenta um componente fundamental de sua obra que a relaciona ao fascismo. A predileção do autor por temas ligados à lógica de declínio moderno e renascimento da tradição está evidente em diversos campos de sua obra. Nesse sentido, a “Quarta Teoria Política” oferece amostras importantes de como Dugin enxerga a modernidade como o ápice da degradação do espírito humano, ao passo em que apresenta seu projeto revolucionário como o meio de superar o declínio contemporâneo¹⁷²:

Estamos em frente a um problema realmente crucial. Um grande número de pessoas hoje não está satisfeita com o que está acontecendo a seu redor, com absoluta crise de valores, religiões, filosofia, ordem política e social, com as condições pós-modernas, com a confusão e perversão, com a era da decadência extrema. (...) Assim, a única maneira de nos salvarmos, de salvar a humanidade e a cultura dessa armadilha é dar um passo além da cultura logocêntrica, em direção ao Caos.

O postulado duginista da busca pelo caos como meio de criar condições para a concretização do projeto revolucionário quartopolitista é constante nas obras do autor, assim como a identificação das bases do Iluminismo como raízes da degradação espiritual humana. Ainda assim, o aspecto primário da palingenesia de Dugin, o declínio, está fortemente relacionado à filosofia tradicionalista. Seu avanço sobre o Tradicionalismo e em direção ao pensamento revolucionário de direita está, assim como em Julius Evola, na postura a ser adotada diante do contexto de degradação. Nesse sentido, a veia revolucionária da Quarta Teoria Política e a necessidade de transcender, politicamente, o processo enxergado no mundo contemporâneo, cria um novo paradigma no duginismo que o distancia do Tradicionalismo e, ao mesmo tempo, aproxima-o da extrema direita, como indicam reflexões de Dugin sobre o fascismo histórico:¹⁷³

O fascismo, porém, se voltou para as ideias e símbolos da sociedade tradicional. Em alguns casos, isso gerou um ecletismo, em outros – o desejo dos conservadores de liderar uma revolução ao invés de resistir a ela

¹⁷⁰ GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London: Routledge, 1991. p. 26.

¹⁷¹ SHEKHOVTSOV, 2009, p. 697

¹⁷² DUGIN, 2021a, p. 218

¹⁷³ DUGIN, 2021, p. 8

A partir disso, torna-se necessário analisar as relações do pensamento de Aleksandr Dugin com as noções observadas ao redor de um conceito imprescindível para o entendimento da extrema direita contemporânea: o de neofascismo. Nigel Copsey¹⁷⁴, em diálogo constante com Griffin, delimita as origens do neofascismo ainda durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália de Saló, a partir da consolidação de uma união ítalo-germânica por uma Europa nazifascista, em 1944. Camus e Lebourg¹⁷⁵, por sua vez, enxergam a gênese do neofascismo no giro europeu de Hitler, em 1942, a partir do qual a Europa se torna “mito e utopia” para os fascistas, de forma oposta aos pressupostos de ampliação da comunidade étnica germânica que prevaleceram até o processo em questão.

A partir de leituras sobre a gênese do neofascismo, pode-se perceber a centralidade de perspectivas pan-europeístas para o conceito, processo que se potencializa após o fim da Segunda Guerra Mundial. Esse fenômeno indica o que Copsey entende como um dos componentes fundamentais do neofascismo: a desterritorialização. Para o autor, essa dinâmica significa o deslocamento do nacionalismo fascista para um nacionalismo pan-europeu que passa a se organizar, retoricamente, em torno da defesa da comunidade étnica europeia. A transformação do nacionalismo fascista não significa, porém, uma mudança nuclear na ideologia. Para Copsey, nesse processo sobrevivem os componentes do núcleo místico do fascismo genérico definido por Roger Griffin.

Para Jeffrey Bale¹⁷⁶, por sua vez, o internacionalismo fascista não significa a rejeição do nacionalismo radical fascista, mas sua extensão de forma assimilada ao novo mundo e à nova extrema direita que surgem após 1945. Outro componente fundamental dessa transformação, como aponta Copsey, é o processo de metapolitização. Em profunda revisão da noção gramsciana de hegemonia cultural, a Nova Direita Europeia passou a estruturar a busca, compartilhada por vários atores neofascistas, pela dominação cultural como preceito para obtenção de poder político. Dessa forma, a extrema direita contemporânea empreende diversos movimentos editoriais, artísticos e audiovisuais como forma de conquistar espaço na cultura. Como resposta da NDE ao maio de 1968, o giro metapolítico que se espalha pela ultradireita

¹⁷⁴ COPSEY, Nigel. Neo-Fascism: A Footnote to the Fascist Epoch?. In: **Beyond the Fascist Century: Essays in Honour of Roger Griffin**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 101-121.

¹⁷⁵ CAMUS, Jean-Yves; LEBOURG, Nicolas. **Far-right politics in Europe**. Harvard University Press, 2017, p. 123.

¹⁷⁶ BALE, Jeffrey M. **The darkest sides of politics, I: Postwar fascism, covert operations, and terrorism**. Routledge, 2017, p. 63.

ao longo das últimas décadas é componente fundamental do neofascismo na definição de Nigel Copsey.

Por fim, Copsey define o revisionismo histórico como terceiro e último componente fundamental do neofascismo. A partir do empreendimento de reescrever a História para inventar tradições que sustentem os ideais reacionários da extrema direita, o revisionismo histórico se torna central para a organização do neofascismo. Os três componentes elencados pelo autor, portanto, permeiam a obra de Aleksandr Dugin. O ideólogo russo, dessa forma, constrói no Neo-Eurasianismo uma forma de nacionalismo desterritorializado que converge o pan-europeísmo neofascista à realidade russa transcontinental. Ampliando o nacionalismo radical para o conceito de Eurásia, Dugin se insere em um movimento categórico do neofascismo a partir das definições de Copsey. Da mesma forma, Dugin empreende inúmeros esforços metapolíticos ao longo de sua trajetória. Ainda que distante dos núcleos de poder, o russo é capaz de influenciar inúmeros campos da política russa e ter impacto transnacional na ultradireita contemporânea. Por fim, Dugin reconstrói paulatinamente o passado russo, soviético e imperial, para inseri-lo nos moldes de proposição da Quarta Teoria Política.

Ainda em Copsey, o autor mobiliza outras duas tendências neofascistas, que se colocam abaixo dos três componentes fundamentais: a violência política e a grupuscularidade. Com inúmeras declarações de apologia à violência e, até mesmo, ao extermínio de determinados grupos, Dugin não está diretamente relacionado a eventos de violência política. Organizações grupusculares, porém, foram constantes em sua trajetória política, mas esse aspecto é melhor representado pela ampla variedade de atores que defendem o duginismo em grupos pequenos imersos em realidades nacionais específicas. O Nova Resistência, inequivocamente, se insere nesse processo, reinterpretando e avançando sobre as ideias de Dugin para propor um projeto revolucionário para a sociedade brasileira.

Por fim, outra análise sobre o neofascismo traz elementos importantes para a compreensão do fenômeno, em geral, e de sua manifestação no duginismo, em específico. Anna Cento Bull¹⁷⁷, portanto, indica a não teorização da violência como aspecto fundamental da extrema direita contemporânea, processo visto como resposta à necessidade de distanciamento do campo em relação às ideias e práticas associadas ao fascismo histórico. Paralelamente, a autora enxerga o anti-americanismo, o antiglobalismo e a oposição à imigração como aspectos fundamentais do neofascismo atual. Em relação de ambiguidade com a defesa de ações

¹⁷⁷ CENTO BULL, Anna. Neo-Fascism. *The Oxford Handbook of Fascism*, p. 587-605, 2010.

violentas e sustentando claramente os outros três elementos elencados por Canto Bull, percebe-se a prevalência de inúmeros aspectos do conceito de neofascismo no pensamento duginista.

Dugin e a Quarta Teoria Política, portanto, podem e devem ser entendidos como componentes do neofascismo contemporâneo. Da mesma forma, o Nova Resistência assume, no Brasil, posição de destaque nesse campo particular do neofascismo brasileiro que, muitas vezes, busca se aproximar de discursos próximos à esquerda nacional na condenação da influência ocidental no Brasil. Com um campo neofascista global cada vez mais dividido a partir de questões geopolíticas, a Quarta Teoria Política e seus proponentes emergem como atores fundamentais dentre correntes do neofascismo global.

Múltiplo e ramificado por definição, como aponta Roger Griffin, o neofascismo não deve se limitar à definição de movimentos nostálgicos ao fascismo histórico. Copsey propõe uma solução para isso ao propor a classificação de neonazista para os grupos nostálgicos e de neofascista para a definição mais abrangente, que contempla as transformações edificadas pela extrema direita contemporânea em relação a seus antepassados do entreguerras. Independentemente dessa problemática, fato é que o núcleo místico do fascismo segue sendo mobilizado pela extrema direita na atualidade, e Dugin é personagem importante desse processo.

Buscando a regeneração da civilização eurasiática diante do declínio espiritual atribuído à modernidade, em claro empreendimento palingenésico, Dugin avança sobre o nacionalismo radical do fascismo histórico para propor um nacionalismo pan-eurasiático. Desse modo, o duginismo encontra todos os elementos elencados por Roger Griffin em sua definição genérica do fascismo. Da mesma forma, o pensamento de Aleksandr Dugin se insere nos movimentos descritos por Nigel Copsey a respeito dos aspectos fundamentais do neofascismo. Avançando sobre o nacionalismo em esforços metapolíticos e que buscam reescrever a História para assimilá-la aos ideais da Quarta Teoria Política, Dugin concebe um projeto político e intelectual inevitavelmente neofascista.

Nesse processo, Dugin se relaciona e reinterpreta o legado do fascismo histórico à luz da Quarta Teoria Política. As relações de Dugin com o legado teórico do fascismo histórico, dessa forma, atrelam-se às leituras e relações intelectuais estabelecidas entre Julius Evola e a teoria fascista. Nesse sentido, o italiano reconhece a importância do fascismo a partir de sua oposição a valores modernos e oposição ao liberalismo. Ainda assim, como Dugin, Evola critica

o caráter moderno do fascismo, sobretudo a partir da ausência de aspectos espirituais e metafísicos em sua doutrina¹⁷⁸.

Desse modo, Dugin renega o fascismo histórico por sua natureza inexoravelmente moderna, ainda que vislumbre adaptar alguns de seus elementos para a proposta da Quarta Teoria Política. Paralelamente, o autor articula a aparente rejeição de outro aspecto fundamental do fascismo histórico: o racismo. Ao afirmar que “O racismo é o que causou o colapso do nacional-socialismo no sentido histórico, geopolítico e teórico”, o autor sinaliza buscar, na Quarta Teoria Política, a superação dos paradigmas raciais edificados pelo fascismo histórico. Ainda que Dugin tenha justificado e legitimado perspectivas racistas anteriormente¹⁷⁹, esse movimento indica a manifestação duginista de um fenômeno estruturado pela Nova Direita Europeia e difundido na extrema direita contemporânea: o deslocamento do racismo biológico para a cultura a partir do conceito de etnopluralismo¹⁸⁰.

Ao rejeitar o “velho racismo” do fascismo histórico e de outros movimentos políticos do passado, setores da extrema direita contemporânea postulam não a superioridade de uma raça, povo ou cultura sobre outras, mas a necessidade de edificar sociedades baseadas na homogeneidade étnico-racial¹⁸¹. Em Dugin, a necessidade de defender a civilização eurásiana de perigos externos que ameaçariam sua potência cultural e espiritual está, sobretudo, amparada nos princípios do Etnopluralismo concebido pela Nova Direita Europeia.

O Etnopluralismo, Etnodiferencialismo ou “direito à diferença” é um dos mais importantes pressupostos de reorganização da extrema direita e foi constituído a partir de Alain de Benoist e da Nova Direita Europeia. Como analisa Daniel Rueda, o Etnopluralismo define-se como uma nova forma de construção étnica da identidade a partir do qual a ultradireita contemporânea defende a preservação da pureza étnica como componente cultural. Em uma

¹⁷⁸ Segundo Francisco Thiago Rocha Vasconcelos (2023), Julius Evola pode ser considerado uma das principais expressões do que se convencionou chamar de Ur-fascismo, isto é, uma forma arquetípica e ideal de fascismo voltada à recusa radical da modernidade. No entanto, Vasconcelos propõe classificar o pensamento evoliano como suprafascismo, categoria que permite compreender suas rupturas com o fascismo histórico e sua proposta de superá-lo espiritualmente. Evola rejeitava elementos modernos do fascismo italiano e do nazismo, os quais considerava insuficientemente espirituais. Sua proposta de um suprafascismo visava, portanto, elevar o fascismo a um plano metafísico, baseado na restauração de hierarquias tradicionais, princípios transcendentais e de uma ordem sacralizada. Essa distinção teórica é fundamental para compreender a recepção contemporânea de seu pensamento por autores como Aleksandr Dugin, cuja Quarta Teoria Política herda elementos evolianos ao propor uma superação crítica das três grandes ideologias modernas (liberalismo, comunismo e fascismo), preservando, porém, uma estrutura tradicionalista de extrema direita sob linguagem “antissistêmica”. Ver mais em: VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. **O suprafascismo de Julius Evola e os fundamentos da nova direita iliberal**. Lua Nova, São Paulo, n. 119, p. 14–47, 2023.

¹⁷⁹ SHNIRELMAN, 2016, p. 450

¹⁸⁰ SHEKHOVTSOV, 2009, p. 706

¹⁸¹ *Ibid.*

visão reducionista da cultura que a define, sumariamente, a partir de pressupostos étnicos, o etnopluralismo permite que setores da extrema direita e direita radical condenem o liberalismo, o multiculturalismo e a imigração em massa rejeitando o racismo biológico que marcou a ideologia de movimentos fascistas.

Ainda segundo Rueda, o Etnopluralismo não é, por definição, uma variação do racismo, mas provê novas formas de sustentar, ideológica e intelectualmente, políticas discriminatórias contra grupos étnicos minoritários. Para Rueda, porém, ideias etnopluralistas já existiam antes de serem organizadas em torno do conceito em questão pela NDE. O autor demonstra a existência de discursos anteriores que prezavam pela segregação étnico-racial como forma de proteger e melhorar as condições não apenas dos grupos que proclamam tais discursos, mas de seus “outros” internos. Para Rueda, portanto, o Etnopluralismo se apresenta como renovação intelectual das premissas alterofóbicas¹⁸² da extrema direita. Nesse sentido, Rueda percebe que Dugin utiliza a noção de etnopluralismo para fantasiar sobre uma Eurásia unida e espiritualmente regenerada que estaria centrada em Moscou e buscaria aliados para se opor ao liberalismo ocidental e à hegemonia dos Estados Unidos.

Diante disso, percebe-se que Dugin compartilha e se escora em diversas perspectivas teóricas edificadas pela NDE para compor seu projeto político. Para além do Etnopluralismo, o russo, assim como teóricos da NDE, critica a direita tradicional e a influência norte-americana no continente europeu¹⁸³. Além disso, com visões convergentes acerca da Tradição entre Dugin e a NDE, é possível dizer que, de certa maneira, Dugin estende, para a Rússia pós-soviética, a reorganização teórica da extrema direita iniciada pela NDE na Europa ocidental¹⁸⁴.

¹⁸² A alterofobia, no contexto da extrema direita, não se resume a uma simples hostilidade ao “outro”, mas constitui um princípio ideológico central que organiza o medo e a rejeição da diferença como fundamentos de identidade política. Assim, a alterofobia não opera apenas em nível racial, mas também cultural, religioso e sexual, servindo como ferramenta para demarcar fronteiras simbólicas entre um “nós” homogêneo e um “eles” percebido como ameaça. Assim, a alterofobia assume papel estruturante na retórica contemporânea da extrema direita, pois legitima projetos de exclusão e hierarquização social sob o pretexto de defesa cultural.

¹⁸³ SEGRILLO, 2016, p. 187.

¹⁸⁴ A NDE, articulada por Alain de Benoist e outros intelectuais a partir do final dos anos 1960, promoveu uma profunda reorganização do pensamento da extrema direita europeia no pós-guerra. Distanciando-se do fascismo histórico, sua proposta incorporou elementos da Revolução Conservadora alemã, mas rejeitou o racismo biológico, a exaltação do Estado total e o culto ao líder carismático, característicos do fascismo clássico. Em seu lugar, a NDE formulou categorias como o etnopluralismo, a crítica ao universalismo moderno e a defesa da identidade civilizacional enraizada. Essa reelaboração teórica permitiu à extrema direita atualizar sua gramática política sob nova roupagem intelectual. Nesse contexto, Aleksandr Dugin pode ser compreendido como o responsável por estender esse processo de reorganização teórica para a Rússia pós-soviética, radicalizando seus fundamentos por meio do Tradicionalismo Integral e da proposta de uma nova civilização eurásiana assentada na pluralidade de formas espirituais e na oposição sistemática à modernidade ocidental. Ver mais em: BAR-ON, Tamir. *Where have all the fascists gone?*. Routledge, 2016.

Dessa forma, observa-se que a NDE constitui um dos pilares do pensamento de Aleksandr Dugin. Avançando sobre visões etnopluralistas e assimilando-as ao contexto russo, Dugin constrói uma perspectiva única sobre o passado que permite o permite legitimar o domínio político russo sobre outros povos, partindo de bases culturais e espirituais. Esse processo fica claro na análise do autor a respeito do controle moscovita sobre povos siberianos¹⁸⁵:

povos turcos da Sibéria têm enxergado nos russos a ‘continuação’ ou ‘retomada’ da missão do próprio Genghis Khan. (...) Casamentos aristocráticos serviram não apenas para estabelecer laços familiares ou étnicos entre os russos e os povos turcos, mas secretamente pressupôs uma transferência da doutrina geográfica sagrada dos turcos para as elites Eslavas”

Enxergando uma missão imperial existencial para o povo russo, Dugin estabelece preceitos teóricos específicos para legitimar o domínio imperial da Rússia sobre povos do continente eurasiático. Esse movimento encontra simbiose na atuação do grupo Nova Resistência, que busca construir uma visão orgânica da formação do povo brasileiro como forma de justificar a construção de um Estado pautado no que enxergam como os valores civilizacionais do Brasil a partir da Quarta Teoria Política. Paralelamente, a construção, por Dugin, de um discurso de defesa do *direito à diferença* é assim como em outros campos da extrema direita, acompanhado por uma visão particular sobre o que é o racismo e, também, o antirracismo. Para Dugin¹⁸⁶:

O racismo hitlerista, porém, é apenas um tipo de racismo – esse tipo de racismo é o mais óbvio, direto, biológico e, portanto, o mais repulsivo. Há outras formas de racismo – racismo cultural, civilizacional, tecnológico, social, racismo econômico e racismo evolucionário. As sociedades europeia e americana estão fundamentalmente afligidas por este tipo de racismo, incapazes de erradicá-lo de si mesmas apesar de todos os esforços. Plenamente conscientes do quão revoltante este fenômeno é, as pessoas no Ocidente tendem a fazer do racismo um tabu. Porém, tudo isso se transforma em uma caça às bruxas – novos párias acusados de “fascismo” são suas vítimas, muitas vezes sem motivos aparentes. Assim, o próprio politicamente correto e suas normas são transformados em uma disciplina totalitária de exclusões políticas, puramente racistas. Dessa maneira, o antirracismo liberal-esquerdista institucionalizado francês gradualmente se torna o centro de distribuição do “ódio racial”.

Abarcar racismo e antirracismo como componentes conjuntos da degradação moderna é um empreendimento fortemente ancorado nas premissas etnopluralistas e permite que Dugin posicione a Quarta Teoria Política como uma ideologia capaz de resolver questões globais relevantes para setores antagônicos do espectro político. Nesse movimento, Dugin combate as premissas do racismo fascista, aspecto fundamental do neofascismo, e avança sobre uma agenda

¹⁸⁵ DUGIN, A. **Misterii Evrazii**. Moscow: Arktogetia, 1991, p. 642 in Laruelle, 2012, p. 129

¹⁸⁶ DUGIN, 2021, p. 32

etnopluralista que determina a preservação das comunidades étnicas em oposição ao avanço da globalização.

Visto isso, é possível perceber que Aleksandr Dugin, ao propor a Quarta Teoria Política, renega a experiência histórica do fascismo, ainda que busque inspiração em alguns aspectos teóricos da terceira via e reconheça o apreço pela tradição dos regimes fascistas. Paralelamente, ao negar o racismo e seguir em direção ao Etnopluralismo, o autor se insere em um importante movimento teórico formulado pela extrema direita desde a segunda metade do século XX.

Dessa forma, as relações de Dugin com ideologias de direita não estariam completas sem a análise de uma doutrina fundamental para suas reflexões: a Revolução Conservadora (RC). Geralmente definida pelo conjunto de ideias que proclamavam, no início do século XX, um retorno revolucionário a instituições que, naquele contexto, perdiam relevância política, como a monarquia, a nobreza e a Igreja¹⁸⁷. Florescida, sobretudo, na Alemanha de Weimar, a Revolução Conservadora foi, ao longo da História, um termo marcado por fronteiras mal definidas e aplicações ambíguas, tornando possível a análise de múltiplas manifestações teóricas do conceito e, ao mesmo tempo, limitando a definição mínima do que significa buscar uma Revolução Conservadora.

Nesse cenário, observa-se que as teorias de Revolução Conservadora podem ser, muitas vezes, contraditórias. Em suma, pode se dizer que a RC foi um movimento político-ideológico com fronteiras teóricas fluidas, marcado pelo nacionalismo, pela defesa de correntes econômicas socialistas não marxistas e, sobretudo, por uma base definida a partir da oposição diametral ao liberalismo político e econômico¹⁸⁸. Essa perspectiva é consonante às visões de Dugin, amplamente anti-liberais e em sua proposição da organização econômica russa¹⁸⁹. Paralelamente, assim como em relação ao fascismo, o autor busca avançar sobre os aspectos modernos da Revolução Conservadora e transcende-los a partir da Quarta Teoria Política.

Desse modo, para Dugin, as bases da Revolução Conservadora estão em Heidegger e, sobretudo, em suas perspectivas acerca da reconstrução filosófica, cultural e espiritual do ocidente. Para Dugin, o filósofo alemão é “parte integral do movimento revolucionário conservador” e seus “Outros Começos” estariam na base das premissas filosóficas da Quarta

¹⁸⁷ BACKMAN, 2022, p.4

¹⁸⁸ SEGRILLO, 2016, p. 191.

¹⁸⁹ SEGRILLO, *op. cit.*, p. 209.

Teoria Política. Paralelamente, a definição duginista de RC é ampla e inclui inúmeros personagens históricos que se subverteram diante do declínio ocidental.

Diante desse vasto escopo conceitual, o próprio Dugin reconhece a prevalência da escola alemã do princípio do século XX como prevalente dentro das ideologias condensadas sob a premissa de Revolução Conservadora. Ainda assim, o autor define esse campo a partir de sua amplitude, mas estipula preceitos importantes a partir dos quais se torna possível assimilar a cosmovisão duginista a preceitos conservadores revolucionários¹⁹⁰:

Esta é uma família de ideologias conservadoras que é normalmente chamada de Revolução Conservadora (RC). É uma constelação de ideologias e filosofias políticas que considera o problema da correlação entre conservadorismo e Modernidade dialeticamente. (...) É possível descrever um paradigma geral da visão de mundo da revolução conservadora do seguinte modo. Há um processo de degradação do mundo. Não é apenas uma aspiração das “forças malignas” a fazer truques, são as forças da fé e do destino que levam a humanidade no caminho de degeneração.

Nesse sentido, Dugin reconhece semelhança entre a visão do mundo contemporâneo proclamada por conservadores revolucionários e tradicionalistas. O compartilhamento da visão de decadência diante da Modernidade entre teóricos da Revolução Conservadora, tradicionalistas e Dugin não é mero acaso: o autor russo estabelece diálogo constante com a teoria das respectivas doutrinas. Ainda, apesar da negação da política por amplos setores do campo tradicionalista, a integração de uma visão de mundo que justifica seus problemas sob bases culturais, espirituais, étnicas e escatológicas é fundamental para determinadas ideologias de extrema direita. É essa percepção, afinal, que permite o florescer da ação política palingenésica que busca, no caso do fascismo, reerguer a nação. No pensamento duginista, porém, o renascimento deve ser tangente à modernidade e, portanto, ao conceito moderno de nação. O que se busca retomar é a forma de civilização¹⁹¹, sobretudo a eurasiana, sob domínio da Rússia. Em sequência, o autor postula a diferença entre tradicionalistas e conservadores revolucionários a partir de suas respectivas visões acerca das origens do declínio¹⁹²:

¹⁹⁰ DUGIN, 2021a, p. 119-120

¹⁹¹ O conceito duginista de civilização, aqui adotado, remete principalmente à definição clássica de Samuel P. Huntington, que as entende como agrupamentos culturais, religiosos e históricos dotados de identidades comuns e que configuram os principais atores da ordem mundial pós-Guerra Fria. Huntington ressalta o papel das “civilizações” como unidades de análise geopolítica que sucedem o paradigma estatal tradicional. Essa perspectiva tem precedentes no pensamento geopolítico clássico, especialmente em Halford Mackinder, que formulou a teoria do *Heartland* núcleo estratégico da supremacia mundial. Aleksandr Dugin, ao desenvolver sua geopolítica eurasianista, avança essa tradição ao defender a civilização euroasiática como um bloco civilizacional autônomo, capaz de enfrentar a hegemonia ocidental, articulando elementos tradicionais, culturais e políticos sob o paradigma da “Grande Eurásia”. Assim, o conceito de civilização, no âmbito desta pesquisa, é aquele que enfatiza a historicidade, a cultura e o espaço geopolítico como eixos integradores das identidades coletivas, conforme proposto por Huntington e revisitado na obra de Dugin.

¹⁹² DUGIN, 2021a, p. 119.

Em oposição a eles [os tradicionalistas], os conservadores revolucionários começam a pensar: por que ocorreu de que a fé no Deus que criou o mundo, na divina providência, no sagrado, no mito em certo período começou a se voltar em sua própria oposição? Por que ela enfraquece e por que os inimigos de Deus se fortalecem? Então eles têm uma suspeita: talvez aquela maravilhosa Idade de Ouro defendida pelos conservadores fundamentais continham algum tipo de gene de perversão? Talvez nem tudo fosse bom na religião também? Talvez aquelas formas religiosas, sacrais, sagradas da sociedade tradicional que podemos discernir antes da chegada da modernidade mantinham um elemento específico de decadência nelas?

Desse modo, Dugin identifica na Revolução Conservadora, um elemento de debate a respeito da gênese e, portanto, das causas da degradação do espírito humano. Assim, o conservador revolucionário não buscaria desacelerar o tempo, como um “conservador liberal”, e tampouco tentaria, como um tradicionalista, retomar o passado, uma vez que lá estariam as primeiras sementes do declínio que chega ao seu ápice na Era Moderna. Em vez disso, segundo Dugin, o intuito da Revolução Conservadora está em¹⁹³:

arrancar a raiz do mal da estrutura do mundo, abolir o tempo como característica destrutiva da realidade pela realização de algum plano secreto, paralelo, não-óbvio da Divindade.

Paralelamente, pode-se perceber que, apesar de sinalizar em direção à Revolução Conservadora e reconhecer positivamente sua leitura de degradação do mundo contemporâneo, Dugin a identifica como parte da Terceira Via e, diante disso, busca superá-la a partir da Quarta Teoria Política¹⁹⁴:

Ao mesmo tempo no mundo pós-moderno em dissipação todas as estruturas de ordem estão cada vez mais degradadas, dispersas e confusas. É o crepúsculo do Logos, o fim da ordem, o último acorde da dominação masculina exclusivista. Mas ainda estamos dentro da estrutura lógica, não fora dela. Afirmando isso, temos algumas soluções básicas sobre o futuro. Primeira – o retorno do reino do Logos, a Revolução Conservadora, a restauração da "dominação em escala total" masculina em todas as áreas da vida – a filosofia, religião, a vida cotidiana. (...) No entanto, podemos escolher uma terceira alternativa e tentar transcender as fronteiras do logos e sair para além da crise do Mundo Pós Moderno (...) apenas o Caos pré-ontológico pode nos sugerir como ir além da armadilha da Pós-Modernidade. Ele foi posto de lado na criação da estrutura lógica do ser como fundamento. Agora é sua vez de vir para o jogo. De outra forma, seremos condenados a aceitar uma Pós-Modernidade dissipada pós-lógica que pretende ser eterna de alguma forma, pois aniquila o próprio tempo. (...) Apenas o Caos e uma filosofia alternativa baseada na inclusividade podem salvar a humanidade moderna e o mundo das consequências da degradação e decadência do princípio exclusivista chamado Logos. O Logos expirou e todos podem ser enterrados sob suas ruínas a menos que apelemos ao Caos e seus princípios metafísicos e usemos-os como base para algo novo. Esse poderia ser o "outro começo" do qual falou Heidegger.

Buscando em Heidegger elementos teóricos capazes de legitimar, filosoficamente, seu projeto político, Dugin articula aspectos importantes da Quarta Teoria Política a partir da ideia

¹⁹³ *Ibid*, p. 120

¹⁹⁴ DUGIN, *op. cit.*, p. 216.

de Revolução Conservadora, ainda que busque transcende-la, como em relação a todos os componentes da Modernidade liberal. Desse modo, percebe-se que elementos da RC são instrumentalizados de maneira fundamental pelo duginismo para a proposição da QTP, sendo mesclada e contraposta a outras bases teóricas no escopo do pensamento de Aleksandr Dugin.

Nesse ponto, ressalta-se que a articulação retórica de elementos teóricos oriundos de correntes de pensamento distintas é evidente na obra de Aleksandr Dugin¹⁹⁵, sendo aspecto fundamental tanto na construção de sua cosmovisão, quanto na articulação de seu projeto político. Dessa forma, o autor tende a buscar, em diversas áreas do pensamento político e filosófico, componentes capazes de articular a proposta da Quarta Teoria Política que, por sua vez, foi edificada a partir de inúmeras influências que se incorporaram ao pensamento de Dugin ao longo de sua trajetória intelectual.

Nesse contexto, merecem atenção as perspectivas de Dugin acerca de dois dos mais importantes atores políticos da atualidade: Vladimir Putin e Donald Trump. Com dois livros dedicados, respectivamente, a cada um deles¹⁹⁶, Dugin demonstra um otimismo cauteloso a respeito do papel desenvolvido por Putin e Trump no cenário político e geopolítico da contemporaneidade. Fortemente ligados à ascensão das direitas no mundo atual, apesar da dificuldade de aplicação dos conceitos ocidentais de esquerda e direita para o contexto russo¹⁹⁷, os dois líderes em questão representam, para Dugin, a retomada de valores antiliberais e, ao mesmo tempo, apresentam-se como agentes capazes de combater a unipolaridade e o predomínio dos paradigmas modernos na política atual. Dessa forma, Dugin afirma¹⁹⁸:

Enquanto o primeiro mandato de Trump ainda pode ser interpretado como uma perturbação temporária, seu segundo mandato, juntamente com as circunstâncias de sua eleição triunfal, constitui uma verdadeira revolução – uma Revolução Conservadora

Percebe-se, nesse caso, uma manifestação clara de uma tendência comum ao pensamento duginista: para Dugin, os processos históricos foram, e continuam sendo balizados

¹⁹⁵ SHEKHOVTSOV, 2009, p. 492

¹⁹⁶ DUGIN, Aleksandr. **The Trump Revolution**. London: Arktos, 2025.; DUGIN, Aleksandr. **Putin vs Putin: Vladimir Putin viewed from the right**. London: Arktos, 2014.

¹⁹⁷ A lógica convencional do espectro político, que organiza as forças políticas entre esquerda e direita, apresenta limitações no contexto russo pós-soviético. As especificidades históricas, culturais e sociais da Rússia, marcadas pela herança soviética, o papel da Igreja Ortodoxa, o nacionalismo e o euroasianismo, geram configurações políticas que não se encaixam facilmente nas categorias ocidentais tradicionais. A distinção entre esquerda e direita, por vezes, se dissolve ou adquire significados distintos, dado que muitas forças políticas russas combinam elementos que no Ocidente seriam contraditórios, exigindo abordagens analíticas que considerem essas singularidades locais. Ver mais em: ZHIGADLO, Konstantin V. The problem of the left-right divide in modern russia through the lens of social constructivism. **RUDN Journal of Political Science**, v. 25, n. 2, p. 423-433, 2023.

¹⁹⁸ DUGIN, 2025, p. 8

por uma disputa entre agentes da degradação e seus opositores. Desse modo, ainda que aponte discordâncias com a ideologia de Trump e seus apoiadores, Dugin enxerga papel fundamental no presidente estadunidense a partir de sua importância geopolítica, ao limitar o avanço liberal em seu espaço mais expoente do mundo contemporâneo. Paralelamente, o autor explora extensivamente o lugar de Putin na História russa e, ainda que delimite os muros entre o presidente russo e o ideal quartopolitista, sobretudo diante das tendências liberais do regime putinista, Dugin vê, em Putin, “simplesmente, o melhor que há”¹⁹⁹. Desse modo, o autor enxerga Putin em uma encruzilhada decisiva para o mundo contemporâneo, idealizando²⁰⁰:

Aos 60 anos, um novo Putin será revelado. Putin, o patriota, sem o liberalismo. Putin, o defensor de um mundo multipolar e o opositor da hegemonia americana. Putin, eurasiático, defensor de um grande império continental e da civilização russa.

Diante disso, pode-se analisar que ideologias ligadas à direita do espectro político estão amplamente presentes na obra de Aleksandr Dugin. Buscando, para além do Tradicionalismo, elementos que condensem a necessidade de ação política diante do declínio enxergado na sociedade contemporânea, Dugin pretende transcender totalmente o fascismo histórico, a Revolução Conservadora e qualquer aspecto moderno em sua proposta revolucionária. Dessa forma, a Quarta Teoria Política é apresentada como ideologia capaz de embasar transformações na sociedade contemporânea que a levem na direção contrária da degradação. Enxergando atores importantes em agentes políticos contemporâneos, mas sem delinear os meios revolucionários quartopolitistas, para além da demanda pelo caos como instrumento de transformação, Dugin concebe um projeto ambíguo em relação ao espectro político convencional.

Essa ambiguidade, porém, não se sustenta quando se vislumbra o futuro que Dugin e a QTP buscam edificar. Fortemente amparado em perspectivas etnopluralistas, o autor propõe, em suas concepções geopolíticas, a divisão do mundo em impérios étnico-culturais que prezem pela construção de sociedades homogêneas, livres da influência de fatores sociopolíticos externos. Nesse cenário, a diversidade cultural de cada império seria contemplada a partir da autonomia cultural de seus respectivos povos constituintes, sem a necessidade de soberania política. As concepções geopolíticas de Dugin serão exploradas posteriormente, mas fato é que a Quarta Teoria Política e a extrema direita se escoram em utopias semelhantes, idealizadoras de Estados autoritários organizados sob paradigmas étnico-raciais.

¹⁹⁹ DUGIN, 2014, p. 638

²⁰⁰ *Ibid*, p. 644

Nesse contexto, é fundamental reiterar a forma pela qual o grupo Nova Resistência se escora nos preceitos do neofascismo duginista para propor uma revolução que reposicione o Brasil no caminho da Tradição. Em oposição à globalização e à hegemonia norte-americana, o NR sustenta um projeto revolucionário de extrema direita para o Brasil que busca levar o país na direção de passados inventados a partir do revisionismo histórico. Paralelamente, buscando disputar espaço com esquerdas e direitas no contexto brasileiro, o grupo apresenta um empreendimento singular na busca pela superação do espectro político convencional. Em confluência ao duginismo, a NR se apropria e avança sobre posições de esquerda em um projeto revolucionário de extrema direita.

Entender como isso acontece, em Dugin e no NR, passa pela compreensão de um amplo processo de síntese elaborado pela ultradireita contemporânea. Essas contradições entre direitas e esquerdas são retomadas, portanto, quando Dugin se encontra com a História de sua terra e, mais precisamente, com o legado soviético. A partir disso, torna-se necessário analisar a forma como Dugin interpreta, instrumentaliza e reinventa o passado comunista no escopo da Quarta Teoria Política. Além disso, estabelecendo diálogos constantes com ideias marxianas, o autor se inspira em elementos teóricos diametralmente antagônicos à extrema direita para propor seu projeto revolucionário neofascista. Dessa forma, portanto, mostra-se essencial entender como o duginismo se relaciona, a partir das obras de Dugin, com o comunismo e demais teorias situadas à esquerda do espectro político convencional.

2.3 O PENSAMENTO POLÍTICO DE ESQUERDA EM DUGIN

Relacionar o pensamento duginista com a esquerda é uma tarefa árdua. Nesse caso, não se trata de um esforço inserido, apenas, nos paradigmas da História Intelectual, uma vez que Dugin busca no comunismo não apenas elementos teóricos para a Quarta Teoria Política, mas, sobretudo, instrumentaliza a memória soviética em sua cosmovisão, inserindo o Neo-Eurasianismo como um meio de retomar a grandeza perdida com a queda do regime bolchevique. Antes de mergulhar nos usos políticos do passado empreendidos pelo autor,

porém, é necessário retomar os paradigmas teóricos de uma corrente central para o pensamento duginista: o Nacional-Bolchevismo²⁰¹.

Para além do PNB, organização central na trajetória intelectual de Aleksandr Dugin, o Nacional-Bolchevismo é composto por um conjunto de ideias essenciais para a formação do pensamento duginista e, fundamentalmente, para a construção da Quarta Teoria Política. Ao buscar elementos revolucionários em ambos os lados do espectro político, o Nacional-Bolchevismo foi, ao longo da década de 1990, um bastião da oposição ao liberalismo na Rússia pós-soviética. Dessa forma, é fundamental analisar de que forma elementos teóricos à esquerda e à direita foram articulados na obra de Dugin a partir do Nacional Bolchevismo. Na Quarta Teoria Política, o autor indica as possibilidades de união entre fascismo e comunismo na busca pela superação do paradigma liberal:

A segunda e terceira teorias políticas devem ser reconsideradas, selecionando nelas aquilo que deve ser descartado e aquilo que possui valor em si mesmo. Como ideologias completas, tentando fazer as coisas à própria maneira literalmente, elas são totalmente inúteis – seja teoricamente ou praticamente. Porém, certos elementos marginais que não foram geralmente implementados e permaneceram na periferia ou nas sobras (lembramos-nos da “metafísica dos escombros” novamente) podem inesperadamente acabar sendo extremamente valiosos e saturados de significado e intuição. Porém, em qualquer caso, é necessário repensar a segunda e terceira teorias políticas de uma nova maneira, a partir de uma nova perspectiva e apenas após nós rejeitarmos nossa confiança naquelas estruturas ideológicas nas quais sua “ortodoxia” se sustentava. A sua ortodoxia é seu aspecto mais desinteressante e inútil. Fazer uma leitura cruzada delas seria muito mais produtivo: “Marx através de uma perspectiva positiva da Direita” ou “Evolva através de uma perspectiva positiva da Esquerda”. Essa fascinante iniciativa “nacional-bolchevique”, no espírito de Nikolai V. Ustrialov ou Ernst Niekisch, não é suficiente por si mesma. Afinal, uma adição mecânica da segunda teoria política à terceira, por si mesma, não nos levará a lugar algum. Apenas em retrospecto nós podemos delinear suas regiões comuns, as quais eram firmemente opostas ao liberalismo. Esse exercício metodológico é útil como um aquecimento antes de começar uma elaboração completa da Quarta Teoria Política.

Buscando elementos teóricos de esquerda presentes na obra de Dugin, percebe-se uma inclinação baseada em preceitos ligados à teoria econômica do comunismo, mantendo a defesa de valores conservadores em outros aspectos da estrutura social. Nesse sentido, o autor defende o protagonismo do Estado nos meios de produção da utopia quartopolitista e busca integrar fontes teóricas para a formação de um “novo socialismo”, fortemente amparado em perspectivas keynesianas²⁰². Ao final, a aglutinação de elementos teóricos de matrizes distintas

²⁰¹ Para uma análise aprofundada a respeito das origens históricas do Nacional Bolchevismo ver VASCONCELOS, Francisco T. R. "Para salvar a nação somos até capazes de comunismo": o Nacional Bolshevismo ontem e hoje. **Almanaque de Ciência Política**, v. 6, ed. 1, p. 1-34, 2022.; VEIGA, Francisco; GONZÁLEZ-VILLA, Carlos; FORTI, Steven; SASSO, Alfredo; PROKOPLJEVIĆ, Jelena; MOLES, Ramón-Jordi. **Patriotas indignados: sobre la nueva ultraderecha en la posguerra fría: neofascismo, posfascismo y nazbols**. Madrid: Alianza Editorial, 2019, p. 174-228

²⁰² LARUELLE, 2012, p. 132.

forma a base do que Dugin enxerga no Nacional-Bolchevismo: um conjunto de ideologias totalitárias unidas na recusa da centralidade social e política do indivíduo que se manifesta na sociedade moderna. Dessa forma, a ideologia em questão assume papel central ao combinar ideologias antagônicas, livrando-as de alguns de seus aspectos modernos. O autor afirma, dessa forma²⁰³:

Então nós chegamos ao nacional-bolchevismo, que representa o socialismo sem o materialismo, o ateísmo, o progressismo e o Modernismo, assim como as teorias de Terceira Via sem o racismo e o nacionalismo

A Quarta Teoria Política, portanto, se apresenta como um avanço das formulações teóricas construídas ao longo de sua trajetória intelectual. Para Dugin, portanto, Nacional-Bolchevismo e Eurasianismo seriam variações secundárias da própria QTP que, por sua vez, seria a síntese teórica de diversas formas de oposição ao paradigma liberal. Diante disso, o autor define a Quarta Teoria Política como a síntese Nacional-Bolchevique:

A adição mecânica de profundamente revisadas versões das ideologias antiliberais do passado, não nos dá um resultado final. É apenas uma aproximação inicial, uma aproximação preliminar. Nós precisamos ir mais longe e fazer um apelo à Tradição e a fontes pré-modernas de inspiração. Aí nós temos o estado ideal platônico, a sociedade hierárquica medieval e as visões teológicas do sistema social e normativo (cristão, islâmico, budista, judeu ou hindu). Estas fontes pré-modernas são muito importantes para desenvolver a síntese nacional-bolchevique. Portanto, nós precisamos achar um novo nome para este tipo de ideologia e “Quarta Teoria Política” é bastante apropriado.

Desse modo, pode-se perceber que o Nacional-Bolchevismo, como ideologia, é constituinte fundamental da formulação de mundo proposta por Aleksandr Dugin. Mais que a assimilação de ideias vinculadas a esse campo, o autor encontra no Nacional-Bolchevismo uma vocação: buscar a oposição ao liberalismo presente em teorias políticas variadas que, condensadas e articuladas no pensamento duginista, servem para estruturar o projeto da Quarta Teoria Política. Ainda assim, o Nacional-Bolchevismo, desde seus primórdios, assumiu posição ambígua e contraditória diante do espectro político convencional e, portanto, assumir sua vinculação às ideias de Dugin não é suficiente para entender as relações entre o duginismo e a esquerda. Para isso, portanto, é necessário adentrar na memória soviética e a forma pela qual Dugin compreende a experiência comunista russa para integrá-la ao projeto da Quarta Teoria Política.

Sendo assim, percebe-se que Dugin encontra na História russa um passado contínuo, marcado por uma tradição imperial que se perdeu, justamente, a partir do avanço do liberalismo no país. Dessa forma, a Rússia de Kiev, o Império e a União Soviética seriam eras de uma

²⁰³ DUGIN, 2021a, p. 190.

História linear definida pela vocação expansionista do povo russo, como aponta Ramon Maiz²⁰⁴. Paralelamente, as bases teóricas que sustentaram a revolução de outubro e a formação da URSS, notadamente materialistas, vão de encontro à cosmovisão duginista. Dessa forma, ainda que represente, para o autor, a continuação do destino manifesto russo e o último bastião de oposição ao liberalismo antes de sua globalização, o período soviético apresenta dilemas conceituais claros para sua assimilação ao pensamento duginista. Diante disso, o autor propõe que o sucesso das revoluções de esquerda no século XX foi subsidiado não pelas formulações do materialismo dialético, mas pela centralidade da nação nos respectivos processos revolucionários:

(...) naqueles países em que o socialismo deveria ter vencido e onde as condições eram favoráveis, ele não venceu; ainda que puramente a nível teórico seja nestes países que as tendências e partidos marxistas ortodoxos existiam e ainda existem. E eles venceram naqueles países em que, segundo Marx, eles não poderiam ter vencido. Os próprios comunistas vitoriosos – em primeiro lugar, os bolcheviques russos – fizeram o máximo para ocultar e maquiar essa óbvia discrepância nas previsões de seu professor, sem analisá-las conceitualmente. Ao contrário, eles preferiram ajustar voluntariamente a realidade a suas conclusões teóricas – ajustar a sociedade, a política e a economia para fazer com que elas artificialmente e mecanicamente concordem com critérios abstratos. Apenas observadores externos (simpatizantes ou críticos) notaram o caráter nacional-comunista das revoluções marxistas bem-sucedidas e reconheceram sua força motora e o fator que havia permitido seu sucesso e estabilidade dentro do elemento nacional arcaico, que foi mobilizado pelo marxismo como um mito escatológico nacionalmente interpretado.

Dessa forma, Dugin é capaz de manter sua constante negação das teorias marxistas, assinalada por Marlene Laruelle²⁰⁵ e, ao mesmo tempo, construir um novo entendimento a respeito do comunismo que, então, estaria alinhado à sua cosmovisão. O autor segue esse processo ao delinear, a partir de processos históricos, a legitimidade da União Soviética como herdeira do legado imperial russo. Para Dugin, então, o bolchevismo representaria as origens históricas da Rússia e a continuação de sua missão de unificação do povo russo e dos territórios euroasiáticos. Para além de sua natureza fortemente escorada em preceitos materialistas do marxismo, o regime bolchevique seria, antes de tudo, russo e, em certa medida, eurasiático.

A partir disso, Dugin enxerga simbiose entre a ideologia Nacional-Bolchevique e o período soviético, enxergando a era comunista como um suspiro final da manifestação concreta do destino manifesto russo de dominação sobre o espaço eurasiático. Para o autor, a consolidação do nacionalismo como aspecto fundamental, ideológico e prático, do regime bolchevique o legitima como herdeiro do destino imperial russo e, concomitantemente, o colapso da União

²⁰⁴ MAIZ, 2023, p. 17

²⁰⁵ LARUELLE, 2012, p. 131

Soviética, em 1991, torna-se um ponto de inflexão em sua cosmovisão. Para Dugin, o fim da URSS representa, também, a chegada da degradação liberal no espaço eurasiático²⁰⁶:

Esse foi o último dia do Grande Império Soviético, o último momento durante o qual o Nacional Bolchevismo governou as extensões do território Eurasiático.

Paralelamente, a hegemonia do materialismo como preceito fundamental do período bolchevique e o distanciamento entre o regime e valores culturais tradicionais do espaço russo foram, para Dugin, ao mesmo tempo a chaga que impediu o sucesso pleno da experiência soviética e a sina que levou ao seu fim. Enxergando no regime um profundo desdém pelas raízes orgânicas do povo russo, o autor clama pela construção de novos moldes que permitam a retomada de componentes específicos do antiliberalismo soviético²⁰⁷:

O desdém do socialismo soviético pelo espírito e pela religião, seu ateísmo e ódio pela história – foi esse fato, e nenhum outro, que se tornou o grande infortúnio do Bolchevismo Russo e levou, em última análise, à sua morte – foram manifestados pelos comunistas em seu ódio pelo campesinato. A maioria dos marxistas ortodoxos viam os camponeses, unilateralmente, como uma classe reacionária. A falta do Cristianismo Ortodoxo e o desdém pelos camponeses foram os aspectos mais negativos do socialismo soviético. O novo socialismo russo não deve de forma alguma repetir esses erros fatais. O novo socialismo deve ser enfaticamente cristão e orientado ao campesinato.

Diante disso, é fundamental destacar que as associações entre a ultradireita contemporânea e ideias vinculadas à esquerda não surgem meramente da busca por dispositivos retóricos que sustentem determinados projetos políticos. Como aponta Steven Forti²⁰⁸, as relações entre extrema direita e esquerda radical, sobretudo no leste europeu, são constantes. Traçando a genealogia desse fenômeno, Forti destaca a forma como ideias nacionalistas se tornaram centrais nos regimes comunistas europeus nas últimas décadas da Guerra Fria. Nesse movimento, o nacionalismo passa não apenas a determinar políticas institucionais, mas serve como instrumento de agitação em um momento de declínio da militância comunista no leste europeu.

A partir disso, Forti aponta a forma como a ultradireita ganha força, a partir da década de 1990, em países nos quais o colapso do comunismo foi mais radical, assumindo papéis recém criados em novos ecossistemas políticos e podendo, em determinados casos, assumir formas e contornos neofascistas. A Rússia se insere de maneira central nesse processo, sobretudo a partir

²⁰⁶ DUGIN, Aleksandr. **Templars of the proletariat**. London: Arktos, 2023, p. 70.

²⁰⁷ DUGIN, *op. cit.*, p. 108

²⁰⁸ FORTI, Steven et al. **Patriotas indignados**: sobre la nueva ultraderecha en la posguerra fría. Neofascismo, posfascismo y nazbols. Madrid: Alianza Editorial, 2019.

do início da terapia de choque²⁰⁹ desenvolvida por Yeltsin nos primeiros anos de liberalismo em Moscou. Esse movimento, analisa Forti, dá força à confluência rubro-parda²¹⁰ que se materializou na Oposição contra Yeltsin. Formada por grupos e indivíduos afeitos e diversas correntes políticas, a Oposição buscou formar uma “frente de salvação nacional” contra o liberalismo.

Nesse cenário, surgiram inúmeros atores políticos e intelectuais que, a partir de inúmeras bases teóricas, buscavam combater a disseminação de preceitos liberais na sociedade russa. Parte desse fenômeno, Aleksandr Dugin, segundo Forti, ascende como “alquimista ideológico” de um contexto pós-comunista no qual o neofascismo se apresenta como resposta à crise estrutural do sistema soviético e à implementação repentina de políticas ultraliberais após o colapso do comunismo.

Ainda, Steven Forti descreve processos relevantes para a compreensão da amplitude atingida por ideias de extrema direita no espaço russo pós-soviético. Dessa forma, após o fracasso do governo de Boris Yeltsin e a chegada de Putin ao poder, a política externa russa, comandada pela ultradireita, inicia uma contraofensiva à OTAN, que buscava pressionar ainda mais de Moscou ao se aproximar da Geórgia. Dando início a uma guerra, esse processo é acompanhado pela necessidade de rever as ressignificações dadas ao período soviético durante os anos liberais. Dessa forma, a ultradireita russa precisava de novas leituras a respeito do passado soviético, deslegitimado pela historiografia liberal russa dos anos 1990, para alinha-lo às novas ambições da Federação liderada por Putin. Dugin, nesse processo, aparece como um dentre inúmeros intelectuais que se encarregaram de reinterpretar a História. O ideólogo em questão, porém, emerge desse contexto para atingir projeção transnacional nas décadas seguintes.

Concomitantemente, a diversidade do campo neofascista no século XXI é apresentada de maneira significativa nos processos ligados à Guerra da Ucrânia. Como analisa Forti, a respeito do conflito iniciado em 2014, estão ali sintetizadas as alianças rubro-pardas edificadas ao longo do processo de superação do comunismo e consolidadas a partir da formação dos Estados subsequentes. Com disputas internas do campo neofascista sendo impulsionadas no

²⁰⁹ A terapia de choque de Yeltsin foi o conjunto de reformas econômicas radicais aplicadas na Rússia no início dos anos 1990, com o objetivo de transformar rapidamente a antiga economia socialista em uma economia de mercado. Inspirada em princípios neoliberais, envolveu a liberação de preços, privatizações em massa, abertura ao capital estrangeiro e cortes de subsídios estatais. Embora buscasse estabilizar o país e atrair investimentos, a política gerou hiperinflação, desemprego e queda drástica do padrão de vida da população, ao mesmo tempo em que favoreceu o surgimento das oligarquias que herdaram os meios de produção deixados pelo Estado.

²¹⁰ Do original em espanhol, *rojipardo*.

Donbas, nota-se a diversidade de um campo emergido a partir de disputas específicas ligadas à construção, muitas vezes violenta, de Estados nacionais pós-comunistas no leste europeu.

As relações entre comunistas e neofascistas no espaço pós-comunista do leste europeu, porém, são variadas. Se no caso russo, como em vários outros, observa-se a formação de governos liberais contestados por oposições rubro-pardas, outros casos apresentam a construção de governos comunistas-nacionalistas amparados por milícias neofascistas. O neofascismo no leste europeu, portanto, como indica Steven Forti, surge dos restos dos partidos comunistas como reação nacionalista à repentina globalização liberal. Dessa forma, pode-se destacar que as relações de atores neofascistas do leste europeu com a esquerda são, sumariamente, embrionárias. Emergidos a partir do colapso do comunismo e como resposta ao liberalismo, esses agentes seguem outro processo descrito por Forti: a busca da pela extrema direita do pós-guerra pela superação dos conceitos de esquerda e direita.

Notadamente fortalecido por reflexões da Nova Direita Europeia, esse fenômeno é fundamental para a compreensão do duginismo. Da mesma forma, a falta de balizas claras entre esquerda e direita é importante para um projeto que se aspira global, como a Quarta Teoria Política, diante das diferentes oportunidades proporcionadas nos contextos políticos de diferentes realidades nacionais. A partir disso, pode-se evidenciar como o Nova Resistência, no Brasil, coloca-se em um movimento de articulação entre ideias de extrema direita e setores da esquerda. Buscando premissas que permitam a assimilação dos ideais de Dugin ecoados pelo grupo a ideias historicamente vinculadas à esquerda no país, como a defesa de uma união do sul global contra a hegemonia estadunidense, o grupo segue tendências observadas transnacionalmente na extrema direita contemporânea.

Por fim, Steven Forti explicita a forma como, ao longo das últimas décadas, a ultradireita europeia consolidou um processo de parasitismo ideológico sobre a esquerda radical. Com a apropriação paulatina de temas, significantes e discursos ligados à esquerda, o campo da ultradireita se aproveita da incapacidade que seus antagonistas apresentam em lidar com os desafios do mundo pós-soviético. Esse fenômeno ilustra, também, a forma como o autor entende o processo de ascensão da ultradireita nas últimas décadas. Para Forti, as desilusões neoliberais, potencializadas ao extremo após a crise de 2008, unem-se à incapacidade das esquerdas de proteger as classes populares e seu próprio legado histórico para, diante da globalização, fazer chocar o ovo caçula de uma velha e conhecida serpente. Dessa forma, o autor destaca como, no mundo contemporâneo, as pretensas sínteses entre esquerda e direita saem em prejuízo da primeira e criam um contexto no qual, cada vez mais, a ultradireita se

torna, também, passível de ocupar o antigo lugar da esquerda. Entender as relações embrionárias do neofascismo pós-comunista com ideologias e movimentos de esquerda, bem como a vocação transnacional de superação das noções de esquerda e direita, pela extrema direita contemporânea, são elementos fundamentais para a análise dos vínculos intelectuais estabelecidos por Dugin com conceitos e ideias ligados à esquerda.

A partir disso, é possível analisar, em maior profundidade, os diálogos estabelecidos entre Dugin e campos da tradição intelectual de esquerda. Em uma de suas obras mais recentes – *Templários do Proletariado*²¹¹ – o autor promove extensos diálogos com a teoria marxista, buscando direcioná-la para o caminho da Quarta Teoria Política. Em um aceno à esquerda, o autor delimita fronteiras entre o pensamento quartopolitista e as ideologias que compõem esse campo do espectro político. Ao mesmo tempo, Dugin tenta estabelecer, a partir da negação da hegemonia liberal e do contexto unipolar da contemporaneidade, pontes entre a Quarta Teoria Política e o pensamento de esquerda²¹²:

É difícil negar a presença de traços autenticamente ‘esquerdistas’ no comunismo – um apelo a racionalidade, progresso, humanismo, igualitarismo, etc. Mas, juntos a esses, pode-se detectar aspectos que, inequivocamente, caem na estrutura ‘da direita’ em relação à esfera do irracional, do mitológico, do arcaico, do antihumanista e do totalitário. Esse complexo de componentes ‘direitistas’ na ideologia comunista deveria também levar o nome de ‘Bolchevismo’, em seu entendimento mais amplo.

Nesse movimento, o autor dialoga com o pensamento marxista e debate seus elementos que estariam associados à direita, sobretudo a partir das influências de Hegel e dos socialistas utópicos em Marx. Para Dugin, o marxismo seria essencialmente “bolchevique”, em seu entendimento particular do termo que o vincula ao nacionalismo e à continuidade de elementos tradicionais. Apenas o pensamento ético de Feuerbach, fortemente baseado em perspectivas progressistas e humanísticas, faria com que o pensamento de Marx não fosse essencialmente “bolchevique”²¹³. Paralelamente, para o autor, o pensamento utópico socialista, influente para Marx, estaria ancorado em origens essencialmente escatológicas²¹⁴:

Os socialistas-utópicos, que Marx inclui indiscriminadamente nas fileiras de seus predecessores e professores, são os representantes de um messianismo místico particular — arautos do retorno da "era de ouro". Praticamente todos eles eram membros de um meio esotérico, no meio do qual reinava supremo um espírito de misticismo radical, escatologia e presságios apocalípticos. Este era um mundo que combinava os motivos do sectarismo, do ocultismo e da religião, cuja essência poderia ser destilada no seguinte esquema: “O mundo moderno está irremediavelmente podre. Perdeu sua dimensão sagrada. As instituições religiosas tornaram-se abominações e

²¹¹ DUGIN, 2023.

²¹² *Ibid*, p. 12

²¹³ DUGIN, 2023, p. 12

²¹⁴ *Ibid*, p. 13

foram despojadas da graça de Deus (um tema geral para seitas protestantes radicais, 'anabatistas' e cismáticos russos). O mundo é governado pelo mal, pelo materialismo, pelo engano, pela mentira e pelo egoísmo. Mas os homens santos sabem que a aproximação da era de ouro está próxima e, por meio de seus rituais misteriosos e atos ocultos, colaboram com sua chegada.”

Os socialistas-utópicos projetaram esse motivo, comum ao esoterismo messiânico ocidental, na realidade social e imbuíram a vindoura era de ouro com características sociopolíticas. É claro que essa ideia sugeria uma racionalização do mito escatológico, mas, junto com isso, o caráter sobrenatural do Reino vindouro, o *Regnum*, pode ser claramente percebido em seus programas e manifestos sociais, nos quais se percebe uma alusão aos milagres vindouros da sociedade comunista (cavalgar em golfinhos, controlar o clima, compartilhar mulheres, voar humano no ar, etc.). É inteiramente óbvio que essa linhagem assume um caráter explicitamente tradicional, e é completamente lógico classificar um misticismo escatológico tão radical não apenas como um componente de "direita", mas até mesmo de "extrema direita".

Nesse cenário, Dugin busca elementos ainda mais complexos para relacionar o pensamento de Marx a premissas escatológicas a partir de sua inclinação hegeliana. Para o autor, o materialismo marxista e sua atenção à economia e às relações de trabalho não seria retrato do caráter mundano dos interesses de Marx, mas, sim de sua “tentativa mágica de transformar a realidade”²¹⁵. Assimilando as noções hegelianas à dialética marxista e ao projeto comunista, Dugin enxerga a definição e condenação da alienação do trabalho por Marx como uma releitura da busca por um passado sagrado, representado pelo comunismo primitivo²¹⁶ conceituado pelo marxismo. Diante disso, Dugin articula uma relação direta entre a escatologia hegeliana e o entendimento de Marx sobre as relações produtivas²¹⁷:

Agora, sobre Hegel e sua dialética. É amplamente sabido que as convicções políticas do próprio filósofo eram extremamente reacionárias. Mas este ponto não chega ao cerne da questão. Se analisarmos cuidadosamente a dialética de Hegel, o método que sustenta sua filosofia (e é precisamente o método dialético que Marx adota em larga escala), notaremos uma doutrina estritamente tradicionalista e até escatológica envolta em terminologia idiossincrática. A filosofia da história de Hegel é uma versão do mito tradicional unida a uma teleologia estritamente cristã. A Ideia Absoluta é alienada de si mesma e se torna o mundo. Encontrando uma objetividade dentro da história, a Ideia Absoluta atua sobre as pessoas de fora como a "astúcia da Razão cósmica", determinando antecipadamente o tecido providencial dos eventos. Mas, em última análise, como resultado da Segunda Vinda do Filho de Deus, a perspectiva apocalíptica de uma Ideia Absoluta totalmente compreendida abre-se no nível subjetivo, que então deixa de ser "subjetivo" e se torna "objetivo". "Ser e pensamento tornam-se um." A Ideia Absoluta é a tese, sua alienação na história é a antítese e sua compreensão dentro do reino escatológico é a síntese.

A causa do mundo e o próprio mundo são amalgamados em uma síntese escatológica, na qual existência e não existência estão mutuamente presentes sem se excluírem. O Reino Terrestre Final, governado por uma casta de homens santos (a Prússia ideal), é conjugado com a

²¹⁵ *Ibid*, p. 15.

²¹⁶ Dugin faz referência ao conceito marxista de comunismo primitivo como *cave communism*, ou “comunismo das cavernas”. O termo remete à formulação proposta por Marx e Engels a respeito das primeiras formas de organização humana anteriores à propriedade privada e ao Estado. Segundo os autores, essas comunidades pré-históricas eram caracterizadas por formas coletivas de produção e distribuição de bens, ausência de classes sociais e relativa igualdade material entre seus membros. Ver mais em: ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

²¹⁷ DUGIN, 2023, p. 14.

Nova Jerusalém, descendo do alto. Isso marca o início do Fim da História e a era do Espírito Santo.

Marx alude a esse cenário escatológico e messiânico, aplicando-o a uma esfera um tanto diferente — o campo das relações industriais.

A partir disso, Dugin postula uma origem escatológica para as reflexões de Marx acerca das relações de produção e trabalho no mundo contemporâneo. Desse modo, o autor também instrumentaliza aspectos do pensamento marxista para definir a revolução comunista, idealizada pelo alemão, como um fenômeno caracterizado pela busca pelo passado. Nesse sentido, as definições e conceituações marxistas do capital e da alienação do trabalho teriam origens sumariamente escatológicas e, portanto, a revolução que busca superá-las teria natureza mística e espiritual. Segundo Dugin, o “comunismo primordial”, o capital e a globalização comunista estariam definitivamente alinhadas com a tese, antítese e síntese delineada no pensamento hegeliano²¹⁸:

É mais provável, no entanto, que Marx, no curso de seus cuidadosos estudos de economia política inglesa, tenha ficado chocado com as correspondências entre as teorias liberais de Adam Smith, que viam a história como um movimento progressivo em direção a uma sociedade de livre mercado aberto e uma universalização do denominador comum material/monetário, com as concepções de Hegel relacionadas à antítese histórica, ou seja, a alienação da Ideia Absoluta dentro da história. Marx engenhosamente identificou os limites dessa alienação do Absoluto de si mesmo com o Capital — aquela formação social que ativamente esmagou a Europa contemporânea de Marx sob si mesma. Por meio de sua análise da estrutura do capitalismo e da história de seu surgimento, Marx adquiriu um conhecimento da alienação — um conhecimento da fórmula alquímica que a governa. Sua compreensão desse mecanismo, a “fórmula antitética”, foi a primeira e mais indispensável condição da Grande Restauração ou Revolução Final. Para Marx, o reino vindouro do comunismo não era apenas o resultado inevitável do “progresso”, mas também o de uma reviravolta, uma “revolução” no sentido etimológico da palavra. Não é por acaso que ele se refere ao estágio primordial do desenvolvimento humano como “comunismo das cavernas”. A tese é “comunismo das cavernas”, a antítese é o Capital e a síntese é o comunismo mundial. Comunismo é sinônimo do Fim da História, a era do Espírito Santo.

Buscando elementos associados à cosmovisão tradicionalista no pensamento de Marx, Dugin explora as possibilidades de associação entre a Quarta Teoria Política e o pensamento Marxista. Esse movimento intelectual que revisa as inspirações hegelianas de Marx e, sobretudo, sua interpretação da contemporaneidade, além de aprofundar as articulações teóricas da QTP, serve para buscar uma aproximação com a esquerda revolucionária, movimento importante para a aspiração quartopolitista de abarcar inúmeras formas de oposição ao

²¹⁸ DUGIN, 2023, p. 15.

liberalismo nas fileiras do movimento. Ainda assim, nota-se que a base teórica de interpretação da realidade por Dugin se mantém, essencialmente, vinculada à direita.

Por fim, é necessário elucidar que, apesar de dialogar com diversas correntes políticas a partir de sua posição no espectro político convencional, como em “Vladimir Putin visto da direita”²¹⁹, “Marx visto da direita”²²⁰ e “Evola visto da esquerda”²²¹, em estilo notadamente evoliano, Dugin apresenta uma posição particular sobre o que significa estar em cada campo do espectro político. Para o autor, direita e esquerda se definem a partir de suas visões a respeito do progresso humano e, nesse sentido, ser “de direita” seria entender a História humana sob o ponto de vista da degradação paulatina da sociedade. Paralelamente, ser “de esquerda” significaria entender o progresso e o desenvolvimento do mundo contemporâneo como um fenômeno essencialmente positivo. Enxergando-se à direita de seu próprio espectro político, Dugin deixa poucas dúvidas a respeito de seu posicionamento no espectro político convencional.

Encontrando suas maiores fontes teóricas de inspiração em autores fortemente ligados a correntes de extrema direita, Dugin dialoga com a esquerda buscando, essencialmente, componentes “direitistas” presentes na teoria do campo, a partir de seu próprio entendimento do espectro político. Da mesma forma, o autor explora fronteiras já encontradas pelo fascismo histórico ao propor a união de determinados preceitos de esquerda e direita pela negação revolucionária do liberalismo. Paralelamente, ao estabelecer preceitos escatológicos em sua leitura singular do marxismo, o autor pretende propor a existência de origens comuns em diversos movimentos intelectuais que fomentaram a oposição ao liberalismo para, então, delinear a Quarta Teoria Política como uma síntese antagônica da modernidade.

Diante disso, mostra-se necessário elucidar que os próprios pais fundadores do Marxismo, Marx e Engels, analisaram os limites das proposições de Hegel. Na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*²²², Marx aponta a centralidade da dialética hegeliana para a construção de seu pensamento, mas demarca a necessidade de avançar sobre as proposições da filosofia clássica alemã para que se estabeleça uma crítica da sociedade capitalista capaz de sustentar transformações reais. Nesse sentido, Marx, a partir do diálogo com Hegel, estabelece os preceitos materialistas de sua análise da sociedade capitalista e do conceito de alienação,

²¹⁹ DUGIN, 2014.

²²⁰ *Id.*, 2023, p. 10.

²²¹ *Ibid.*, p. 19.

²²² MARX, Karl. *A crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010.

trazendo a luta de classes para o centro do debate e, substancialmente, marcando a ruptura do pensamento Marxista com a filosofia hegeliana.

É nessa obra, também, que Marx proclama uma de suas frases mais célebres²²³ ao tratar do papel da religião no processo de alienação gerado pelo capitalismo. Dessa forma, o autor enxerga a necessidade de transformação da sociedade a partir de suas bases materiais. Mais tarde, em diálogo com Feuerbach, Marx rompe diametralmente com o idealismo ao definir a filosofia como um elemento de transformação da realidade, para além de seu papel analítico. Diante disso, observa-se que os componentes hegelianos da teoria marxista foram consolidados dentro de uma noção essencialmente materialista, contradizendo a perspectiva duginista que busca aproximar o pensamento de Marx aos preceitos da Quarta Teoria Política.

Paralelamente, Engels dialoga com o próprio Feuerbach²²⁴, enxergando-o como uma ponte entre o pensamento de Hegel e a formulação do Materialismo Histórico. Nesse sentido, Engels aponta que a Filosofia Clássica Alemã termina, justamente, com as obras de Feuerbach, sendo superada por Marx que, a partir de sua análise materialista da sociedade, transforma-a em prática revolucionária. Dessa forma, para Engels, Feuerbach traz os passos iniciais do materialismo sobre o qual Marx avança, atribuindo-lhe caráter dialético e revolucionário.

Da mesma forma, sobre o socialismo utópico, Engels²²⁵ dialoga com autores importantes do campo para estabelecer seus limites e determinar a centralidade da luta de classes. Nesse sentido, Engels aponta que os socialistas utópicos, em seus apelos morais pela transformação da sociedade capitalista, não compreendem o caráter paradigmático da luta de classes e o protagonismo do proletariado como agente de transformação social. A partir de então, o autor delimita as fronteiras do socialismo científico a partir da análise das contradições da sociedade capitalista e postula a revolução socialista como necessidade histórica, sendo o socialismo científico a manifestação teórica dessa necessidade.

Diante disso, pode-se perceber que as inspirações teóricas do marxismo não são suficientes para delimitar convergência entre o pensamento de Marx e as prerrogativas de Dugin. Pelo contrário, ao dialogar com Hegel e os socialistas utópicos, o marxismo avança sobre suas teorias para propor uma análise materialista do capitalismo, que evidencia as classes

²²³ “A miséria religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como é o espírito de uma situação sem espírito. É o ópio do povo.” Marx, 2010, p. 25.

²²⁴ ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã**. São Paulo: Boitempo, 2024.

²²⁵ ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Boitempo, 2025.

sociais como agentes de sua transformação. Nesse sentido, o materialismo histórico se apresenta como subsídio para a ação revolucionária do proletariado a partir da superação de perspectivas utópicas e hegelianas.

Paralelamente, o fenômeno do rubro-pardismo do leste europeu demonstra as origens embrionárias da relação entre o neofascismo e o comunismo no espaço pós-soviético. Nesse processo, emerge uma ultradireita que pretende, e efetivamente consegue, não apenas combater o comunismo, mas substituir a esquerda nas dinâmicas políticas contemporâneas. Esse movimento é essencial para o entendimento dos esforços empreendidos pelo Nova Resistência no Brasil. A partir de ideias revolucionárias de direita, portanto, o grupo disputa espaços antes dominados por uma esvaziada esquerda, que se equilibra entre a defesa do Estado liberal, em oposição à ascensão da ultradireita, e a proposição de novas formas de lidar com os dilemas do mundo neoliberal. O NR, então, encontra espaço ao promover discursos antagônicos a determinados campos da direita nacional, como o combate à influência estadunidense, ao passo em que projeta uma proposta revolucionária de extrema direita, mas que encontra espaço em determinados discursos historicamente associados à esquerda nacional.

Nesse contexto, percebe-se que as afinidades de Dugin com determinados campos da teoria política de esquerda baseiam-se, sobretudo, em tentativas de instrumentalização de determinados aspectos para articular o projeto da Quarta Teoria Política, mas também na relação simbiótica entre esquerdas e o neofascismo do leste europeu. Além disso, a revisão do passado comunista é essencial para um projeto revolucionário que busca reconduzir a Rússia na direção de seu suposto destino manifesto. Dessa forma, o autor busca em Marx e na experiência soviética elementos que sustentem a legitimidade histórica da proposta quartopolitista, ainda que o diálogo de Dugin com o marxismo seja tangente aos preceitos fundamentais do materialismo histórico.

Paralelamente, ao enxergar a experiência soviética e no Partido Bolchevique através de lentes que os distanciam do marxismo e os aproximam do legado imperial russo, Dugin concebe uma visão que engloba as heranças da URSS e dos bolcheviques como processos ligados a perspectivas próprias do Nacional-Bolchevismo. Rejeitando o materialismo e interpretando o pensamento de esquerda de maneira ímpar, Dugin busca novos elementos para sua síntese quartopolitista, mas isso não muda a natureza teórica e propositiva do duginismo, que se insere, indiscutivelmente, como parte do escopo intelectual da extrema direita.

Desse modo, a aproximação entre grupos e ideias ligados à extrema direita ao pensamento político de esquerda é aspecto importante na análise do fenômeno neofascista na contemporaneidade. Buscando superar a lógica moderna que opõe direita e esquerda em favor de uma leitura que busque analisar a postura dos atores políticos em relação ao liberalismo ocidental, Dugin concebe a Quarta Teoria Política a partir da extrema direita e se aproxima de ideias de esquerda a partir de seus componentes antiliberais.

No Brasil, esse movimento é marcante na observação do grupo Nova Resistência, hegemônico na vertente *dissidente* do neofascismo brasileiro. Profundamente antiliberal, a organização vai de encontro a outras agendas da extrema direita brasileira que, em muitos setores, busca se aproximar e reverencia os Estados Unidos e sua influência global.

A partir disso, torna-se essencial analisar como Dugin encontra na oposição ao liberalismo, ao ocidente e à Modernidade o cerne de sua proposta política. Confluindo as noções tradicionalistas de degradação espiritual à pretensão revolucionária palingenésica do (neo) fascismo para propor uma negação absoluta da *Modernidade Ocidental*, Dugin postula a luta contra o liberalismo como ponto principal de sua agenda política e intelectual.

2.4 DUGIN E O LIBERALISMO

Diante do exposto, é necessário evidenciar que Dugin pretende propor a Quarta Teoria Política como uma síntese ideológica capaz de sustentar a negação da modernidade e do liberalismo na disputa pela pós-modernidade. Buscando elementos retóricos em diversos campos da teoria política, o autor estabelece o projeto quartopolitista a partir da superação diametral do liberalismo. Sendo assim, é necessário compreender o que Dugin entende como liberalismo, modernidade e pós-modernidade. O nome do inimigo²²⁶, definido pelo autor, é fundamental para definir as fronteiras entre ideologias capazes de permear o projeto em aberto da Quarta Teoria Política e os preceitos a serem destruídos por ela. Estabelecendo um diagnóstico radical e escatológico do mundo contemporâneo, Dugin vê a “Modernidade ocidental” na raiz da decadência planetária²²⁷:

²²⁶ DUGIN, Aleksandr. **The Great Awakening vs the Great Reset**. London: Arktos, 2021b, p. 59.

²²⁷ DUGIN, 2021b, p. 59-60.

O nome do inimigo é modernidade ocidental. O nome do inimigo tem importância absoluta. Se nomearmos o inimigo como as ideologias políticas ocidentais modernas ou a modernidade política ocidental, já estamos no caminho certo. Não convidamos as pessoas a lutar contra o Ocidente. De forma alguma. O Ocidente não é um inimigo. Não convidamos as pessoas a lutar contra a modernidade como tal — por exemplo, o estado contemporâneo das coisas em algumas sociedades. Porque temos sociedades diferentes, civilizações diferentes que existem no mundo moderno e não pertencem à modernidade ocidental. Podemos, na verdade, viver no mundo moderno fora da modernidade política ocidental. Portanto, não estamos desafiando nem o Ocidente nem a modernidade: estamos desafiando a modernidade ocidental. E essa é uma espécie de forma baseada na virada anticristã, antiespiritual, antitradicional e antissagrada da história ocidental que coincidiu — não por acaso — com o colonialismo, o início do Iluminismo e assim por diante. Esta era moderna do período científico, materialista e colonialista da história ocidental é o mal; este é o problema.

Nesse contexto, observa-se que Dugin delimita, em um período histórico específico, o advento da modernidade e o predomínio da ciência iluminista na sociedade. Dessa maneira, o autor determina os horizontes revolucionários da Quarta Teoria Política a partir da negação das principais heranças da modernidade e do ocidente. Ainda assim, nega o combate a cada um deles, isoladamente: a ideologia moderna e iluminista é o problema, enquanto o ocidente é, ao mesmo tempo, palco e agente da degradação. Dessa forma, o autor mantém os princípios da multipolaridade e define a possibilidade de inserção do ocidente na luta quartopolitista, ao passo em que limita as fronteiras da luta contra a modernidade.

Para Dugin, porém, o legado da modernidade ocidental foi amplamente disputado e o predomínio do liberalismo sobre ele é central. É nesse ponto em que se encontra a cisão da Quarta Teoria Política com fascismo e comunismo: para o autor, as duas ideologias pertencem à modernidade e disputaram-na com o liberalismo, enquanto a QTP luta pela pós-modernidade, em um período no qual as próprias bases ideológicas do liberalismo evaporam diante de seu predomínio global.

Dessa forma, Dugin enxerga a modernidade como o início do processo de degradação do espírito, noção fundamental para a proposição de suas ideias. O liberalismo, por sua vez, apresenta-se como a ideologia que sintetiza a essência moderna e, por isso, tornou-se vencedor da disputa pela modernidade. Após a vitória final do liberalismo e com a chegada da pós-modernidade, o mundo entraria, também, em uma fase pós-liberal, na qual o liberalismo deixaria de ser uma ideologia e entraria em uma fase totalitária, condensando todas as esferas da vida pós-moderna sob seus preceitos. A luta de Dugin, portanto, não é mais pela modernidade e contra o liberalismo, mas pela pós-modernidade em confronto com a *matrix pós-liberal*. Diante disso, a chave da disputa pela pós-modernidade está no confronto entre aqueles

que se conformam com o mundo contemporâneo e os indignados, adeptos do *dissenso*²²⁸, conceito fundamental para o pensamento duginista²²⁹.

A Quarta Teoria Política não nos será simplesmente dada sem qualquer esforço. Ela pode emergir ou não. O pré-requisito para seu aparecimento é o dissenso. Isto é, o dissenso em relação ao pós-liberalismo como prática universal, contra a globalização, contra a pós-modernidade, contra o “fim da história”, contra o status quo, contra o desenvolvimento inercial dos principais processos civilizacionais na aurora do século XXI.

Retomando as perspectivas de Dugin sobre o liberalismo, percebe-se que o autor enxerga sua vitória final na luta pela modernidade e a reivindicação sobre todo o legado do Iluminismo são resultado da maior adaptabilidade dessa ideologia à era moderna²³⁰:

A primeira teoria política é o liberalismo. Ele emergiu primeiro, tão cedo quanto o século XVIII e acabou sendo a ideologia mais estável e bem sucedida, tendo finalmente prevalecido sobre seus rivais nessa batalha histórica. Como resultado dessa vitória, ele provou, entre outros fatores, a justificativa de sua reivindicação sobre todo o legado do Iluminismo. Hoje, é óbvio que era o liberalismo que estava melhor adaptado à modernidade

Diante disso, Dugin postula que a disputa pela modernidade, ou a luta contra ela, são inúteis. A segunda e a terceira teorias políticas lutaram contra ela e, ao serem derrotadas, encaminharam a possibilidade de globalização da agenda liberal que se impõe, paulatinamente, em uma nova era. A pós-modernidade emerge no pensamento duginista, portanto, como um palco de novas lutas. A disputa da Quarta Teoria Política é, dessa forma, pelo legado pós-moderno. Dugin, porém, interpreta de forma ambígua os esforços das outras duas teorias políticas que lutaram pela modernidade contra o liberalismo. Para o autor, seu caráter essencialmente moderno faz com que, como ideologias, seu potencial esteja esgotado. Ainda assim, a própria derrota mostraria que, de fato, o eixo da modernidade está no liberalismo, e fascistas e comunistas teriam, por baixo dos escombros de sua luta pela modernidade, uma essência distante do espírito moderno²³¹:

²²⁸ A noção de dissenso mobilizada pelo autor e pelo grupo Nova Resistência transcende a mera oposição política institucional para se consolidar como uma clivagem existencial e ontológica que busca reconfigurar o espectro político contemporâneo para além da dicotomia entre esquerda e direita. Longe de ser apenas uma divergência programática, o dissenso é apresentado como um pré-requisito fundamental para a emergência da Quarta Teoria Política, funcionando como o eixo divisor entre aqueles que se conformam com a "matrix pós-liberal" e os "indignados" que a rejeitam integralmente como uma prática universal. Baseada nas formulações do filósofo de extrema direita Alberto Buella, essa categoria atua como uma ferramenta de síntese antiliberal, permitindo a união de atores historicamente antagônicos em uma frente comum contra a Modernidade Ocidental, a globalização e o Fim da História. Assim, o dissenso não é uma simples contestação de governos, mas uma postura revolucionária palingenésica que identifica no liberalismo a raiz de uma profunda degradação espiritual, propondo a destruição dessa ordem em favor de um mundo multipolar formado por civilizações pautadas pela Tradição.

²²⁹ DUGIN, 2021a, p. 11

²³⁰ *Ibid*, p. 8.

²³¹ DUGIN, 2021a, p. 14

A segunda e terceira teorias políticas são inaceitáveis como pontos de partida para resistir ao liberalismo, particularmente pelo modo como elas se compreendiam, a que elas apelavam e como elas operavam. Elas se posicionavam como competidoras pela expressão da alma da modernidade e falharam nessa iniciativa. Porém, nada nos impede de repensar o próprio fato de sua derrota como algo positivo, seus vícios remodelados como virtudes. Já que a lógica da história da Nova Era nos trouxe à pósmodernidade, então ela também contém a essência secreta da Nova Era que só nos foi revelada no final. A segunda e terceira teorias políticas se reconheciam como competidoras pela expressão do espírito da modernidade. E essas reivindicações caíram por água abaixo. Tudo relativo a essas intenções não realizadas nas ideologias prévias é de mínimo interesse para os criadores da Quarta Teoria Política. Porém, nós devemos atribuir o próprio fato de que elas perderam a uma de suas vantagens ao invés de a suas desvantagens. Perdendo, elas provaram que não pertenciam ao espírito da modernidade, o qual, por sua vez, levou à matrix pós-liberal. Aí residem suas vantagens. Mais ainda, isso significa que os representantes da segunda e terceira teorias políticas – conscientemente ou inconscientemente – estavam do lado da Tradição, porém, sem tirar as conclusões necessárias disso ou sem mesmo o reconhecer.

Evocando a Tradição como elemento fundamental das outras duas teorias políticas, Dugin permite que se aprofunde um dos principais empreendimentos retóricos da Quarta Teoria Política: a confluência, a partir do Tradicionalismo, de componentes antiliberais existentes em diversas correntes teóricas. Nesse cenário, o autor interpreta a pós-modernidade como o ponto máximo do processo de degradação global gerado pelo domínio da modernidade ocidental. Ainda assim, para ele, apresenta-se a partir daí uma oportunidade de lutar pelo legado pós-moderno a partir de suas próprias contradições.

Nesse sentido, Dugin analisa o mundo contemporâneo a partir de duas frentes correlatas que pressupõem, ao mesmo tempo, a degradação do presente e a luta pelo futuro. Em sua interpretação da pós-modernidade, o autor identifica os elementos presentes na globalização em associação a preceitos da ideologia liberal. Para ele, a emergência do individualismo como agente primário da identidade no mundo pós-moderno, bem como as reflexões sobre defesa dos direitos humanos são parte da construção de um novo Estado liberal global. Dessa forma, seriam também motores de uma agenda liberal da disputa pela pós-modernidade²³²:

É nesse ponto que o fenômeno da globalização emerge, o modelo de uma sociedade pós-industrial se faz conhecido e a era pós-moderna tem início. De agora em diante, o sujeito individual não é mais resultado de escolha, mas um tipo de dado mandatário. O homem está liberto de seu “pertencimento” e de identidades coletivas, e a ideologia dos “direitos humanos” se torna amplamente aceita, ao menos em teoria e é praticamente compulsória. Uma humanidade sob o liberalismo, composta por indivíduos, é naturalmente impelida em direção à universalidade e busca se tornar global e unificada. Assim, os projetos do “estado global”, governança global e do “governo mundial” ou globalismo nascem

Diante desse contexto, para Dugin, emerge a necessidade histórica da construção de uma Quarta Teoria Política. Para o autor, a globalização liberal e seus esforços de aplicação dos

²³² DUGIN, 2021a, p. 9.

preceitos liberais em todas as esferas da vida humana é a condição definitiva da pós-modernidade e, dessa forma, faz emergir uma oportunidade histórica. Para aqueles que lutam contra o liberalismo e a modernidade ocidental, portanto, a pós modernidade apresenta uma missão quartopolitista de lutar contra o projeto iluminista a partir das próprias contradições emergentes no mundo contemporâneo²³³:

E é aqui que os novos prospectos se abrem para a Quarta Teoria Política. Aquele tipo de pós-modernidade que está atualmente sendo realizada na prática, a pós-modernidade pós-liberal, cancela a lógica estrita da própria modernidade – após o objetivo ter sido alcançado, os passos para alcançá-la perdem o sentido. A pressão da concha ideológica se torna menos rígida. A ditadura das ideias é substituída pela ditadura das coisas, senhas de login e códigos de barra. Novos buracos estão aparecendo no tecido da realidade pós-moderna. Como a terceira e segunda teorias políticas, concebidas como uma versão escatológica do tradicionalismo, uma vez tentaram “colocar uma sela na modernidade” em sua luta com o liberalismo, a primeira teoria política, hoje há uma chance de conquistar algo análogo com a pósmodernidade, usando esses “novos buracos”, em particular. O liberalismo se desenvolveu infalivelmente operando armas dirigidas contra suas alternativas diretas, o que foi a base de sua vitória. Mas é essa própria vitória que reserva o maior risco para o liberalismo. Nós devemos apenas averiguar a localização desses novos pontos vulneráveis no sistema global e decifrar suas senhas de login de modo a hackear seu sistema. Pelo menos, nós devemos tentar fazê-lo. Os eventos de 11 de setembro em Nova Iorque demonstraram que isso é possível até mesmo tecnologicamente. A sociedade da Internet pode ser útil mesmo para os seus firmes inimigos. Em qualquer caso, primeiro e mais importante, nós devemos entender a pós-modernidade e a nova situação não menos profundamente do que Marx entendeu a estrutura do capitalismo industrial. A Quarta Teoria Política deve buscar sua “inspiração sombria” na pósmodernidade, na liquidação do programa do Iluminismo e na chegada da sociedade do simulacro, interpretando isso como um incentivo para a batalha, ao invés de como um dado fatal.

Tal interpretação bélica da história humana e da contemporaneidade não é novidade para Dugin. A manifestação de disputas espirituais e escatológicas de forma concreta, em períodos históricos definidos, é uma constante no pensamento duginista. Esse esforço de reinterpretar o passado para propor novos futuros é constante na ultradireita contemporânea, sobretudo em suas vertentes antiliberais. Rever a História é essencial para aqueles que buscam idealizar, politicamente, formas de vida anteriores à modernidade e, nesse sentido, a interpretação de Dugin sobre o passado é pautada por uma visão derrotista diante de toda a Era Moderna. Para o autor, a vitória da modernidade ocidental e seu predomínio sobre a contemporaneidade é sintoma de uma luta mais profunda pelo espírito humano, que deve ser retomada e assimilada à atualidade através da síntese quartopolitista.

Nesse sentido, Dugin avança sobre teorias filosóficas passadas para aprofundar seu entendimento da decadência moderna. Para ele, a “Morte de Deus”²³⁴ e o “Desencanto do

²³³ *Ibid*, p. 13.

²³⁴ DUGIN, 2021a, p. 16.

Mundo”²³⁵ se revelam como diagnósticos anteriores que proclamavam a decadência do espírito diante do avanço da modernidade. Dessa maneira, princípios iluministas e seu desenvolvimento social ao longo da era moderna estariam no cerne da pós-modernidade, e a evolução das relações religiosas no período moderno representariam, novamente, o diagnóstico de tempos moribundos e o alvorecer de uma nova força revolucionária, amparada na Tradição²³⁶:

A Tradição (religião, hierarquia, família) e seus valores foram sobrepujados na aurora da modernidade. Em verdade, todas as três teorias políticas foram concebidas como construções ideológicas artificiais por pessoas que compreenderam, de vários modos, “a morte de Deus” (Friedrich Nietzsche), o “desencanto do mundo” (Max Weber) e o “fim do sagrado”. Este foi o núcleo da Nova era da Modernidade: o homem passou a substituir Deus, a filosofia e a ciência substituíram a religião, e os construtos racionais, enérgicos e tecnológicos tomaram o lugar da Revelação. Porém, se o modernismo se exauriu na pós-modernidade, então ao mesmo tempo, o período de “teomaquia” direta chega a um fim junto com ela. As pessoas pós-modernas não são contrárias à religião, mas ao invés, indiferentes. (...) Em qualquer caso, a era da perseguição à Tradição acabou, ainda que, seguindo a lógica do pós-liberalismo, isso provavelmente levará à criação de uma nova pseudo-religião global, baseada nos restos de cultos sincréticos disparatados, no ecumenismo caótico desenfreado e na “tolerância”. Enquanto esse curso dos eventos é, de algumas maneiras, ainda mais aterrorizante do que o materialismo e o ateísmo dogmático diretos e descomplicados, o enfraquecimento da perseguição da Fé pode ser aquela chance, se os representantes da Quarta Teoria Política agirem consistentemente e descompromissadamente na defesa dos ideais e valores da Tradição.

Postulando a religiosidade como componente fundamental da agenda revolucionária quartopolitista, Dugin apela para a tradição das eras antecedentes da modernidade e, ao mesmo tempo, determina a emergência de um conflito político que disputa, na verdade, o espírito. Vislumbrando a pós-modernidade como palco da mais profunda resignação do humano sobre o sagrado, o autor posiciona a luta quartopolitista nos limites escatológicos da fé²³⁷:

Assim, a Quarta Teoria Política pode facilmente se voltar para tudo que precedeu a modernidade de modo a buscar sua inspiração lá. O reconhecimento da “morte de Deus” deixa de ser um “imperativo mandatório” para aqueles que querem permanecer relevantes. As pessoas da pós-modernidade já estão tão resignadas diante desse evento que elas nem podem mais compreendê-lo – “Quem morreu exatamente?” Mas, do mesmo jeito, os desenvolvedores da Quarta Teoria Política podem esquecer esse “evento”. “Nós acreditamos em Deus, mas ignoramos aqueles que ensinam sobre Sua morte, tanto como ignoramos as palavras dos loucos”. Isso marca o retorno da teologia e se torna um elemento essencial da Quarta Teoria Política. Quando ela retorna, a pós-modernidade (globalização, pós-liberalismo e a sociedade pós-industrial) é facilmente

²³⁵ Aleksandr Dugin recorre tanto à noção de *morte de Deus*, de Nietzsche, quanto ao conceito weberiano de *desencantamento do mundo*, para diagnosticar a modernidade como um processo de dissolução espiritual, cuja culminância seria o materialismo absoluto da civilização contemporânea. Ainda que oriundas de matrizes filosóficas distintas, ambas as ideias são reinterpretadas por Dugin como expressões da decadência própria do ciclo terminal do Kali Yuga. Tal leitura aproxima-se de uma lógica palingenética, típica da extrema direita radical, segundo a qual o colapso moderno só poderia ser superado por uma revolução espiritual que restabeleça os fundamentos tradicionais da civilização. Nesse sentido, a palingenesia, a crença em um renascimento redentor após a ruína, torna-se o horizonte de projetos político-espirituais que se alimentam do desencanto para prometer uma nova ordem.

²³⁶ DUGIN, 2021^a, p. 16.

²³⁷ *Ibid*, p. 17.

reconhecida como “o reino do Anticristo” (ou suas contrapartes em outras religiões – “Dajjal” para os muçulmanos, “Erev Rav” para os judeus, e “Kali Yuga” para os hindus, etc.). Agora esta não é simplesmente uma metáfora capaz de mobilizar as massas, mas um fato religioso – o fato do Apocalipse.

Por fim, Dugin sintetiza a luta quartopolitista e sua negação da modernidade ocidental a partir de um preceito concreto: o combate ao progresso. Para o autor, a essência moderna, representada nas três teorias políticas analisadas, está na tomada do desenvolvimento como um axioma que pressupõe a paulatina evolução da sociedade. O futuro seria sempre melhor e, para Dugin, está aí o rompimento da Quarta Teoria Política com a modernidade²³⁸:

Consequentemente, já é tempo de apresentarmos a questão da busca pela “Quarta Teoria Política” para além das três primeiras. E a rejeição radical das três teorias clássicas reflete nossa atitude em relação ao que é comum a todas elas – isto é, nossa atitude em relação à modernização, ao progresso, à evolução, ao desenvolvimento, e ao crescimento.

Dessa forma, o liberalismo é entendido como o ápice da modernidade e o ator fundamental na transição para o mundo pós-moderno. Nesse sentido, a luta quartopolitista é definida como uma luta contra o próprio liberalismo e todos os seus preceitos. Buscando um verdadeiro empreendimento revolucionário que centralize a tradição em seu programa político, Dugin define, de maneira clara, a missão daqueles que pretendem construir a Quarta Teoria Política:

“O liberalismo é o destino maligno da civilização humana”. A batalha contra ele, a oposição a ele, a refutação de seus dogmas venenosos – este é o imperativo moral de todas as pessoas honestas no planeta. A todo custo, devemos, argumentativamente e meticulosamente, de novo e de novo, repetir esta verdade, mesmo quando fazê-lo parecer inútil, extemporâneo, politicamente incorreto e às vezes até mesmo perigoso.

Paralelamente, Dugin enxerga em processos históricos contemporâneos a disputa que deve ser travada pelos agentes da Quarta Teoria Política. Para o autor, a chegada de um novo governo liberal global não é mera especulação retórica, sendo apreciada em fenômenos concretos que determinam a luta por uma nova era. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que vê a vitória de Donald Trump, nas eleições presidenciais estadunidenses de 2024, como um marco, Dugin observa a política externa norte-americana dos governos anteriores como parte da agenda liberal global. O governo de Joe Biden se apresenta como ponto paradigmático desse contexto, no qual o globalismo entraria em sua fase totalitária²³⁹:

Em seu discurso sobre o “novo” curso da política externa dos EUA, Biden expressou as principais direções da política globalista. (...) No geral, Biden simplesmente anunciou um retorno ao vetor anterior: Colocar os interesses globais à frente dos interesses nacionais; Fortalecer as estruturas do Governo Mundial e seus ramos na forma de organizações supranacionais globais e estruturas econômicas; Fortalecer o

²³⁸ DUGIN, 2021a, p. 164.

²³⁹ *Id.*, 2021b, p. 7.

bloco da OTAN e a cooperação com todas as forças e regimes globalistas; A promoção e o aprofundamento da mudança democrática em escala global, o que na prática significa: 1. intensificar as relações com os países e regimes que rejeitam a globalização - em primeiro lugar, Rússia, China, Irã, Turquia, etc.; 2. um aumento da presença militar dos EUA no Oriente Médio, Europa e África; 3. a disseminação da instabilidade e das "revoluções coloridas"; 4. uso generalizado de "demonização", "desplataforma" e ostracismo em rede (cultura do cancelamento) contra todos aqueles que têm visões diferentes da globalista (tanto no exterior quanto nos próprios EUA). Assim, a nova liderança da Casa Branca não só não demonstra a menor disposição para dialogar em pé de igualdade com ninguém, como apenas endurece seu próprio discurso liberal, que não tolera qualquer objeção. O globalismo está entrando em uma fase totalitária. Isso torna a possibilidade de novas guerras — incluindo um risco maior de uma Terceira Guerra Mundial — mais do que provável.

Ainda, Dugin vê como desafio à globalização liberal moderna a permanência de vestígios de identidade coletiva e, diante disso, traz um prognóstico singular acerca dos próximos passos da agenda globalista. Para o autor, restam dois aspectos da vida moderna que mantém a possibilidade de identificação social para além do indivíduo e, nesse contexto, os agentes da globalização fariam empreendimentos com o objetivo direto de combater-los. Surge assim, na cosmovisão duginista, uma prospecção a respeito da assimilação da coletividade ao indivíduo nos quais o gênero e a própria condição humana se tonariam opcionais, permitindo a dominação completa do espírito pelos paradigmas do individualismo liberal. Sobre o papel das discussões de gênero na contemporaneidade, Dugin afirma:²⁴⁰

Depois de derrotar seu último inimigo ideológico, o campo socialista, o capitalismo chegou a um ponto crucial. O individualismo, o mercado, a ideologia dos direitos humanos, a democracia e os valores ocidentais venceram em escala global. Parece que a agenda está cumprida — ninguém mais se opõe ao "individualismo" e ao nominalismo com nada sério ou sistêmico. Nesse período, o capitalismo entra em sua terceira fase. Em uma análise mais aprofundada, após derrotar o inimigo externo, os liberais descobriram mais duas formas de identidade coletiva. Em primeiro lugar, o gênero. Afinal, gênero também é algo coletivo: masculino ou feminino. Portanto, o próximo passo foi a destruição do gênero como algo objetivo, essencial e insubstituível. O gênero exigia a abolição, assim como todas as outras formas de identidade coletiva, que haviam sido abolidas ainda antes. Daí a política de gênero, a transformação da categoria de gênero em algo "opcional" e dependente da escolha individual. Aqui, novamente, estamos lidando com o mesmo nominalismo: por que entidades duplas? Uma pessoa é uma pessoa como indivíduo, enquanto o gênero pode ser escolhido arbitrariamente, assim como religião, profissão, nação e modo de vida eram escolhidos antes. Isso se tornou a principal agenda da ideologia liberal na década de 1990, após a derrota da União Soviética. Sim, oponentes externos se opuseram à política de gênero — aqueles países que ainda mantinham os resquícios da sociedade tradicional, os valores da família etc., bem como os círculos conservadores no próprio Ocidente. Combater conservadores e "homofóbicos", isto é, defensores da visão tradicional da existência dos sexos, tornou-se o novo objetivo dos adeptos do liberalismo progressista. Muitos esquerdistas aderiram, substituindo a política de gênero e a proteção à imigração por objetivos anticapitalistas anteriores.

²⁴⁰ DUGIN, 2021b, p. 6.

Concomitantemente, o autor delinea o prognóstico a respeito do papel da tecnologia na agenda liberal. Associando o conceito de singularidade tecnológica²⁴¹ à política contemporânea, Dugin vê os mais recentes avanços tecnológicos como parte do empreendimento liberal de superação do espírito e da coletividade²⁴²:

Assim, o último passo que resta aos liberais, que percorreram séculos em direção ao seu objetivo, é substituir os humanos, ainda que parcialmente, por ciborgues, redes de inteligência artificial e produtos da engenharia genética. O humano opcional segue logicamente o gênero opcional. Essa agenda já é prenunciada pelo pós-humanismo, pós-modernismo e realismo especulativo na filosofia, e tecnologicamente está se tornando cada vez mais realista a cada dia. Futurologistas e defensores da aceleração do processo histórico (aceleracionistas) olham com confiança para o futuro próximo, quando a inteligência artificial se tornará comparável em parâmetros básicos aos seres humanos. Esse momento é chamado de Singularidade. Sua chegada está prevista para dentro de dez a vinte anos.

Paralelamente, ao discutir o futuro do liberalismo e a condição pós-moderna, Dugin debate a os acontecimentos políticos recentes dos Estados Unidos sob as lentes da Quarta Teoria Política, ao passo em que estabelece diálogo com importantes setores da extrema direita do país. Delimitando os limites do trumpismo e o papel de organizações extremistas no contexto norte-americano, Dugin avança sobre os objetivos de proclamar a Quarta Teoria Política como uma síntese da oposição à modernidade ocidental. Nesse movimento, o autor define sua posição ambígua diante de Donald Trump, rejeitando sua vinculação ao liberalismo, mas reconhecendo um papel fundamental na luta contra o globalismo nos Estados Unidos²⁴³:

Trump surfou uma onda de populismo em 2016 que nenhum outro líder europeu conseguiu igualar. Trump tornou-se, assim, um símbolo da oposição à globalização liberal. Sim, não se tratava de uma ideologia alternativa, mas apenas de uma resistência desesperada às conclusões mais recentes tiradas da lógica e até da metafísica do liberalismo (e do nominalismo). Trump não estava de forma alguma desafiando o capitalismo ou a democracia, mas apenas as formas que estes haviam assumido em sua fase mais recente e sua implementação gradual e consistente. Mas mesmo isso foi suficiente para marcar uma cisão fundamental na sociedade americana.

Da mesma forma, Dugin faz referência ao QAnon²⁴⁴, proclamando sua profícua leitura do mundo contemporâneo, mas condenando suas atividades estratégicas. Para o autor, os traços

²⁴¹ O conceito de *singularidade tecnológica* refere-se à hipótese de que o avanço exponencial da inteligência artificial e das tecnologias digitais culminará em uma ruptura civilizacional sem precedentes, a partir da qual o futuro da humanidade se tornaria imprevisível. Essa ideia é central em discursos transumanistas e é alvo de críticas de pensadores tradicionalistas como Aleksandr Dugin, que a enxergam como a expressão máxima da decadência moderna.

²⁴² DUGIN, 2021b, p. 7.

²⁴³ DUGIN, 2021b, p. 20.

²⁴⁴ O QAnon constitui uma teoria da conspiração de caráter milenarista e apocalíptico, surgida em fóruns anônimos da internet a partir de 2017, cujos adeptos acreditam na existência de uma elite global secreta envolvida em práticas pedófilas e satanistas, supostamente combatida por agentes internos do Estado norte-americano. O ex-presidente Donald Trump é, nesse imaginário, alçado à posição de figura messiânica incumbida de liderar essa batalha contra o chamado *Deep State*. Combinando retórica anti-globalista, messianismo cristão e lógica de guerra cultural, o

grotescos da oposição ao liberalismo agenciada pelo grupo se tornam ferramenta para os globalistas articularem sua resistência²⁴⁵:

Intuições verdadeiras sobre a natureza sinistra da ideologia liberal — evidenciadas nos últimos estágios de sua disseminação triunfante pela humanidade — foram formuladas por apoiadores do QAnon no nível do americano médio e da consciência de massa, que dificilmente se inclinam a análises filosóficas e ideológicas aprofundadas. Paralelamente, o QAnon expandiu sua influência, mas ao mesmo tempo conferiu à crítica antiliberal traços grotescos. Foram os apoiadores do QAnon, como a vanguarda do populismo conspiratório de massa, que lideraram os protestos de 6 de janeiro, quando apoiadores de Trump invadiram o Capitólio indignados com a eleição fraudada. Eles não alcançaram nenhum objetivo, apenas deram a Biden e aos democratas uma desculpa para demonizar ainda mais o trumpismo e todos os oponentes do globalismo, equiparando qualquer conservador ao "extremismo".

Indicando preceitos pragmáticos para o direcionamento do projeto quartopolitista, Dugin aprofunda o diálogo com a extrema direita estadunidense ao buscar a ideia do *Grande Despertar*²⁴⁶ em contraponto ao discurso do “grande *reset*” de Biden. O debate com setores importantes da extrema direita dos EUA é empreendido meticulosamente por Dugin, que aceita, em partes, o caráter messiânico de Trump em sua luta contra as “elites”, mas define as fronteiras de sua essência moderna. Dessa forma, o autor convoca os extremistas políticos norte-americanos em direção a uma ampla luta global contra a modernidade ocidental, vendo como central as disputas travadas no próprio ambiente da política doméstica estadunidense. Nesse sentido, sem mencionar a Quarta Teoria Política, Dugin postula que o *despertar* de uma nova era representa suspiros de consciência em meio aos que estão imersos em seus prognósticos trans humanistas de singularidade tecnológica²⁴⁷:

O Grande Despertar é um lampejo de consciência no limiar da Singularidade. É a última oportunidade para tomar uma decisão alternativa sobre o conteúdo e a direção do futuro. A substituição completa dos seres humanos por novas entidades, novas divindades, não pode ser simplesmente imposta pela força vinda de cima. As elites

QAnon rapidamente se converteu em catalisador de setores radicais da extrema direita, influenciando mobilizações políticas, pautas eleitorais e episódios de violência nos Estados Unidos, como a invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Embora inicialmente restrito a espaços marginais da internet, o movimento atravessou fronteiras digitais e geográficas, tornando-se um dos principais vetores da desinformação política contemporânea. Mais em: GARRY, Amanda et al. QAnon conspiracy theory: examining its evolution and mechanisms of radicalization. **Journal for Deradicalization**, n. 26, p. 152-216, 2021.

²⁴⁵ DUGIN, 2021b, p. 21.

²⁴⁶ O conceito de Great Awakening, ou Grande Despertar, em tradução livre, popularizado por Alex Jones, figura central do ecossistema conspiracionista norte-americano e fundador do site InfoWars, refere-se a uma suposta tomada de consciência coletiva diante do domínio exercido por elites globalistas ocultas. Integrando elementos religiosos, anti-institucionais e antiglobalistas, a narrativa se estrutura em torno da ideia de que a população estaria despertando para uma “verdade” sistematicamente encoberta por governos, mídias e organismos internacionais. Associado a temas recorrentes no universo conspiratório contemporâneo, como a existência de uma elite pedófila, a manipulação midiática e o controle populacional, o Great Awakening insere-se num contexto mais amplo de radicalização da extrema direita estadunidense, dialogando diretamente com o movimento QAnon e com setores nacionalistas cristãos que interpretam a política como uma guerra espiritual contra os valores da modernidade liberal. Mais em: JONES, Alex; HECKENLIVELY, Kent. **The Great Awakening: Defeating the Globalists and Launching the Next Great Renaissance**. Simon and Schuster, 2023.

²⁴⁷ DUGIN, 2021b, p. 28.

devem seduzir a humanidade, obter dela — ainda que vagamente — algum consentimento. O Grande Despertar exige um "Não" decisivo! Este ainda não é o fim da guerra, nem mesmo a guerra em si. Além disso, ela ainda não começou. Mas é a possibilidade de tal começo. Um novo começo na história da humanidade.

Em sequência, Dugin aponta o despertar como apenas um começo, urgindo pela organização ideológica da luta contra a modernidade liberal. Para o autor, os possíveis agentes revolucionários, que reservam em seu espírito uma profunda negação dos paradigmas contemporâneos, ainda estão umbilicalmente presos à modernidade. Dessa forma, Dugin proclama a necessidade de superação completa dos componentes modernos presentes nos atores antiliberais da contemporaneidade²⁴⁸:

É claro que o Grande Despertar está completamente despreparado. Como vimos, nos próprios EUA, os oponentes do liberalismo, tanto Trump quanto os trumpistas, estão prontos para rejeitar o último estágio da democracia liberal, mas nem sequer pensam em uma crítica completa do capitalismo. Defendem o ontem e o hoje contra um amanhã iminente e ameaçador. Mas carecem de um horizonte ideológico completo. Tentam salvar o estágio anterior da mesma democracia liberal, o mesmo capitalismo, de seus estágios tardios e mais avançados. E isso em si contém uma contradição. A esquerda contemporânea também tem limites em sua crítica do capitalismo, tanto porque compartilha uma compreensão materialista da história, quanto porque os movimentos socialista e comunista foram recentemente dominados pelos liberais e reorientados, deixando de travar uma guerra de classes contra o capitalismo para proteger migrantes, minorias sexuais e combater "fascistas" imaginários. A direita, por outro lado, está confinada aos seus Estados-nação e culturas, sem perceber que os povos de outras civilizações se encontram na mesma situação desesperadora. As nações burguesas que emergiram no alvorecer da modernidade representam um vestígio da civilização burguesa. Esta civilização hoje está destruindo e abolindo o que ela mesma criou ontem, enquanto usa todas as limitações da identidade nacional para impedir que a humanidade, em um estado fragmentado e conflituoso, confronte os globalistas. Portanto, há o Grande Despertar, mas ele ainda não tem uma base ideológica. Se é verdadeiramente histórico, e não um fenômeno efêmero e puramente periférico, então ele simplesmente precisa de uma fundação — uma que vá além das ideologias políticas existentes que emergiram nos tempos modernos no próprio Ocidente.

Nesse cenário, Dugin enxerga, nos EUA, uma disputa fundamental pelo legado pós-moderno, interpretando a realidade estadunidense como uma encruzilhada entre “Biden e a liberdade”²⁴⁹. Dessa forma, o autor entende que, nos avanços totalitários do liberalismo, vislumbra-se o empreendimento democrata de desarmamento da população e a instauração de um sistema de partido único, limitando bruscamente as possibilidades de resistência dissidente. Esse fenômeno, para Dugin, mostra o avanço da ideologia “liberal-bolchevique” sobre a sociedade norte-americana²⁵⁰. Ainda, o autor postula a necessidade de aproximação entre polos opostos da luta antiliberal. Nesse sentido, Dugin clama pela diluição das fronteiras tradicionais entre esquerda e direita para o avanço da agenda do *Grande Despertar*. Após posicionar o papel

²⁴⁸ *Ibid*, p. 28.

²⁴⁹ DUGIN, 2021b, p. 31

²⁵⁰ DUGIN, 2021b, p. 31.

dos EUA, no programa revolucionário, o autor encaminha as demandas para que a Europa se torne um polo da resistência ao liberalismo e, mais que isso, da construção de um novo mundo voltado para a tradição²⁵¹:

A emergência de um polo europeu do Grande Despertar deve envolver a resolução destas duas tarefas ideológicas: a superação definitiva da fronteira entre a Esquerda e a Direita (isto é, a rejeição obrigatória do "antifascismo" artificial por alguns e do "anticomunismo" artificial por outros) e a elevação do populismo como tal — o populismo integral — a um modelo ideológico independente. Seu significado e sua mensagem devem ser uma crítica radical ao liberalismo e ao seu estágio mais elevado, o globalismo, combinando ao mesmo tempo a demanda por justiça social e a preservação da identidade cultural tradicional. Neste caso, o populismo europeu irá, antes de mais nada, adquirir uma massa crítica que está fatalmente ausente, já que populistas de direita e de esquerda desperdiçam tempo e esforço em acertos de contas entre si e, em segundo lugar, tornar-se-á um polo importantíssimo do Grande Despertar.

Dessa forma, Dugin postula a necessidade de superação dos paradigmas tradicionais que definem esquerda e direita, ao passo em que condena o antagonismo estabelecido por fascistas e comunistas entre si. Esse movimento é paradigmático no pensamento duginista, que enxerga a possibilidade de união entre dissidentes para além de suas afiliações a correntes do espectro político convencional. Da mesma forma, adeptos de esquerda e direita seriam, muitas vezes, inimigos da luta contra a modernidade ocidental, fazendo parte do fenômeno conformista diante da globalização e do avanço do liberalismo.

Diante disso, pode-se perceber a centralidade da negação do liberalismo no pensamento duginista e a forma através da qual, ao rejeitar a hegemonia liberal, o autor clama por uma frente de resistência tradicional edificada a partir da Quarta Teoria Política. Propondo a unificação de campos ideológicos distintos, o projeto duginista encontra ressonância nas propostas do Nova Resistência para o Brasil, com o grupo sustentando seu projeto a partir do resgate de tradições brasileiras em oposição à hegemonia estadunidense na América Latina.

Paralelamente, encaminhando um projeto revolucionário global e determinando papéis específicos para diferentes *civilizações*, Dugin deixa, como se poderia esperar, o protagonismo reservado para a Rússia. Enxergando sua terra natal como um bastião histórico da oposição ao ocidente, ao liberalismo e à globalização, o autor compreende a identidade russa e seus agentes como componentes fundamentais do *despertar*. Dessa forma, estaria na Rússia a manifestação orgânica, cultural e tradicional dos preceitos necessários para a edificação do projeto revolucionário antiliberal²⁵²:

²⁵¹ *Ibid*, p. 32.

²⁵² *Ibid*, p. 35.

Finalmente, o polo mais importante do Grande Despertar destina-se à Rússia. Apesar de a Rússia ter estado parcialmente envolvida na civilização ocidental, através da cultura iluminista durante o período czarista, sob os bolcheviques e especialmente após 1991, em todas as suas fases — tanto na antiguidade como no presente — a identidade profunda da sociedade russa é profundamente desconfiada do Ocidente, especialmente do liberalismo e da globalização. O nominalismo é profundamente alheio ao povo russo em seus próprios fundamentos. A identidade russa sempre priorizou o comum — o clã, o povo, a igreja, a tradição, a nação e o poder, e mesmo o comunismo representou — ainda que artificial, em termos de classe — uma identidade coletiva oposta ao individualismo burguês. Os russos rejeitaram teimosamente e continuam a rejeitar o nominalismo em todas as suas formas. E esta é uma plataforma comum tanto para o período monárquico quanto para o soviético. Após a tentativa fracassada de integração à comunidade global na década de 1990, graças ao fracasso das reformas liberais, a sociedade russa tornou-se ainda mais convencida de até que ponto o globalismo e as atitudes e princípios individualistas são alheios aos russos. É isso que determina o apoio geral ao curso conservador e soberano de Putin. Os russos rejeitam a Grande Reinicialização tanto da direita quanto da esquerda — e isso, juntamente com as tradições históricas, a identidade coletiva e a percepção da soberania e da liberdade estatal como o valor mais alto, não é uma característica fundamental momentânea, mas de longo prazo, da civilização russa.

Por fim, Dugin aponta a necessidade de unificação global do movimento antiliberal²⁵³, convocando atores oriundos de realidades nacionais e *civilizacionais* múltiplas para o processo revolucionário dissidente. Dessa maneira, seria possível que a luta contra a modernidade e o liberalismo saísse das margens da ação política contemporânea em direção ao centro de um novo mundo²⁵⁴:

Se somarmos o trumpismo americano, o populismo europeu (tanto de direita quanto de esquerda), a China, o mundo islâmico e a Rússia, e prevermos que em algum momento a grande civilização indiana, a América Latina e a África, que está entrando em outra rodada de descolonização, e todos os povos e culturas da humanidade em geral também podem se juntar a esse campo, não temos meros marginais dispersos e confusos tentando se opor às poderosas elites liberais que levam a humanidade ao massacre final, mas uma frente completa incluindo atores de várias escalas, desde grandes potências com economias planetárias e armas nucleares até forças e movimentos políticos, religiosos e sociais influentes e numerosos.

Desse modo, Dugin concebe as necessidades históricas para a transformação do *grande despertar*, um suspiro desesperado daqueles que não se conformam com o paradigma contemporâneo, em um movimento revolucionário capaz de transformar o mundo e encaminhá-lo na direção da Tradição. Nesse movimento, indicando o colonialismo como parte da degradação latino-americana, o autor traz elementos através dos quais o Nova Resistência busca posicionar o Brasil no projeto global da Quarta Teoria Política.

²⁵³ Na obra em questão, Aleksandr Dugin propõe uma leitura geopolítica na qual distintas civilizações ocupam papéis revolucionários específicos, determinados por sua posição histórica e espiritual na ordem mundial. A Rússia, por exemplo, seria portadora de uma missão messiânica no "Grande Despertar"; o Islã, um polo de resistência à globalização liberal; a China, expressão de uma identidade coletiva alternativa; a Europa, terreno fértil para um populismo que supere o binarismo entre direita e esquerda; e os Estados Unidos, um país cindido, onde se desenha uma guerra civil ideológica que exigiria a escolha de um campo. Ver mais em: DUGIN, 2021b, p. 30-38.

²⁵⁴ DUGIN, 2021b, p. 38.

Paralelamente, Dugin clama pela organização da luta antiliberal e pela construção de uma nova era que marcará não apenas o fracasso do *reset* de Biden, mas um “juízo justo” para os agentes da degradação liberal moderna²⁵⁵:

O Grande Despertar significa que descobrimos a essência dessa estratégia fatal, assassina e suicida, de "progresso", como as elites liberais globalistas a entendem. E se a compreendermos, seremos capazes de explicá-la aos outros. Os despertados podem e devem despertar todos os outros. E se tivermos sucesso nisso, não apenas o Grande Reset fracassará, mas um juízo justo será proferido sobre aqueles que têm como objetivo destruir a humanidade, primeiro em espírito e agora em corpo.

Sem mencionar a Quarta Teoria Política na obra em questão²⁵⁶, Dugin traz, nos apêndices, respostas para a necessidade de organização unificada da intelectualidade antiliberal contemporânea. Buscando atrair militantes associados à extrema direita norte-americana na direção de preceitos quartopolitistas, o autor apresenta sua síntese como um projeto em aberto, capaz de abarcar os valores revolucionários da nova era pós-liberal²⁵⁷:

Portanto, a Quarta Teoria Política é um convite para usar esta janela de oportunidade histórica (representada pela agonia do liberalismo como a primeira teoria política) para superar o que é comum a todas as formas de modernidade política — superar o campo filosófico, metafísico, político e ideológico da modernidade política.

Sintetizando as mazelas do mundo contemporâneo a partir de sua interpretação do liberalismo e da modernidade, Dugin, naturalmente, segue o mesmo movimento ao propor a Quarta Teoria Política como uma síntese antagônica à modernidade ocidental. Esse preceito determina a necessidade, segundo o ideólogo russo, de construção de “múltiplas quartas teorias políticas”²⁵⁸ que representem a busca por diferentes tradições civilizacionais que estariam sobre o ataque homogeneizante da modernidade liberal. Diante disso, o autor clama pela participação transnacional de diversos atores interessados no avanço da formulação da Quarta Teoria Política como ideologia central no combate ao liberalismo²⁵⁹:

O que todos os liberais fazem hoje é suicídio. Então, devemos detê-los, devemos superá-los. Sem liberalismo — ele deve ser posto de lado. Liberalismo é o nome atual para fascismo. Se no passado demonizamos o fascismo, agora a palavra liberal deveria ser um insulto. Se você é liberal, você é subumano, você é menos que humano, você é uma criatura doente, uma criatura pervertida. E você é um criminoso, porque está alimentando a guerra civil, a injustiça social, a ocupação, a colonização, a desumanização. O liberalismo é um crime, um crime contra a humanidade — pior que o fascismo e o comunismo. Isso não significa que devemos restaurar o fascismo ou o comunismo. Eles eram regimes totalitários. Devemos colocá-los de lado também. Eles pertencem ao passado. E o liberalismo é o perigo real, o verdadeiro sistema criminoso

²⁵⁵ *Ibid*, p. 39.

²⁵⁶ DUGIN, 2021b.

²⁵⁷ DUGIN, 2021b, p. 57.

²⁵⁸ DUGIN, Aleksandr; LAND, Nick. Nick Land vs. Aleksandr Dugin Debate | Guests: Nick Land and Aleksandr Dugin | 10/6/25. [vídeo]. YouTube, 6 out. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J86C4IJTaFw&t=3127s>. Acesso em: 2 nov. 2025

²⁵⁹ *Ibid*, p. 69.

da ordem mundial que ainda existe. Ser antifascista ou anticomunista é lutar com a sombra do passado. O verdadeiro desafio é ser antiliberal. Hoje, existem eles e nós. "Eles" são os liberais, e não são apenas contra os patriotas russos, chineses, muçulmanos e europeus — são contra os norte-americanos, latino-americanos, africanos, europeus e todos os outros. Estão alienados de sua própria sociedade. Não têm legitimidade para governar, porque são usurpadores, exploradores, assassinos. Ser liberal é ser um assassino. É exatamente assim que a Quarta Teoria Política entende a situação. E é esse o contexto do debate que gostaríamos de ter com vocês no Primeiro Congresso Internacional sobre a Quarta Teoria Política.

Por fim, Dugin deixa frestas a respeito da organização política da pretendida utopia quartopolitista ao definir agendas revolucionárias para diferentes *castas*. Buscando inspiração no Tradicionalismo e em seu entendimento sobre a estrutura social de sociedades não ocidentais, o autor contempla cada grupo com protagonismo em sua agenda revolucionária, mas direciona a busca por hierarquias sociais rígidas e baseadas na tradição pré-iluminista. Dessa forma, Dugin deixa em aberto a organização política das utopias pós-liberais, sobretudo a partir de sua orientação multipolar, mas define o apreço por determinadas formas de organização social²⁶⁰. Ainda, ao determinar o papel fundamental da educação no processo de emergência do processo revolucionário a partir da necessidade de disseminação de sistemas não ocidentais de pensamento, buscando conceber um empreendimento metapolítico global pela *primeira casta*²⁶¹:

Programa para a primeira casta: Brâmanes, filósofos. No nível educacional, abordamos três tipos de pessoas. O primeiro tipo é a pequena minoria da população global que se inclina a seguir filosofia, religião e teologia. E devemos satisfazer essa demanda, dando-lhes o quadro completo da cultura espiritual que vamos perder com os liberais. Precisamos salvar esse tesouro de sabedoria religiosa, tradicional, antiga e moderna. Precisamos salvar e preservar essa herança espiritual. Essa é a nossa missão: satisfazer a necessidade das pessoas pensantes — filósofos do mundo — dando-lhes acesso ao conteúdo real da tradição espiritual de diferentes religiões e culturas. ■ Precisamos promover essa educação tradicionalista — incluindo metafísica, teologia, tradição medieval, bem como sistemas de pensamento não ocidentais. E todos os tipos de tendências filosóficas que pertencem formalmente ao Ocidente moderno, mas que são diferentes dele — por exemplo, a filosofia clássica alemã começando com Fichte, Schelling, Hegel ou Nietzsche, Heidegger, a Revolução Conservadora, o tradicionalismo, o pensamento italiano, reinos artísticos menos afetados pelos princípios capitalistas e liberais ocidentais modernos... Tudo isso deve ser salvo e transformado em algo acessível às pessoas em todo o mundo. Por que isso é tão importante? Porque no tipo ocidental de educação, precisamente essas coisas estão desaparecendo diante de nossos olhos. Hoje, não há educação clássica nas melhores escolas de ensino médio e universidades. Eles estão perdendo essa herança. Eles estão cada vez mais envolvidos na cultura do cancelamento. Eles estão tentando cancelar tudo na educação. Usando o termo indiano, este é o projeto da Quarta Teoria Política no nível dos brâmanes — filósofos, padres, sacerdotes, intelectuais. É uma espécie de engajamento muito especial para pessoas altamente intelectuais. Não

²⁶⁰ Embora manifeste apreço por modelos hierárquicos (como o sistema de castas hindu), Dugin defende que cada civilização deve conceber seu próprio modelo político e social, baseado em suas raízes históricas e culturais únicas, rejeitando padrões universais. Essa rejeição ao modelo global fundamenta sua proposta da Quarta Teoria Política, que postula o direito e o dever de cada povo de desenvolver um sistema autêntico, alinhado à sua identidade civilizacional.

²⁶¹ DUGIN, 2021b, p. 70.

poderia ser para as massas. É para esses indivíduos isolados. Precisamos prestar atenção a eles, precisamos satisfazer suas necessidades. Se o sistema educacional liberal avançar, eles serão totalmente alienados. E isso afetará não apenas as universidades ocidentais, mas também as orientais, que apenas imitam o padrão ocidental.

Para a *segunda casta*, Dugin clama pela paz entre guerreiros de diferentes civilizações, ao passo em que busca promover sua educação antiliberal em busca da superação de todo o paradigma pós-moderno. Nesse sentido, o autor pede paz entre os diferentes opositores do liberalismo em prol da *luta contra o mundo moderno*²⁶²:

Programa para a segunda casta: Kshatriyas, guerreiros, ativistas. Mas também precisamos fazer um apelo educacional para a elite política: os lutadores, os Kshatriyas, os guerreiros. E eles não podem se contentar apenas com o conhecimento, devem colocá-lo em prática. Devem participar de um programa educacional online especial para criar conhecimento guerreiro — ou seja, conhecimento sobre como lutar contra o inimigo. Para isso, precisam de qualidades especiais. Devemos restaurar os valores dos tipos de pessoas que são heróis em potencial. Eles estão totalmente excluídos da pós-modernidade, do liberalismo — eles não existem mais. Não foi por acaso que a modernidade política ocidental promoveu a erradicação dos dois primeiros estados: os sacerdotes e a aristocracia — os guerreiros. O capitalismo veio para destruir esses dois tipos de personalidades humanas. Agora, chegamos ao último estágio da erradicação dos brâmanes e dos Kshatriyas em todo o mundo. Precisamos ajudá-los a se restaurarem e a cumprirem suas missões existenciais e metafísicas. Portanto, precisamos criar uma rede para que os Kshatriyas modernos lutem contra o liberalismo, a ordem mundial unipolar e a modernidade política ocidental — mas não para lutarem entre si. Isso é muito importante. A Quarta Teoria Política convida todos os Kshatriyas a não lutarem uns contra os outros — por exemplo, chineses contra indianos, indianos contra paquistaneses, xiitas contra sunitas, cristãos contra muçulmanos, africanos contra brancos ou uma nação contra outra nação. Porque essa é a estratégia dos liberais. Eles querem dividir para reinar (*divide et impera*). E quando percebem algum espírito guerreiro ascendendo na sociedade, tentam manipulá-lo e orientá-lo contra outros potenciais rivais, competidores ou inimigos da sociedade aberta. Também não devemos cair nessa armadilha.

Em sequência, Dugin clama, uma vez mais, pela formulação de uma luta comum entre todos os que se dispõem a guerrear por suas tradições em oposição ao mundo liberal-moderno:

Precisamos promover a solidariedade entre todos os Kshatriyas do mundo. Em primeiro lugar, devemos acabar com o globalismo; e depois disso, resolveremos nosso problema mútuo. Mas essa rede comum de Kshatriyas, guerreiros e heróis, é muito importante. Precisamos fornecer educação para todos esses Kshatriyas com base na solidariedade entre o tipo guerreiro de homens e mulheres. Porque esse tipo de personalidade humana é distribuído igualmente entre homens e mulheres. Não devemos ser arrogantes com as mulheres — devemos reabilitar a dignidade tradicional das mulheres. Na modernidade política atual, as mulheres são vistas como mercadorias, porque a lógica capitalista-materialista prevalece. Precisamos libertar as mulheres para seu próprio destino — que pode estar ligado ao tipo filosófico. É um caso raro, mas a filosofia é rara; é uma característica muito especial do ser humano. E, como disse Platão, raramente é encontrada entre os homens — mas também raramente é encontrada entre as mulheres. É rara como tal. Homens totalmente devotados à filosofia e à metafísica são raros, mas mulheres que o são também são raras. Precisamos restaurar a dignidade das mulheres e dar a elas acesso à Quarta Educação Política nas mesmas condições que os homens. A diferença na estrutura metafísica da alma é muito mais importante do que a diferença de gênero. Portanto,

²⁶² DUGIN, 2021b, p. 71

após criarmos a educação Brahman aberta a homens e mulheres em todo o mundo, devemos promover uma rede de Kshatriyas modernos, também aberta a mulheres, a fim de lutar contra o mundo moderno, e não entre nós.

Acenando para discussões de gênero e estipulando sua visão sobre as mulheres no projeto da Quarta Teoria Política, Dugin insere esse movimento em um processo metapolítico mais amplo. Convocando as elites para a luta contra o espírito liberal, o autor estabelece um projeto digital e global de educação daqueles que, para ele, estarão na frente de batalha pelo legado da pós-modernidade. Paralelamente, Dugin busca avançar tal programa metapolítico, também, para a *terceira casta*²⁶³:

Programa para a terceira casta: Vaishyas, camponeses, compatriotas. Mas tudo isso é dedicado a uma pequena minoria da população global, porque os brâmanes (os pensadores, filósofos, intelectuais) são raros; e os guerreiros — os verdadeiros heróis — também são raros. E o que fazer com a enorme massa da população que também é vítima dos liberais? O que poderíamos propor fora dessa abordagem elitista? A ideia principal é organizar um terceiro nível de educação para a maioria absoluta da população, que deve estar ligado à restauração da família tradicional e do modo de vida tradicional com a agricultura. O campesinato é a resposta. Em primeiro lugar, o campesinato europeu foi destruído pelo capitalismo. As pessoas que pretendiam ser burguesas do terceiro estado não eram representantes do verdadeiro terceiro estado na tradição europeia, porque o terceiro estado era precisamente representado pelos camponeses. O campesinato europeu — esse era o terceiro estado nas sociedades europeias. Não era representado por comerciantes. Os comerciantes eram os parasitas, intermediários entre as classes mais altas da sociedade e o imenso oceano de camponeses. Precisamos restaurar o sistema de sociedades agrícolas autossuficientes baseadas em pequenas aldeias. O confinamento causado pelo coronavírus nos mostrou a importância do acesso à nutrição para satisfazer as necessidades mais simples das pessoas. Isso será cada vez mais importante no futuro.

Centralizando o campesinato na agenda popular do projeto revolucionário quartopolitista, Dugin clama pela “saída das cidades e o grande retorno à Terra”²⁶⁴. Dessa maneira, a Quarta Teoria Política explicita os componentes práticos do retorno à tradição, baseado não apenas na busca pelo espírito humano corroído na pós-modernidade, mas no retorno concreto a formas de vida anteriores à modernidade. Paralelo a esse fenômeno, também, o autor idealiza um programa educacional para a base campesina, que não deve ficar refém do mundo digital para a sua compreensão teórica da Quarta Teoria Política²⁶⁵. Ambíguo diante das relações de produção a serem estabelecidas no novo campesinato quartopolitista, Dugin condena as grandes metrópoles da contemporaneidade como construções artificiais do ocidente moderno e, então, propõe paradigmas práticos para a construção de uma utopia baseada em três castas: uma que pensa, uma que luta e uma que trabalha, preferencialmente no campo.

²⁶³ DUGIN, 2021b, p. 73.

²⁶⁴ *Ibid*

²⁶⁵ *Ibid*, p. 74.

Observa-se, portanto, que Dugin concebe a oposição ao liberalismo e à modernidade ocidental como princípios fundamentais da Quarta Teoria Política e, a partir disso, busca em formas sociopolíticas pré-modernas na edificação de seu projeto político. Esse movimento se estende ao Nova Resistência que, no Brasil, constrói uma proposta radical pautada na união entre a Quarta Teoria Política e elementos teóricos autóctones do antiliberalismo no Brasil.

Por fim, os preceitos ideológicos construídos por Dugin na formulação da Quarta Teoria Política se manifestam, de maneira concreta, na forma como o autor concebe diferentes pressupostos para a organização global pós-liberal. Da mesma forma, o autor promove um diagnóstico geopolítico do mundo contemporâneo que combina os elementos existenciais de sua base tradicionalistas a leituras sobre a política internacional. Por fim, a atenção despendida por Dugin à Geopolítica permite que, no fluxo transnacional de suas ideias, surjam atores dispostos a elaborar, a partir do duginismo, proposições específicas para suas respectivas realidades nacionais. Para entender o duginismo brasileiro construído pelo Nova Resistência, portanto, é necessário compreender as ideias de Dugin a respeito da organização política global.

2.5 A GEOPOLÍTICA DUGINISTA

Diante do que foi visto a respeito das bases ideológicas que sustentam o pensamento de Dugin, pode-se perceber que o autor busca condensar uma miríade de proposições teóricas para embasar um projeto revolucionário. Esse projeto, convocatório de sujeitos imersos nas mais diversas realidades nacionais e “civilizacionais”, apresenta-se globalmente e propõe um movimento planetário de superação do paradigma ocidental moderno. Dessa forma, nota-se que Dugin busca, com a Quarta Teoria Política, abrir uma frente ampla que busque o retorno à Tradição, no sentido filosófico do Tradicionalismo, e a formas de vida concretamente ligadas ao passado pré-moderno.

Nesse sentido, se analisar a Quarta Teoria Política é refletir sobre um projeto que pretende ser global e dialoga intensamente com atores políticos de diversas partes do planeta, o mesmo não pode ser dito a respeito da Geopolítica de Dugin. Baseada nos princípios do Neo-

Eurasianismo duginista²⁶⁶, os estudos geopolíticos do autor são, essencialmente, russos. ²⁶⁷ Dessa maneira, se há uma geopolítica verdadeiramente russa no período pós-soviético, as bases para ela foram lançadas por Aleksandr Dugin.

Esse fenômeno converge à proposta de Dugin de que cada espaço civilizacional deveria ter sua própria versão da Quarta Teoria Política a partir de seus próprios valores culturais e políticos. Dessa forma, ao propor a QTP e o Neo-Eurasianismo como alternativas para o espaço eurasiático, o autor defende, também, a construção de “várias Quartas Teorias Políticas” na idealização de um mundo pós liberal construído a partir da multipolaridade duginista. Propondo uma geopolítica essencialmente russa, portanto, Dugin busca estabelecer princípios para a civilização eurasiática, da mesma forma como o Nova Resistência, partindo do duginismo, busca construir uma QTP à brasileira. Desse modo, observa-se que, lançando seus primeiros títulos em um momento de vacância nas recém-criadas academias geopolíticas russas, Dugin se consolida como um importante teórico do campo em seu país.

Esse movimento fica nítido na análise da trajetória intelectual de Dugin ao longo dos anos 1990. Com a desintegração do regime comunista, que tratava a Geopolítica como uma ciência burguesa por não discutir paradigmas de classe, abriram-se portas tanto para a disseminação de teorias geopolíticas clássicas no espaço russo, quanto para a construção de preceitos da disciplina que tratassem do papel da Rússia no período pós soviético. O livro *Fundamentos da Geopolítica*²⁶⁸, um dos mais importantes escritos por Dugin em geral e, discutivelmente, o que mais teve impacto em sua terra natal, foi responsável por ocupar o espaço aberto para a geopolítica russa no período.

Apresentado como um manual de Geopolítica clássica e tratando das principais correntes da disciplina, o livro foi rapidamente difundido em academias militares russas e sua influência foi fundamental para o aumento da influência das ideias de Dugin em esferas institucionais da Federação Russa. Paralelamente, entre os *Fundamentos* estavam, também, os

²⁶⁶ O neoeurasianismo não se configura como um movimento homogêneo, mas sim como uma complexa teia de correntes internas, por vezes em conflito. É possível demarcar, nesse contexto, eixos principais que perpassam os autores mais influentes, distinguindo-se, primeiramente, entre neoeurasianistas russos e não-russos, e, em segundo plano, entre o neoeurasianismo acadêmico e o político/publicista. Esses compartimentos, longe de serem estanques, inter cruzam-se de maneira evidente. O caso de Nursultan Nazarbaev, presidente do Cazaquistão, ilustra o neoeurasianismo não-russo e político, ao propor uma União Eurasiática influenciada por Lev Gumilev. No campo russo, Aleksandr Panarin, professor da Universidade de Moscou, emergiu como o maior nome do neoeurasianismo acadêmico, com uma produção de notável profundidade. Nesse contexto, Dugin é o nome mais proeminente do neoeurasianismo político na Rússia e integra preceitos neoeurasianistas à dimensão ideológica da Quarta Teoria Política. Ver mais em SEGRILLO, 2016, p. 94-234.

²⁶⁷ SEGRILLO, 2016, p. 181.

²⁶⁸ DUGIN, 1997.

principais pontos de uma geopolítica verdadeiramente duginista. Inspirado pela teoria mackinderiana que divide o mundo entre civilizações marítimas e continentais e postula a existência de um *Heartland* no centro da *ilha-mundo*²⁶⁹, Dugin propõe uma teoria fortemente baseada em princípios eurasianistas, clamando pelo *império* como forma política necessária para o emergir do povo russo, como realidade histórica e fenômeno civilizacional²⁷⁰.

Dessa forma, segundo Dugin, a Rússia só pode existir, verdadeiramente, na plenitude de seu destino, sob a forma de império. Para Dugin, esse império deve compreender não apenas os limites históricos do antigo Império Russo ou da União Soviética, mas avança sob outros territórios do *Heartland*: para o autor, o expansionismo russo jamais fora colonial ou imperialista. Nesse sentido, Dugin entende que os movimentos de expansão russa sobre outros territórios não eram baseados na busca pelo lucro, pela conquista cultural ou por *espaço vital*, mas, sim movidos por uma “profunda conscientização acerca da necessidade de unir os gigantescos territórios do continente eurasiático”²⁷¹.

Sendo assim, percebe-se que Dugin vê na Rússia e nos territórios eurasiáticos o fundamental *Heartland* mackinderiano e, portanto, advoga pela sua unidade política ao redor de Moscou. Para isso, o autor idealiza um vasto império eurasiático, liderado pela Rússia e composto por outros impérios menores, como o europeu, o islâmico e o do extremo oriente, que estariam na órbita de Moscou. Dessa forma, Dugin preconiza a necessidade de integração do *Heartland* como contraponto ao bloco marítimo hegemônico liderado por Estados Unidos e Europa ocidental.

Além das inspirações em Mackinder, Dugin busca na Alemanha fontes importantes para a construção de sua perspectiva geopolítica. Nesse sentido, o autor integra o pensamento de Carl Schmitt²⁷², que determina a criação dos *grandes espaços* e relaciona as civilizações do mar

²⁶⁹ Halford J. Mackinder, um dos fundadores da geopolítica moderna, formulou a clássica teoria do "Heartland", apresentada em 1904. Para Mackinder, o domínio da região central da Eurásia (o "Heartland") seria a chave para o controle da "Ilha-Mundo" (*World-Island*), isto é, o conjunto integrado da Europa, Ásia e África. Segundo sua fórmula: “Quem domina o Leste Europeu comanda o Heartland; quem domina o Heartland comanda a Ilha-Mundo; quem domina a Ilha-Mundo comanda o mundo.” Essa concepção influenciou fortemente estratégias geopolíticas do século XX e serviu como base teórica para autores como Aleksandr Dugin, que adaptou tais princípios ao seu projeto de uma civilização eurasiática autônoma frente à hegemonia atlântica.

²⁷⁰ SEGRILLO, 2016, p. 217.

²⁷¹ DUGIN, 1997, p. 337.

²⁷² Karl Schmitt, jurista e teórico político alemão associado ao regime nazista, desenvolveu o conceito de *Grossraum* (“grande espaço”) como uma forma de ordenar o mundo em esferas de influência civilizacional, cada qual submetida a uma potência central. Em sua visão, a ordem mundial deveria ser reorganizada em torno de blocos regionais autônomos, rompendo com o universalismo liberal e com a lógica do direito internacional tradicional. Essa ideia dialoga diretamente com fundamentos do fascismo, como a recusa do globalismo, a valorização de uma autoridade central e a ênfase em identidades coletivas, e influenciou profundamente

e da terra, respectivamente, à fluidez e à tradição. Nesse sentido, cada civilização seria simbolizada por um monstro, Leviatã e Beemote e, para Dugin, a Guerra Fria foi o primeiro palco para um confronto puro entre as civilizações em questão²⁷³.

Ainda, o pensamento geopolítico de Karl Haushofer mostra-se fundamental para a formação da geopolítica duginista. Ao integrar os preceitos mackinderianos à Escola Germânica de Geopolítica, Haushofer advoga pela integração de um grande bloco continental que una Berlim, Moscou e Tóquio em oposição a potências marítimas como Inglaterra e França. Defendendo uma Alemanha orientada para o leste e a união eurásiana, o pensamento do teórico alemão foram essenciais para o desenvolvimento dos preceitos duginistas.

Nesse interim, Dugin avança sobre seus preceitos geopolíticos para propor uma inédita *Teoria do Mundo Multipolar*²⁷⁴. Para isso, o autor se escora no que percebe ser uma lacuna teórica nos campos da Geopolítica e das Relações Internacionais e propõe a integração política do mundo sob preceitos da multipolaridade, rejeitando os formatos de integração global ou hegemônica proclamados pelo paradigma da modernidade ocidental²⁷⁵. Dessa forma, Dugin defende a organização do planeta a partir da integração política de sociedades que partilhem a mesma dimensão cultural e religiosa, bem como os mesmos sistemas políticos e raízes históricas.

Sendo assim, baseando-se no conceito dos *Grandes Espaços*, Dugin esboça as áreas de integração a serem criadas em um novo mundo multipolar e preconiza a independência econômica, inclusive monetária, política, cultural e religiosa sobre elas. Unindo o multilateralismo a preceitos etnopluralistas, o autor propõe as seguintes zonas de integração civilizacional:

Integração ocidental (europeia e americana) ou euroatlântica (aqui estamos bem – há o bloco político e militar da OTAN, a União Europeia e vários projectos que incluem a integração de todo o continente da América do Norte – inclusive a criação de uma moeda norteamericana: o “amero”); - Integração eurásica (orientando-se pela União Eurásica, os seus estágios são a intensificação da cooperação militar e estratégica no seio da Organização do Tratado de Segurança Colectiva, uma parceria económica no seio da Comunidade Económica Eurásica, o Estado unido da Rússia-Bielorrússia, o projecto de um Espaço Económico Comum, incluindo a Ucrânia e, em parte, da Comunidade de Estados Independentes); - Integração islâmica (a Conferência Islâmica, o Banco de Fomento Islâmico, a área xiita que inclui o Irão, o Iraque e o Líbano bem como os projectos fundamentalistas para o “novo califado”); - Integração chinesa (a Associação das Nações do Sudeste Asiático + a China, a provável invasão

concepções geopolíticas da extrema direita contemporânea, incluindo a proposta duginista de uma ordem multipolar baseada em civilizações.

²⁷³ DUGIN, 1997, p. 68.

²⁷⁴ DUGIN, 2022.

²⁷⁵ *Ibid*, p. 115.

de Taiwan pela China, o surgimento da zona do “yuan dourado”); - Integração indiana (fortalecimento da influência indiana no Sudeste Asiático, no subcontinente Índico, no Nepal e em alguns países do Pacífico, geopoliticamente e culturalmente próximos da Índia); - Integração japonesa (ainda em aberto, inclui o crescimento da influência japonesa no Extremo Oriente); - Integração latino-americana (Associação LatinoAmericana para a Integração, Mercosul, o Mercado Comum Centro-Americano, etc.); - Integração africana (Organização da União Africana, Estados Unidos de África, etc.).

Dessa forma, o autor estipula os preceitos fundamentais necessários para a organização dos novos blocos políticos da multipolaridade. Refletindo acerca do papel do Brasil e da América Latina na proposta Nova Ordem Mundial, em debate com Olavo de Carvalho²⁷⁶, Dugin disserta sobre as particularidades da cultura brasileira, mas defende a formação de um *Grande Espaço* latino-americano, contra hegemônico em relação à influência atlantista. Nesse ponto, o autor debate, ainda, sobre possíveis aproximações entre o Brasil, a América Latina e os demais blocos componentes da ordem multipolar, enxergando tendências de aproximação entre os dois e os espaços islâmico e eurasiático²⁷⁷. Esse movimento de diálogo entre Dugin e Olavo é reflexo do processo descrito por Benjamin Teitelbaum a respeito das redes ligadas ao Tradicionalismo na contemporaneidade. Dessa forma observa-se a circulação de ideias e atores (neo-)tradicionalistas ao redor de personagens importantes da política global.

Paralelamente, ainda que trate o tema de forma tangencial em suas obras, Dugin enxerga uma aproximação metafórica entre o Brasil e a civilização eurasiática a partir de sua diversidade étnico-cultural. Ainda, ao ver no país um desejo de ruptura com os preceitos da globalização liberal moderna, o autor propõe o avanço da cooperação geopolítica entre o Brasil e outros polos do mundo multipolar. Por fim, Dugin define a centralidade brasileira no contexto latino-americano a partir de seu desenvolvimento econômico e da afirmação de sua independência política²⁷⁸:

O último ponto é o lugar do Brasil e da América Latina como um todo na estrutura global real do mundo. Eu vejo o papel do Brasil como algo comparável ao papel da Rússia/Eurásia. É um país muito particular, com uma cultura muito específica e na qual elementos ocidentais estão mesclados com componentes indígenas. É baseado na mistura de diferentes blocos de valores. Exatamente como ocorre com a cultura russa. Em nosso país, chamamos a essa característica “eurasismo”, enfatizando que estamos lidando com uma síntese original de padrões e atitudes européias e asiáticas. O Brasil, de certa maneira metafórica, é também “eurasiático”. Há uma mistura de ocidental e não-ocidental nas próprias raízes da sociedade. O Brasil, assim como outros países da América Latina, tem sua própria identidade particular. Mas, entre outros países, o Brasil é o que está se desenvolvendo com maior velocidade e está conseguindo afirmar mais e mais sua independência política e econômica. Essa independência é considerada primeiramente em comparação com os EUA. Portanto, aqui, a afirmação

²⁷⁶ DUGIN, Alexander; CARVALHO, Olavo de. **Os Estados Unidos e a nova ordem mundial: um debate entre Alexander Dugin e Olavo de Carvalho**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.

²⁷⁷ DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 31

²⁷⁸ DUGIN; CARVALHO, *op. cit.*, p. 84.

de identidade cultural vai de mão dadas com o crescimento econômico e geopolítico. Precisamos interpretar as simpatias esquerdistas da maior parte da sociedade brasileira como um signo da busca de uma identidade social particular que não cabe nos padrões individualistas e liberais da sociedade norte-americana. O socialismo brasileiro e da América Latina como um todo tem muitas características nacionalistas e étnicas em si mesmo. O fator religioso católico e a síntese das crenças religiosas populares são elementos muito importantes no presente despertar da nova identidade soberana no Brasil. É, em alguns aspectos, comparável com o renascimento geopolítico, cultural e espiritual da Rússia moderna. Assim, a afinidade nos níveis geopolíticos, culturais e sociais faz com que nossa situação seja similar e nos dê base para mútua cooperação e aliança geopolítica. A Rússia, assim como a América Latina, os países islâmicos ou a China, vê o mundo futuro essencialmente como um mundo multipolar no qual os Estados Unidos e o Ocidente em geral deveriam ser não mais que um dos pólos entre todos os outros. Qualquer clamor de imperialismo, colonialismo ou universalismo de valores deveria ser severamente rejeitado. Estamos, portanto, no mesmo campo. E devemos nos concentrar nisso. Aceitar que deveríamos progredir na elaboração de uma estratégia comum no processo de criação do futuro que se adeque às nossas demandas e às nossas visões. Portanto, tais valores, como a justiça social, a soberania nacional e a espiritualidade tradicional, podem nos servir de indicação. Acredito sinceramente que a Quarta Teoria Política, o Nacional-Bolchevismo e o Eurasianismo podem ser de grande utilidade para nossos povos, nossos países e nossas civilizações. A palavra chave é “multipolaridade” em todos os sentidos – geopolítico, cultural, axiológico, econômico e assim por diante.

Por fim, Dugin vê em iniciativas contemporâneas de organização internacional, como os BRICS, passos fundamentais na formação de blocos contra hegemônicos. Ainda assim, para o autor, ainda há uma etapa fundamental: a consolidação ideológica dessas iniciativas²⁷⁹. Dessa maneira, Dugin postula que é necessário não apenas a unificação de *Grandes Espaços* antagônicos ao domínio geopolítico do ocidente, mas a construção de paradigmas ideológicos capazes de sustentar um projeto global contrário à hegemonia da modernidade ocidental.

Paralelamente, se a Quarta Teoria Política se apresenta, indiscutivelmente, como uma proposta global, os preceitos geopolíticos de Dugin, em grande medida, tem ligação umbilical com a Rússia. Nesse sentido, o autor estabelece modelos geopolíticos claros para o espaço eurasiático, ao passo em que suas proposições em relação ao resto do mundo são, em geral, aspectos secundários de suas obras. Esse ponto é fundamental, também, para o entendimento acerca do recente fervor midiático criado no ocidente sobre as possíveis orientações de Dugin no conflito russo-ucraniano. É importante ressaltar, nesse contexto, que a Ucrânia efetivamente é tratada como um ponto central na disputa prevista por Dugin pelo *Heartland* eurasiático. Ainda assim, classificar o regime putinista como parte do projeto Neo-Eurasianista de Dugin é um empreendimento complexo. O próprio Putin é crítico do radicalismo de Dugin e, de maneira geral, o ambiente ideológico russo é permeado por concepções expansionistas múltiplas.

²⁷⁹ DUGIN, Alexander. **Eurasian mission: An introduction to neo-Eurasianism**. Arktos, 2014, p. 11.

Por fim, percebe-se que a geopolítica assume papel fundamental no pensamento duginista. Para além de seu papel preponderante no crescimento da disciplina no espaço russo pós-soviético, Dugin encontra, na geopolítica, as bases concretas e espaciais para a formulação de seu projeto político. Nesse sentido, a Quarta Teoria Política é apresentada como o mecanismo ideológico capaz de edificar uma revolução global contra a hegemonia atlantista e, portanto, da modernidade ocidental. Assim, o mundo poderia caminhar em direção à multipolaridade.

Diante do exposto, observa-se que o núcleo teórico do duginismo é composto por uma vasta gama de proposições intelectuais, em alguns casos antagônicas. A característica camaleônica do pensamento de Aleksandr Dugin, porém, não é mero acaso. Ao longo de sua trajetória intelectual, que culmina na formulação da Quarta Teoria Política, Dugin buscou sintetizar, teoricamente, diversas correntes teóricas a partir de seus componentes antiliberais. Nesse sentido, a QTP visa unificar, em torno de uma única teoria política, movimentos variados de oposição à modernidade. Concebendo seus inimigos através do conceito de modernidade ocidental, o projeto da QTP pretende construir um novo mundo, pautado por Tradição e multipolaridade, contraposto ao que entende como o declínio moderno.

Dessa forma, pode-se perceber que o Tradicionalismo Integral, sobretudo a partir de dois dos seus maiores expoentes, Rene Guenon e Julius Evola, assume papel preponderante na formação do pensamento duginista. Desse modo, a busca pela Tradição e a percepção de um profundo declínio cultural e espiritual na sociedade moderna embasam a cosmovisão de Dugin, enquanto a aceitação da política como meio de superação da degradação concebe o alicerce sob o qual se ergue a Quarta Teoria Política. Nesse sentido, o autor tem, em perspectivas tradicionalistas, as lentes que permitem um diagnóstico escatológico do mundo contemporâneo, cujo remédio estaria no avanço da Quarta Teoria Política. Por fim, as utopias de Dugin e suas propostas para disputar a pós-modernidade estão fortemente ancoradas no retorno a sociedades altamente hierarquizadas, nas quais seria possível retomar os valores primordiais, corroídos na modernidade, e a Tradição universal.

Assim, enquanto o Tradicionalismo se apresenta como o alicerce do pensamento duginista, teorias políticas ligadas à direita, em geral, sustentam suas perspectivas revolucionárias. Buscando em teóricos da Nova Direita Europeia, da Revolução Conservadora e do fascismo histórico as bases palingenésicas que amparam a proposição de seu projeto neofascista, Dugin se consolida como parte fundamental do processo de reorganização intelectual da extrema direita na contemporaneidade.

Paralelamente, o diálogo de Dugin com setores do pensamento político de esquerda é parte de um processo comum a outros atores de extrema direita, sobretudo oriundos do espaço pós-comunista. Dessa forma, o neofascismo no leste europeu surge do colapso do comunismo e como reação à liberalização da região, trazendo a Dugin e à ultradireita da antiga cortina de ferro uma relação embrionária com a derrota do comunismo. Também, nota-se um movimento transnacional de ocupação, pela extrema direita, de espaços e discursos historicamente vinculados às esquerdas, com a disputa entre esquerda e ultradireita pela resolução dos dilemas causados pela ordem neoliberal. Dessa forma, a aproximação e apropriação de Dugin de elementos e questões associados à esquerda não impede a constante mobilização dos elementos fundamentais do núcleo teórico da extrema direita.

Nesse sentido, ainda que apresente, timidamente, perspectivas econômicas ligadas ao socialismo não-marxista, seguindo os passos da Revolução Conservadora, Dugin, em geral, busca na esquerda ferramentas capazes de ampliar sua crítica ao liberalismo e à hegemonia ocidental. Revisando o legado soviético e avançando sobre o Nacional-Bolchevismo, Dugin instrumentaliza parte do pensamento político de esquerda para propor sua síntese antiliberal, enquanto se empenha para atrair novos agentes políticos em torno da Quarta Teoria Política.

Dessa forma, observa-se que Dugin, unindo elementos de correntes teóricas antagônicas, avança para propor a Quarta Teoria Política como um empreendimento, ainda em aberto, de sintetização da oposição à modernidade e ao liberalismo na teoria política. Assim, o autor pretende superar os esforços do Nacional-Bolchevismo de unificar a oposição ao liberalismo e sintetizar a negação de um novo inimigo: a modernidade ocidental

Diante disso, pode-se perceber que liberalismo e modernidade são temas centrais na obra de Dugin. Elaborando, através da teoria política, um novo olhar sobre o declínio enxergado pelo Tradicionalismo, o autor vê o liberalismo como a manifestação política da essência moderna, e legitima o pensamento liberal como herdeiro integral do legado iluminista. Vendo-a como o aprofundamento da modernidade, Dugin busca disputar a pós-modernidade e leva-la, através da Quarta Teoria Política, para o caminho da Tradição.

Por fim, a Geopolítica duginista, abordada de forma tangente no âmbito desta pesquisa, mostra-se como o tabuleiro no qual Dugin pretende alavancar o projeto político quartopolitista. Para além de suas contribuições para o avanço da disciplina na Rússia pós-soviética, o autor concebe os preceitos de organização social do mundo eurasiático a partir do Neo-eurasianismo e indica os caminhos da multipolaridade duginista para outras regiões. Dessa forma, o autor

indica a centralidade da multipolaridade em suas proposições revolucionárias, afirmando que o liberalismo pode ser uma forma de organização social viável para sociedades ocidentais em um mundo multipolar.

A hegemonia liberal ocidental, portanto, está no cerne das preocupações do pensamento duginista. Para Dugin, a busca etnopluralista pela preservação da diversidade cultural e, portanto, étnica, da humanidade passa pela supressão da hegemonia ocidental, que se inicia na modernidade e tem seu ápice na consolidação do mundo pós-soviético. O autor avança, da mesma forma, para definir que a preservação de culturas deve vir, também, pela conservação de modelos sociais hierarquizados e estratificados, que conservariam os valores fundamentais da Tradição encontrada em diferentes culturas.

Dessa forma, Dugin busca, constantemente, ressignificar a História russa e global para articular as proposições de seu projeto revolucionário. Caso consolidado, esse projeto buscaria organizar a sociedade global a partir de *grandes espaços* civilizacionais, étnicos e culturais, que seriam capazes de preservar os elementos da Tradição que estariam sob ataque no mundo contemporâneo. Sem balizar precisamente e construindo ambiguidade a respeito da proposta de organização global da Quarta Teoria Política, Dugin defende a construção de “múltiplas QTPs”, cada uma sendo correspondente à cultura de cada civilização. Dessa forma, o autor articula a defesa da multipolaridade antiliberal sob o preceito de autonomia civilizacional na construção de seus modelos políticos tradicionais. Esses modelos, na construção do passado empreendida por Dugin, mantém a autenticidade cultural a partir de formatos autoritários e estratificados. Em um processo paulatino de inserção de novas perspectivas teóricas ao longo de sua trajetória, Dugin concebe a Quarta Teoria Política como instrumento na luta contra a hegemonia liberal, ou da modernidade ocidental, por um mundo multipolar tradicional.

Nesse contexto, é fundamental destacar que as obras publicadas por Dugin são construídas sob as balizas de sua trajetória intelectual. Iniciando as publicações, ao longo da década de 1990, com ênfase no Tradicionalismo e na Geopolítica e conquistando um lugar na intelectualidade política russa, o autor avança para elaborar, em 2009, uma síntese propositiva de seu pensamento através da Quarta Teoria Política. Mais recentemente, Dugin avança sobre a QTP para definir os papéis revolucionários de diversos atores e convocar correntes políticas variadas para a síntese quartopolitista, em consonância com a ampliação de seu alcance global.

Desse modo, observa-se que Dugin, propõe a Quarta Teoria Política como o projeto de abertura de uma nova teoria política, em oposição ao que o autor entende como as três primeiras,

liberalismo, comunismo e fascismo. Verdadeiramente tradicionalista, a QTP busca sintetizar, intelectualmente, e unificar, politicamente, a oposição à modernidade ocidental, definida por Dugin como real inimiga da Tradição no mundo pós-moderno. Nesse sentido, ao acenar para grupos, movimentos e correntes essencialmente antagônicas na política contemporânea, como o trumpismo, o fundamentalismo islâmico e o comunismo, em espaços distintos, sob o signo da multipolaridade, Dugin avança sobre uma síntese da oposição ao liberalismo hegemônico e à modernidade ocidental.

Por fim, é necessário debater se, até o presente momento, a Quarta Teoria Política realmente avança sobre sua proposta de contrapor as três grandes políticas da modernidade. Nesse sentido, é necessário ressaltar a forma como o pensamento duginista e a Quarta Teoria Política se apresentam de maneira inequívoca na extrema direita, apresentando a mobilização do núcleo místico do fascismo em assimilação às reorganizações e reformulações empreendidas, nas últimas décadas, pelo campo neofascista.

Diante disso, percebe-se que Dugin busca construir preceitos intelectuais capazes de embasar uma ação política revolucionária de oposição ao liberalismo, à modernidade e ao ocidente. A Quarta Teoria Política, portanto, é apresentada como uma síntese de oposição à modernidade ocidental e, como um projeto em aberto, pretende angariar novos atores políticos. Marginais na política institucional global, o pensamento duginista e o projeto da Quarta Teoria Política tem influência em diversos campos da ultradireita contemporânea e criam ferramentas teóricas para disputar o espaço aberto pela esquerda no mundo pós-soviético. Da mesma forma, Dugin manifesta a pluralidade da extrema direita e do campo neofasista, sendo um agente capaz de se inserir em realidades específicas a partir do projeto aberto da Quarta Teoria Política.

Nesse contexto, o Nova Resistência se apresenta, no Brasil, como fruto de um processo transnacional de disseminação do duginismo. Baseado em processos orgânicos de difusão intelectual e nos esforços políticos e metapolíticos do próprio Dugin, esse fenômeno deve ser analisado para que se possa compreender como o duginismo chega ao Brasil e, então, a forma como é reavaliado, apropriado e assimilado para ter em sua órbita o projeto revolucionário do grupo Nova Resistência. Esse, por sua vez, é responsável por posicionar a Quarta Teoria Política no contexto brasileiro e, então, instrumentaliza-la para interpretar a realidade nacional.

3 O NOVA RESISTÊNCIA: NEOFASCISMO DUGINISTA NOS TRÓPICOS

3.1 O NEOFASCISMO NO BRASIL

Antes de se aprofundar, efetivamente, nas origens e desenvolvimento do Nova Resistência, bem como o núcleo teórico que pauta as ações e leituras da organização, é necessário analisar o contexto de surgimento do grupo. Parte do mosaico grupuscular da extrema direita brasileira, o NR emerge como componente de um amplo processo de ascensão e reorganização do campo neofascista nacional. Desse modo, analisa Odilon Caldeira Neto, deve-se notar a forma como o neofascismo brasileiro surge de maneira tardia em relação a seus correlatos europeus, após o processo de redemocratização. Diante da centralização da ultradireita do país, ao longo da ditadura militar, dentro do próprio regime, o neofascismo encontra espaço de desenvolvimento, no Brasil, apenas nos anos 1980 e 90.

Nesse sentido, Caldeira Neto relaciona a formação do campo neofascista no Brasil com o processo de ascensão da ultradireita no país. Dessa forma, a aproximação entre neofascistas e a direita radical se torna peça importante para a compreensão de fenômenos recentes da História brasileira, como o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o surgimento e consolidação do bolsonarismo. Diante disso, para analisar o Nova Resistência e o contexto que cerca a atuação intelectual do grupo é fundamental entender o processo de formação do neofascismo no Brasil.

Sendo assim, nota-se que Caldeira Neto²⁸⁰ aponta a prevalência de duas eras do neofascismo no Brasil. A primeira delas, iniciada na década de 1980, nos primeiros anos da abertura lenta, gradual e segura do regime militar, é marcada pela reorganização de campos intelectuais intimamente ligados ao fascismo histórico. Nomeadamente, o autor indica a formação de três grandes campos componentes do neofascismo no Brasil em sua primeira onda. O primeiro deles, o Neo-Integralismo, é apresentado como um setor ligado Integralismo de Plínio Salgado e, segundo Caldeira Neto, pode-se observar o surgimento do Neo-Integralismo justamente após a morte do líder da Ação Integralista Brasileira, em 1975. Com um hiato intelectual e organizacional nos primeiros anos após a morte de Salgado, o campo neo-integralista se torna um espaço de disputa pelo legado da experiência integralista do

²⁸⁰ NETO, Odilon Caldeira. *Neo-fascism and the Far Right in Brazil*. Cambridge University Press, 2025.

entreguerras e pelo redirecionamento ideológico da doutrina de acordo com o novo contexto local e internacional.

Paralelamente, o campo ligado ao negacionismo do Holocausto torna-se preponderante em empreendimentos intelectuais e editoriais ligados ao revisionismo histórico das ações do regime nazista e se relaciona, intimamente, com o terceiro núcleo neofascista observado por Caldeira Neto: o neonazismo. Dividido entre setores ligados a atividades de rua e grupos intelectuais, que buscavam formar um partido nazista no Brasil nos primeiros anos após a redemocratização, o campo reivindicava diretamente o legado e a doutrina do nacional-socialismo alemão.

Diante disso, o autor aponta para o isolamento internacional do neofascismo brasileiro em sua primeira onda. Para além da ocorrência tardia do fenômeno neofascista no Brasil, Caldeira Neto indica como a marginalidade da extrema direita não militar foi fundamental para isolar o neofascismo brasileiro internamente e, por consequência, diante de seus correlatos internacionais. Paralelamente, o giro etnopluralista da extrema direita europeia rompeu pontes de diálogo estabelecidas entre o neofascismo brasileiro e seus pares transatlânticos, sobretudo da península ibérica. Por fim, o fracasso das tentativas de internacionalização de neonazistas e negacionistas do Holocausto foram fundamentais para o isolamento do neofascismo brasileiro.

Ainda assim, Caldeira Neto aponta como, nesse período, foram cristalizados elementos historicamente ligados à extrema direita brasileira. Ainda assim, o espaço encontrado por esses grupos foi marginal, em um momento marcado pelo fenômeno da “direita envergonhada” no Brasil. Dessa forma, o autor observa a vacância de organizações de direita radical no cenário institucional da política brasileira. Essa lacuna, observa o autor, é preenchida por Enéas Carneiro e seu Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona), na década de 1990 e começo dos anos 2000. Dessa forma, Enéas e o Prona se tornaram um ponto de convergência de diversos setores da ultradireita brasileira, incluindo o campo neofascista.

Dessa forma, a atuação e relativo sucesso eleitoral do Prona, que elegeu um parlamentar neo-integralista nas eleições de 2002, pode ser vista como um prelúdio da ampla reformulação do campo neofascista empreendida no Brasil nos anos seguintes. Esse processo, a partir do qual emerge o grupo Nova Resistência, é marcado pela reformulação e disputa de inúmeros componentes históricos da extrema direita brasileira. Caldeira Neto aponta, dessa forma, como o Mito das Raças, componente fundamental da doutrina integralista, passa a ser revisado por novos grupos que propõem outras leituras a respeito da questão racial no Brasil.

Paralelamente, a popularização dos novos meios de comunicação, a partir da segunda metade da década de 2000, cria novos espaços de diálogo e interlocução para o campo neofascista, que passa a estar intimamente ligado à busca por empreendimentos metapolíticos. Segundo Caldeira Neto, esse processo ocorre de forma tardia no Brasil, com os primeiros movimentos de disseminação das ideias da Nova Direita Europeia ocorrendo no país no final da década de 2000. Dessa forma, o neofascismo brasileiro, marcadamente isolado da cena internacional em sua primeira onda, passa a ser um ponto de circulação e interpretação de autores já basilares para o campo neofascista em outras regiões.

Diante disso, observa-se que meios digitais foram o espaço que permitiu a interação entre atores que, mais tarde, formariam grupos neofascistas e consolidariam a disseminação de determinadas correntes intelectuais entre a extrema direita brasileira. O Nova Resistência, nota-se, surge nesse contexto, a partir de contatos estabelecidos em redes sociais. Dessa forma, se o neofascismo brasileiro foi caracterizado, ao longo das décadas de 1980 e 1990, pelo isolamento internacional e a cristalização de preceitos historicamente ligados à extrema direita nacional, os anos 2000 marcam o início de um giro a partir do qual o campo neofascista no Brasil se tornaria cada vez mais transnacional, diversificado e dinâmico.

A partir dessa diversificação, portanto, Caldeira Neto observa a difusão de novos pressupostos intelectuais no escopo da ultradireita brasileira. Com o neofascismo do país se tornando um espaço para reflexão intelectual que trabalha com novos temas, como a identidade nacional, o campo passou a ser cada vez mais um palco para disputas entre diferentes correntes neofascistas. Ainda, com a formação do contexto de agitação política que levou ao golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, preceitos neofascistas passaram a circular em diversos campos da política brasileira. Dessa forma, Caldeira Neto aponta como Jair Bolsonaro se posicionou para ocupar uma nova vacância deixada na direita radical brasileira após a morte de Enéas Carneiro e o fim do Prona, em 2006. Estabelecendo contatos com o campo neofascista, o bolsonarismo se torna um ponto de convergência e articulação de inúmeros setores da ultradireita brasileira.

Concomitantemente, as opiniões de grupos neofascistas sobre Bolsonaro demonstram a prevalência de uma nova clivagem no neofascismo brasileiro. Como aponta Caldeira Neto, o campo passa a se dividir entre grupos que buscam radicalizar o neoliberalismo e correntes ligadas ao Tradicionalismo e, sobretudo, a Quarta Teoria Política. Notadamente antiliberal, a QTP passa a ser preponderante na organização de um neofascismo contrário à hegemonia global

norte-americana e dos valores ocidentais, em movimento singular na história do neofascismo brasileiro.

Esse fenômeno é analisado por Francisco Vasconcelos²⁸¹, que observa a separação da extrema direita brasileira entre neoliberais e grupos ligados à ideologia Nacional-Bolchevique. Dessa forma, Vasconcelos aponta a centralidade do Tradicionalismo para grupos ligados a ambos os campos, sobretudo a partir das leituras de Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin, respectivamente. Desse modo, o pensamento tradicionalista se torna uma base sobre o qual se erguem grupos que compartilham pressupostos neofascistas, mas enxergam de maneira diametralmente oposta a organização política do mundo contemporâneo. A chamada “Dissidência Tradicionalista”, portanto, compreenderia o Nova Resistência e demais grupos neofascistas que se opõem ao liberalismo, à hegemonia ocidental e à influência estadunidense no Brasil.

A clivagem a partir da noção de dissenso, nota-se, é fundamental para o próprio entendimento do NR acerca da política contemporânea. Para o grupo, a política atual, para além de questões ideológicas ou procedimentais, é marcada pela divisão entre conformistas e dissidentes. Dessa forma, apesar de compartilhar ideias basilares do neofascismo, o grupo se vê de maneira diametralmente oposta a organizações e correntes que buscam consolidar e aprofundar o neoliberalismo e a ordem mundial unipolar. Vasconcelos observa, portanto, observa uma disputa na extrema direita brasileira, com a prevalência de táticas de revisionismo histórico no seio de uma estratégia de guerra cultural. Disputando espaço interno, mas, também, com outros setores da política brasileira, grupos neofascistas buscam reinventar a História do país para propor diferentes projetos políticos.

Diante do exposto, observa-se que o NR surge, em 2015, em um contexto de efervescência do campo neofascista brasileiro, consequente a um momento de reorganização intelectual empreendido, sobretudo em meios digitais, desde a segunda metade dos anos 2000. Com a tardia difusão de ideias ligadas à Nova Direita Europeia, o neofascismo do Brasil faz seu giro metapolítico já com o suporte de novos meios de comunicação, os quais viriam a pautar a atuação dos neofascistas brasileiros nos anos subsequentes.

Esse movimento de reorganização, portanto, culmina no aumento da complexidade do campo neofascista brasileiro, que deixa de ser marcado, sumariamente, por ideias historicamente vinculadas à extrema direita nacional para se recolocar nas disputas políticas

²⁸¹ 2023

internas da política brasileira e se inserir no fluxo transnacional de disseminação e crescimento do campo neofascista internacional. Esse processo, enfim, resulta em uma clivagem que bifurca os caminhos do neofascismo brasileiro. Por um lado, a radicalização do neoliberalismo, a exaltação de valores europeus e a busca por aproximação com os Estados Unidos se tornam preceitos centrais para a consolidação de uma extrema direita ultraliberal. Por outro, a formação de um campo antiliberal que se coloca como dissidente em relação à ordem mundial vigente retrata a complexidade do neofascismo brasileiro e a multiplicidade de discursos empreendidos pelo campo para mobilizar o núcleo místico do fascismo e os componentes centrais do neofascismo.

Disputando espaço com correntes de esquerda, o campo dissidente se aproveita do declínio da esquerda radical brasileira para se inserir no debate por conceitos como o anti-imperialismo e o terceiro-mundismo a partir de pressupostos neofascistas. As formas pelas quais o Nova Resistência materializa, intelectualmente, esse movimento devem ser profundamente analisadas, mas, antes disso, é necessário analisar como a organização surge e se desenvolve no seio da segunda onda do neofascismo brasileiro.

3.2 ORIGENS DO NOVA RESISTÊNCIA

O grupo Nova Resistência emerge a partir de um contexto de efervescência no campo neofascista brasileiro e por meio da culminância de um amplo movimento intelectual e editorial, isto é, metapolítico, decorrido ao longo do fim da década de 2000 e início dos anos 2010. Esse processo é descrito em múltiplos meios que, em análise comparativa, permitem uma compreensão concreta do fenômeno de formação e construção da organização e de seus princípios teóricos. Serão analisados, portanto, os trabalhos de Ramiro Valdez e Beatriz Lima que reconstroem a História do Nova Resistência a partir de fontes diversas. Valdez busca informações em entrevista com a jornalista Letícia Oliveira, do portal El Coyote, fundamental para o conhecimento acerca da circulação da Quarta Teoria Política no Brasil, e da descrição dos próprios membros do NR a respeito do tema. Silva, por sua vez, trabalha com o relato de uma ex militante que, sob anonimato, fornece sua versão a respeito do processo analisado.

Centrais para a compreensão do processo de formação do Nova Resistência, as pesquisas de Valdez e Silva serão comparadas entre si e em relação a outros dois importantes

materiais. O primeiro deles, basilar nesta pesquisa, é o próprio site do NR, a partir do qual pode-se obter a visão dos próprios membros a respeito da História da organização. Isso é fundamental pois, além de fornecer informações relevantes, a fonte permite a compreensão da percepção do grupúsculo sobre si mesmo e a forma como o pensamento de Aleksandr Dugin se manifesta nesse entendimento.

A partir das fontes em questão, é possível traçar um panorama concreto a respeito da forma como o NR surgiu e se desenvolveu. Se a História da organização, porém, inicia-se em 2015, o processo formativo de atores e a circulação das ideias que culminaram na formação do grupo começam muito antes, a partir da segunda metade da década de 2000. Precisamente no giro para a emergência da segunda onda do neofascismo brasileiro, descrito por Odilon Caldeira Neto, determinados espaços nos novos meios de comunicação se tornaram caldeirões pelos quais novas correntes intelectuais, princípios ideológicos e estratégias de atuação passaram a ser difundidos em diversos setores da política brasileira. A extrema direita, fundamentalmente, reinventou-se e passou a ocupar novos espaços, com diferentes formas políticas ancoradas em distintas matrizes intelectuais.

A partir disso, pode-se entender que o processo de formação do Nova Resistência tem início nos debates construídos em uma comunidade do extinto Orkut, na qual eram discutidas leituras sobre Olavo de Carvalho e, posteriormente, outros campos do pensamento tradicionalista. A “Olavo de Carvalho do B” (OCB), como apontam as análises de Valdez e Silva, surge como um polo para debater as obras do ideólogo brasileiro Olavo de Carvalho. Esse espaço, porém, não era único ou hegemônico no embrionário campo olavista que, no Orkut, era composto por mais duas comunidades, uma oficial e outra antagônica, nas quais circulavam o pensamento de Carvalho. A “Olavo do B”, crítica, mas não veementemente contrária aos princípios defendidos por Olavo, tornou-se um espaço de difusão e discussão a respeito de correntes ligadas ao Tradicionalismo, sobretudo a partir do pensamento de Rene Guenon e Julius Evola.

Pode-se observar que esse processo ocorre de maneira simultânea e, em certa medida, concorrente ao fenômeno descrito por Camila Rocha, no qual nota-se a formação de inúmeros espaços digitais da ultradireita sob influência de agentes empresariais²⁸². Com a formação de uma ultradireita ultraliberal na internet, fortemente amparado pela intelectualidade de Olavo de

²⁸² ROCHA, Camila. '**Menos Marx, mais Mises**': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.p. 137

Carvalho, observa-se, também, a construção de uma vertente que parte dos ideais tradicionalistas para encontrar uma profunda oposição ao liberalismo e à unipolaridade contemporânea.

É nesse contexto que passam a ser difundidas as obras de Aleksandr Dugin no ecossistema digital brasileiro. Posicionado, inicialmente, como um antagonista ao pensamento de Carvalho no universo tradicionalista, o pensamento duginista passa a se consolidar no processo formativo de agentes que, posteriormente, viriam a participar da história do Nova Resistência. Das discussões na OCB, também, surge o processo de articulação e mediação do debate entre Dugin e Carvalho, publicado como livro em 2012. A obra orbita em torno da discussão, diagnóstica e propositiva, acerca do lugar dos Estados Unidos na geopolítica global. Com posições diametralmente opostas, mas ainda ancoradas em princípios tradicionalistas e em ideologias de extrema direita, Dugin e Olavo traziam, já naquela altura, indícios da clivagem que se formava no seio do neofascismo brasileiro e internacional. Essa clivagem, cuja compreensão é essencial para o entendimento do lugar do NR no ecossistema da política brasileira, passava a se apresentar no Brasil de forma tardia ao processo ocorrido na Europa pós-soviética e, sobretudo, em espaços antes cobertos pela cortina de ferro.

Voltando ao processo de formação do Nova Resistência, Ramiro Valdez observa a difusão dos debates da OCB para espaços não virtuais, no início dos 2010. Desse processo é formado o principal empreendimento ligado ao duginismo no Brasil, antes do surgimento do NR: a Editora Austral. Responsável pelas primeiras publicações de Dugin traduzidas para o português brasileiro, em 2012, a Austral se tornou um polo de disseminação do pensamento duginista na primeira metade da década de 2010. Nesse processo, ocorrem dois fenômenos fundamentais para a compreensão da circulação do pensamento de Aleksandr Dugin no Brasil. Em primeiro lugar, como observa Odilon Caldeira Neto, o neofascismo brasileiro passa a se formar sob influência do Neo-Eurasianismo e da Quarta Teoria Política. Paralelamente, a experiência editorial da Austral, que é extinta em meados de 2012, indica o início de um processo de disputa pelo discurso duginista no Brasil.

No processo de dissolução da Austral, Valdez e Silva apresentam a hipótese de uma disputa entre dois campos ligados ao duginismo no Brasil. Um desses campos, descrito por Beatriz Silva como Grupo Austral, estaria umbilicalmente ligado à editora e, após sua extinção, passou a se aproximar da Frente Integralista Brasileira. O outro campo, por sua vez, estaria ligado a um personagem fundamental para a atuação do NR, mas também para o entendimento de sua trajetória: Raphael Machado. Líder central e incontestado do Nova Resistência, como

atestam os estudos de Valdez e Silva, Machado tem seu processo formativo originado em espaços digitais ligados ao supremacismo branco e, desde os anos 2000 até 2016, construiu o blog Legio Victrix²⁸³, responsável por traduções e publicações iniciais de trechos das obras de Dugin na internet brasileira entre 2005 e 2006.

Paralelamente, Valdez analisa como, a partir do desenvolvimento das atividades ligadas à “Olavo de Carvalho do B” e, posteriormente, dos empreendimentos da Editora Austral, o campo dissidente da extrema direita brasileira passa a se constituir. Em um momento de efervescência da política brasileira, marcado pelas manifestações iniciadas em 2013 e que levou a transformações profundas na articulação intelectual e na atuação políticas de diversas correntes ideológicas, passa a se formar o campo do neofascismo brasileiro que, posteriormente, seria dominado pelo Nova Resistência. O neofascismo dissidente, a partir de então, passa a se consolidar como uma importante vertente da extrema direita brasileira.

A conceituação desse fenômeno é alvo de um amplo esforço acadêmico no estudo das direitas. Sejam *rojipardos* (rubro-pardos, vermelhos-marrons), Nacionais-bolcheviques ou simplesmente dissidentes, os grupos que mobilizam as ideias da extrema direita com variadas intersecções com princípios ideológicos de esquerda são parte de um fenômeno antigo, anterior, até mesmo, ao fascismo histórico. Ainda assim, as pesquisas ligadas a esse campo das extremas direitas seguem em busca de conceitos capazes de abarcar a complexidade e as nuances desse campo. No Brasil e, especificamente, em estudos ligados à Quarta Teoria Política, observa-se o uso de Dissidência Tradicionalista, por Francisco Vasconcelos, e de campo tradicionalista evoliano, por Ramiro Valdez.

De maneira não excludente aos conceitos supracitados, o campo em questão, aqui, será tratado a partir da noção de neofascismo dissidente. Neofascista pois essa vertente, indiscutivelmente, mobiliza, de maneira central, o núcleo mítico do fascismo na busca palingenésica pela reconstrução nacional e civilizacional, conforme analisado anteriormente a respeito do pensamento de Dugin e em diálogo com autores como Andreas Umland, Marlene Laruelle e Anton Shekhovtsov. Ao mesmo tempo, segue as tendências procedimentais e intelectuais nucleares do neofascismo, notadamente, a metapolitização, a desterritorialização e o revisionismo histórico, conforme descrito por Nigel Copsey. Dissidente, por sua vez, pelo fato de o campo, efetivamente, pautar seu discurso e atuação na oposição ao liberalismo, à

²⁸³ LEGIO VICTRIX. **LEGIO VICTRIX**. Disponível em: <<https://legio-victrix.blogspot.com/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

globalização e à hegemonia dos Estados Unidos. Dessa forma, tratam-se de grupos que mobilizam ideias fascistas e métodos neofascistas para constituir seu dissenso em relação à ordem mundial contemporânea e, portanto, torna-se essencial diferenciá-los de setores do neofascismo que buscam a radicalização do neoliberalismo e da unipolaridade.

A partir disso, pode-se observar que a formação do campo neofascista dissidente no Brasil torna-se um processo em efervescência nos anos entre 2011 e 2014. Esse período, além de marcado pela fundação e dissolução da Editora Austral, é caracterizado pela construção de espaços de discussão fundamentais para a disseminação do duginismo no Brasil. Nesse cenário, os Encontros Evolianos, empreendidos regionalmente em Paraíba e Paraná, em 2011, e tendo sua primeira edição nacional em 2012, passaram a ser o mais importante polo de debates que levaram à formação do Nova Resistência.

Os *Encontros Nacionais Evolianos*, contaram, em sua primeira edição, com a presença de Aleksandr Dugin e outros importantes intelectuais ligados à extrema direita. Nessa visita, Dugin também passou por universidades públicas, como UERJ, USP e UFPB, protagonizando palestras e eventos que ampliariam os horizontes da Quarta Teoria Política no Brasil. Em 2012, também, a Austral publica a primeira edição brasileira da QTP. Concomitantemente, os anos seguintes dão seguimento ao processo de consolidação do neofascismo dissidente no Brasil, com destaque para a criação, entre 2013 e 2014, da “Frente Brasileira de Solidariedade com a Ucrânia” (FBSC), uma página no Facebook na qual eram divulgadas mensagens de apoio à primeira incursão russa no Donbas.

A FBSC foi responsável, também, por alavancar a imagem de Rafael Lusvarghi, brasileiro que foi lutar no lado russo com apoio logístico de Machado e outros atores ligados à difusão inicial do duginismo no Brasil. Policial militar nos anos 2000, Lusvarghi tornou-se, como analisa Valdez, um garoto-propaganda usado para atrair combatentes voluntários e mercenários e, ao mesmo tempo, divulgar e defender ideias russofílicas e ligadas à Quarta Teoria Política. Preso em uma emboscada do governo ucraniano em 2016 e liberado em troca de prisioneiros, Lusvarghi foi novamente preso em 2021, já no Brasil, com porte ilegal de drogas e munições. Transformado em exemplo do espírito guerreiro defendido por Dugin, o indivíduo em questão foi responsável por atrair militantes por, como indica membro da NR, em análise de Valdez, “ir lutar contra a pós-modernidade, pela pós-modernidade”.

O período entre 2013 e 2014 é caracterizado, também, como analisa Valdez, pelos atos de rua nos quais, provavelmente, foram estabelecidas conexões interpessoais importantes para

a futura constituição do NR. Nesse período, por fim, inicia-se ainda o processo de entrismo e articulação do neofascismo dissidente com setores de esquerda, prática que se tornaria fundamental para a atuação do Nova Resistência nos anos subsequentes. Sobretudo a partir de ligações com André Ortega, então editor da Revista Ópera, ligada a correntes de esquerda, Machado e outros futuros membros da NR passam a conquistar diálogos e espaços importantes para a consolidação do neofascismo dissidente no Brasil.

Diante disso, pode-se observar como, no seio do giro para a segunda onda do neofascismo no Brasil, descrita por Odilon Caldeira Neto, o campo neofascista passa a se complexificar e apresentar novas leituras, dinâmicas e clivagens. Com a centralidade dos novos meios de comunicação, a extrema direita brasileira se reorganiza e passa a atuar de diferentes formas diante da política nacional, seja ela eleitoral, institucional, digital ou de rua.

Dentro desse processo e a partir de discussões ligadas ao Tradicionalismo em espaços digitais, o pensamento de Aleksandr Dugin passa a circular de maneira significativa no Brasil através dos debates empreendidos na comunidade “Olavo de Carvalho do B”. Emergido como alternativa ao pensamento de Carvalho em relação ao Tradicionalismo, Dugin passa a fazer parte, muitas vezes de maneira central, do processo formativo de atores que se empenhariam no processo de disseminação e assimilação do duginismo no Brasil.

A partir disso, passam a surgir iniciativas *offline* ligadas ao pensamento duginista e de outros intelectuais da extrema direita. É nesse momento que começa a se constituir a vertente neofascista dissidente no Brasil, com a promoção de eventos, empreendimentos editoriais e iniciativas digitais que consolidariam a centralidade do pensamento de Aleksandr Dugin na nova vertente que se formava na extrema direita brasileira. Emerge, nesse contexto, a Editora Austral, responsável pelas primeiras publicações das obras de Dugin no Brasil.

Em um contexto no qual a Guerra da Ucrânia passa a balizar clivagens no neofascismo brasileiro e internacional, a corrente neofascista dissidente brasileiro passa a se articular, cada vez mais, ao redor do pensamento de Aleksandr Dugin. Chegando à efervescência em 2014, neofascistas dissidentes iniciam processos que se tornariam fundamentais para o NR, como táticas de entrismo e estratégias metapolíticas.

Emerge, por fim, o ator central na História do NR, Raphael Machado, que passa a disputar a liderança do campo neofascista dissidente. A culminância de todo esse processo acontece quando Machado estabelece novos contatos com atores ligados ao duginismo. No *stormfront*, fórum internacional ligado ao supremacismo branco, Machado inicia as ligações

transnacionais que se tornariam essenciais para o NR após a sua formação. A História do Nova Resistência começa, enquanto organização, quando Machado se encontra com James Porrazzo, líder do grupo estadunidense *New Resistance*.

Parte de uma rede internacional que contava com grupos homônimos em Europa e América do Norte. Emergido, sob liderança de Porrazzo, de um racha no grupo neonazista norte americano American Front, o New Resistance tinha em Dugin sua principal referência teórica e buscava uma aliança global revolucionária contra os Estados Unidos. Ainda assim, o grupo mantinha uma posição veementemente anticomunista, característica de boa parte da extrema direita, em uma concepção antiliberal. A partir dos contatos entre Machado e Porrazzo, o Nova Resistência brasileiro é fundado, em meados de 2015, como uma célula dessa rede transnacional. Valdez aponta uma ruptura entre o grupo brasileiro e a rede em 2019, com a aproximação entre o NR brasileiro e setores ligados à esquerda sendo fundamental para esse processo. Em 2023, o NR de Porrazzo teria tentado tirar Raphael Machado da liderança da organização brasileira, sem sucesso, e participaria, então, da formação do grupo Aurora de Ferro, ligado ao arqueofuturismo de Guillaume Faye²⁸⁴.

Em seus primeiros anos, o Nova Resistência convivia com inúmeros grupos que reivindicavam e buscavam assimilar o duginismo à realidade brasileira. Vários deles, como analisa Valdez, foram absorvidos e incorporados, ao longo dos anos, pela estrutura organizativa do NR. É desse processo que nasce o Mátria, atual ala feminina do NR e, antes disso, um grupo autônomo. A Legião Nacional Trabalhista, por outro lado, passou a fazer parte do NR e seus antigos membros são tidos como responsáveis pela busca por estratégias de entrismo e associação a discursos e organizações de esquerda. Emergidos, assim como a NR, no período de efervescência do campo neofascista dissidente, os grupos em questão tem seu destino traçado, segundo Valdez, pelo “parasitismo ideológico” característico do Nova Resistência, que paulatinamente passa a se tornar hegemônico na apropriação do duginismo no Brasil.

Nesse momento, porém, outra organização, radicalmente diferente do NR, passa a ser um polo de discussões a respeito do pensamento de Aleksandr Dugin no Brasil: o Centro de Estudos da Multipolaridade (CEM). Como descreve Beatriz Silva, o grupo coordenado por Flávia Virgínia buscava organizar atividades acadêmicas para a disseminação e debate acerca da Quarta Teoria Política e sua inserção na realidade brasileira. Com publicações em

²⁸⁴ Ver mais em: MACHADO, G. B. **Faces do neofascismo**: uma análise do movimento identitário em contexto latino-americano. Uff.br, 2023.

plataformas ligadas à rede transnacional do Duginismo, o CEM era composto, também, por alguns então membros do Nova Resistência.

Estabelecendo, também, contatos com grupos ligados a estudos geopolíticos da Universidade de São Paulo, o grupo passa a disputar com a NR pela interpretação da QTP para o contexto brasileiro. Nesse contexto, o CEM passa a financiar o Atlas Brasileiro de Relações Internacionais do Laboratório de Geopolítica e Geografia Política da USP, do qual participavam Dídimo Matos e André Martim, importantes elementos na difusão da QTP nos estudos geopolíticos brasileiros. Martim, inclusive, é o proponente do Meridionalismo, teoria que propõe uma leitura geopolítica e estabelece princípios para a organização política da América Latina na idealização do mundo multipolar defendido por Dugin. Com relações ambíguas com o NR, o CEM deixa de atuar entre 2019 e 2020, com o fim das relações de financiamento com o Atlas. Puramente acadêmico, o grupo foi a maior ameaça à hegemonia do NR sobre a Quarta Teoria Política no Brasil.

Nesse contexto, Raphael Machado passa a aprofundar seus esforços de centralização do NR com a criação do Politburo, grupo paralelo com líderes estaduais da organização. Esse grupo, considerado a ala acadêmica da organização, tornar-se-ia o Sol da Pátria, outra organização de extrema-direita que passa a disputar espaço com o NR a partir de 2021. Paralelamente, em 2017, o Nova Resistência atua nas manifestações da esquerda brasileira e busca novos contatos com atores nacionais e internacionais. Estabelecendo diálogo com organizações islâmicas brasileiras e participando de eventos ligados à rede duginista no exterior, o grupo passa a se consolidar como o principal vetor de disseminação e interpretação da Quarta Teoria Política no Brasil.

Esse movimento continua, em 2019, com o primeiro congresso nacional da organização, que participa, também, do Congresso Trabalhista organizado por Leonel Brizola Neto, além de outros eventos internacionais sediados, sobretudo, na Rússia. Aprofundando suas atividades metapolíticas, sobretudo a partir da concepção de seu atual site, em 2017, o NR passa a conviver com novos dilemas ainda em 2019, com o início das denúncias empreendidas pela jornalista Letícia Oliveira no portal El Coyote. Nesse momento, aponta Valdez, o grupo passa a perder espaço em setores da política nacional, sobretudo ligados à esquerda, e inicia um giro em direção ao estabelecimento de contatos transnacionais.

Em 2021, a fundação da editora Ars Regia, ligada à NR e responsável pela publicação de novas e inéditas edições das obras de Dugin no Brasil, marca um ponto fundamental na

trajetória da organização, que ganha corpo em sua atuação metapolítica. Por outro lado, o grupo é afetado pela perda de membros para o recém-criado grupo Sol da Pátria, o que prejudica a atuação intelectual e a articulação das redes políticas construídas pelo NR.

No ano seguinte, enfim, o Nova Resistência passa a buscar novas formas de atuação e inserção na política brasileira. Com a morte de Olavo de Carvalho, abre-se um novo espaço de disputas nas correntes políticas ligadas ao Tradicionalismo no Brasil. Paralelamente, o grupo passa a estabelecer contatos efetivos com importantes setores da política nacional. A organização do Congresso Regional Sul-Sudeste da organização marca a criação de um programa mínimo do NR e, substancialmente, o início dos contatos entre o Nova Resistência e membros do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Com vínculos, sobretudo, com Aldo Rebelo e atores ligados à sua proposta de “Quinto Movimento”, o NR passa a apoiar candidaturas como as do Comandante Robinson Farinazzo, candidato a deputado federal pelo PDT nas eleições de 2022. O projeto do Quinto Movimento de Rebelo, apresentado através de livro homônimo, é visto pelo NR como o mais próximo de uma proposta alinhada à Quarta Teoria Política no Brasil. Carece, nesse contexto, um aprofundamento acerca das origens ideológicas do Quinto Movimento e de possíveis relações indiretas com o pensamento de Aleksandr Dugin, que não é mencionado na obra.

Com a centralização da organização na órbita de Raphael Machado, o NR continua a participar de eventos internacionais, consolidando-se como um importante foco de articulação nacional da Quarta Teoria Política diante da rede transnacional do duginismo, como reverencia Dugin ao afirmar que a NR é o mais desenvolvido polo de interpretação da QTP para uma realidade nacional. Esse movimento, também, é refletido pela presença de publicações assinadas por Machado e outros membros da NR em plataformas ligados ao duginismo fora do Brasil. Ainda, em 2022, o grupo passa a fazer parte do Comitê Central para a Libertação Latino Americana, composto por outros grupúsculos duginistas em inúmeros países latino americanos.

Paralelamente, as estratégias de entrismo da organização se fortalecem, bem como as afinidades ideológicas entre o Nova Resistência e correntes da esquerda brasileira, com Machado publicando, inclusive, artigo no portal de esquerda Brasil247. Ainda, o NR passa a estabelecer relações concretas com o Partido da Causa Operária (PCO), com inúmeras atividades dentro e fora de espaços digitais. A partir da convergência diante do antiliberalismo e da oposição à hegemonia estadunidense, a articulação entre NR e PCO apresenta um

importante movimento de articulação concreta do grupúsculo neofascista com setores da extrema esquerda brasileira.

Diante disso, percebe-se que o NR, desde sua fundação, busca articular contatos locais e transnacionais com grupos ligados à Quarta Teoria Política e outras correntes que convergem, sobretudo, a partir da multipolaridade. Rivalizando com outros setores do neofascismo brasileiro, o grupo apresenta uma tendência hegemônica na disseminação e interpretação da Quarta Teoria Política no Brasil. Sob liderança de Raphael Machado, o Nova Resistência se torna o mais importante vetor de assimilação do pensamento duginista para a realidade brasileira.

3.3 – O NÚCLEO TEÓRICO DO NOVA RESISTÊNCIA

Diante do exposto, pode-se perceber como o Nova Resistência emerge como uma organização inserida na lógica grupuscular da extrema direita contemporânea. Surgido no efervescer de um novo campo formado, por sua vez, ao longo da segunda onda do neofascismo brasileiro, o grupo é concebido a partir do pensamento de Aleksandr Dugin e propõe a transformação revolucionária da realidade brasileira e latino-americana sob as lentes da Quarta Teoria Política. Proeminente na tendência do neofascismo dissidente, o NR se insere em uma rede transnacional de atores ligados ao duginismo e disputa espaço na política brasileira com um viés discursivo ambíguo que permite à organização buscar atrair agentes ligados tanto à direita quanto à esquerda.

Nesse sentido, nota-se que é necessário analisar o núcleo teórico do Nova Resistência e a forma pela qual Machado, Lucas Leiroz e outros importantes membros da organização empreendem uma proposta discursiva que associa e assimila o pensamento de Aleksandr Dugin a correntes ideológicas e intelectuais autóctones. Dessa forma, diante da vastidão de publicações que compõem o site do grupo, serão analisados, no âmbito deste trabalho, apenas aqueles assinados por membros conhecidos ou pela própria organização. Isso se justifica, precisamente, pelo objetivo proposto de analisar o núcleo teórico do NR e, portanto, dos indivíduos que o compõem.

Ressalta-se, também, que esta proposta busca complementar outros importantes estudos empreendidos a respeito do NR e da Quarta Teoria Política no Brasil. Notadamente, Ramiro Valdez analisa os elementos diagnósticos, prognósticos e convocatórios para traçar um

importante panorama acerca da ideologia defendida pelo grupo. Aqui, busca-se analisar a forma como o NR se insere nos processos históricos e movimentos intelectuais ligados ao neofascismo brasileiro e global. Desse modo, objetiva-se entender a forma pela qual o grupo mobiliza o núcleo mítico do fascismo, buscando a ressurgência palingenésica do Brasil contra a hegemonia liberal a partir dos procedimentos característicos do neofascismo descritos por Nigel Copsey.

Diante disso, busca-se entender como, através da metapolítica, o Nova Resistência se coloca no espaço político brasileiro na forma do principal vetor de disseminação e articulação da Quarta Teoria Política no Brasil. Do mesmo modo, objetiva-se analisar o processo pelo qual o grupo se insere e promove no fenômeno neofascista de desterritorialização, tanto a partir da formação de uma rede transnacional ligada ao neofascismo dissidente, mas sobretudo, através do avanço na proposição de um ultranacionalismo que supera as próprias fronteiras nacionais e é posicionado a partir da lógica duginista da multipolaridade dos *grandes espaços* civilizacionais. Por fim, procura-se analisar o processo de revisionismo histórico empreendido pelo Nova Resistência, sob o qual o grupo é capaz de reinventar a história brasileira, latino-americana e mundial para promover sua leitura da realidade e seu projeto revolucionário ligado à Quarta Teoria Política.

Analisando esse revisionismo histórico, também, será possível vislumbrar as apropriações empreendidas pelo NR dos preceitos tradicionalistas que norteiam a obra de Aleksandr Dugin. Da mesma forma, será viável analisar a forma pela qual a organização posiciona seu antiliberalismo diante da realidade política brasileira, ou seja, os discursos que sustentam a visão do NR acerca do liberalismo e os princípios intelectuais emergidos para buscar sua superação. Nesse movimento, será fundamental, também, analisar como o núcleo teórico do Nova Resistência, baseado no pensamento duginista, sustenta a visão do grupo a respeito de atores e instituições da política brasileira e internacional. Desse modo, observando as aproximações e distanciamentos construídos pelo grupo em relação a outras correntes ideológicas da política brasileira, em diversos pontos do espectro político, será possível analisar como o grupo pretende se posicionar no contexto político nacional. Sendo assim, ao analisar as leituras e proposições levantadas pelo NR em relação às visões de direitas e esquerdas brasileiras, será possível compreender os aspectos fundamentais de seu núcleo teórico.

Em suma, portanto, mais do que analisar a leitura de mundo e o projeto político do Nova Resistência, busca-se compreender a forma como diferentes correntes intelectuais e tradições ideológicas são sobrepostas e assimiladas à centralidade da Quarta Teoria Política no núcleo teórico da organização. De maneira complementar e interseccional a outros importantes estudos

desenvolvidos a respeito do NR, objetiva-se consolidar o objetivo principal dessa pesquisa: entender a circulação do pensamento duginista no Brasil a partir do núcleo teórico mobilizado pelo grupo Nova Resistência.

3.3.1 Nova Resistência, Dugin e a Quarta Teoria Política

Para abordar o núcleo teórico do Nova Resistência é necessário, inicialmente, analisar a centralidade da obra de Aleksandr Dugin e da Quarta Teoria Política para a organização. De maneira clara, o grupo coloca a QTP como principal eixo intelectual norteador de sua atuação política. Nesse contexto, deve-se ressaltar que Dugin postula a necessidade de criação de “múltiplas Quartas Teorias Políticas” a serem emergidas diante de realidades nacionais ou, mais precisamente, civilizacionais específicas.

Nesse sentido, pode-se observar que o Nova Resistência busca, justamente, avançar sobre a Quarta Teoria Política proposta por Dugin, de modo a articula-la para a realidade brasileira. Por outro lado, assim como o ideólogo russo, a organização brasileira busca a superação dos estados-nacionais e, portanto, pretende conceber um projeto capaz de abarcar a *civilização latino-americana*, que teria o Brasil como centro, de acordo com o NR, em uma Nova Ordem Mundial Multipolar proposta e defendida por Aleksandr Dugin.

Em paralelo, destaca-se, também, a forma como o Nova Resistência, além de instrumentalizar, reinterpretar e articular a Quarta Teoria Política para o Brasil, busca se consolidar como um polo hegemônico do duginismo no contexto brasileiro. Os movimentos da organização a respeito da Quarta Teoria Política, portanto, passam pela sua assimilação para a realidade nacional e, também, pela afirmação da hegemonia do NR diante do pensamento duginista no Brasil. Esse objetivo se materializa em artigo de André Luiz dos Reis, no qual o autor afirma que “A NR é a única organização quarto-teórica do país”²⁸⁵. No texto, Reis ataca outros grupos brasileiros ligados ao pensamento duginista e, ainda, proclama a legitimidade das leituras do Nova Resistência sobre a Quarta Teoria Política:

Evidente que a meia dúzia de três nunca deve ter lido o estatuto da organização da qual fizeram parte e à qual prestaram juramento.
Se leram, não passam de mentirosos contumazes mesmo.

²⁸⁵ LUIZ, A. A NR é a única organização quarto-teórica do país | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/04/05/a-nr-e-a-unica-organizacao-quarto-teorica-do-pais/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Em tese, a "chateação" deles se deve ao uso do trabalhismo e da figura de Getúlio Vargas, que costuma provocar temores e tremores em alguns por causa dos erros cometidos na construção do Estado Nacional a partir dos anos 1930.

Mas sempre explicamos em textos, vídeos e palestras que considerávamos o trabalhismo em uma perspectiva quarto-teórica, a fim de superar os aspectos deletérios dessa corrente nacionalista brasileira.

Respondendo a antigos membros dissidentes do Nova Resistência, Reis articula outro movimento importante para as aspirações intelectuais da organização ao convergir o trabalhismo com a Quarta Teoria Política. Enxergando a corrente antes liderada por Getúlio Vargas como uma corrente autóctone capaz de ser reinterpretada, através da QTP, para se tornar a ideologia central de uma Quarta Teoria Política brasileira, o NR posiciona o trabalhismo no centro de sua agenda ideológica e intelectual. Paralelamente, Reis aponta a aproximação entre o Nova Resistência e o fascismo, tratado como "Terceira Teoria", ao passo em que indica a necessidade de superação da política moderna através da ação revolucionária quartopolitista:

A partir da Quarta Teoria Política, podemos dizer mais propriamente que a verdadeira revolução de nosso tempo é fazê-lo nascer da terra não como um lugar vindo de baixo, mas oriundo do centro a que me referi anteriormente, o centro desse olhar de sujeito que um povo pode lançar sobre o mundo. A Terceira Teoria Política é mais próxima de nossa visão do que qualquer outra. Mas ainda assim, ela nasce na Modernidade e está afetada pelas limitações de horizonte vinculadas às possibilidades modernas. Para que a Terceira Teoria Política se livre dessas restrições, ela tem de dar um salto que a faça debelar as travas, cabrestos e antolhos do mundo ocidental. [...] Precisamos de uma leitura quarto-teórica do Trabalho, que só pode ser realizada a partir das raízes que deram origem ao próprio movimento."

Retomando o trabalhismo, Reis avança sobre as proposições cuidadosamente defendidas por Dugin a respeito do fascismo. Para o autor brasileiro, a terceira via só estará completa e se realizará, enquanto Quarta Teoria Política, quando se dissociar, integralmente, dos valores ocidentais e modernos. Após repetidos ataques a membros da Frente Sol da Pátria, organização dissidente do NR da qual, anos depois, André Luiz dos Reis passaria a fazer parte, o autor segue reafirmando a hegemonia do Nova Resistência sobre a Quarta Teoria Política no Brasil.

Em paralelo, ao refletir sobre a condição fascista²⁸⁶, ou não, do Nova Resistência e da Quarta Teoria Política de Dugin, um artigo assinado pela própria organização, em tom de entrevista, explicita a centralidade da QTP para o NR. Da mesma forma, é indicada a

²⁸⁶ BR_RESISTENCIA. **Nem Dugin, nem a Quarta Teoria Política, nem a Nova Resistência são fascistas | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/08/23/nem-dugin-nem-a-quarta-teoria-politica-nem-a-nova-resistencia-sao-fascistas/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

necessidade de articulação das ideias duginistas para o contexto brasileiro, em oposição a uma mera reprodução de suas perspectivas. O que o grupo busca, portanto, é criar um novo posicionamento autóctone, uma Quarta Teoria Política à brasileira que mescle o pensamento duginista com correntes intelectuais brasileiras:

Não somos “duginistas”. O horizonte da construção de uma Quarta Teoria Política é, para nós, uma espécie de marco teórico ou paradigmático, mais ou menos como o materialismo dialético o seria para marxistas. Temos nossas próprias formulações e outros autores que são importantes para nosso pensamento político.

Da mesma forma, em artigo assinado pela organização²⁸⁷, é postulado o caráter revolucionário da Quarta Teoria Política, a centralidade do combate ao liberalismo e à modernidade e os caminhos para a concepção de um projeto revolucionário quartopolitista no Brasil. Retomando a noção de *narod*, palavra russa para povo, amplamente difundida por correntes do populismo russo, o grupo ressalta o povo orgânico como sujeito revolucionário da QTP. Ao mesmo tempo, o artigo posiciona a centralidade de “elites dirigentes” e a necessidade de empoderamento dos *povos*, a partir das quais a Nova Resistência apresenta sua vocação de promover uma revolução pautada na Quarta Teoria Política:

Se o Liberalismo é o projeto de poder da classe dominante globalista, afirmado diariamente contra o direito dos povos de forjarem os seus próprios destinos de maneira independente, a Revolução proposta pela Quarta Teoria Política afirma o contrário: a necessidade de se destruir o Liberalismo por completo, materialmente (o modo de produção capitalista) e espiritualmente (os valores liberais e burgueses de base), tendo em vista a edificação de um Novo Mundo, pautado sobre um novo paradigma: o de que os Povos são donos integrais de seus destinos históricos.

Os Povos, suas elites (vanguardas) dirigentes e suas massas populares, dinamicamente unificados por suas Tradições e enraizados em suas Pátrias.

Eis o caráter popular, radical e revolucionário da Quarta Teoria Política:

Ela é popular porque afirma o Povo (Narod) como sujeito histórico.

Ela é radical porque afirma às raízes históricas e espirituais de nossa Pátria e civilização como cimento para a construção de uma Nova Ordem em nosso país e continente.

Ela é revolucionária (e, portanto, anti-reacionária) porque busca subverter a ordem liberal-burguesa vigente, colocando em seu lugar uma radicalmente diferente. No caso do Brasil, uma ordem economicamente pautada sobre o socialismo (autóctone, patriótico e de inspiração distributista e trabalhista) e espiritualmente fundada sobre nossas tradições orgânicas de base (patriotismo carnal), nossa identidade ibérico-católica geral (patriotismo histórico) e nosso destino histórico latino-americano (patriotismo civilizacional).

Apesar do paradoxo apresentado por uma organização que busca retomar as Tradições brasileiras e resgatar a pré-modernidade, ao mesmo tempo em que se diz não reacionária, o

²⁸⁷ **A Quarta Teoria Política é uma teoria radical e revolucionária!** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2017/08/10/a-quarta-teoria-politica-e-uma-teoria-radical-e-revolucionaria/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

texto demonstra fundamentos essenciais da ideologia do Nova Resistência e, essencialmente, sua vinculação com a Quarta Teoria Política. Em paralelo, Raphael Machado, ao propor um “Breve esboço de uma metodologia para a Quarta Teoria Política”²⁸⁸ que busca orientar a formação intelectual e espiritual dos militantes, posiciona a centralidade da criação de inúmeras teorias ligadas à corrente duginista. Seguindo movimento de Aleksandr Dugin, Machado propõe, também, a revisão de elementos passíveis de resgate presentes nas três teorias políticas da modernidade.

Com o coração frio, informado pela Quarta Teoria Política e, assim, equipado com uma tábua de valores tradicional, deve-se distinguir entre o joio e o trigo dentre as partes das teorias políticas modernas.
O que é ruim deve ser empurrado junto de seu edifício teórico na direção do abismo do esquecimento; o que é bom deve ser coletado e separado para as fases posteriores de nossa operação metodológica.

Finalizado o propósito metodológico e intelectual da análise, Machado avança na proposição de um caráter essencialmente espiritual para a QTP. Para o autor, a síntese antiliberal e contrária à modernidade promovida por Aleksandr Dugin e demais seguidores da Quarta Teoria Política não é apenas um instrumento da luta social contra a civilização ocidental e sua hegemonia, mas uma doutrina que converge ao sagrado. Para o NR, reverter o avanço do liberalismo e do globalismo passa, também, pelo resgate das associações entre a política e o mundo espiritual:

Com isso em mente, construímos uma ponte que liga o mundo da tradição à nossa síntese, de modo que nosso papel se torna o de permitir a integração compatível entre esses dois elementos. Nossa síntese, agora, assume um aspecto que está dotado de transcendentalidade: ela se abriu para o Sagrado e o recebeu, sendo curada das feridas filosóficas advindas da “Morte de Deus”.

Para Machado, o processo de busca pelo sagrado através da Quarta Teoria Política se finda no retorno ao mundo humano e às Tradições de um povo. A partir de uma leitura espiritualizada da realidade política, o NR propõe, enfim, a construção de identidades nacionais e civilizacionais a partir da QTP, enraizando a síntese intelectual promovida tanto pela organização, quanto por Aleksandr Dugin, na comunidade nacional. Esse princípio converge ao amplo movimento empreendido pela organização de concepção de uma nova identidade brasileira pautada pela doutrina defendida pelo Nova Resistência.

²⁸⁸ MACHADO, R. **Breve esboço de uma Metodologia para a Quarta Teoria Política | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/30/breve-esboco-de-uma-metodologia-para-a-quarta-teoria-politica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

O grupo, enfim, postula a necessidade de assimilação dos preceitos da Quarta Teoria Política enquanto lentes usadas para interpretar o mundo. Machado afirma, portanto, o caráter intelectualmente totalizante da QTP, proposta como uma corrente aberta que busca atrelar os princípios defendidos por Aleksandr Dugin à leitura de diversos fenômenos políticos, sociais, econômicos e culturais. Para isso, torna-se necessário trazer elementos próprios da realidade observada, avançando na formação de Quartas Teorias assimiladas a diferentes contextos. Como afirma Machado, após definir a centralidade dos aspectos espirituais para a QTP:

Agora nós descemos das alturas para nos integrarmos existencialmente ao nosso povo, dando os toques finais em nossa operação para torna-la operacional, utilizável por nosso próprio povo.

Mas esse passo depende da aquisição prévia de uma compreensão fundamental da alma de nosso próprio povo, de suas tradições, de seus costumes, de suas origens. Essa compreensão nos permitirá enraizar nossa síntese purificada e dar a ela feições étnicas, populares, comunitárias, autênticas.(...) Neste ponto nós pensaremos, já informados pelo que há de positivo nas teorias modernas, assim como pela Tradição: de que forma meu povo pensou ou tem pensado em relação a X? De que forma meu povo lidou ou tem lidado com X? De que forma o meu povo deve pensar ou deve lidar com X?

A resposta para essas perguntas deve ser integrada em todo o trabalho feito até então, levando ao resultado final de nossa operação metodológica. Esse resultado final pode, em hipótese, servir como uma perspectiva sobre um determinado tema ou sobre uma questão a partir da Quarta Teoria Política. Aqui, naturalmente, devemos compatibilizar e adaptar as perspectivas dos povos com as finalidades da Quarta Teoria Política. O resultado deve ser considerado como sendo uma perspectiva consolidada, autenticamente fundada, em meio ao pluriverso de perspectivas que a Quarta Teoria Política pode proporcionar a cada um dos povos, civilizações ou etnias do mundo.

Concretamente, isso significa termos à nossa disposição mais um elemento na construção de nossa Weltanschauung, mas na medida em que a Quarta Teoria Política, enquanto teoria política, tem “algo” a dizer sobre cada questão humana, esse esforço metodológico deverá ser empreendido infinitas vezes, ao longo processo de construção de cada uma das várias (tantas quanto os ethnos existentes) Quartas Teorias Políticas.

Machado afirma, portanto, a centralidade dos povos, dos *ethnos*, para a definição da criação e articulação da QTP sobre diversas realidades. Essas realidades, portanto, serão definidas a partir de elementos nacionais e étnicos, evidência que se torna fundamental no empreendimento do NR que busca construir uma nova identidade para o povo brasileiro. O ultranacionalismo do Nova Resistência, portanto, é pautado na questão civilizacional e na demanda de criação de Quartas Teorias Políticas assimiladas a respectivas realidades étnicas, nacionais, civilizacionais. Machado finaliza, por fim, ressaltando a possibilidade de utilização e articulação da Quarta Teoria Política enquanto cosmovisão, sobreposta às áreas do conhecimento, tornada uma lente capaz de enxergar diversos aspectos da História humana e da vida na contemporaneidade:

Este é um esboço de uma possível formalização metodológica da Quarta Teoria Política. Uma ferramenta de disciplina mental e técnica que poderia ser utilizada em todas as áreas do conhecimento para que possamos empreender o esforço de construir posições sobre todas as questões, de todas as áreas do conhecimento, a partir da Quarta Teoria Política.

Diante disso, pode-se perceber não apenas a centralidade da Quarta Teoria Política de Aleksandr Dugin para a atuação do Nova Resistência, mas, também, a forma como o grupo brasileiro busca se posicionar como o proponente de uma Quarta Teoria Política baseada em Dugin, mas articulada para responder às questões brasileiras a partir da essência de um povo orgânico. Esse movimento segue tendência comum na extrema direita, que desde o fascismo histórico busca bases para consolidar projetos pautados em realidades nacionais específicas. Essa essência, na visão da organização, estaria sob ataque do liberalismo e da modernidade. Buscando reinventar o trabalhismo para inseri-lo nos preceitos duginistas e convertê-lo a uma ideologia revolucionária inspirada na Quarta Teoria Política, o NR se posiciona como principal articulador das ideias de Aleksandr Dugin no Brasil e busca consolidar sua hegemonia no campo duginista brasileiro.

Por fim, pode-se observar a reverência da organização ao próprio Dugin em diversos momentos. É constante, portanto, a defesa de Dugin e da QTP pelo Nova Resistência frente a leituras promovidas na mídia e nas academias brasileiras. Para a organização, imprensa e universidades estão, de maneira geral, a serviço das pretensões hegemônicas da civilização ocidental e do globalismo, sendo a dissidência instrumentalizada como ferramenta para promover a descrença nas instituições. Posicionando Dugin como “um dos mais importantes filósofos vivos”, a organização determina a centralidade da superação da dicotomia entre esquerda e direita em favor da lógica que opõe dissidentes e conformados. Além disso, retoma-se a importância do trabalhismo, em associação à QTP, para a formulação de um projeto revolucionário para o Brasil²⁸⁹:

Agora, para construirmos um caminho para o futuro o Brasil não pode seguir insistindo na distinção direita/esquerda, tampouco nos voltarmos para o comunismo ou fascismo e, pior ainda, buscar alguma microvariação de liberalismo. É aí que entra o papel da Quarta Teoria Política, uma caixa de ferramentas teóricas cuja função é permitir a construção de uma nova teoria política brasileira, enraizada na própria história política do Brasil: o que aponta para o trabalhismo como um dos fundamentos principais.

²⁸⁹ MACHADO, R. **Dugin e a luta patriótica brasileira | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/11/19/dugin-e-a-luta-patriotica-brasileira/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Por fim, ao responder David Magalhães e o Observatório da Extrema Direita²⁹⁰, o Nova Resistência questiona a conhecida disputa entre diferentes campos neofascistas prevalentes na Guerra da Ucrânia que, desde 2014, tornou-se um polo de articulação e organização de diversas correntes da extrema direita contemporânea e, sobretudo, de neofascistas dissidentes alinhados ao lado russo. Respondendo à uma observação de Magalhães sobre uma fala de Dugin que clama pelo assassinato de ucranianos, a organização tenta distorcer a fala do próprio ideólogo russo:

Magalhães parte de uma afirmação categoricamente falsa, a de que Dugin pediu a morte de todos os ucranianos. Na prática, essa não passa de uma narrativa propagandista atlantista, que não é referendada por qualquer fonte primária. Pouco após o 2 de Maio de 2014, quando dezenas de cidadãos foram massacrados e queimados vivos na Central Sindical de Odessa por uma horda de hooligans e neonazistas, Dugin comentou em uma entrevista que não era mais possível dialogar com os responsáveis pelo massacre e que, a partir daquele momento, “matar, matar, matar” era a única resposta possível.

A associação de atores envolvidos em diversas áreas e atrelados a múltiplas, ou nenhuma, posições políticas é comum no pensamento duginista e na atuação do Nova Resistência. Para a defesa de uma Quarta Teoria Política, torna-se necessário buscar a convergência entre setores antagônicos como parte de um mesmo movimento em prol da hegemonia liberal. Buscando a afirmação de uma dicotomia política baseada na lógica que opõe dissenso e conformidade, o Nova Resistência ataca diferentes setores da sociedade brasileira que, supostamente, estariam a serviço da hegemonia liberal, ocidental e moderna. O NR se coloca, portanto, como um movimento contrário à modernidade como um todo e posiciona a Quarta Teoria Política, de Dugin, e a pretensa QTP à brasileira, concebida pela organização e associada ao Trabalhismo, como instrumentos revolucionários capazes de formar uma cosmovisão revolucionária oposta à modernidade.

A Quarta Teoria Política e o pensamento duginista são, portanto, centrais para as leituras do mundo contemporâneo e as propostas revolucionárias do Nova Resistência. Como um movimento abertamente vinculado e sustentado a partir das ideias de Aleksandr Dugin, o NR busca construir um movimento revolucionário pautado pela QTP no Brasil e na América Latina,

²⁹⁰ MACHADO, R. **Dugin na Mídia Brasileira: As Difamações do “Observatório da Extrema Direita”** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/03/11/dugin-na-midia-brasileira-as-difamacoes-do-observatorio-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

visando a construção institucional de uma civilização latino americana numa ordem mundial multipolar e tradicionalista.

Para isso, além da QTP, o Nova Resistência busca inspiração em outras correntes teóricas internacionais e, sobretudo, autóctones, buscando assimilar uma proposta revolucionária estrangeira a uma proposta revolucionária ultranacionalista. O Trabalhismo, portanto, torna-se o vetor a partir do qual o NR engendra seu projeto político quartopolitista para propor transformações na sociedade brasileira. É fundamental, portanto, analisar como a organização reivindica os legados de Vargas, Jango e Brizola e, sobretudo, busca reinventar o Trabalhismo para transforma-lo em uma Quarta Teoria Política brasileira.

Antes disso, porém, é fundamental observar como o Nova Resistência empreende um dos mais importantes movimentos do campo neofascista: o revisionismo histórico. Como indica Nigel Copsey, o revisionismo histórico é aspecto fundamental do neofascismo a partir da necessidade de distanciamento entre a extrema direita contemporânea em relação ao fascismo histórico. Paralelamente, é a partir da reinvenção do passado brasileiro que o Nova Resistência pauta a construção de uma identidade nacional orgânica, buscando conceber o povo brasileiro como sujeito revolucionário quartopolitista.

3.3.2 Revisionismo histórico pelo Nova Resistência

Como indica Nigel Copsey, o revisionismo histórico é característica fundamental do neofascismo. Necessário a partir da demanda de superação dos ideais e práticas defendidos pelo fascismo do entreguerras, o revisionismo é essencial, também, diante da busca pela construção de passados que justifiquem a proposta política dos grupos neofascistas. Nesse sentido, o Nova Resistência busca, constantemente, reinterpretar a História do Brasil e do mundo. Esses movimentos, em geral, têm como objetivo associar processos históricos ao projeto revolucionário da organização.

A partir disso, observa-se que o Nova Resistência busca construir a imagem de um Brasil criado organicamente, com a construção de uma identidade nacional pautada na centralidade das culturas portuguesa, indígena e africana frente a constantes ameaças exógenas à formação da cultura nacional. Desse modo, portanto, o NR enxerga a História do Brasil como uma sequência de processos marcados pela dualidade entre dissenso e conformidade, na qual

os acontecimentos do passado seriam parte de um fenômeno heroico de formação de uma cultura verdadeiramente brasileira. A organização, enfim, seria capaz de retomar elementos supostamente sob ataque pela hegemonia ocidental na contemporaneidade.

Paralelamente, a observação da História global sob as lentes da Quarta Teoria Política, em avanço e reprodução das visões construídas por Aleksandr Dugin, é fundamental para a leitura de mundo promovida pelo Nova Resistência. Nesse sentido, a organização segue o movimento duginista de analisar a história a partir de preceitos tradicionalistas que centralizam a ideia de declínio nos últimos séculos da História humana. A partir disso, o NR é capaz de formular um projeto revolucionário para o Brasil e para a América Latina em consonância ao movimento global proposto por Aleksandr Dugin. Diante disso, torna-se essencial compreender como é empreendido o processo de revisionismo histórico pelo Nova Resistência.

Nesse sentido, em suas “13 Teses sobre a Civilização Ocidental”²⁹¹, Raphael Machado segue o movimento buscado pela Nova Direita Europeia e Aleksandr Dugin ao buscar distanciar o Ocidente da cultura europeia. Desse modo, Machado articula a definição de “civilização ocidental” a partir da difusão de elementos iluministas e liberais, ampliando a noção de “Ocidente” e distanciando-a do legado histórico da cultura europeia, que estaria sob ataque e demanda de preservação diante do avanço do cosmopolitismo liberal. Nesse movimento, o autor analisa que:

- (1) A “civilização ocidental” não possui qualquer relação com a Grécia, com Roma ou com o Medievo. Trata-se de um termo que tem sido usado, quase que consensualmente, por pensadores dissidentes para designar, de forma muito específica, a civilização moderna, liberal, secular e iluminista. Nesse sentido, hoje, mesmo o Japão faz parte da civilização ocidental.

Na segunda e terceira teses, em sequência, Machado define que a civilização ocidental representaria ameaça não apenas para as sociedades não europeias, sujeitas ao imperialismo europeu, mas também para a própria cultura do continente europeu. Segundo o autor, portanto, ecoando a visão postulada por Aleksandr Dugin, não haveria “nada de especificamente europeu na civilização ocidental. Essa afirmação, porém, encontra pouca sustentação na medida em que se observa a prevalência de inúmeros elementos políticos e culturais formados no seio da sociedade europeia e que se disseminaram pelo planeta a partir do colonialismo e do imperialismo europeus. Por fim, Machado postula a disseminação dos valores da civilização

²⁹¹ MACHADO, R. 13 teses sobre a “civilização ocidental” | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/18/13-teses-sobre-a-civilizacao-ocidental/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ocidental como um processo infeccioso, que ameaça as características fundantes de outras civilizações:

(2) A civilização ocidental começou na Europa, mas ela é anti-europeia, tal como é anti-asiática, anti-africana, etc. A essência do Ocidente é o desenraizamento. A questão é que a Europa Ocidental, em um determinado momento histórico, simplesmente reuniu o grau de alienação espiritual, a bagagem técnico-filosófica e as condições materiais necessárias para a construção daquilo que entendemos atualmente por civilização ocidental. A despeito disso, não há nada de especificamente europeu na civilização ocidental.

(3) Nesse sentido, a civilização ocidental é como uma doença que se espalha pelo mundo, afetando, em maior ou em menor grau, os povos. O Brasil, como os outros países da América Latina, não é parte da civilização ocidental por essência, mas é parte das regiões periféricas ocupadas pela civilização ocidental, nas quais ainda há um certo grau de tensão entre as influências ocidentais e as nossas próprias influências civilizacionais.

Posicionando o Brasil na periferia e como parte externa à civilização ocidental, Machado posiciona um importante movimento intelectual do Nova Resistência ao buscar distanciar o Brasil dos valores ligados ao Ocidente. Ao mesmo tempo, torna-se essencial contemplar a cultura portuguesa, vista como central, pelo NR, para a formação da nação brasileira. Para isso, é essencial, também, distanciar o próprio Portugal da civilização ocidental. Esse movimento é empreendido em artigo assinado pela organização que busca combater a visão de que o Brasil seria parte do Ocidente²⁹². A partir disso, o Nova Resistência reflete:

Mas e quanto ao Brasil? Ele não é Ocidente? Essa é uma pergunta que também poderia ser estendida ao resto da América Hispânica.

Poderíamos, por exemplo, recomendar, sobre essa questão, o livro “Hispano-América contra o Ocidente”, de Alberto Buela, pois o espaço aqui é curto para transmitir tudo que se deve saber sobre o assunto.

Basta, então, dar umas pinceladas sobre o tema.

Se, como vimos, civilização ocidental é sinônimo de civilização moderna, então o Brasil e nossos vizinhos não podem ser considerados como sendo nem originalmente e, mesmo hoje, nem fundamentalmente liberais.

Parece haver, claramente, um Brasil Moderno, um Brasil Ocidental, que é o Brasil litorâneo, “atlantista”, e um Brasil Profundo, que é pré-moderno, está ainda enraizado em potencialidades telúricas positivas, mas que está “encoberto”, sob cerco, ameaçado pela “capa” ocidental e moderna.

Esses dois Brasis coexistem em contradição e tensão dialética.

A organização, portanto, observa a prevalência de um Brasil dual, dividido entre sua essência profunda, pré-moderna e antiliberal, oposta à natureza “atlantista” do litoral brasileiro. Observando uma disputa pelo Brasil entre forças conformadas e dissidentes, a organização busca se posicionar na defesa de valores vistos como verdadeiramente brasileiros, em oposição

²⁹² **Brasil não é Ocidente | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/11/27/brasil-nao-e-ocidente/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

à prevalência de características, supostamente exógenas, consolidadas a partir da influência hegemônica da civilização ocidental sobre o Brasil. Esse movimento converge à leitura do próprio Aleksandr Dugin que, em artigo publicado, também, no site do Nova Resistência, define o “Brasil Profundo”²⁹³:

Deste modo, temos uma vasta gama de todos os *três logos* – um forte domínio solar, a parte ctônica tupi e o diurno-arcaico africano. Isso faz com que, no núcleo da sociedade brasileira, haja um “Brasil Profundo” extremamente rico e variado, o que provavelmente explica o inexprimível encanto, a flexibilidade e a *multidimensionalidade* da riqueza da cultura brasileira. Quanto às influências modernistas, vemos claramente dois vetores divergentes: (A) influências externas do liberalismo, do capitalismo e do secularismo que, no geral, representam uma continuação do vetor colonial e a forma da hegemonia civilizacional extraterritorial até os polos do próprio Brasil (a América do Norte rica, a estratégia moderna do Atlântico Norte etc.) e, só outro lado, (B) o *interior profundamente enraizado* [isto é, o Brasil Profundo] no desejo arcaico por emancipação, identidade, liberdade, independência e auto-afirmação, ou seja, pela implantação de um *logos brasileiro pleno*, baseado em seu núcleo arcaico [em suas raízes tradicionais].

A separação, empreendida por Dugin, entre elementos culturais tradicionais, autóctones, e aspectos externos, oriundos da hegemonia liberal, será fundamental para o movimento do Nova Resistência que busca construir uma nova identidade brasileira, pautada na defesa revolucionária dos valores que, supostamente, resistem no seio de um “Brasil Profundo”. Paralelamente, voltando ao debate referente à vinculação do Brasil com o Ocidente, a organização avança na proposição de uma Civilização Latino-Americana, marcada por um inimigo comum na defesa dos valores da “América Profunda”²⁹⁴:

Se essa nossa América Profunda está em contradição com o Ocidente é porque não é ocidental.

Assim, afirmamos que a América Hispânica é uma unidade geográfica, política, cultural, e religiosa, que possui também uma identidade compartilhada, um destino coletivo e mesmo um inimigo comum, historicamente determinado: o imperialismo anglossaxão.

E de onde vem essa contradição? Do fato de que as raízes hispanoamericanas são ibero-católicas, indígenas e, no caso do Brasil, africanas.

Retomando a conhecida ideia do Mito das Três Raças, o Nova Resistência analisa a cultura portuguesa e seu impacto na formação do Brasil. Fundamentalmente, a organização busca, também, distanciar a herança portuguesa, e o próprio Portugal, da civilização ocidental. Nesse movimento, busca-se uma clivagem entre os valores “demoliberais” do mundo anglo-saxão e a essência da cultura portuguesa. Existiria, portanto, uma Europa tradicional, em

²⁹³ DUGIN, A. Dugin – O Brasil Profundo | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/10/21/dugin-o-brasil-profundo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

²⁹⁴ Brasil não é Ocidente | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/11/27/brasil-nao-e-ocidente/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Portugal, que teria deixado seu legado na cultura brasileira, em contraste aos indesejados valores ocidentais:

Não, ao contrário do que se vê por aí, o Brasil não é o mero transplante ou enxerto da cultura portuguesa para o Brasil, com ela sendo absorvida por indígenas e negros. Não somos Portugal, apesar da portugalidade fazer parte, sim, das influências fundamentais da formação brasileira.

E mesmo essa portugalidade que nos é fundamental é fundamentalmente anti-ocidental e pré-moderna.

É a portugalidade céltico-galaica, que pode ser percebida na música tradicional nordestina; é a portugalidade do sebastianismo místico, de nossas revoltas messiânicas e de nossas cavalcadas e muitas outras influências e mitos, todos fundamentalmente nas antípodas do mundo anglossaxão, do mundo da “ética protestante”, dos valores demoliberais, do individualismo.

O artigo avança para, a partir da negação da ocidentalidade portuguesa, propor a existência e a necessidade de defesa de uma cultura singular, separada da península ibérica, para a América Latina. A partir disso, portanto, reinterpretando o passado luso-brasileiro e a formação histórica do Brasil, a organização afirma, de maneira categórica:

Então não, não somos o Ocidente.

Somos algo original, específico, particular.

Somos, de fato, uma herdeira de Roma, tal como a Rússia.

E isso não faz nem de nós, nem dos russos ocidentais.

Os russos têm sua civilização, e nós a nossa, os europeus a deles, e sobre os escombros da Europa, ergue-se, tirânica e decadente, a civilização ocidental.

O evento bélico-heroico fundacional do Brasil não é nenhuma “Batalha de Viena” (que temos nós com a luta contra os otomanos?), mas a “Batalha dos Guararapes”, quando portugueses, indígenas, escravos africanos e mestiços se uniram para expulsar o governo judaico-holandês do Nordeste.

Foi precisamente a tal “civilização judaico-cristã ocidental” que nós expulsamos do Brasil em 1649.

(...)

O Brasil nunca foi, não é e não podemos permitir que seja parte do Ocidente.

Remetendo, constantemente, à ideia de Nova Roma, conceituada por Darcy Ribeiro, o grupo avança para se aproximar à Rússia como um dos polos da multipolaridade defendida por Aleksandr Dugin. Em paralelo, o Nova Resistência cria o mito fundador da nação brasileira na Batalha dos Gurarapes, na qual teriam sido expulsos representantes da civilização ocidental por defensores da civilização brasileira. A análise desse momento da História do Brasil é feita de maneira aprofundada em outro artigo, também assinado integralmente pelo grupo²⁹⁵. No texto em questão, a organização retoma a ideia de união entre diferentes grupos étnicos na defesa de uma cultura nacional que, em teoria, seria organicamente compartilhada por europeus, indígenas e africanos tornados brasileiros. Resgatando a imagem de Antônio Dias Cardoso, o

²⁹⁵ RESISTÊNCIA, N. **Guararapes foi o nascimento do Brasil | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/05/08/guararapes-foi-o-nascimento-do-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Nova Resistência, ao afirmar que “Guararapes foi o nascimento do Brasil”, destaca a formação de um multiétnico “Exército Patriota”:

Destaca-se nesta luta a figura ímpar, mas pouco conhecida, de Antônio Dias Cardoso, o “Mestre das Emboscadas”. Percorrendo o interior do território, e ao contrário dos demais corpos combatentes, forma contingentes miscigenados de africanos, indígenas, reinóis e mazombos. Neste momento constitui o “Exército Patriota”, do qual se faz comandante, que impõe derrotas formidáveis às forças neerlandesas, incapazes de responder à mobilidade, à iniciativa e à plasticidade das “companhias de emboscadas” assim organizadas. Foi o “vietnã” do século XVII.

Posicionando Guararapes ao lado do Vietnã como processos de resistência contra e vitória sobre a civilização ocidental, a organização concebe uma ideia heroica para analisar a formação histórica do Brasil. Estava ali, portanto, a disputa entre diferentes formas de ver o mundo. Para o Nova Resistência, portanto, Guararapes foi uma luta dissidente contra o avanço da hegemonia liberal, que viria a se consolidar nos séculos seguintes. O entendimento de Guararapes como um reflexo da harmonia racial brasileira e da formação nacional sobre a harmonia entre diferentes grupos étnicos não é empreendimento único do NR. Como aponta Natália dos Reis Cruz²⁹⁶, Plínio Salgado já reverenciava a batalha como um momento de união das três raças contra um invasor externo. Por fim, em tom bélico e convocatório, a organização postula a luta pela identidade brasileira contra os valores atlantistas:

Não foi apenas um confronto entre povos, mas verdadeiramente um confronto entre cosmovisões. Do lado de lá estavam os valores mercantis, atlantistas, puritanos do empreendimento judaico-holandês, em franca contradição com a identidade brasileira já em formação, e com a portuguesa.

Que fique o exemplo daqueles heróis. Obedientes à Nação, lutaram. Perfeitamente identificados com seu Povo, venceram.

Honremos a memória do Mestre das Emboscadas e seu Exército Patriota! E daqueles que, contra todas as expectativas, expulsaram o inimigo da Raça e da Cultura.

Fizemos uma vez, faremos de novo.

Concomitantemente, esse movimento continua na análise do Nova Resistência a respeito da França Antártica. Vendo o processo em questão como uma “guerra esotérica em torno da fundação do atual Brasil”²⁹⁷, André Luiz dos Reis critica análises que centralizam a questão da violência na História das relações raciais no Brasil. Ainda, o autor enxerga, novamente, a união mística entre indígenas e portugueses na luta pela identidade brasileira em

²⁹⁶ CRUZ, Natalia Reis. História, memória e poder. a Ação Integralista Brasileira e a reconstrução mistifi cada do passado e do presente. **História Unisinos**, v. 16, n. 2, p. 181-192, 2012.

²⁹⁷ LUIZ, A. **A França Antártica, a guerra esotérica em torno da fundação do atual Brasil e os brasilíndios | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/10/21/a-franca-antartica-a-guerra-esoterica-em-torno-da-fundacao-do-atual-brasil-e-os-brasilindios/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

oposição a inimigos externos que disseminavam valores ocidentais em terras brasileiras. Reis alerta, portanto:

Sempre que ouvirem ou lerem esquerdistas falando de uma "guerra racial" lusa contra vítimas indígenas, ou de mestiços gerados por estupro, lembrem-se dos fantásticos fatos descritos neste artigo.

As semelhanças com Diogo Álvares "Caramuru" e Catarina Paraguaçu não são casuais.

Esse caboclo foi um dos grandes responsáveis pela derrota francesa e tupinambá na Paraíba. Era capitão do famoso Forte dos Reis Magos, construído no Rio Grande [do Norte]. Também liderou o assalto final à França Equinocial, na heroica Batalha de Guaxenduba, em que os mamelucos e tabajaras, em números muito menores que seus inimigos, tomaram o Forte de São Luís, decretando o fim da ocupação gringa-tamoia. (...)

Sempre que ouvirem e lerem esquerdeiros falando de uma "guerra racial" portuguesa contra vítimas indígenas, ou de pobres mestiços gerados por estupro sistemático, lembrem-se desses fatos. O Brasil não é para amadores, e tem uma história gloriosa, repleta de amor, aventura, conquista, paixão e profundidade. Ah, e de violência também, evidentemente.

Nesse ponto, percebe-se como, além de evocar a unidade entre diferentes grupos étnicos no processo de formação e defesa da identidade brasileira, o autor combate análises que identificam diversas formas, inclusive sexuais, de violência racial na formação histórica do Brasil. Para Reis, portanto, a violência que pauta a História brasileira não é a violência colonial consolidada a partir do genocídio indígena e da escravidão de nativos e africanos, mas uma violência mística que, baseada no mito das três raças, teria sido empreendida na criação de uma identidade brasileira e na formação da própria nação. O Nova Resistência, assim, busca retomar essa suposta violência mística para combater os avanços da civilização ocidental sobre a sociedade brasileira na contemporaneidade.

Esse movimento é constante pelo Nova Resistência, que vê, por exemplo, também em Antônio Conselheiro e na Guerra de Canudos um processo que daria "ao Brasil uma dimensão verdadeiramente épica e mística"²⁹⁸. É na visão sobre o bandeirantismo, porém, que a organização concebe preceitos fundamentais a respeito de sua visão sobre a formação histórica do Brasil. Mais uma vez sob autoria de André Luiz dos Reis²⁹⁹, o NR descreve como os bandeirantes, vistos como símbolo místico da criação orgânica da identidade brasileira, tornaram-se palco de disputa entre forças antagônicas, no espectro político convencional, mas

²⁹⁸ FREIRE, J. R. **Antônio Conselheiro: Herói Revolucionário da Autonomia Brasileira | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/03/13/antonio-conselheiro-heroi-revolucionario-da-autonomia-brasileira/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

²⁹⁹ REIS, A. L. DOS. **O necessário resgate do símbolo e da mitologia fundadora do bandeirantismo**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/07/26/o-necessario-resgate-do-simbolo-e-da-mitologia-fundadora-do-bandeirantismo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

conformadas segundo a oposição entre dissenso e conformidade proposta pelo grupo. Para Reis, portanto:

Quando se deixam engabelar pela historieta do "bandeirante branco e colonizador", a esquerdalha alienada engole justamente a apropriação realizada pela oligarquia que dominou São Paulo e distorceu o mito das Entradas e Bandeiras. Essa elite entreguista, americanófila e liberalóide, não tem nenhuma ligação histórica com os verdadeiros bandeirantes, nem em estilo de vida, nem no processo histórico que levou ao seu enriquecimento, e mais das vezes nem em vínculos étnicos.

Reis afirma, portanto, que a "esquerdalha" distorce o verdadeiro legado dos bandeirantes que, por sua vez, foi apropriado por uma elite "americanófica e liberalóide" que nada teria a ver com sua herança cultural. Em estilo parecido ao presente nas obras de Olavo de Carvalho, Reis avança em uma visão que enxerga os bandeirantes não a partir dos extensos empreendimentos de violência cometidos por esses grupos, sobretudo contra populações nativas, mas como agentes na luta contra poderes estrangeiros no Brasil. Em outro artigo, G.C.H., membro do Nova Resistência, segue essa linha e busca atacar diferentes posturas adotadas na sociedade brasileira contemporânea a respeito dos bandeirantes³⁰⁰. Ainda, mais uma vez, o Nova Resistência observa a violência colonial como um processo mítico na formação da identidade brasileira. Sobre os bandeirantes, portanto, G.C.H. afirma:

Evidentemente, há aspectos reaproveitáveis em ambas interpretações: como os progressistas, não acreditamos que os bandeirantes civilizaram os nativos, haja vista que eles não precisavam ser "civilizados". Nos mantemos firmes, entretanto, na posição de enxergar as bandeiras como acontecimentos míticos, fundantes e heroicos. Não porque elas foram uma ponta de civilização europeia iluminando o sertão, ou porque supostamente portavam uma fagulha da mentalidade liberal empreendedora, como aquela que animou os pioneiros dos Estados Unidos. Elas são heroicas por sua vontade de poder e por seus feitos sobre-humanos, independentemente de seus fins ou de suas vítimas. As bandeiras não foram um rastro da civilização europeia no sertão, mas, sim, a própria civilização do sertão: – dois povos "bárbaros" que se uniram nessa terra inóspita e criaram uma nova raça capaz de conquista-la.

Os bandeirantes, para o Nova Resistência, não representam o avanço da hegemonia europeia sobre o interior do Brasil, mas como protagonistas de um processo mítico de formação de uma "nova raça", própria dos sertões e essencialmente brasileira. Ao ignorar o efetivo processo civilizatório e de extermínio provocado pelos bandeirantes sobre as populações nativas, o NR é capaz de avançar sobre um processo de revisionismo histórico que negligencia

³⁰⁰ H, G. C. **A Epopéia dos Bandeirantes: Uma Visão a partir da Quarta Teoria Política | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/06/03/a-epopeia-dos-bandeirantes-uma-visao-a-partir-da-quarta-teoria-politica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

a violência colonial e a reinterpreta como um aspecto místico da formação do Brasil, sobretudo diante de ameaças externas que estariam ligadas ao liberalismo e à civilização ocidental.

Paralelamente, a valorização da violência como parte de uma herança histórica e da própria identidade brasileira ganha corpo quando Raphael Machado analisa processos de decapitação. Observando um crime que ganhou espaço nas redes sociais, em meados de 2025, pela decapitação de um suposto membro do Comando Vermelho, Machado retoma “A Decapitação como Rito Guerreiro na Tradição Ibérica”³⁰¹. Para o autor, o crime de cortar cabeças seria parte da cultura nacional, como herança de tradições formadas no passado da Península Ibérica. Retomando a prevalência de decapitações em diversos períodos da História brasileira, o autor afirma, portanto, que a decapitação que ganhou as redes brasileiras em 2025 seria, enfim, o resgate de uma “memória ancestral”:

Nos últimos dias, as almas sensíveis e especiais da burguesia boêmia liberal-libertária se espantaram e choraram a decapitação de um narcoguerrilheiro do Comando Vermelho. (...)

o caso não tem nada de único ou inédito. Decapitações são historicamente comuns no Brasil, e dizem respeito especificamente às nossas raízes ibéricas.

Outrora, porém, a polícia também já a aplicou com maior frequência, como após a batalha que liquidou Lampião e seus cangaceiros, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. As cabeças dos bandoleiros foram exibidas perante o público espantado, como troféus de guerra.

Também na Revolução Federalista, no final do século XIX, também conhecida como “Guerra da Degola”, ocasionalmente não apenas se degolava, como também se decapitava o adversário, como eventualmente acabou ocorrendo com o próprio líder revolucionário Gumerindo Saraiva, cuja cabeça foi levada como troféu para Júlio de Castilhos.

No período colonial, porém, a decapitação ocorria apenas nos casos de crime de lesa-majestade, em que o corpo inteiro era despedaçado e a cabeça especificamente era levada a um centro urbano importante para exibição.

As raízes da decapitação como práxis guerreira, porém, atravessam o Atlântico de volta à Península Ibérica, onde encontramos, por exemplo, figuras como a do herói português Geraldo Sem Pavor, que conduziu uma guerra de guerrilha contra os mouros, na qual comumente decapitava seus inimigos.

Mas onde encontramos verdadeiramente uma “cultura da decapitação” é na Ibéria da Idade do Ferro. Os povos celtibéricos e ibéricos, dos lusitanos e galegos aos ilercavones, passando por cantábrios e túrdulos, tinham a “cabeça do inimigo” como principal troféu de guerra.

Um guerreiro ibérico antigo em expedição só estava satisfeito quando conseguia levar para casa 1 ou 2 cabeças, para servirem como pendão de sua bravura. Os guerreiros muitas vezes os traziam espetados em lanças, e faziam uma procissão de cabeças quando de volta ao lar.

Ocasionalmente, levavam também as mãos dos inimigos, mas o troféu preferido sempre foi a cabeça. Essas cabeças eram, usualmente, transpassadas por um grande prego e fixadas no portal de entrada da casa, de modo que a casa de um guerreiro era, necessariamente, adornada com as cabeças dos inimigos derrotados. Uma casa sem

³⁰¹ MACHADO, R. **A Decapitação como Rito Guerreiro na Tradição Ibérica | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2025/11/03/a-decapitacao-como-rito-guerreiro-na-tradicao-iberica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

cabeças ou crânios era uma casa incompleta, provavelmente habitada por um covarde ou por uma família privada de um guerreiro.

Em outras palavras, a decapitação hoje emerge como retomada inconsciente de uma memória ancestral. Daí, aliás, a ausência de grande estranheza, por parte da maioria dos brasileiros, perante a cabeça do narcoguerrilheiro.

Apelando a um estilo belicoso, reverenciando as decapitações como parte da cultura ibérica e, portanto, brasileira, Machado segue um movimento constante do Nova Resistência de valorização da violência como um aspecto místico fundamental na formação civilizacional. A partir disso, pode-se perceber como o revisionismo histórico é fundamental para a busca pela organização de construção de uma identidade brasileira. Buscando relativizar a violência colonial e buscando elementos místicos que a justifiquem como parte do processo de formação do Brasil enquanto nação e povo, o NR concebe os princípios norteadores de uma identidade baseada no mito da harmonia racial e na união multiétnica contra inimigos externos.

Brasileiros verdadeiros, portanto, organicamente formados a partir da união entre portugueses, indígenas e africanos, teriam sido dissidentes contra as ameaças de uma embrionária hegemonia ocidental. Esse movimento, enfim, busca colocar o Nova Resistência e a Quarta Teoria Política como agentes capazes de resgatar a supostamente autêntica cultura brasileira, que estaria múltiplos ataques na ordem mundial contemporânea. Para o Nova Resistência, portanto, a identidade brasileira teria sido formada a partir de uma “síntese luso-tupi” que, por sua vez, é conceituada por André Luiz dos Reis a partir da relativização da violência colonial e do genocídio indígena promovido com a chegada dos portugueses³⁰²:

Não obstante o imenso peso da matriz étnico-social ameríndia na nossa constituição, o processo que levou à formação do país se inicia com a chegada dos portugueses. Quem acompanha meu perfil sabe que defendo as causas indígenas e os direitos dos povos originários.

E que abomino proselitistas que atacam a cultura das tribos, especialmente as isoladas, sejam missionários cristãos ou fiéis do “deus progresso dos últimos dias” [que desejam “ensinar” os dez mandamentos do feminismo, da agenda LGBTZQ e da ideologia de gênero].

Mas é burrice imensa — burrice mesmo — imaginar que existia um Brasil antes de Cabral.

Os encontros entre portugueses e indígenas tampouco podem ser reduzidos à violência e opressão. Nem mesmo à conquista.

Houve alianças, comércio, parcerias, miscigenação e líderes comuns [com cultura luso-tupi ou brasilíndia] ANTES MESMO da elaboração e execução de um projeto colonial.

Caramuru e João Ramalho foram líderes luso-tupis, em torno dos quais se constituíram alianças de dezenas de aldeias, antes mesmo do Governo Geral.

³⁰² LUIZ, A. A síntese luso-tupi na formação do povo brasileiro | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/07/27/a-sintese-luso-tupi-na-formacao-do-povo-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Os indígenas não podem ser reduzidos a “vítimas”. Arariboia lutou ao lado de Estácio de Sá e ganhou sesmaria e status nobiliárquico.
A formação dos primeiros núcleos brasileiros, as Ilhas-Brasil, foi levada a efeito por mestiços de portugueses e tupis, com uma cultura mesclada, e pequena vigilância ou atuação direta da Coroa.
Essa é a origem do Brasil.
O resto é invenção ideológica e delirante.

Por fim, reverenciando o que enxerga como a postura dos russos sobre a própria História, Raphael Machado clama pelo fim de divisões no Brasil contemporâneo que, segundo ele, seriam reflexo de um país “ocidentalizado” que deve buscar um olhar orgânico sobre o passado nacional. Para Machado e, portanto, para o Nova Resistência, deve-se mirar a História do Brasil para “Celebrar Tudo que é Brasileiro”³⁰³:

O russo médio admira Nicolau II, Stálin e Putin como representantes importantes da Russianidade em momentos distintos de sua história.
Isso não significa que o russo está privado da faculdade do juízo crítico. É quase unânime entre os russos que os governos de Gorbachov e Iéltsin foram ruins, por exemplo. Mas, de modo geral, está ausente o dualismo interno por meio do qual o povo demoniza todo um período histórico como um crime ou acidente.
Tudo se baseia em oposições fechadas e absolutas. (...)
A mesma mentalidade torna impossível que celebremos portugueses, negros e indígenas como forças de construção do Brasil, às vezes em choque, às vezes em fusão. Não. Ou se celebra os descobridores OU os “oprimidos”.
Nós, no sentido contrário, queremos rejeitar esses dualismos falaciosos precisamente na mesma medida em que queremos nos desocidentalizar. Isso não significa ver o Brasil de forma acrítica, sem julgar e criticar os erros dos próceres do passado nacional. Ao contrário, queremos e devemos contextualizar esses erros e entendê-los para não repeti-los. Mas ao mesmo tempo, celebramos as virtudes desses homens naturalmente falhos que foram nossos Países.
Império e República, Centro e Regiões, Brancos, Negros e Índios, Unidade e Pluralidade: é tudo Brasil.

A partir disso, percebe-se como o Nova Resistência busca reconstruir a História do Brasil de forma que o projeto da Quarta Teoria Política possa ser apreendido como uma resposta historicamente condizente à realidade contemporânea. Para além da necessidade de se justificar a apropriação irrestrita de uma ideologia originada fora do Brasil por um movimento ultranacionalista, o revisionismo torna-se central para o NR buscar a imposição de um espectro de análise sociopolítica pautado na dicotomia entre dissenso e conformidade. Para a organização, ao longo da História do Brasil e do mundo, ocorreram processos que simbolizaram a disputa entre forças Tradicionais contra elementos Ocidentais, liberais, atlantistas. Desse modo, o grupo relativiza e negligencia, paulatinamente, a violência colonial, visando posicionar a herança portuguesa como um aspecto dissociado da noção de Ocidente.

³⁰³ MACHADO, R. **Celebrar tudo que é Brasileiro** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/07/26/celebrar-tudo-que-e-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Por outro lado, o Nova Resistência atua, constantemente, no objetivo de formular a concepção mítica de eventos da História do Brasil, que representariam a formação orgânica de uma identidade brasileira. Nesse movimento, a organização avança sobre a construção de elementos discursivos ligados ao mito da harmonia racial, propondo uma História brasileira marcada pela “Síntese Luso-Tupi” frente a inimigos ocidentais. Para o grupo, portanto, o Brasil não faz parte do Ocidente, sendo formado a partir da união entre Portugal, periférico no Ocidente, indígenas e africanos. A violência colonial seria parte de um processo heroico dos portugueses de conquista do território, enquanto os indígenas não seriam meras vítimas, mas grupos que buscaram, ativamente, fazer parte do Brasil e se tornar brasileiros a partir de uma união mítica com os portugueses.

Para tratar da escravidão e da diáspora africana no Brasil, processo no qual milhões de africanos vieram para o Brasil como escravizados a partir do comércio triangular, a organização segue em busca da construção de uma visão orgânica para a construção da identidade brasileira. Ao debater as origens da abolição, Raphael Machado relativiza a questão racial na formação da escravatura no Brasil, ao passo em que a condena enquanto instituição³⁰⁴:

A realidade, porém, é que no século XIX houve um pequeno punhado de revoltas de escravos, todas elas rapidamente sufocadas e nenhuma nem mesmo perto de ameaçar as estruturas do poder no Brasil. O Brasil, afinal, não era o Haiti. Diferentemente do Haiti, em que havia uma estratificação social-racial mais rígidas, o Brasil, apesar de sempre ter sido hierárquico, quase não ergueu barreiras especificamente raciais. A escravidão no Brasil era generalizada e estava entranhada a ponto de haver escravos donos de escravos, bem como negros retintos donos de mestiços de pele mais clara (escravos brancos, até onde se sabe, não houve no Brasil). Por mais atroz que fosse a escravidão em si mesma, pela redução do homem a propriedade e commodity, o Brasil jamais foi o Haiti.

Dizer que o Brasil “não ergueu barreiras especificamente raciais”, nota-se, é um dos mais abertos processos de revisionismo histórico empreendido pelo Nova Resistência. Como aponta amplo consenso acadêmico, o Brasil escravista erigiu hierarquias raciais profundas e duradouras. A partir da instituição de um regime escravocrata tipificado racialmente, no qual a escravidão foi paulatinamente atrelada à raça nos códigos legais da América Portuguesa. O sistema escravista, além disso, foi economicamente baseado na produção colonial por escravizados negros pelo enriquecimento da metrópole europeia e, também, pelo lucrativo

³⁰⁴ MACHADO, R. A **Abolição da Escravatura e seus Heróis** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2025/05/15/a-abolicao-da-escravatura-e-seus-herois/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

tráfico de escravizados promovido por mercadores europeus e de origem europeia na costa africana.

A seguir, ao falar da abolição, Machado contrapõe versões acadêmicas que a atribuem a diversos fatores. Segundo o autor, as teorias em questão são “atentatórias contra os verdadeiros heróis da história”. Para Machado, portanto, o abolicionismo começa com José Bonifácio, que teria sido influenciado por correntes escolásticas de séculos anteriores e, a partir de 1823, teria dado início a um abolicionismo oriundo de um nacionalismo romântico que buscava a integração dos estratos sociais:

O trabalho foi, na prática, iniciado por José Bonifácio, que pagou pela tentativa de abolir a escravidão já em 1823 com os seus cargos – mas a semente já havia sido plantada século antes com condenações eclesiásticas à escravidão. (O abolicionismo de Bonifácio é, usualmente, atribuído a um iluminismo liberal, mas eu o leio como fruto, na verdade, de um nacionalismo romântico que via o povo como totalidade orgânica dos cidadãos, uma visão impossível de realização com o país fraturado entre não escravos e escravos).

Por fim, o autor prossegue na análise e confere centralidade à família real na abolição da escravatura. Para o Nova Resistência, a abolição foi fruto de um processo liderado pelos Bragança e pela Igreja na busca pela unidade do povo brasileiro. Essa visão limita o protagonismo do movimento abolicionista e a centralidade das pressões capitalistas pelo fim da escravidão nas Américas. Referindo-se a sambas-enredo do carnaval carioca, Machado retrata a seu entendimento da abolição:

Isabel perdeu o Trono, mas recebeu do Papa uma rosa de ouro, símbolo que foi, inclusive, imortalizado no samba brasileiro (que, infelizmente, também esqueceu as próprias raízes, e hoje não faz senão repetir as teses caducas de um “de-colonialismo” importado).

Remetendo à centralidade da abolição para o fim do Império brasileiro e retratando o que enxerga como união entre Igreja e Monarquia pelo fim da escravidão, Machado aborda o carnaval como um palco de disputas entre diferentes projetos de país. Esse movimento se delineia no artigo de análise do carnaval de 2025, também de autoria de Raphael Machado³⁰⁵. No texto, o autor busca um importante movimento promovido pelo Nova Resistência ao abordar a cultura nacional, buscando elementos vistos como autóctones em oposição a supostas agendas

³⁰⁵ MACHADO, R. **Carnaval 2025: Celebração do Anti-Brasil?** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2025/03/06/carnaval-2025-celebracao-do-anti-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

da civilização ocidental. Dessa forma, para Machado, o carnaval vem sendo contaminado pela “onguização”:

Não sou dos puritanos de espírito vitoriano que demonizam o Carnaval como um todo e já verti linhas suficientes sobre o simbolismo da festa e sobre suas potencialidades catárticas de fundo dionisiaco.

Vou, portanto, me limitar a comentar algo um pouco mais objetivo dizendo que o Carnaval e, especificamente, o desfile das escolas de samba poderiam ter uma função social e pedagógica (como muitas vezes já teve) de estetizar de forma lúdica diversos temas interessantes da história brasileira (e geral).

Sempre com um olhar popular, é mais uma maneira pela qual símbolos e heróis nacionais poderiam se espalhar pela cultura brasileira e recuperar presença no imaginário das massas.

Mas hoje em dia estamos muito longe dessa potencialidade, e creio que a causa é a “onguização” do Carnaval, que acompanha a própria “onguização” das favelas brasileiras. Hoje, não há um m2 de uma favela que não contenha uma ONG ou projeto social, sempre bem financiada e operada por universitários ou recém-formados de universidades. E sempre carregados com uma bagagem ideológica hostil ao Brasil.

São as narrativas de sempre: “o Brasil é dos índios”, “os portugueses roubaram o Brasil”, “a escravidão no Brasil foi causada pelo racismo, que permanece hegemônico”, e por aí vai.

Mais uma vez debatendo as contradições do período colonial em busca de uma narrativa organicista para a formação histórica da sociedade brasileira, Machado avança para propor que o carnaval, marca fundamental da cultura brasileira, tem sido transformado em um espetáculo hostil ao Brasil e à verdadeira identidade nacional. Inconformado com a centralidade de temas que ressaltam as tensões entre indígenas e portugueses no período colonial ou as religiões afro-brasileiras, o autor segue um movimento comum da ultradireita brasileira em atacar determinadas expressões da cultura nacional. Para Machado, a valorização dos elementos supracitados visa dividir o povo brasileiro:

O resultado são samba-enredos antinacionais, apontando para a desconstrução do Brasil, para a negação do caráter unitário de seu povo e para a dissolução do seu tecido social.

Caso emblemático é o do desfile da Acadêmicos do Tucuruvi, que teve a ideia (em si, legítima), de celebrar a herança tupi brasileira (particularmente a tupinambá), mas o fez não pela síntese, mas pela oposição entre uma mítica e ilusória “Pindorama” e o “Brasil”, simbolizada na alegoria da decapitação do Imperador Pedro II.

Esse samba-enredo, feito em “homenagem aos índios”, em nada ajuda aos índios. Ao contrário, os instrumentaliza contra o Brasil, fragilizando ainda mais a sua posição no país.

Outros sambas-enredos também demonstram origens ongueiras, basta ver o samba-enredo da Estrela do Novo Milênio e da Paraíso do Tuiuti. Ademais, é impressionante como quase todos os sambas-enredos desse ano foram sobre macumba.

O Carnaval sempre foi macumbeiro e não há problema algum nisso. É da natureza da festa. Mas não é normal que a maioria dos sambas-enredos seja especificamente sobre macumba, é como se houvesse uma padronização temática do desfile, o que só se explica pelas influências comuns que perpassam as escolas de samba e as favelas hoje, e que visam insuflar artificialmente um identitarismo negro de cariz antinacional.

Em conclusão, a realidade é que a festa vendida como a “mais brasileira” tornou-se aquela que é a mais hostil à Brasilidade.

A partir disso e partindo para o aprofundamento nas análises tradicionalistas do Nova Resistência a respeito da cultura nacional, pode-se perceber como, continuamente, a organização busca reinventar a História do Brasil para orientá-la na direção da Quarta Teoria Política. Criando clivagens entre supostos dissidentes e forças da civilização ocidental em processos históricos do passado, o grupo busca construir uma identidade brasileira pautada na relativização das tensões étnico-raciais prevalentes em toda a História do país. Para o Nova Resistência, o povo brasileiro surge de uma união mítica entre portugueses, africanos e indígenas que, organicamente e na luta contra inimigos externos, teriam sido feitos brasileiros.

Esse movimento posiciona o grupo em simbiose a outras correntes da ultradireita nacional que buscam no mito da harmonia racial uma forma de explicar a sociedade brasileira. O Nova Resistência, também, concebe a valorização da violência não apenas como motor da história, mas como parte da cultura ibérica, latino-americana e brasileira. A partir dessa visão, o grupo posiciona a Quarta Teoria Política como instrumento capaz de possibilitar o resgate do destino histórico do Brasil, que estaria sob ameaças empreendidas por diversos atores vinculados à civilização ocidental, em múltiplos setores da sociedade brasileira.

Além disso, esse movimento permite ao grupo solidificar uma crítica tradicionalista da sociedade brasileira contemporânea, identificando determinados elementos da cultura nacional como parte de uma Tradição civilizacional a ser preservada. Outros aspectos, por sua vez, seriam parte do avanço do liberalismo ocidental homogeneizante sobre a cultura brasileira. Ao reinventar o passado, o Nova Resistência é capaz de interpretar o presente e conceber uma proposta revolucionário. Seguindo característica fundamental do neofascismo, o NR tem o revisionismo histórico no seio de seu projeto político e intelectual.

3.3.3 O Nova Resistência e o Tradicionalismo Integral

Com o Tradicionalismo duginista, assim como outras vertentes de seu pensamento, transcendendo a própria figura de Dugin, é possível observar a manifestação de diversos grupos que, a partir da Quarta Teoria Política, fazem uso das leituras de Dugin sobre o Tradicionalismo para embasar sua atuação política em contextos específicos. Tal qual Dugin reinterpretou Guenon para inserir o Catolicismo Ortodoxo em seu arsenal teórico, sem romper com uma

cosmovisão tradicionalista, outros grupos adaptam as perspectivas duginistas vinculadas ao Tradicionalismo para inseri-las em distintos cenários políticos. A partir disso, então, será analisada a leitura feita pelo grupo Nova Resistência sobre o Tradicionalismo e sua reinterpretação para o contexto brasileiro.

Baseado nas ideias de Aleksandr Dugin, o Nova Resistência se tornou um dos bastiões do duginismo e, portanto, do Tradicionalismo no Brasil. Buscando em Dugin, Evola e outros pensadores tradicionalistas bases teóricas para interpretar a sociedade brasileira, o movimento propõe um projeto político intimamente associado à geopolítica de Dugin, ao mesmo tempo em que compreende a sociedade brasileira e fenômenos globais sob forte influência do Tradicionalismo. Diante disso, é fundamental observar como a Nova Resistência instrumentaliza os aspectos tradicionalistas da doutrina duginista em suas leituras e propostas sobre a realidade brasileira.

Analisando artigos divulgados no site do movimento, é possível identificar a presença de ideais tradicionalistas, sobretudo vinculados ao pensamento de Julius Evola e Aleksandr Dugin. Em publicação de Eliseu Gasparini³⁰⁶ – “Vivendo na Kali Yuga” – o autor identifica a era de degradação prevista no ideal tradicionalista a fenômenos históricos e culturais da contemporaneidade. Segundo Gasparini o mundo atual é marcado por:

Ideologias vazias, perda da identidade, negação da essência e profanação da vida. No momento em que tudo é simulacro e nada resta além do próprio absurdo existencialista, só nos resta surfar.

Alguns fenômenos na Kali Yuga parecem ter saído de episódios de South Park.

Só no dia de ontem, saíram notícias de que o Papa Francisco estaria consolando esposas de soldados que lutaram pelo batalhão Azov, que é um batalhão de paramilitares ucranianos, sendo a Ucrânia um país governado por um judeu, e sendo tal batalhão formado por neonazistas que se declaram como pagãos. Mais tarde recebi um vídeo, pelo WhatsApp, de uma propaganda da Shell, empresa petrolífera e de postos de gasolina, mostrando um caminhoneiro chamado “Heraldo”, mas que se descobriu como “Afrodite”, e que passou a querer ser chamado assim e viver como uma moça. Vi também uma notícia de um ex cantor famoso sendo entrevistado, falando de seu filho trans de oito anos de idade, que se autodenomina como ‘Manu’.

Em tom conspiratório, o autor associa a Igreja Católica e o Papa Francisco à degradação contemporânea e define a formação de identidades de gênero como parte do Kali Yuga. Da mesma forma, Gasparini avança em um diagnóstico que presume um profundo declínio do

³⁰⁶ GASPARINI, E. **Vivendo na Kali Yuga | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/05/27/vivendo-na-kali-yuga/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

mundo na contemporaneidade. Para o autor, diversos elementos observados na sociedade atual são retratos da prevalência do Kali Yuga:

As Tradições de nossos ancestrais se tornaram temáticas de carnaval, de filmes, fantasias de festas e motivos de piadas em programas de TV e internet.
O conceito primordial de beleza tornou-se vão, não havendo mais exatidão entre belo e feio, bom e mau, ou mesmo certo e errado, mas ao menos ainda há o que é engraçado, diante de tantos absurdos do cotidiano.
A vida tornou-se rápida, voraz, sem motivos ou propósitos, sem antes ou depois. Tornou-se apenas o caminho para a obtenção de desejos e prazeres da matéria.
Não se trata mais de ser, mas ter. A Vontade de Poder se foi e chegamos à era do ‘desejo de saciar’.
Pornografia virou algo corriqueiro. A relação entre o homem e a mulher foi banalizada de maneira monstruosa.
Trabalhar, hoje, é apenas para poder sobreviver às tormentas economicistas de caprichos dos multibilionários.
Celulares, carros e tantos outros aparelhos eletrônicos tornaram-se uma febre, mesmo que tais bens sejam produzidos por mão de obra escrava. E tudo por estes dias se tornou mercadoria, não só bens materiais.
A comida é veneno. Carnes, grãos, vegetais, legumes e até mesmo a água... tudo está infestado por hormônios, drogas, químicos que afetam diretamente os organismos humanos.
Honra agora se discute covardemente por meios jurídicos, e os meios jurídicos se movem como obesos eunucos numa corrida de 100m rasos.
Arte se tornou qualquer objeto pintado por algum pós-humano, seja um vaso sanitário de cores pouco comuns, ou um quadro com um desenho feito por uma criança.
‘Autoconhecimento’ tornou-se desculpa para masturbação, suruba e uso de drogas, mas ao menos os vídeos de indivíduos dançando como minhocas nas raves são engraçados.
Bem-vindos ao século XXI e ao ano 2022, historiadores do Fim da História.
Nesses tempos tão... absurdos e hilários, mas também escuros e lamacentos, nós nascemos para lutar contra a corrente. Nós nascemos para surfar a tsunami atômica da Kali Yuga: os Filhos do Sol.
Deus, ou Deuses, dependendo de sua fé, qualquer que seja, nos enviou aqui pois este é o nosso tempo, devemos estar aqui; então pegue sua prancha e comece a surfar, pois a tempestade já chegou.

Nesse ponto, o autor evoca diversos discursos comuns à extrema direita contemporânea, como a crítica a instituições jurídicas, à liberdade sexual e à popularização de inovações tecnológicas. Concomitantemente, Gasparini lamenta a suposta transformação das Tradições em mercadorias e, em analogia à metáfora evoliana de “Cavalgar o Tigre”, convoca os tradicionalistas, ou dissidentes, a surfar na tempestade contemporânea do Kali Yuga. É importante ressaltar, portanto, que o diagnóstico tradicionalista será paulatinamente instrumentalizado pelo Nova Resistência para sustentar a ação revolucionária defendida pelo grupo. Nesse sentido, em uma das primeiras publicações na página do NR³⁰⁷, uma entrevista com Raphael Machado, o secretário geral do grupo indica alguns dos preceitos defendidos pela

³⁰⁷ MACHADO, R. “**Não vivemos para o passado, vivemos para ganhar o futuro**”, entrevista com o coordenador geral da Nova Resistência no Brasil. Nova Resistência, 1 set. 2017. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2017/09/01/entrevista-vivemos-para-ganhar-o-futuro/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

organização a respeito de seus membros, advogando pela combinação da luta política com a valorização da espiritualidade. Segundo Machado:

Nós também sempre motivamos os membros a praticarem exercícios físicos, seja na forma de halterofilismo, artes marciais ou qualquer outra coisa. Isso é fundamental para que fiquem preparados para lutar por aquilo em que acreditam. Sobre a formação espiritual, nós também incentivamos os nossos quadros a procurarem o melhor caminho espiritual para eles. Embora aceitemos ateus, motivamos nossos camaradas a procurarem alguma religião tradicional decente.

Nesse trecho, pode-se identificar, claramente, uma correlação dos ideais defendidos pela NR com o “Sujeito Radical” de Dugin, que propõe, revisando Guenón e seguindo proposições evolianas, uma profunda articulação entre disposição à violência política e ampliação da espiritualidade para aqueles que buscam lutar contra o mundo moderno. Ainda na mesma entrevista, Machado manifesta o ideal do Nova Resistência de lutar contra o liberalismo e a Modernidade, combatendo a ordem mundial unipolar e a ideia de irreversibilidade da soberania liberal sobre a política contemporânea:

Tudo que foi dito sobre um “Fim da História” não passou de uma mentira e de uma fraude: o mundo não está destinado a ser algum tipo de democracia liberal perpétua, guiado para o infinito progresso material.

Observa-se, portanto, que o NR associa a noção de “Fim da História”, conceituada por Francis Fukuyama, ao Kali Yuga, avançando para propor a Quarta Teoria Política como meio revolucionário capaz de reverter a hegemonia liberal a degradação espiritual do mundo contemporâneo. Em consonância com a visão de Dugin a respeito do declínio e seguindo a tendência do ideólogo russo de associar ideias tradicionalistas a processos históricos contemporâneos, apontado por Anton Shekhovtsov³⁰⁸, o Nova Resistência manifesta sua inclinação ao Tradicionalismo ao abordar os conflitos entre Israel e Irã³⁰⁹ no contexto de aumento das tensões entre o Estado sionista, o Irã e grupos radicais islâmicos do oriente médio. A despeito da relação ambígua de Dugin com o Estado de Israel³¹⁰, observada por Marlene

³⁰⁸ 2008, p. 500

³⁰⁹ MACHADO, R. **O Irã e a Ética Guerreira Tradicional**. Nova Resistência, 5 out. 2024. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/05/o-ira-e-a-etica-guerreira-tradicional/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

³¹⁰ Assim como em leituras sobre a Guerra da Ucrânia, tradicionalistas, em geral, e Duginistas, em específico, enxergam os conflitos entre Israel, Palestina e outros atores do oriente médio como um sintoma do iminente conflito entre atlantistas e tradicionalistas pelo controle geopolítico global. Ainda assim, a relação de Dugin com Israel e o sionismo é ambígua, com o filósofo já tendo declarado, inclusive, que Israel é um experimento de Estado verdadeiramente tradicionalista da atualidade, ao mesmo tempo em que posiciona Sionismo e Nazismo como ideologias semelhantes. Para Dugin, é possível separar os adeptos do judaísmo em duas vertentes: seriam bons aqueles que reconhecem a profunda ligação entre cultura, etnia e território, retornando para viver na Palestina. Em oposição, seriam maus aqueles que vivem a atmosfera cosmopolita do mundo moderno e se inserem em outras sociedades. Ainda assim, a profunda afinidade geopolítica entre Israel e os Estados Unidos, bem como a aproximação da Rússia de países do Oriente Médio e sua defesa do Estado Palestino, criam uma profunda contradição na visão de Dugin em relação ao Estado de Israel. A NR, por sua vez, aproximada das leituras terceiro-

Laruelle³¹¹, o movimento brasileiro é uníssono na defesa da liberdade palestina, denunciando o deslocamento entre valores tradicionalistas e as ações militares israelenses. Segundo Raphael Machado:

Quanto à conduta militar do campo adversário [referindo-se a Israel], basta recordarmos o que publicou como código de conduta oficial para seus homens o Coronel-Rabino Avidan, capelão-chefe do distrito militar central, em 1973: “Quando nossas forças se deparam com civis durante uma guerra ou em uma perseguição ou em um ataque, desde que não haja certeza de que esses civis sejam incapazes de prejudicar nossas forças, então, de acordo com a Halakhah, eles podem e até devem ser mortos... Na guerra, quando nossas forças atacam o inimigo, elas têm permissão e até mesmo ordem da Halakhah para matar até mesmo civis bons, ou seja, civis que são ostensivamente bons”.

Dessa forma, apesar do Rei Davi ter, inclusive, servido historicamente de inspiração para o imaginário cavaleiresco tanto entre europeus cristãos quanto entre árabes-persas muçulmanos, não se pode dizer que haja, hoje, alguma tradição cavaleiresca no militarismo israelense. Ao contrário: tudo na conduta israelense exemplifica a antítese das virtudes guerreiras tradicionais.

Paralelamente, o movimento brasileiro enxerga nas ações militares iranianas uma profunda conexão com a ética guerreira difundida pelo Tradicionalismo. Ainda, para o Nova Resistência, o regime inaugurado pela Revolução de Aiatolah Khomeini é um modelo de organização social e política por ser fiel à cultura milenar da região e incentivar valores supostamente esquecidos diante da hegemonia liberal-moderna. Segundo Raphael Machado, no artigo supracitado:

(...) não há como não encontrarmos muitas coisas em comum na conduta que vemos no Irã contemporâneo, no que concerne suas ações militares, sempre cirúrgicas, sempre precisas, sempre voltadas contra alvos militares, sempre evitando os inocentes, e o espírito da grande tradição romano-germânica europeia, desaparecido na Europa Ocidental com a Modernidade iluminista

Observamos, nesse ponto, a manifestação de uma clara simbiose entre a cosmovisão tradicionalista de Aleksandr Dugin e os preceitos defendidos pelo grupo Nova Resistência. Nesse movimento, portanto, ao associar as ações militares iranianas ao “espírito da grande tradição romano-germânica” o grupo brasileiro busca no Tradicionalismo elementos capazes de abordar, ao mesmo tempo, a suposta decadência da cultura europeia e a construção de uma visão que enxerga, na geopolítica, atores que lutam contra a hegemonia liberal e ocidental.

Concomitantemente, a reprodução de ideais tradicionalistas pelo Nova Resistência não se resume a leituras geopolíticas, com o movimento fazendo uso de ideias centrais para Dugin,

mundistas de Dugin, condena Israel como um fantoche norte-americano no oriente médio e advoga pela restauração completa do Estado Palestino.

³¹¹ 2006, p. 17

Evola e Guenón em interpretações referentes ao declínio cultural do mundo contemporâneo. Denunciando a corrosão das manifestações artísticas orgânicas no seio da pós-modernidade, o movimento advoga pela cultura popular em oposição à íntima relação construída entre a arte e o consumo na sociedade capitalista. Segundo artigo assinado pelo Nova Resistência, a arte perdeu seu valor simbólico com o avanço do liberalismo, ao passo em que se estima seu valor comercial³¹²:

(...) a arte como mercadoria leva a criatividade a um círculo vicioso, no qual a criação significativa (que é como parir um bebê) é substituída pelo “criar por criar”, já que é necessário atender a uma quantidade x de demanda para alimentar tal ou qual exposição e poder pagar empresários, marchands, etc. Ou seja, tomando a via oposta, a arte é levada a uma ausência de criatividade ainda maior. Estilos são criados apenas para causar “impacto” e elevar preços. Tabus são rompidos apenas para chocar e atrair audiência e compradores. O artista é reduzido a um adolescente mimado e a obra-de-arte se torna ou ininteligível ou irrelevante.

Promovendo uma crítica tradicionalista das relações artísticas e comerciais no mundo capitalista, o NR delinea a centralidade da arte na defesa da Tradição. Para o grupo, a arte reserva um importante potencial de transformação espiritual e intelectual na sociedade Tradicional, sendo fundamental a defesa da arte erudita a partir de sua significação mística:

Nesse sentido, não há qualquer erudição real nessas obras-de-arte que demandam textos imensos para se tornarem inteligíveis. A arte erudita por excelência possui camadas de significação, sendo simultaneamente acessíveis ao mais comum dos mortais, mas portando segredos e mistérios para cujo acesso é necessário ter um espírito apurado e certa dose de conhecimento. A experiência estética, dessa forma, passa a funcionar quase como uma iniciação mística.

Mostrando profundo desconforto com as manifestações artísticas da contemporaneidade e seus meios de interpretação, o movimento defende, também, a valorização da cultura popular como manifestação orgânica da Tradição nacional, regional e continental. Buscando reinterpretar a cultura brasileira, o grupo traz importantes movimentos para posicionar a arte nacional a partir da dicotomia, central para o grupo, entre dissenso e conformidade. Nesse movimento, o NR esboça a necessidade de defender ou atacar determinadas manifestações artísticas, de acordo com seu papel na degradação espiritual e no domínio ocidental sobre a sociedade contemporânea. Segundo o artigo:

A obra-de-arte popular, por sua vez, guarda funções coletivas fundamentais, ligadas à preservação de um senso de identidade, ao reforço de padrões comportamentais ou crenças tidas como positivas, à educação moral, cultural e espiritual, etc. Mas sob o capitalismo, arte popular é tão somente uma questão de produzir arte para ser consumida pelo maior número de pessoas. Para isso, se apelam aos mais baixos instintos humanos, confiando no que há de pior, atizando os piores demônios, tentando

³¹² NOVA RESISTÊNCIA. **No capitalismo, a arte não passa de uma mercadoria**. Nova Resistência, 24 abr. 2018. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/04/24/no-capitalismo-a-arte-nao-passa-de-uma-mercadoria/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

libertar e desencadear as piores forças da alma e da mente humanas, confiantes na mediocridade geral e reforçando essa mediocridade para manter um público cativo. Não é à toa que se fala hoje na “morte da arte”. Tendo morrido Deus, a política, a moral, a história, a filosofia e agora estando a ciência sob ataque fanático, não havia como a arte permanecer incólume contra o cerco da intelectualidade liberal.

Desse modo, o NR associa a arte popular, ou algumas delas, à identidade nacional, esmiuçando a construção discursiva da identidade brasileira proposta pelo grupo. Esse movimento de construção identitária é fundamental para o projeto político edificado pelo Nova Resistência. Ainda, seguindo preceitos tradicionalistas que enxergam na Modernidade liberal o fim dos verdadeiros, legítimos e universais valores que deveriam nortear a humanidade, em meios morais, comportamentais, políticos e filosóficos, o NR reproduz uma visão intimamente ligada ao pensamento de Dugin e do campo tradicionalista.

Paralelamente, a exaltação da cultura popular serve, também, para embasar esforços do movimento direcionados a reinterpretar a cultura brasileira, como forma de impulsionar seu projeto de país. Para o movimento, o Brasil também é vítima do avanço cosmopolitista da ordem unipolar vigente, sendo necessário valorizar a cultura nacional como forma de defender a soberania política do país. Em artigo assinado pelo grupo sobre o filme *Bacurau* (2019)³¹³, os autores afirmam que a obra é um reflexo tanto dos valores tradicionais do povo brasileiro, quanto dos ideais tradicionalistas defendidos pelo NR:

Uma película que, esteticamente, se situa ao lado da filmografia de Glauber Rocha como representante de uma arte que lê e decifra corretamente, na medida do possível, a alma brasileira, o espírito nacional, servindo-se desta decodificação para construir uma história onde o Povo – enquanto *Narod* – é motor da própria história. Não há protagonistas em *Bacurau* que não a Comunidade Orgânica e Organizada (conforme a definição de Perón) em sua dimensão de enraizamento mais profunda: uma comunidade que enterra e cultua seus mortos e que, acima de tudo, conhece suas raízes e mantém viva suas tradições e identidade.

Da mesma forma, a centralidade da violência na película é tratada como fundamental tanto para a arte popular brasileira, quanto para a construção de uma identidade nacional pautada na luta pela defesa da pátria, contra a hegemonia ocidental. Desse modo, os autores vislumbram, no filme, uma verdadeira analogia da violência revolucionária defendida pelo NR para conter e reverter o avanço dos valores liberais:

(...) Carrega também uma reflexão que só poderíamos denominar soreliana: a única via de libertação – a película nos mostrará – é a violência popular levada até as últimas

³¹³ NOVA RESISTÊNCIA. *Bacurau (2019): a Tradição de um Povo é sua arma de guerra*. Nova Resistência, 3 abr. 2020. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/04/bacurau-2019-a-tradicao-de-um-povo-e-sua-arma-de-guerra/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

consequências em sua acepção mítica, como nos ensinará o sindicalista-revolucionário francês, Georges Sorel, em suas *Réflexions sur la Violence*. E por qual motivo “mítica”? Ora, “o mito move o homem na história”, lucidamente nos dirá Mariátegui. E qual mito? O mito fundador do Povo, catalisador de seu destino histórico partilhado; seu fator de unificação orgânica. E é justamente essa violência mítica que, em Bacurau, permitirá a mobilização total, a marcha uníssona e a articulação das energias locais contra o Invasor externo e contra os vermes travestidos de compatriotas – cujo ultimato popular lançará, sem dó ou piedade, no terreno árido e sem vida da Caatinga (para ser devorado pela Onça ou picado pela Cobra).

Referenciando Georges Sorel e José Carlos Mariátegui a partir das ideias de mito e povo, o grupo busca a violência como único meio de superação do paradigma contemporâneo global. Esse ponto merece atenção diante da aproximação do NR com Mariátegui, fundamental intelectual marxista latino-americano. Como aponta Ignacio Delgado³¹⁴, o peruano foi responsável por avançar, no marxismo, por uma “Revolução Peruana” tivesse como sujeito o povo, formado sobre uma identidade orgânica que conferisse protagonismo aos indígenas, sem que esse grupo houvesse de passar pelas etapas revolucionárias previstas por Karl Marx. Mariátegui, portanto, posiciona seu anti-imperialismo sob a ótica da luta de classes e pauta a construção de um sujeito revolucionário baseado nas contradições do capitalismo que atuam sobre a realidade peruana.

O Nova Resistência, por sua vez, instrumentaliza e distorce os pressupostos construídos por Mariátegui. O que busca o grupo brasileiro é, portanto, posicionar o conceito de mito empreendido pelo intelectual peruano para propor um projeto revolucionário que tem como protagonista um sujeito radicalmente diferente do que é buscado em uma Revolução Peruana mariateguista. O que está em disputa, para o NR, é o resgate de determinados elementos culturais vistos como autenticamente brasileiros frente à suposta invasão do cosmopolitismo uniformizante da ordem mundial contemporânea. O que está em questão não é a concepção de um sujeito para a luta contra o capitalismo e pela divisão dos meios de produção, mas sim a de um que batalhe pelo *direito à diferença*, noção fundacional do etnopluralismo proposto pela Nova Direita Europeia.

Por fim o Nova Resistência posiciona o “destino histórico partilhado” como um meio de clivar sua interpretação da sociedade brasileira, que estaria dividida entre os verdadeiros defensores do Brasil e os “vermes travestidos de compatriotas” que estariam a serviço do “Invasor externo”. Por fim, o NR enxerga, na obra de Kleber Mendonça Filho e Juliano

Dornelles, amplamente reverenciada pela esquerda nacional, uma manifestação fidedigna da ideologia defendida nas fileiras do movimento:

Não há espaço para qualquer discurso ocidentalizante numa obra que referencia (e reverencia) as cabeças cortadas de Lampião. Todo moralismo democrático-liberal é escarrado e manchado pelas marcas da guerra de classes que se trava no interior de Bacurau – sem armas, sem vida, Bacurau nos fará ver; e se o povo segue desarmado, em contraparte, seus inimigos seguem armados. Toda miséria espiritual pós-moderna e pós-liberal é logo exorcizada pela atmosfera profundamente tradicionalista que ali reina: no fim das contas, todos estão sob a proteção mística da Grande Mãe Ancestral. Uma ode à violência popular. Um chamamento à resistência autêntica. Uma glorificação das raízes históricas do Povo. Bacurau é, sem sombra dúvida, uma obra de arte nacional-bolchevique brasileira.

Concomitantemente, nesse momento, o grupo articula a relação, antes empreendida por Dugin, entre a luta de classes descrita no marxismo com ideais tradicionalistas. Na busca pela imposição da lógica que opõe dissenso e conformidade, o grupo tenta absorver princípios revolucionários da esquerda em seu projeto político voltado para a reconstrução mística da nação diante de um diagnóstico tradicionalista do mundo contemporâneo.

A partir disso, observa-se que, na crítica do filme, o Nova Resistência demonstra um de seus importantes mecanismos intelectuais e metapolíticos ao interpretar a película como forma de direcioná-la aos preceitos defendidos pelo grupo e seguindo ideais da Quarta Teoria Política e do Tradicionalismo. Frequentemente associando obras e momentos da cultura nacional à ideologia do movimento, a NR busca, assim, engendrar no leitor a leitura do mundo contemporâneo, para além do contexto político, a partir de seus princípios ideológicos. Ainda, as interpretações do movimento sobre a cultura brasileira na contemporaneidade são, em outros momentos, uma forma de denunciar o declínio do espírito nacional e o sequestro da identidade brasileira por forças exógenas.

Esse movimento se manifesta, claramente, em artigo publicado, também sem autoria específica, a respeito da “subcultura funkeira”³¹⁵. Para o movimento, o apreço popular pelo *funk* é não apenas um sintoma do declínio da cultura popular brasileira e do avanço de produtos culturais estrangeiros no Brasil, mas, também, uma das razões por trás dos casos de estupros existentes no país:

O que há em comum na maioria dos casos de estupros coletivos e em vários outros casos envolvendo estupro de adolescente? Já é hora de reconhecer o papel nefasto, degradante e desumanizante da subcultura funkeira no Brasil.

³¹⁵ NOVA RESISTÊNCIA. **Falar em “cultura do estupro” é falar em subcultura funk**. Nova Resistência, 11 maio 2018. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/05/11/falar-em-cultura-do-estupro-e-falar-em-subcultura-funk/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

Paralelamente, o crescimento do funk no Brasil não é visto como uma valorização da cultura popular nacional e, sim, como um reflexo da degradação cultural prevalente no Brasil, assim como em todo o ocidente. Ainda, o Nova Resistência denuncia o caráter liberal e moderno da esquerda brasileira, enxergando-a, em consonância com a visão de Dugin sobre a “segunda teoria política”, como um agente em prol do avanço da Modernidade:

Não existe degradação animaléscica do ser humano que não encontre respaldo na subcultura funkeira, seja pelas letras das músicas ou pelo comportamento de seus próprios adeptos. De estupros coletivos ao crescimento da gravidez na adolescência, não são poucos os problemas que a subcultura funkeira traz às camadas mais excluídas da sociedade.

A esquerda, porém, propositalmente decide ignorar a possibilidade de analisar de que forma a subcultura funkeira se interrelaciona com o conceito de “cultura do estupro”. Qualquer tentativa nesse sentido será respondida com acusações de culpabilização da vítima ou de “preconceito”.

Revelando novamente sua face liberal, a esquerda apela ao discurso individualista criminológico negando a influência sócio-econômica e cultural sobre a criminalidade. Que diferença há entre o esquerdista que rejeita a crítica da subcultura funkeira e o direitista que rejeita a crítica da estrutura econômica?

Os trechos analisados a respeito da visão do grupo sobre o funk brasileiro trazem fundamentais percepções a respeito do funcionamento intelectual e da proposta política do NR. Além de criar respostas a problemas reais da sociedade brasileira baseadas na lógica da decadência cultural e da hegemonia liberal, o grupo equipara as posições de direita e esquerda, indicando a busca por uma síntese do espectro político contemporâneo. Por fim, o movimento coloca que a “subcultura funkeira” é sintoma de um processo ainda mais amplo de degradação do povo brasileiro, representado em um particular aspecto da urbanidade nacional: a favela. Segundo a NR, extinguir as favelas é parte fundamental do projeto político do movimento não apenas por questões socio-econômicas, impondo-se diante da necessidade de repressão contra manifestações indesejáveis da cultura popular brasileira:

Já está na hora de abandonar a cegueira típica dos que possuem coração mole e começar a debater seriamente sobre a necessidade de repressão a certos ambientes culturais e a projetar uma pauta fundamental para qualquer projeto nacional que se afirme autenticamente popular e revolucionário: o fim da favela.

Porque enquanto isso não acontece seguiremos testemunhando a barbárie se espalhando ao nosso redor. Tudo enquanto uma burguesia primeiro-mundista olha para o favelado como se ele fosse uma criança irresponsável, lida com ele como se ele fosse um personagem pitoresco, transforma a favela em ponto turístico, numa demonstração de imensa perversidade travestida de caridade.

O Estado precisa finalmente se fazer presente. Derrubem-se as favelas e construam-se novos bairros para seus moradores. Integre-se o favelado como cidadão. Coloque-se ele sob a cobertura da proteção estatal e dos serviços públicos. Para que seja assim quebrado o poder paralelo e desmontado o esquema de desumanização moral, cultural e psicológica que acomete milhões de brasileiros.

Mais uma vez, o grupo traz respostas a questões concretas, geralmente debatidas à esquerda, mas traz respostas baseadas não em preceitos classistas ou socioeconômicos, mas emergidas a partir de percepções sobre a cultura e a moralidade. Diante disso, é possível perceber como o movimento Nova Resistência aborda as manifestações culturais do povo brasileiro de maneira ambígua, mas mantendo coerência com os ideais tradicionalistas defendidos e disseminados pela organização. Nesse sentido, alguns aspectos da cultura nacional devem ser valorizados e fazem parte do projeto político do movimento, sendo parte das tradições a serem retomadas pelo programa revolucionário da NR e da Quarta Teoria Política. Outros, por sua vez, são vistos como sintoma da degradação cultural do mundo contemporâneo e reflexos do domínio liberal, moderno e norte-atlântico sobre a cultura nacional. Sendo assim, o movimento é capaz de propor uma leitura particular sobre as manifestações culturais brasileiras, seguindo preceitos tradicionalistas e da doutrina neofascista proposta por Aleksandr Dugin.

Dessa forma, o grupo constrói argumentos que respondem a questões fundamentais da sociedade brasileira a partir da lógica de dissenso e conformidade. Para o NR, algumas manifestações culturais seriam parte da luta patriótica defendida pelo movimento. Outras, estariam galgadas na hegemonia ocidental e no declínio cultural do povo brasileiro. Assim, o grupo promove uma interpretação da arte brasileira sendo fidedigno aos mecanismos de funcionamento do neofascismo dissidente. Busca-se, portanto, identificar questões concretas e associa-las, respectivamente, ao dissenso e à conformidade. Paralelamente, são construídas respostas à essas questões com base na cultura e na moralidade. Por fim, a Quarta Teoria Política, em geral, e o Nova Resistência, em específico, são apresentados como instrumentos no combate dissidente à modernidade na busca pelo renascimento palingenésico do Brasil.

Paralelamente, ao abordar o próprio Tradicionalismo, o Nova Resistência busca colocar-se como bastião dos ideais defendidos por Guenón e Evola no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que questiona e invalida o uso de preceitos tradicionalistas por outros atores da política nacional. Apresentando-se como o verdadeiro defensor do Tradicionalismo no Brasil, o movimento impulsiona o posicionamento de Dugin como um importante defensor do tradicionalismo, ao mesmo tempo em que busca ampliar seu potencial político no escopo da ultradireita brasileira. Ainda, a difusão de ideias tradicionalistas pela NR é parte fundamental de sua atuação metapolítica, buscando ampliar o alcance de teorias intimamente vinculadas ao projeto político da organização.

Nesse sentido, para além da vasta divulgação de textos originais de Evola, Guenon, Dugin e outros intelectuais ligados ao pensamento tradicionalista, o movimento busca aplicar a

lógica do Tradicionalismo a processos históricos específicos da realidade brasileira. Em um contexto favorável a críticas ao judiciário brasileiro, um artigo sem assinatura³¹⁶ denuncia a aproximação entre o poder judiciário do país e o liberalismo, bem como apresenta valores vistos como tradicionais do povo brasileiro que estariam sob ataques do sistema judiciário:

O Judiciário é um dos baluartes das elites liberais globalistas. Eles querem transformar o Brasil em uma Suécia. Em um “paraíso” do moralismo burguês progressista. A sua ascensão significa mais um passo na decadência da democracia liberal brasileira com sua substituição por uma juristocracia liberal, em que juízes se sentem livres para legislar abertamente, e principalmente CONTRA os interesses e crenças do povo. O povo brasileiro é, por exemplo, contrário ao aborto, ao casamento gay, favorável ao porte de armas, contrário às privatizações, favorável à intervenção estatal na economia. Não importando o tema, porém, a juristocracia tem dado aval total e absoluto a TUDO que vá contra as convicções do povo brasileiro.

Concomitantemente, abordagens teóricas sobre o Tradicionalismo empreendidas pela NR, em muitos casos, são forma de atacar outros setores da ultradireita brasileira, buscando posicionar o movimento como o único representante legítimo do pensamento tradicionalista no Brasil. Isso se dá em um contexto de disputa pelo neofascismo e pela extrema direita brasileira entre o campo dissidente e, na leitura do NR, os “conformados” com a ordem mundial contemporânea, ambos fortemente inspirados pelo pensamento tradicionalista. Esse movimento pode ser observado em artigo que afirma existir “um abismo entre Dugin e Olavo de Carvalho”³¹⁷, publicado por André Luiz dos Reis:

Existem diferenças imensas e irreconciliáveis entre intelectuais e atores políticos como Aleksandr Dugin, Olavo de Carvalho e Steve Bannon. A influência comum do tradicionalismo — e de metafísicos como Guénon, Schuon e Evola — não deveria cegar, nem enganar ninguém sobre esse ponto. Só para fazer compreensível para quem não tem molejo com esses temas, seria como colocar católicos romanos, cristãos ortodoxos e protestantes históricos todos em um mesmo balaio político por serem todos cristãos. Ou colocar cristãos e muçulmanos todos do mesmo lado político e ideológico por serem de ambos de “religiões abraâmicas”.

Marcando as diferenças entre grupos que buscam um objetivo comum de renascimento palingenésico do Brasil, sob diagnósticos diferentes, o autor prossegue para contemplar, efetivamente, a disputa pelo tradicionalismo por campos geopoliticamente antagônicos do neofascismo brasileiro. Embasando a oposição entre Dugin e Olavo diante do Tradicionalismo

³¹⁶ **O brasileiro está cansado da JURISTOCRACIA.** Nova Resistência, 8 ago. 2018. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/08/08/o-brasileiro-esta-cansado-da-juristocracia/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

³¹⁷ REIS, A. L. DOS. **Há um abismo entre Dugin e Olavo de Carvalho.** Nova Resistência, 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/04/21/ha-um-abismo-entre-dugin-e-olavo-de-carvalho/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

a partir de suas posturas opostas a respeito do ocidente e do domínio ocidental sobre o mundo contemporâneo, Reis segue:

René Guénon entendia o Ocidente como uma “civilização anti-tradicional”, isto é, na medida em que se pode chamá-la propriamente de civilização e não de uma forma de “barbárie”. Ele tem obras inteiras explicando o que identificava como Ocidente e porque ele seria inimigo da Tradição. (...) , quando Olavo de Carvalho defende a sociedade norte-americana e o liberalismo, está sendo anti-guenoniano. Ele não absorveu isso de Guénon, mas está rompendo com as ideias do metafísico francês. Se alguém o define como guenoniano só pelo dito cujo ter uma leitura de Guénon e participar de alguns de seus pressupostos, então se trata de um “guenoniano” bastante heterodoxo, por assim dizer. Quando Ernesto Araújo, discípulo de Olavo, afirma feliz que Trump é o salvador do Ocidente, está adotando uma postura anti-guenoniana, já que Guénon queria é se livrar do Ocidente — ainda que não por vias estritamente políticas. Essas pessoas tem um pano de fundo tradicionalista, mas discordam em algum nível daquilo que Guénon chamava de Tradição.

Por fim, em outro momento, analisando a presença de um “espectro duginista” no Brasil³¹⁸ e em contraponto ao livro de Benjamin Teitelbaum (2020), Augusto Fleck reflete a respeito do papel do NR no contexto político brasileiro e discute a aproximação, apontada por Teitelbaum, entre diferentes atores ligados ao Tradicionalismo na contemporaneidade:

A NR é uma organização de vanguarda na divulgação e aplicação da obra e do pensamento de Alexander Dugin no Brasil. O que nos auxilia e legitima diretamente a construir uma visão concreta e grandiosa para a Nova Roma que Darcy Ribeiro primeiro idealizou. Essa comparação surge essencialmente da equivocada leitura de um suposto “movimento” tradicionalista que englobaria de forma conjunta as operações de Olavo de Carvalho como guru bolsonarista, Steve Bannon como guru trumpista e Dugin como guru putinista. Esta sendo uma interpretação muito limitada e cega destes autores e da sua limitada conexão, hiperbolizada por Teitelbaum e outros na pressa de assumirem a vanguarda da contrainformação anti-duginista.

Nesse movimento, o grupo indica entender as análises científicas a respeito do duginismo como parte de um processo de “contrainformação anti-duginista”. Essa leitura, portanto, torna-se essencial para a atuação intelectual do grupo, que busca se esquivar das definições acadêmicas a que posicionam Dugin, o NR e a QTP como parte do campo neofascista. Paralelamente, os ataques a Olavo de Carvalho e aos defensores de suas ideias, no cenário da disputa pelo Tradicionalismo no seio da extrema direita brasileira, ficam ainda mais nítidos em artigo de autoria de André Luiz dos Reis³¹⁹:

Convicto que está lutando contra as “forças da escuridão”, o Brasil se tornou, para Olavo de Carvalho, apenas um peão do grande jogo, pronto a ser sacrificado quando a oportunidade surja. A verdadeira fronteira da batalha escatológica, pensa ele, não está na infame América do Sul, mas nos Estados Unidos da América. Sua versão específica do tradicionalismo vincula a Kali Yuga ao comunismo, que seria o ápice

³¹⁸ FLECK, A. O “Espectro” Duginista. Nova Resistência, 9 mar. 2022. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/03/09/o-espectro-duginista/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

³¹⁹ REIS, A. L. DOS. Olavo de Carvalho é um agente dedicado à destruição do Brasil. Nova Resistência, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/05/12/olavo-de-carvalho-e-um-agente-dedicado-a-destruicao-do-brasil/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

do materialismo dissolvente pronto a engolir todas as identidades e potencialidades humanas, liberando no mundo todos os demonhos que assombram sua imaginação (...) Óbvio que se trata de uma leitura liberal-conservadora, protestante e sionista do tradicionalismo, que traria ânsia de vômitos tanto em Guénon quanto em Evola, e que denuncia a interveniência de outras influências sobre a cabecinha oca de Olavo e de seus seguidores de vozes finas. (...) Isto posto, fica clara a opção do pseudo-filósofo por se tornar pau pra toda obra do imperialismo ianque, ainda que isso significa vender seu pai, mãe, irmãos e compatriotas. O que importa é o plano geral, que identifica o liberalismo conservador e a destruição do Estado como meios de realizar seu intento de longo prazo (...) O Reino dos mentecaptos é o instrumento mais apropriado para que Olavo faça uso dos seus "homens do tempo" a fim de entregar, subordinar e dissolver o país, se possível até com o recurso de uma guerra civil. É com gente com esse tipo de horizonte que estamos lidando. Olavo de Carvalho tem de ser parado, e todos os seus asseclas processados, presos e condenados por crimes de lesa-pátria.

Sendo assim, observa-se uma diferença central, na leitura do NR, entre dissidentes e olavistas: o Kali Yuga. Para Dugin e, portanto, para o Nova Resistência, o reflexo concreto do ciclo máximo de degradação, previsto pelo Tradicionalismo, estaria no liberalismo. Carvalho, por outro lado, enxerga o Kali Yuga no comunismo. Dessa forma, portanto, percebe-se a distinção nas leituras neofascistas ligadas ao Tradicionalismo no que diz respeito ao que deve ser combatido para reverter o processo de degradação da humanidade.

Diante disso, pode-se perceber que os debates ideológicos propostos pelo Nova Resistência contra Carvalho e seus seguidores são manifestação teórica e metapolítica do processo em curso de disputa pelo espaço do Tradicionalismo no Brasil. Nesse contexto, observa-se que atores distintos que compõem o mosaico ideológico da ultradireita brasileira buscam se inserir como os verdadeiros defensores dos ideais tradicionalistas defendidos por Guenon e Evola. Além disso, para a NR, esse processo serve para solidificar a imagem de Dugin como um tradicionalista. Ainda, é importante delinear que as disputas pelo Tradicionalismo no Brasil não se limitam aos embates entre dissidentes e olavistas, sendo observados em outros contextos da política brasileira, sobretudo no espectro da ultradireita. Isso se materializa, por exemplo, no longo debate empreendido entre Raphael Machado³²⁰ e Daniel Arthur Branco sobre o pensamento de Julius Evola. Fundamental para compreender as minúcias teóricas que fundamentam a atuação da ultradireita brasileira, a visão de Olavo de Carvalho e seus seguidores sobre a disputa pelo Tradicionalismo no Brasil é tema fortuito para futuros estudos.

³²⁰ MACHADO, R. – **Julius Evola contra os Párias: Desconstrução da falsificação do pensamento evoliano**. Nova Resistência, 14 dez. 2019. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/12/14/raphael-machado-julius-evola-contra-os-parias-desconstrucao-da-falsificacao-do-pensamento-evoliano/>>. Acesso em: 16 fev. 2025 e MACHADO, R. Raphael Machado – Julius Evola e o Quinto Estado: Contra as desinformações dos pseudo-evolianos neoliberais. Nova Resistência, 5 dez. 2019. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/12/05/raphael-machado-julius-evola-e-o-quinto-estado-contra-as-desinformacoes-dos-pseudo-evolianos-neoliberais/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

Por fim, nota-se que o movimento Nova Resistência, em diversas ocasiões, busca oferecer contrapontos a estudos acadêmicos sobre o Tradicionalismo, opondo-se veementemente às visões de Mark Sedgwick, Benjamin Teitelbaum, Marlene Laruelle e Ângelo Segrillo a respeito do tema. André Luiz dos Reis, por exemplo, materializa esse movimento ao denunciar a “crise do paradigma iluminista”³²¹ e a suposta atuação de acadêmicos dedicados ao estudo do Tradicionalismo na defesa da Modernidade:

Imagine supor que todo mundo que tem influência de Rousseau, Descartes e Montesquieu tem também o mesmo projeto e posicionamento ideológico e político? Maluquice, não é? Pois imaginar que todos que tenham influência dos autores tradicionalistas comunguem das mesmas teorias e práticas políticas é pior ainda. Eu já tratei disso meses atrás, mas será necessário bater cada vez mais nessa tecla. Jornalistas e acadêmicos descobriram que diversos agentes políticos influentes possuem leitura de autores tradicionalistas. E estão caindo no engodo, propagandeado por pseudo-especialistas como Teitelbaum e Sedgwick, de que há uma “grande conspiração” que une todos esses agentes. (...) O Tradicionalismo cresce porque o tempo do Iluminismo está passando. A crise do paradigma das Luzes já está completando meio século entre intelectuais e acadêmicos. Mas agora transborda para outros campos. Esse processo vai continuar, e não pode ser enfrentado na esfera da disputa eleitoral de curto prazo. Jornalistas que pensam que o tradicionalismo vai entrar em colapso porque Trump perdeu uma eleição — ou porque Bannon foi preso ou porque Olavo de Carvalho tem dívidas com Caetano Veloso etc. — não estão enxergando um palmo adiante do nariz.

Além de propor uma leitura da atualidade que posiciona a ascensão do Tradicionalismo como fruto do declínio do pensamento iluminista, Reis busca separar os “pseudo-tradicionalistas” daqueles que estariam verdadeiramente comprometidos com a superação da ordem mundial contemporânea. Em suma, o grupo busca criar hegemonia nos discursos ligados ao tradicionalismo no escopo da ultradireita brasileira. Para isso, o campo promove diálogos críticos tanto com antagonistas políticos, como Olavo de Carvalho, quanto com interpretações acadêmicas do fenômeno tradicionalista.

Diante disso, é possível perceber que o Tradicionalismo ocupa posição central na construção dos paradigmas intelectuais que norteiam a atuação do grupo Nova Resistência. Buscando em Dugin, Evola e Guenon instrumentos teóricos para embasar uma leitura particular a respeito da realidade brasileira, a organização enxerga, no Brasil, reflexos do processo global de declínio espiritual da humanidade conceituado pelo Tradicionalismo. Ao compreender a cultura nacional sob forte viés tradicionalista, o movimento advoga pela valorização de manifestações culturais que embasariam seu projeto político. Ainda, instrumentalizando ideias tradicionalistas para analisar o contexto político global, a NR encontra consonância nos ideais

³²¹ REIS, A. L. DOS. **A crise do paradigma iluminista e a emergência do Tradicionalismo**. Nova Resistência, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/01/21/a-crise-do-paradigma-iluminista-e-a-emergencia-do-tradicionalismo/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

defendidos por Dugin a respeito da luta contra a Modernidade liberal, identificada com o Kali Yuga, através da difusão da Quarta Teoria Política.

Paralelamente, a intenção do movimento de disputar o Tradicionalismo no contexto brasileiro, buscando se posicionar como o legítimo defensor de ideias tradicionalistas no cenário nacional, reflete um amplo processo de disputa intelectual travada por diversos setores da ultradireita brasileira. Condenando as posturas adotadas por Olavo de Carvalho e seus seguidores, sobretudo a partir do posicionamento do intelectual brasileiro em relação aos Estados Unidos e da relação do Brasil com os EUA, membros do Nova Resistência utilizam ideias tradicionalistas para embasar sua aproximação à ordem mundial multipolar proposta por Aleksandr Dugin.

Por fim, contrapondo intelectuais acadêmicos dedicados ao estudo do Tradicionalismo e do pensamento duginista, a Nova Resistência segue um movimento comum em diversos setores da ultradireita contemporânea, que buscam posicionar acadêmicos das ciências humanas como atores pautados em intenções políticas. Nesse caso, os estudiosos do Tradicionalismo seriam agentes interessados em defender os paradigmas ideológicos do Ocidente, da Modernidade e do liberalismo contra o avanço político de ideias tradicionalistas.

Sendo assim, pode-se perceber que o Tradicionalismo assume papel central nas análises sobre o mundo contemporâneo empreendidas pelo Nova Resistência, embasando a atuação do movimento como parte de uma agenda global de luta contra o avanço da Modernidade e identificando um processo de degradação espiritual da humanidade causado pela disseminação global de ideais liberais e iluministas. Ao mesmo tempo, no contexto de aumento do impacto ideológico do pensamento de extrema-direita, a NR busca disputar a defesa do Tradicionalismo no Brasil com outros atores vinculados à teoria. Nesse movimento, a organização compete, também, por espaço no cenário de ascensão da ultradireita no país. Por fim, ao dialogar, de forma crítica, com leituras acadêmicas referentes a Dugin e ao Tradicionalismo, o grupo se mostra parte de um amplo movimento de deslegitimação do conhecimento científico das humanidades empreendido por diversos setores da ultradireita global.

Nesse sentido, compreender o papel do Tradicionalismo na intelectualidade do Nova Resistência, no projeto político proposto pela organização e na atuação neofascista revolucionária empreendida pelo grupo, é fundamental para se entender, também, o processo de disseminação e apropriação e articulação das ideias de Aleksandr Dugin no Brasil. Dessa forma, percebe-se que a NR se apresenta como embaixadora do Tradicionalismo e do

duginismo no país, defendendo um programa revolucionário para o Brasil fortemente amparado por diagnósticos tradicionalistas e amplamente condizente com a Quarta Teoria Política proposta por Aleksandr Dugin.

Diante do exposto, pode-se avançar na análise dos aspectos essencialmente políticos defendidos pelo Nova Resistência. Antes de se aprofundar nas relações estabelecidas pela organização com correntes intelectuais e agentes políticos ligados à esquerda e à direita, visando compreender a posição do grupo no espectro político e sua visão sobre a própria política, é necessário analisar a instrumentalização e revisão da mais importante inspiração teórica do Nova Resistência depois, claro, das ideias de Aleksandr Dugin: o Trabalhismo.

3.3.4 O trabalhismo no Nova Resistência

Analisar os vínculos do grupo Nova Resistência com o trabalhismo brasileiro se trata de abordar um grupo que busca assimilar e instrumentalizar uma corrente teórica autóctone para formar uma Quarta Teoria Política essencialmente brasileira. Esse movimento converge às percepções de Aleksandr Dugin, que propõe a necessidade de criação de Quartas Teorias Políticas articuladas ao contexto nacional, civilizacional em que se inserem. A partir disso, portanto, o NR busca impulsionar ideias trabalhistas na busca por um projeto político revolucionário pautado pela Quarta Teoria Política de Aleksandr Dugin.

Dessa forma, percebe-se como a organização busca reivindicar os legados do Trabalhismo e de suas figuras proeminentes na História do Brasil e, também, na política contemporânea. Dessa forma, o NR constrói, paulatinamente, pontes entre ideias trabalhistas e o pensamento duginista. Além disso, a organização estabelece vínculos efetivos com personagens ligados ao trabalhismo no Brasil contemporâneo, sobretudo a partir do Quinto Movimento proposto por Aldo Rebelo. A orientação das aproximações entre o Nova Resistência e o Trabalhismo se materializam no convite feito à organização para participar do Congresso Trabalhista de 2019. O discurso de Raphael Machado, na ocasião, oferece um panorama sobre as aproximações ideológicas e políticas empreendidas pelo NR em relação ao campo trabalhista.

Vendo o Trabalhismo como expressão histórica do desejo de soberania por parte do povo brasileiro, Machado observa a prevalência do liberalismo na política contemporânea e, uma vez mais, busca articular a lógica que opõe dissenso e conformidade como baluarte

interpretativo da ordem política atual. Posicionando o NR como brizolista, nacional-revolucionário e, sobretudo, trabalhista, o secretário geral da organização busca aproximar os quadros do Trabalhismo ao movimento global da Quarta Teoria Política³²². Machado afirma, portanto:

Somos membros da Organização Popular Nova Resistência, um coletivo formado por patriotas comprometidos com a libertação do nosso povo, com a construção de um Estado que realize a efetiva soberania do Brasil e com a realização das maiores potencialidades de nossa gente.

O trabalhismo se constituiu como a mais legítima experiência de luta do povo brasileiro contra os exploradores da nação e contra o projeto de manutenção do país nas mãos de um sistema neocolonial e parasitário. O Trabalhismo não é uma importação doutrinária de teóricos e acadêmicos distanciados da realidade e das necessidades de nossa população, e sim uma tradição que se forma em meio aos embates históricos contra o imperialismo e aos grupos que a ele se associaram, aos enfrentamentos pela ampliação da cidadania e pela soberania popular. Nesse sentido, nós trabalhistas não somos apenas nacionalistas como genuinamente nacionais.(...)

Camaradas, nos encontramos em uma verdadeira encruzilhada de nossa História. Durante a Nova República, liberais de esquerda e de direita se uniram com o intuito de enterrar a Era Vargas. Para isso, sabotaram o nacionalismo-popular e o trabalhismo, tentando deslocá-lo de sua centralidade político-partidária. Os resultados dessa agenda podem ser vistos nessa última década, frutos da insanidade de abandonar a verdadeira via que construiu um projeto estratégico de país soberano e que nos capacitou a tomar o destino da pátria em nossas próprias mãos.

Os liberais de esquerda e de direita, ambos inimigos do trabalhismo, se tornaram as forças hegemônicas no sistema partidário e nos levaram a um período de servilismo ao globalismo financeiro e cosmopolita. As diretivas do Estado ficaram agrilhoadas pelo rentismo, voltadas à precarização do trabalho, subordinadas à indústria cultural de massas bombardeada pelos centros do capitalismo internacional, e alinhada à geopolítica do Império ianque.

Nessa hora crucial pensamos ser necessário remontar às raízes do nacionalismo-popular e revolucionário, desfraldando as bandeiras de um de seus mais poderosos representantes, Leonel Brizola(...)

Diante desses desafios, que também são os nossos, Brizola fazia da carta-testamento de Getúlio sua bússola. De sua leitura, concluía que a chave dos problemas brasileiros era o "processo espoliativo" a que estávamos submetidos por interesses de potências internacionais. Eis aí uma perspectiva anti-imperialista, que leva em conta o nosso papel e o dos vizinhos sul-americanos no âmbito das disputas globais.

O velho Leonel considerava que parte da elite brasileira se vinculava a esse processo espoliativo, servindo de elo na exploração do povo. Essa elite não era parte verdadeira da nação, eram os "traidores".(...)

Observa-se, portanto, que Machado, ao se dirigir ao campo trabalhista, traz aspectos fundamentais da ideologia do Nova Resistência e da Quarta Teoria Política. Dessa forma, o secretário geral da organização busca assimilar os legados trabalhistas ao projeto revolucionário do NR. Nesse movimento, busca-se retomar os aspectos antiliberais do Trabalhismo e edificar essa ideologia como antagonista natural a amplos setores de esquerda e direita do país, vistos

³²² RESISTÊNCIA, N. **Discurso da Nova Resistência no Congresso Trabalhista | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/05/21/discurso-da-nova-resistencia-no-congresso-trabalhista/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

como agentes liberais em prol da hegemonia ocidental e atlantista. Ao abordar o as perspectivas de Leonel Brizola, também, Machado avança na evocação da violência revolucionária contra o liberalismo e suas manifestações na política brasileira. Associando a noção de "desfecho", concebida por Brizola, ao Armageddon, Machado reafirma a necessidade da luta contra o que enxerga como inimigos externos.

Desse modo, Machado posiciona o "desfecho" brizolista como o momento de uma luta entre o "anti-povo" e o povo brasileiro que, no entendimento do NR, advém de uma construção orgânica da nação brasileira. O autor afirma, assim, em consonância à escatologia instrumentalizada por Aleksandr Dugin na proposição da Quarta Teoria Política, a necessidade da formação de células dispostas a lutar contra o imperialismo e seus agentes externos e internos. Nesse movimento, portanto, Machado retoma Brizola e afirma, a respeito da condição subalterna do Brasil na ordem mundial contemporânea, que:

Essa peleja conduziria a uma batalha de sabor apocalíptico, que Brizola chamava de "desfecho". O desfecho era nosso Armageddon, que colocaria povo e "anti-povo" em trincheiras opostas. Não haveria outra alternativa possível senão a de combater em prol do país ou ser arregimentado pelas hostes dos traidores.

Para ser bem sucedido no "desfecho" e colocar fim ao ciclo imperialista na nossa história, o povo tinha de se organizar. As demandas em torno de posições no sistema político-partidário, nos sindicatos e em outras instituições eram importantes e jamais deveriam ser deixadas de lado. Mas outras esferas de atuação também eram fundamentais. Daí a necessidade dos "Comandos Nacionalistas" ou "Grupo dos Onze", que seriam células preparadas para o momento do "desfecho".

A busca pela libertação do povo brasileiro deveria incluir os meios da política burguesa-liberal, capaz de levar adiante uma política reformista. Mas diante dos limites estabelecidos pela captura e pelo desvirtuamento dos meios democráticos pelos traidores, ou agentes internos do imperialismo, o povo organizado estaria pronto para resistir e militar até mesmo contra golpistas escondidos sob os uniformes e emblemas das Forças Armadas e policiais, do Parlamento ou do Ministério Público.

Nesse movimento, abordando um público majoritariamente democrático, Machado posiciona a centralidade da violência a partir do "desvirtuamento dos meios democráticos pelos traidores", reconhecendo as possibilidades de transformação oferecidos pela democracia burguesa, mas enxergando seus limites como parte da estratégia de consolidação do "totalitarismo liberal" observado por Aleksandr Dugin e pelo Nova Resistência. Essa reverência, ainda que tímida, à democracia é rara nas páginas da organização que, em geral, busca meios revolucionários para realizar seu projeto político formado a partir das ideias de Aleksandr Dugin.

Paralelamente, o Nova Resistência se empenha para reinterpretar a ideologia trabalhista e, sobretudo, identificar seus herdeiros na política nacional. Além disso, visando orientar o Trabalhismo na direção da Quarta Teoria Política, o Nova Resistência faz um importante

movimento de revisão a respeito das influências fascistas de Getúlio Vargas. Negando o fascismo, mas vendo-o como a mais próxima às ideias da organização dentre as três teorias políticas da modernidade, na visão de Aleksandr Dugin, o NR reconhece os impactos de ideias fascistas sobre Vargas, mas, essencialmente, busca ressaltar os aspectos antiliberais do Trabalhismo.

Afirmando não haver problema nas influências fascistas em Vargas e do Trabalhismo, em um movimento de revisionismo histórico que vai de encontro ao consenso historiográfico a respeito do varguismo, André Luiz dos Reis adota estilo irônico para criticar correntes trabalhistas que buscam distanciar o campo do fascismo³²³. Para Reis, portanto, o fascismo não existe mais e críticas ao Trabalhismo baseadas nas aproximações entre Vargas e os fascismos do entreguerras seriam parte de uma estratégia de união entre setores liberais, à esquerda e à direita, contra seus inimigos:

Getúlio teve influências fascistas? Sim. E não tem problema

Pior seria se fosse defensor de culturas estrangeiras e odiasse a cultura do próprio povo — como a esquerda liberal (mesmo quando travestida de “trabalhista”) odeia.

Bastou que eu lembrasse o óbvio, a saber, que tanto a legislação trabalhista quanto a Era Vargas possuíram, sim, forte influência direta e diálogo com o fascismo, para que um círculo restrito de autodeclarados trabalhistas — ou nem tão trabalhistas assim — entrasse em parafuso e mergulhasse em surtos histéricos.

Alguns, mostrando graves dificuldades de raciocínio, chegam a uma brilhante conclusão: dizer que o regime de Vargas possui influência fascista equivaleria a se assumir fascista. Genial! Mas caso isso fosse verdade, toda a esquerdalha-libera e antipedetista seria “fascista” só pelo fato de “xingar” Getúlio com o epíteto. Fosse assim, todos os pesquisadores que apoiam a tese da influência fascista em Getúlio seriam “fascistas” também, unicamente por definirem diversas tendências do Estado-Novo como fascistas.

Óbvio que apontar determinado processo e relação sócio-política e histórica não diz nada sobre a avaliação ou posicionamento de alguém sobre esse processo. Para os pesquisadores que mencionei, por exemplo, se trata de conhecimento, não de juízo moral. Para a esquerdalha (e para esse grupelho fanatizado de ditos “trabalhistas”), se trata de defender dogmas que lhes permitam se aproximar dos liberais com a justificativa de que estão unidos no combate a demônios que, convenientemente, não existem mais enquanto força política senão na fantasia deles — isto é, o demônio ou assombração ou fantasma de um “fascismo” que, supostamente, “está em ascensão” e que “deve se combatido acima de tudo”.

O fascismo é, portanto, valorizado por seu nacionalismo e oposição ao liberalismo de esquerda e direita. Sem explicar, porém, a visão do Nova Resistência a respeito das efetivas influências do fascismo histórico sobre Vargas, Reis avança, mais uma vez, no posicionamento do Trabalhismo como um contraponto à percebida hegemonia do liberalismo sobre campos

³²³ LUIZ, A. **Getúlio teve influências fascistas? Sim. E não tem problema** | **Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/14/getulio-teve-influencias-fascistas-sim-e-nao-tem-problema/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

antagônicos da política brasileira. As análises do NR sobre o Trabalhismo ganham corpo, também, na forma como a organização busca reivindicar os legados do campo na política brasileira atual.

Para a organização, portanto, não caberia à esquerda nacional herdar os legados de Vargas, Jango e Brizola. Em artigo sobre o tema assinado pelo próprio Nova Resistência, o grupo afirma que Getúlio Vargas foi responsável por uma síntese que abarcaria diferentes setores nacionalistas para além da dicotomia entre esquerda e direita³²⁴. Por outro lado, a organização enxerga Vargas como, efetivamente, um fascista, ao passo que Brizola, por sua vez, estaria próximo a um Nacional-Bolchevismo brasileiro. Já João Goulart, apesar de não ter uma caracterização definitiva, pelo Nova Resistência, simplesmente “não era de esquerda” na perspectiva do grupo. Para o NR, portanto, os legados do Trabalhismo seriam destinados àqueles que fielmente representassem sua essência que, por sua vez, já estaria ligada à necessidade histórica de uma quarta via.

Getúlio Vargas não era de esquerda, não seguia a Segunda Teoria Política, nem qualquer coisa do tipo. Seu papel histórico foi, precisamente, o de ser uma síntese hegeliana que transcendia a direita e a esquerda brasileiras, aglutinando sob si os “nacionais” entre direitistas e esquerdistas.

Nesse sentido, Getúlio Vargas constitui, fundamentalmente, e à luz do pensamento filosófico de Dugin, um dos primeiros representantes da Terceira Teoria Política no Brasil. Um “fascista”, se quiserem converter as teorias políticas em “ismos”.

Vargas, Jango e Brizola não pertencem a esses esquerdistas que são “nacionalistas por conveniência”, a esses “marxistas envergonhados” ou a “comunistas discretos”, que resolveram nos últimos tempos lançar mão de suas figuras em seus esforços de mobilização.

Sim, mesmo o Brizola não pertence a essa gente. Em 1998, Brizola já falava na “necessidade de uma Quarta Via”, que não fosse nem de esquerda, nem de direita, nem de terceira via.

Então, quando esquerdistas ou comunistas que abraçaram o trabalhismo recentemente ficam querendo “cobrar” “comunismo” dos membros da Nova Resistência, caso contrário seríamos neofascistas promovendo uma “infiltração”, cobrar adesão a concepções que foram declaradamente rechaçadas pelos próceres do trabalhismo, isso não passa de uma piada.

Rejeitando, veementemente, a vinculação do Trabalhismo e do próprio Nova Resistência à esquerda e ao comunismo, a organização combate perspectivas que apontam sua efetiva infiltração neofascista em círculos ligados à esquerda. Paralelamente, a organização avança na costumaz afirmação de que as ações da esquerda brasileira serviriam aos interesses do liberalismo hegemônico. Nesse movimento, discretamente, o NR ressalta e valoriza as

³²⁴ RESISTÊNCIA, N. **A quem pertencem os legados de Vargas, Jango e Brizola? | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/07/22/a-quem-pertence-os-legados-de-vargas-jango-e-brizola/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

aproximações de trabalhistas ao fascismo e condena a vinculação das esquerdas às figuras de Vargas, Jango e Brizola:

Nós não somos comunistas.

Mas Vargas, Jango e Brizola tampouco eram. Vargas governou com integralistas antes da ruptura e da tentativa de golpe integralista. Vargas colaborou com a Alemanha nazista, apoiou o bando nacionalista na Guerra Civil Espanhola, deportou corretamente a criminosa Olga Benário. Leonel Brizola e Plínio Salgado chegaram a ser aliados políticos nos anos 50. Jango era amigo de Perón e parceiro dos peronistas, o mesmo Perón que foi acolhido em exílio por Franco e cujo governo recebeu e acobertou ex-fascistas.

Vargas, Jango e Brizola teriam sido atacados como “fascistas” por essa ralé anarco-trotskista que serve de linha auxiliar do imperialismo apoiando o Curdistão sionista, o Maidan, combatendo o nacionalismo, e fazendo tudo mais que dela demanda a elite cosmopolita dos países ocidentais.

O trabalhismo pertence ao povo brasileiro, sempre pertenceu e sempre pertencerá. O trabalhismo é nacionalista, de inspiração católica, socialista, anti-materialista. E quem não gostar disso que se retire dos partidos, organizações e movimentos trabalhistas que existem hoje no Brasil.

Os trabalhistas, entre os quais nós estamos (ainda que situados a partir da Quarta Teoria Política), falam por esse legado. Vocês da esquerda “libertária”, “anarquista”, “trotskista”, “autonomista” não falam pelo trabalhismo.

Hoje o Trabalhismo caminha na direção de sua reconstrução para o Século XXI, superando os seus elementos da Segunda e da Terceira Teoria Políticas, para fazer frente ao liberalismo hegemônico em nossa era, e a Nova Resistência, doa a quem doer, contribui e seguirá contribuindo para esse empreendimento ao mesmo tempo nacionalista e revolucionário.

Os legados de Vargas, Jango e Brizola pertencem ao povo, não à esquerda cosmopolita e antipovo.

Paralelamente, o Nova Resistência busca, ao longo de sua trajetória, estabelecer relações concretas com campos amplos do Trabalhismo, para além da dinâmica grupuscular. É a partir disso que o grupo encontra, na figura de Aldo Rebelo, um personagem disposto a, supostamente, avançar a agenda da Quarta Teoria Política no Brasil. Rebelo, por sua vez, faz reverência à atuação do grupúsculo na busca comum pela revitalização do nacionalismo no Brasil em direção ao antiliberalismo. Em transcrição de entrevista do ex-ministro no canal da organização e transcrita a seu site oficial, Rebelo afirma³²⁵:

O que eu quero destacar nessa conversa nossa, em primeiro lugar, é enaltecer, exaltar, reconhecer, o esforço que a Nova Resistência faz no conhecimento do nosso país: em ajudar a construir um pensamento nacionalista. Eu creio que a dificuldade do nacionalismo hoje, no Brasil, da luta para reafirmar a centralidade da questão nacional (que é o eixo no qual pode gravitar qualquer projeto de construção do Brasil), é exatamente a baixa densidade do pensamento nacionalista no Brasil. Houve o avanço desse pensamento e das ideias identitárias, principalmente nos grupos progressistas; o avanço desse pensamento liberal ou neoliberal, em economia, nos grupos conservadores, que multiplicaram suas ONGs, seus grupos de estudos, os institutos do pensamento liberal, que se espalharam pelo Brasil inteiro (Millenium, Atlântico,

³²⁵ RESISTÊNCIA, N. **Aldo Rebelo e a centralidade da Questão Nacional | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/05/02/aldo-rebelo-e-a-centralidade-da-questao-nacional/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Von Mises). Tudo isso é para difundir esse pensamento liberal. E os partidos de esquerda, e mesmo os partidos conservadores, abraçaram essa causa identitária.

Da mesma forma, Rebelo ressalta a necessidade de avanço sobre uma agenda metapolítica no intuito de formar um “pensamento nacional” antiliberal. Rebelo e o NR, portanto, convergem no antiliberalismo e, sobretudo, na busca pela libertação da sociedade brasileira diante da influência liberal. Busca-se, enfim, a consolidação de um amplo campo antiliberal, nacionalista e trabalhista no Brasil. Para o NR, indiscutivelmente, esse campo deveria ser emergido a partir das noções da Quarta Teoria Política. Por fim, ao responder artigo publicado pelo jornalista Luis Nassif e questionando, Guilherme Teixeira reflete sobre a necessidade de novos líderes no Brasil contemporâneo e enxerga Ciro Gomes em uma encruzilhada sobre ser, ou não ser, um “Putin brasileiro”³²⁶:

(...)sim, o Brasil hoje carece de realizadores a altura de seu potencial histórico-civilizacional. É nessas horas que uma figura como Putin/Xi Jinping, de fato, não faria mal. Alguém com capacidade política de coordenar a marcha da nação a partir do ponto de vista do Interesse Nacional e do projeto de país, enquadrando os caciques com mão de ferro e os fazendo operar pelo bem-comum da Pátria e do Povo. Precisamos de um Putin? Diria que precisamos de um César e de uma democracia cesarista. Caso contrário, vamos seguir reféns de querelas inter-institucionais e da falida democracia liberal, cujos beneficiários todos sabemos quem são (e não somos nós). Quanto ao Ciro: ele pode ocupar esse papel ou seguir agradando uma militância pós-moderna que está pouco se lixando para o país (vai depender dele).

Observa-se, por fim, que as visões do Nova Resistência a respeito do Trabalhismo orbitam a busca pela reinterpretação de ideias vinculadas a esse campo para articulá-lo como instrumento brasileiro da luta pela Quarta Teoria Política. Nesse contexto, Raphael Machado volta a ressaltar as aproximações fascistas do trabalhismo e, ao mesmo tempo, busca distanciar o legado de Vargas da esquerda, buscando uma essência antiliberal e ressaltando a origem religiosa do Trabalhismo. Esse movimento é importante, também, para posicionar a doutrina getulista como parte do que o NR entende como uma cultura orgânica nacional. Assim, Machado afirma³²⁷:

O Trabalhismo brasileiro, criado por Getúlio, está claramente enraizado na Doutrina Social da Igreja Católica (DSI), sofrendo também o influxo de influências fascistas e socialistas. É, para todos os efeitos, uma ideologia enquadrada na Terceira Teoria Política. Não por acaso, a ideologia estrangeira mais próxima ao Trabalhismo é o

³²⁶ TEIXEIRA, G. **Ciro Gomes, o Putin brasileiro?** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/09/12/ciro-gomes-o-putin-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³²⁷ MACHADO, R. **Trabalhismo: nem centro-esquerda, nem “marxismo light”** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/04/15/trabalhismo-nem-centro-esquerda-nem-marxismo-light/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Peronismo argentino — mesmo que este esteja, clara e inequivocamente, em sua acepção original, muito mais próximo do arco da Quarta Teoria Política. Poderíamos, inclusive, dizer que o Peronismo é o trabalhismo argentino, como o Trabalhismo é o peronismo brasileiro. O que complica demais a situação dos que tentam pintar o Trabalhismo como uma “centro-esquerda socialdemocrata” ou, pior, como um “marxismo light”. Afinal, as íntimas conexões de Perón — tanto pessoais quanto teóricas — com a Terceira Teoria Política europeia são ainda mais evidentes. Veja-se, por exemplo, que um dos principais sustentáculos do poder de Getúlio era a Igreja, que mobilizava as massas em favor do Líder através de organizações como a Ação Católica Brasileira, criada pelo Centro Dom Vital e cujas reflexões teóricas eram veiculadas pela revista *A Ordem*, uma publicação pautada no pensamento de nomes como De Maistre, De Bonald e Donoso Cortés, e que publicava, entre outros, textos de Charles Maurras e Carl Schmitt.

Diante do exposto, pode-se observar como o Nova Resistência busca, continuamente, a reivindicação do legado trabalhista em oposição a setores da esquerda nacional. Para o grupo, o resgate do varguismo pela esquerda seria manifestação de uma estratégia do liberalismo internacional, do qual as esquerdas brasileiras fariam parte, contra ideologias dissidentes. Desse modo, o NR ressalta as vinculações do Trabalhismo ao fascismo, buscando o ultranacionalismo e a oposição aos valores liberais.

Por outro lado, o grupo empreende uma estratégia de aproximação a setores do Trabalhismo contemporâneo que possam se unir na busca pela vinculação da corrente à Quarta Teoria Política proposta por Aleksandr Dugin. Nesse movimento, o grupo disputa espaço com a esquerda nacional e oferece uma reinterpretação do Trabalhismo que busca assimilá-lo ao projeto revolucionário do Nova Resistência.

Nesse movimento, é possível dizer que, apesar de central para o projeto e a atuação política da organização, o Trabalhismo é um instrumento dentro do núcleo teórico do Nova Resistência. Assimilado às ideias da organização, o Trabalhismo é reinterpretado e transformado em ferramenta na busca por uma Quarta Teoria Política à brasileira que se mantém integralmente fiel às propostas de Aleksandr Dugin.

A partir disso, torna-se fundamental analisar como o Nova Resistência se relaciona com outras correntes da política brasileira. Reivindicando temáticas ligadas à esquerda com respostas usualmente vinculadas à direita, o grupo busca impor uma nova lógica para o espectro político. Segundo o Nova Resistência, a política se cliva a partir da oposição entre dissidentes e conformistas e, dessa forma, deve ser superado o espectro que ordena a política a partir das noções de esquerda e direita. Desse modo, portanto, é essencial entender como o grupúsculo articula esse movimento.

3.3.5 O Nova Resistência e a esquerda brasileira

Aproximando-se de questões defendidas pelas esquerdas, sobretudo a partir da oposição ao imperialismo e da defesa da justiça social, o Nova Resistência apresenta, em geral, um projeto político e soluções revolucionárias ligadas a movimentos de direita. Paralelamente, a organização, continuamente, avança na busca pela condenação da esquerda brasileira e internacional a partir de seus componentes liberais. Desse modo, propondo a superação da dicotomia entre esquerdas e direitas, o NR disputa espaço e se aproxima de setores da esquerda brasileira a partir de pautas em comum. Apesar disso, as respostas do grupo às questões analisadas, muitas vezes, divergem das soluções buscadas pelos setores majoritários do campo esquerdista no Brasil.

Desse modo, torna-se essencial observar como o Nova Resistência interpreta problemas apresentados pela esquerda e apresenta soluções próprias a partir da Quarta Teoria Política. Ainda, é fundamental analisar as aproximações buscadas pelo NR com setores da esquerda nacional, bem como críticas feitas a outras vertentes, a partir da lógica dicotômica de dissenso e conformidade. Apresentando o dissenso frente à hegemonia liberal como um ponto norteador de seu programa político, o Nova Resistência encontra no anti-imperialismo da esquerda um palco de disputas no qual pode-se avançar o projeto multipolar concebido por Aleksandr Dugin.

Pode-se evidenciar, portanto, como o NR busca disputar espaço com a esquerda e apresentar soluções tradicionalistas e quartopolitistas aos problemas compartilhados entre o grupo neofascista e setores da esquerda nacional. Posicionando Lula, o Partido dos Trabalhadores (PT) e outros agentes como motores de uma agenda liberal e atlantista, ao passo que distintos atores, como o Partido da Causa Operária (PCO), são vistos como aliados na luta antiliberal, o NR busca aglutinar campos da esquerda no projeto da Quarta Teoria Política e impulsionar a ótica que opõe dissenso e conformidade como as posições prevalentes na política contemporânea.

Na discussão a respeito da questão palestina e do conflito contemporâneo entre Israel e o Hamas, Raphael Machado critica a esquerda majoritária e defende o PCO. Para Machado, a vinculação entre a defesa do povo palestino e outras temáticas comuns à esquerda, como a causa LGBT+, é incompatível com a leitura conservadora empreendida pelo Nova Resistência sobre o conflito e afastaria apoiadores de outros campos políticos da causa palestina. No mais, a

suposta exclusão do PCO dos atos contra as ações do Estado de Israel, que denunciaria as aproximações entre o partido e o campo neofascista, seria fruto das ações de uma esquerda “woke”, liberal e sionista³²⁸:

Para o cidadão comum, que poderia simpatizar com a Questão Palestina por um viés patriótico, multipolarista, tradicionalista ou conservador, ou simplesmente por uma empatia natural diante das imagens das atrocidades sionistas, ver uma inundação de bandeiras arco-íris sobrepujando a bandeira palestina, ou manifestações mais preocupadas com exibicionismo sexual “inconformista” do que com a pauta singular e específica da luta contra o sionismo, obviamente é desencorajador.

Afinal, no resto do ano, são exatamente as pessoas dessa esquerda “woke” que fazem questão de acusar as maiorias populares de “fascismo”, “machismo”, “transfobia”, etc.

O Brasil não ficou imune desse tipo de problema. O país teve manifestações pró-Palestina relevantes em outubro e novembro de 2023 e janeiro e maio de 2024, mas gradualmente, os setores mais liberais e “woke” envolvidos nessas manifestações, manobram para excluir o Partido da Causa Operária, um partido político marxista-leninista, de todas as manifestações, inclusive chamando a política para reprimir os seus militantes em pelo menos uma ocasião.

Para justificar esses ataques, esses liberais e sionistas de esquerda, inclusive, apelam à propaganda mais exagerada, acusando os membros do PCO de “fascismo”, de “machismo”, de serem “nazbols”, e assim por diante.

Pode-se observar, portanto, como a questão palestina torna-se um espaço de disputas pelo Nova Resistência que, enquanto ataca setores majoritários da esquerda e denuncia seus supostos vínculos com o liberalismo hegemônico, o grupo busca reunir diversos setores na luta, como conservadores e tradicionalistas. Nesse sentido, refletindo sobre os resultados eleitorais de 2024³²⁹, Raphael Machado aponta a falta de autocrítica da esquerda, discurso comum desde as eleições presidenciais de 2014, vencidas por Dilma Rousseff. Para Machado, porém, essa autocrítica deveria trazer à esquerda um giro conservador, supostamente atrelado à identidade brasileira.

Ao analisar o papel de personagens como Guilherme Boulos, Ciro Gomes e Marcelo Freixo, Machado postula a necessidade de retomada do que entende como os valores autênticos da esquerda em oposição à agenda “identitária”. Ao reverenciar Aldo Rebelo e condenar outros atores políticos, o autor clama pela aproximação da esquerda a pautas historicamente associadas à direita brasileira:

³²⁸ MACHADO, R. **A causa Palestina e o papel sabotador da Esquerda Liberal** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/09/10/a-causa-palestina-e-o-papel-sabotador-da-esquerda-liberal/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³²⁹ MACHADO, R. **A Esquerda Brasileira e a Falta de Autocrítica Ideológica** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/31/a-esquerda-brasileira-e-a-falta-de-autocritica-ideologica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Ninguém quer mergulhar nas profundezas do pensamento, da moldura mental que rege a esquerda brasileira para questionar os pressupostos mais básicos, os valores mais caros à esquerda.

Até que ponto o discurso sobre “direitos humanos” faz sentido? Em que medida não estaríamos interpretando o ideal de “igualdade” da maneira errada? Qual é, realmente, o papel das minorias e em que medida se pode concentrar nelas o protagonismo político? Por que insistir no individualismo? Não seria necessário rever o papel político da religião e pensá-lo em novos termos?

Nada disso. O pessoal não quer, realmente, renovar a esquerda porque essas pessoas realmente acreditam ter o Graal da ideologia política. Elas se sentem “certas” e “justificadas” e se sentem moralmente superiores e emocionalmente bem por se sentirem certas e justificadas.

O que querem é improvisar alguma gambiarra discursiva para melhorar resultados eleitorais sem questionar os pressupostos ideológicos básicos da esquerda contemporânea.

Neste caso, quando se diz que “a culpa é do identitarismo”, o que se quer dizer é que não se deve mencionar certas coisas no período eleitoral. Não se trata, realmente, de romper com certas concepções pós-modernas de democracia (como a de Laclau) que privilegia o papel das “minorias” contra o “fascismo das majorias”, e sim de se fingir de doido, se dizer cristão, contra o aborto e contra as drogas no período eleitoral. (...) Quem mais teve sucesso nisso foi o Aldo Rebelo, e mesmo assim ainda existem aqueles que, hoje, mesmo com ele tendo boas e respeitadas relações com Jair Bolsonaro, o acusam de “comunista infiltrado”.

Para Machado, portanto, a solução está, paradoxalmente, na construção de uma esquerda “que não seja mais de esquerda”. Buscando posicionar o Nova Resistência como vanguarda em uma revitalização que supere o espectro político contemporâneo, o autor reforça a necessidade de revisão de temáticas ligadas à defesa de minorias e grupos marginalizados e, consonantemente, a valorização de pautas tradicionalistas pela esquerda nacional. Sem surpresas, Machado convoca a esquerda a um programa político extremamente próximo àquele proposto por Aleksandr Dugin e avançado, no Brasil, pelo Nova Resistência:

É necessário, nesse sentido, uma “esquerda” que não seja mais “de esquerda”, composta simplesmente por patriotas preocupados com justiça social e com a redução das desigualdades econômicas, tendo os trabalhadores e os aposentados como sua prioridade, mas que é, também, profundamente católica, sinceramente antiaborto, radicalmente anticrime e que rechace, in totum, toda a parafernália da ideologia “arco-íris”.

Esse movimento segue tendência comum ao empreendimento político do Nova Resistência que, simultaneamente, busca aproximar a esquerda de pautas ligadas à direita e condena a esquerda majoritária como agente motor da consolidação da hegemonia liberal no Brasil. Em outra análise dos resultados eleitorais de 2024³³⁰, Machado vê a esquerda brasileira como agente na “corrosão de identidades tradicionais”. Reinventando a História do Brasil para

³³⁰ MACHADO, R. **A Esquerda Brasileira na Encruzilhada das Reflexões Identitárias | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/18/a-esquerda-brasileira-na-encruzilhada-das-reflexoes-identitarias/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

formular uma identidade nacional orgânica, o Nova Resistência, então, passa a definir seus antagonistas na política brasileira:

Todos os jornalistas que eram os carrascos dos cétricos passaram, nos últimos meses, a se posicionar como “vanguarda” na revelação de “efeitos colaterais” e “ineficiências” de vacinas cuja obrigatoriedade eles consideravam, pouco antes, questão de vida ou morte para o planeta.

É assim, agora, com as pautas do liberalismo pós-moderno. Os seus críticos e opositores foram demonizados, anatemizados e exorcizados. Quem se levantou contra as narrativas e técnicas progressistas foi cancelado e silenciado.

E agora, os mesmos que eram os seus principais defensores, se apresentarão como seus “críticos autorizados”. Onde não havia nenhuma crítica possível, agora haverá a “crítica politicamente correta” do liberalismo pós-moderno.

O problema fundamental da esquerda liberal-progressista não é pensar em termos de identidade e diferença, mas especificamente trabalhar no sentido da corrosão das identidades tradicionais (associadas a um “mal” heteropatriarcal, branco, cristão, etc.) e no fortalecimento de identidades contrapostas e sectárias – indo ao ponto do relativismo identitário, da invenção artificial de identidades, cuja aceleração aponta para a dissolução de todos no Nada.

Machado encontra, novamente, convergência no discurso etnopluralista de direito à diferença, afirmando que a esquerda brasileira atua, assim como o liberalismo hegemônico global, na diluição das identidades tradicionais. Paralelamente, trazendo a visão da organização sobre Fernando Haddad³³¹, no contexto prévio às eleições de 2018, o Nova Resistência compara o então candidato petista ao presidente francês Emmanuel Macron. Para a organização, Macron e Haddad seriam agentes em prol do sistema neoliberal:

Desde o início do calendário eleitoral, o grande perigo era que o establishment encontrasse o seu “Macron” — um candidato neoliberal que desse uma sobrevida ao Sistema com um discurso centrista e democrático, contra os “radicalismos”, e que posasse como último reduto contra “o fascismo”. (...)

E embora possamos afirmar que Alckmin, apesar de seus resultados vexatórios nas pesquisas eleitorais, ainda não seja carta fora do baralho para o establishment (a divulgação da delação de Palocci, na semana que antecede ao primeiro turno, é prova disso), tudo indica que, até segunda ordem, Lula foi mais bem-sucedido na tarefa de produzir uma versão tupiniquim de Macron: Lula apresentou o fantoche Haddad.

Desse modo, o Nova Resistência enxergava, nas eleições de 2018, o Brasil em uma encruzilhada na qual disputavam dois agentes ligados à hegemonia ocidental e liberal. Para a organização, para superar a dicotomia entre Haddad e Bolsonaro, ambos vistos como motores da agenda liberal, era necessária a formação de um quadro forte e radical, em oposição ao centro. Mais uma vez, aparece a lógica que opõe dissenso e conformidade, centro e periferia:

A semana que se inicia será decisiva para consolidar quem vai ser, de fato, o candidato da mídia e, portanto, das oligarquias dominantes. Em outras palavras: qual neoliberalismo a classe dominante comprará: o neoliberalismo preto e branco (Bolsonaro) ou o neoliberalismo colorido (Haddad)? O entreguismo pinochetista

³³¹ **Haddad é o Macron brasileiro | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/10/01/haddad-e-o-macron-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

(Bolsonaro) ou o sub-desenvolvimentismo dependente (Haddad)? O cão raivoso da direita ou o fantoche petista?
Em ambos os casos, o Brasil sai perdendo.
Não queremos fantoche, não queremos nenhum Macron e repudiamos qualquer “centrismo”.
O Brasil precisa de um homem apto a tomar com firmeza as decisões radicais que nos tirarão do fundo do poço.

Seguindo esse movimento, a organização tece duras críticas ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), enxergando como o mais oportunista do Brasil e disputando, com o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), o título de “pior partido do país”³³². Para o Nova Resistência, o PSOL seria indissociável da Rede Globo e avançaria em uma agenda oposta aos valores reais defendidos pelo povo brasileiro:

É necessário já admitir, por exemplo, que a essa altura do campeonato, se tornou impossível dissociar o PSOL da Rede Globo. As pautas são as mesmas, as concepções de mundo são as mesmas. O que há de divergência nos temas econômicos é conciliado em todos os outros temas possíveis e imagináveis.
Não surpreendentemente, o reduto eleitoral psolista no Rio de Janeiro é também o reduto demográfico “global”: a Zona Sul, onde artistas passam seus dias entre passeatas inúteis pela paz ou por alguma outra abstração ou pauta inútil, junto com noitadas regadas a cocaína. (...) Distorcem e forçam uma linha progressista, até fazer com que pessoas comuns passem a se posicionar contra qualquer coisa que o PSOL defenda. Esse é o tipo de partido que, ao invés de tentar atrair a gente do povo, que é cristã, promove “beijaços” na frente de igrejas. Não é surpresa que seus votos se limitem às áreas mais elitistas e alienadas das cidades brasileiras.

Enfim, ao refletir sobre as acusações de assédio sexual que levaram à demissão do então ministro de Lula, Sílvio Almeida, em 2024, Raphael Machado apresenta um amplo panorama de visões críticas à esquerda contemporânea³³³. Para o autor, o caso é reflexo de como “o wokismo devora seus próprios filhos”. Machado entende, portanto, que Almeida foi vítima do próprio sistema que o alçou ao ministério. Em paralelo, o autor enxerga o governo Lula e os cargos de Almeida e Anielle Franco como retratos de sua natureza liberal e ligada aos interesses atlantistas. Denunciando um suposto “mito do racismo estrutural”, que mais uma vez relativiza a desigualdade racial na sociedade brasileira, Machado afirma:

No governo mais ongueiro da história brasileira desatou uma crise sem precedentes, envolvendo o Ministro dos Direitos Humanos, Sílvio Almeida, e a Ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco.
Sílvio Almeida é um notório promotor do mito do “racismo estrutural”, um defensor do transplante da ideia de “luta de classes” para o âmbito racial no Brasil, além de

³³² RESISTÊNCIA, N. **O PSOL é o partido mais oportunista do Brasil** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/03/20/o-psol-e-o-partido-mais-oportunista-do-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³³³ MACHADO, R. **Sílvio Almeida e Anielle Franco: O wokismo devora os próprios filhos**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/09/10/silvio-almeida-e-anielle-franco-o-wokismo-devora-os-proprios-filhos/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

estar alinhado, de forma geral, a todas as pautas cosmopolitas dos direitos humanos, das questões raciais às questões de gênero.

Ainda, Machado acusa Anielle de se aproveitar da morte da irmã para impulsionar sua carreira política que, também, seria pautada na defesa de interesses liberais. O autor observa, ainda, um suposto sequestro do marxismo em direção a pautas raciais e de gênero:

Anielle Franco, por sua vez, é famosa como a “irmã da Marielle” e nada além. Ela construiu uma carreira ongueira em cima da morte da irmã e, na pasta do Ministério da Igualdade Racial, também segue a mesma linha mitológica da “interseccionalidade”, em que a ordem da vez é extrair e expropriar o máximo que se puder da população branca e mestiça brasileira, ao mesmo tempo que se manipula dados raciais para reforçar as suas narrativas e solicitar orçamentos maiores. Ambos ministérios fazem parte da “cota Soros” – aquele conjunto de ministérios do governo Lula cuja composição se deve, em grande medida, à articulação entre ONGs e Fundações internacionais. São também os ministérios favoritos da mídia de massa brasileira.

A seguir, Machado avança na crítica de questões ligadas à violência de gênero e enxerga a “vitimização” como elemento central dos debates que orbitaram o caso envolvendo Anielle Franco e Silvio Almeida. Buscando elementos retóricos típicos da ultradireita brasileira na contemporaneidade, Machado observa os agentes a partir de suas condições raciais e de gênero, enxergando-as como privilégio em questões jurídicas e, sobretudo, no tratamento dos respectivos atores no debate público:

Hoje, no Brasil, não há que se falar em *in dubio pro reo* em casos de alegações femininas de abuso sexual. O homem é culpado até que prove o contrário. Nenhuma das características, status ou ações de Silvio Almeida impediram que o cancelador fosse cancelado. É que o wokismo institucional opera como um jogo de truco. Silvio Almeida é negro, mas é homem (e, aparentemente, homem com alguma testosterona). Já Anielle Franco também é negra, mas é mulher... e com o bônus curricular de ser irmã de uma “mártir” política. Anielle Franco, portanto, está mais alta na pirâmide das vitimizações. Ela, portanto, possui um caráter moral mais elevado conforme a hierarquia social progressista; de modo que em qualquer conflito entre ela e Silvio Almeida, ela tem sempre a razão.

Mais uma vez, Machado acusa a esquerda de se colocar em uma posição de superioridade moral e de promover privilégios, e não apenas direitos, para grupos socialmente marginalizados. Emergido a partir de fóruns ligados ao supremacismo branco, o secretário geral do Nova Resistência busca associar o protagonismo de pessoas negras na política brasileira como parte de uma agenda liberal atlantista. Por outro lado, o “wokismo”, nomenclatura difundida entre círculos de extrema direita para criticar movimentos ligados à igualdade de gênero, seria uma manifestação central do “hipermoralismo” supostamente praticado entre as esquerdas.

O wokismo, como atualização pós-moderna do puritanismo, mas sem ignorar também as influências indiretas do *modus operandi* de algumas experiências socialistas em períodos de esclerose social, tendo à autofagocitação saturniana.

No poder, os wokes eventualmente começam a denunciar uns aos outros e a tentar expurgar uns aos outros. E em se tratado do hipermoralismo progressista, não existe transgressão alguma que possa ser considerada pequena ou perdoável. Tampouco há tempo para investigação ou verificação dos fatos. A menor suspeita do menor dos “desvios” ou “pecados” é motivo suficiente para anátema, opróbio e *damnatio memoriae*.

Observa-se, portanto, que Machado enxerga o caso em questão como a manifestação de cisões dentro da própria esquerda ou, como aponta o autor, do campo “woke”. Nesse contexto, Machado afirma se tratar de uma disputa entre vertentes opostas de um campo que atua na defesa de uma agenda liberal, globalista e “onguista” no Brasil, na qual as acusações contra Almeida seriam parte de uma estratégia de seus antagonistas, especialmente a correntes ligadas à primeira-dama Rosângela Lula da Silva, a Janja:

Ou seja, a guerra civil woke não é apenas por hipermoralismo neurótico, mas também a expressão de uma disputa de interesses entre diferentes setores do onguismo internacional: o de Almeida, mais ligado aos setores acadêmicos, aos intelectuais cosmopolitas e aos porta-vozes midiáticos do sistema; o de Franco e Janja, mais próximo das ONGs do militância de base.

Por fim, Machado finaliza o artigo atacando o movimento feminista e sua suposta “guerra contra os homens”:

De resto, recomendo não se surpreender com o aparecimento repentino de uma dúzia de acusações de assédio na ONG MeToo contra Almeida. Isso é típico da “mentalidade de harpia” das feministas. Não faltam as feministas que, em sua guerra contra os homens, consideram um dever insuflar toda acusação de assédio com mais acusações de assédio, sejam falsas ou verdadeiras.

A partir do exposto, pode-se perceber como, paulatinamente, o Nova Resistência busca condenar ações e discursos da esquerda, denunciando-os como parte de uma agenda internacional globalista e liberal. Em paralelo, nota-se, efetivamente, a aproximação da organização com pautas ligadas a setores da esquerda, sobretudo em questões geopolíticas, a partir do anti-imperialismo, e econômicas, na disputa pelo Trabalhismo.

Nesse contexto, é possível notar que o discurso do Nova Resistência em relação à esquerda nacional é, efetivamente, um de oposição. Buscando superar o espectro político dividido entre esquerdas e direitas, o grupo enxerga a política a partir da lógica que opõe dissidentes e conformados diante da hegemonia liberal e ocidental. Nesse sentido, movimentos feministas, antirracistas e LGBTs seriam agentes conformistas.

Em paralelo, deve-se ressaltar como, nas questões econômicas, o grupo parte do Trabalhismo e busca reinventá-lo a partir da Quarta Teoria Política. Buscando, constantemente,

distanciar o legado varguista da esquerda e reverenciando suas conexões com o fascismo, o Nova Resistência apoia a intervenção do Estado na economia a partir da direita. Ainda, o grupo busca, em consonância a Dugin, reinterpretar o marxismo na busca por elementos escatológicos e tradicionalistas.

Entende-se, portanto, que as aproximações, intelectuais e políticas, do Nova Resistência com a esquerda não são mudam a natureza inexoravelmente neofascista do movimento. Relativizando a desigualdade racial e de gênero e buscando consolidar sua imagem de um povo brasileiro formado organicamente a partir da harmonia racial, a organização disputa espaço com a esquerda a partir do anti-imperialismo e buscando se apropriar do Trabalhismo. O projeto político da organização, porém, é baseado na revitalização da nação contra inimigos externos e com o intuito de restaurar a essência orgânica do povo brasileiro, construída a partir do revisionismo histórico empreendido pela organização. Esse argumento, enfim, ganha potência na observação dos vínculos estabelecidos pelo Nova Resistência com ideias e movimentos de direita.

Por fim, é necessário evidenciar a convergência entre o que defendem o Nova Resistência e setores da esquerda brasileira a respeito da união anti-imperialista do sul global e da América Latina. A defesa desses ideais pelo NR, ao contrário das esquerdas brasileiras, é empreendida a partir da noção de multipolaridade edificada por Aleksandr Dugin. Dessa forma, é necessário analisar como a organização busca avançar sobre a Teoria do Mundo Multipolar de Dugin para propor a civilização ibero-americana como um polo da multipolaridade.

3.3.6 Geopolítica e visão global pelo Nova Resistência

Questões geopolíticas são aspecto central da obra de Aleksandr Dugin e, portanto, do Nova Resistência. Buscando combater o imperialismo estadunidense e avançar na proposição da multipolaridade duginista, a organização brasileira busca construir elementos capazes de posicionar a civilização latino-americana como um polo de um idealizado mundo multipolar. O Brasil, na leitura do grupo, teria posição de liderança nesse polo. Esse movimento converge ao movimento empreendido pelo Nova Resistência de buscar alianças e contatos transnacionais com campos ligados à Quarta Teoria Política. Nesse sentido, a rejeição da hegemonia ocidental

e norte-americana se torna elemento coesivo fundamental na articulação internacional do neofascismo dissidente.

Esses movimentos, por sua vez, são pautados por ferramentas discursivas criadas e reproduzidas pelo Nova Resistência a partir da obra de Aleksandr Dugin. Nesse sentido, a organização propõe leituras geopolíticas variadas, sobre o Brasil e o mundo, para aprofundar sua crítica à hegemonia ocidental e posicionar o Brasil como um polo da multipolaridade a partir da consolidação geopolítica da civilização latino-americana.

A partir disso, destaca-se como a organização, repetidamente, reproduz noções geopolíticas de Aleksandr Dugin que, em alguns casos, são sutilmente revistas para convergir aos interesses políticos e discursivos do Nova Resistência. Essa prática se evidencia quando Raphael Machado reproduz a definição duginista acerca das civilizações de um mundo multipolar³³⁴. No artigo em questão, Machado apresenta os polos da multipolaridade tal qual Dugin, mas faz uma pequena alteração para conferir centralidade ao Brasil no contexto civilizacional da América Latina:

Civilização Ibero-Americana: Com núcleo no Brasil e abarcando da Argentina ao México

Em sequência, Machado finaliza o artigo proclamando a falência do modelo dos Estados Nacionais e propõe o avanço em direção à multipolaridade civilizacional defendida por Dugin:

Para finalizar, logo se vê que estamos muito além do infantilismo de quem enxerga, ao olhar para o mundo, um universo unidimensional, no lugar de um pluriverso de civilizações, culturas e cosmovisões. A humanidade inexiste politicamente. Estamos lidando sempre com seres enraizados e dotados de uma origem, membros de uma civilização, e com o esgotamento do Estado-nação, devemos ampliar nosso horizonte intelectual para pensar em termos mais amplos, mais audaciosos.

A defesa da pluralidade civilizacional em oposição ao que a organização enxerga como uma tendência liberal de assimilação e uniformização cultural é elemento fundamental do duginismo que se origina na intelectualidade da Nova Direita Europeia. Paralelamente, a organização busca definir e avançar sobre princípios globais para a construção da multipolaridade e, sumariamente, de uma frente de oposição aos Estados Unidos e à hegemonia ocidental. Como indica Raphael Machado, em artigo de transcrição de sua fala na Conferência

³³⁴ MACHADO, R. **As civilizações do Mundo Multipolar | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/02/05/as-civilizacoes-do-mundo-multipolar/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Global Multipolar de 2023³³⁵, em Belarus, a multipolaridade é vista como o caminho para a soberania civilizacional e, de várias maneiras, todos os povos devem participar da construção de um mundo multipolar:

A partir de critérios aristotélicos, todos estes medos se enquadram no tipo de objeto apto a ser abordado pela virtude da coragem. Tratam-se de riscos existenciais, que podem levar à destruição de um país; o fim é nobre, já que a multipolaridade é a condição internacional que permite a autorrealização soberana de cada povo em sua civilização; e, mais importante, o perigo é superável. (...)

Para alguns, isso significará simplesmente se recusar a apoiar sanções contra os alvos do cancelamento ocidental, ou votar, na ONU, conforme princípios multipolaristas. Talvez até mesmo algo tão simples como promover o diálogo a nível oficial ou cultural com os países “cancelados” pelos globalistas. O que é fundamental, porém, é compreender o momento, o kairós, e agir de acordo, para que cada um de nossos povos e civilizações participe na construção da multipolaridade.

Amigos de todos os povos do mundo, sejamos ousados.

Retomando as teses para a multipolaridade no Brasil, descritas por Raphael Machado, pode-se perceber como o autor postula a necessidade de aproximação entre o Brasil e o sul global a partir do Meridionalismo de André Martin. Além disso, em analogia ao russo Grupo Wagner, Machado valoriza a construção de grupos paramilitares capazes de apoiar povos aliados do Brasil em uma luta pela multipolaridade. A construção de um mundo multipolar seria, portanto, um mecanismo de preservação cultural diante do avanço homogeneizante do liberalismo ocidental que, por fim, permitiria o florescimento e cultivo da “identidade étnica” de cada povo:

5) Mais uma vez: os BRICS não bastam. No espírito do Meridionalismo do professor André Martin, o Brasil deve incrementar sua projeção ao longo das regiões meridionais do planeta. Do nosso próprio continente à Austrália, passando pela África como um todo. Podemos trabalhar tecnologia, infraestrutura e assim por diante. O Brasil deveria se projetar como mediador de conflitos na África e deveríamos ter o nosso próprio “Grupo Wagner” para apoiar aliados africanos contra grupos terroristas.

6) E se retornarmos à questões de identidade, devemos recordar que nossa Civilização conta com amplas comunidades espanholas, germânicas, italianas, nipônicas, russo-ucranianas, polonesas, entre outras. Assim, devemos fortalecer um diálogo mais incrementado com essas nações também. (...)

8) Contudo, não basta. Porque o Brasil não deve se projetar apenas com base em identidade e interesse, mas também com base em um Ideal de um Mundo Multipolar, pluriversal, como fim em si mesmo. O Brasil deve ter como Ideal ser um espaço planetário no qual todos os povos (mesmo e especialmente os sem Estado) poderão florescer e cultivar sua própria identidade étnica, seu próprio Ser Coletivo, sendo absorvidos e assimilados em nossa Civilização, cujos contornos são imperiais (e, portanto, universais). Devemos apoiar os palestinos, os leste-ucranianos, os patriotas líbios e por aí vai.

Nessa linha, o Brasil deve apoiar todos os países, movimentos e forças (não hostis ao Brasil) que lutam pela multipolaridade e contra o globalismo, porque trata-se aqui de

³³⁵ MACHADO, R. A **Coragem como virtude fundamental na transição para a Multipolaridade** | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/04/30/a-coragem-como-virtude-fundamental-na-transicao-para-a-multipolaridade/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

uma defesa de tudo que é belo, moral, bom, justo e verdadeiro. Um bem comum internacional, por assim dizer.
Brasil em primeiro lugar, mas com uma visão ampla, ousada, multipolar, verdadeiramente dissidente.

Trazendo uma linguagem moralizante na leitura geopolítica acerca da multipolaridade duginista, o discurso de Machado encontra consonância nas leituras do Nova Resistência acerca do separatismo no Brasil e na América Latina³³⁶. Segundo André Luiz dos Reis, a unidade do território brasileiro e a aproximação entre os territórios a sul dos Estados Unidos é premissa fundamental para o combate à influência estadunidense na região:

É a Amazônia que separa as telurocracias sul-americanas da parte mais ao sul da "América Mediterrânea", dificultando a união do subcontinente em uma frente econômica, social e cultural comum que reivindique autonomia do poder ianque. Daí toda a polêmica em torno das políticas brasileiras em torno da Amazônia. Claro que a preocupação das grandes potências, EUA à frente, não está exatamente em preservação ambiental, mas em pirataria econômica e corredores geopolíticos. O único poder relevante que ficaria muito feliz com separatismo, guerras e secessões nas telurocracias sul-americanas é o ianque. Quanto mais divididas estiverem essas regiões meridionais, mais longe estarão da união com a Bacia Amazônica e mais enredados no cerco geopolítico vindo do Norte. Portanto, a quem servem aqueles que colocam pequenos nacionalismos à frente da necessária integração dos grandes Estados da América do Sul? Servem à Besta Loura Calibã, inimiga de nossos povos. São burricos, idiotizados e incapazes de ver um palmo à frente do nariz, lutando para se agrihoarem ainda mais ao Ocidente e matarem de vez qualquer possibilidade de liberdade de suas pátrias. Cegos guiando outros cegos rumo ao abismo. Como são asnos, não percebem que o verdadeiro problema de nossos povos está na subordinação ao Ocidente e, movidos por afetos, desejam gastar energia e vidas perpetuando a calamidade.

Remetendo ao conceito de Telurocracia, amplamente utilizado por Dugin para se referir às "civilizações continentais" em oposição às "civilizações marítimas", Reis postula a necessidade de união da América Latina e os impeditivos causados por agentes ligados ao liberalismo ocidental. A partir desse princípio, o Nova Resistência avança na tentativa de construção, em diálogo com agentes transnacionais, de uma identidade civilizacional latino-americana ou, como indica Raphael Machado, ibero-americana.

Analisando a hierarquia como elemento fundamental do "ser ibero-americano", Machado, dialoga com o filósofo argentino Alberto Buela para postular uma suposta descrença do povo brasileiro na igualdade³³⁷. Segundo o secretário-geral do NR, a defesa da igualdade no Brasil seria obra de suas elites, influenciadas pelos ideais cosmopolitas do liberalismo ocidental.

³³⁶ LUIZ, A. **Geopolítica do Separatismo no Brasil | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/10/15/geopolitica-do-separatismo-no-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³³⁷ MACHADO, R. **Hierarquia e Liderança como elementos fundamentais do Ser ibero-americano | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/05/24/hierarquia-e-lideranca-como-elementos-fundamentais-do-ser-ibero-americano/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Ainda, Machado afirma que resistências do povo brasileiro a ordens superiores não afetariam a predileção dessa sociedade pela hierarquia e, sim, seriam fruto de “preguiça e negligência”:

O povo brasileiro é um povo que, por natureza (o que significa, também, que quando não é “ocidentalizado”), tem um forte senso de hierarquia, inclusive aceitando muito bem o ter que obedecer e seguir. O “igualitarismo” é um fetiche das nossas classes letradas cosmopolitas. O brasileiro não acredita em igualdade. Naturalmente, não é por saber seguir e até mesmo ansiar por um “senhor” que o brasileiro será sempre ou usualmente um “bom servo”, porque o brasileiro também é desobediente. Mas não por achar que não deveria servir, e sim por preguiça ou negligência.

Em sequência, o autor determina a centralidade de líderes carismáticos e autoritários para a civilização ibero-americana. Segundo Machado, a política brasileira e ibero-americana passaria pela reafirmação de líderes messiânicos. A oposição ao autoritarismo, por sua vez, é vista como parte de um processo de ocidentalização que tiraria a essência do povo brasileiro e seus pares ibero-americanos:

Quando se fala no “caudilhismo” como parte da identidade política brasileira e ibero-americana é disso que se está falando. Em determinadas circunstâncias, quando há uma sincronia interior entre uma liderança carismática e uma parte das massas, a obediência, que em outras circunstâncias era preguiçosa e negligente, torna-se obediência fanática, culto sebastianista a um messias político, não raro visto como dotado de poderes alquímicos e taumatúrgicos. Essa sincronia é, às vezes, tão profunda que se torna praticamente ritualística e extática durante os comícios, em que comparecem precisamente aqueles seguidores mais “possuídos”, mais “preenchidos” pela mística carismática do caudilho. O que isso tudo significa é que discursos anarquistas sobre “povo salvando a si mesmo”, ou “não precisamos de líderes, mas de educação”, cairão em ouvidos surdos e só terão ressonância por aqui nas condições em que se opere uma imensa engenharia social que “desnature” o brasileiro por meio de sua ocidentalização.

Por fim, Machado define a busca pela reverência legal a líderes autoritários e messiânicos nos dispositivos legais da Ibero-América. Para o autor, o suposto anseio brasileiro e da civilização ibero-americana por “um líder dotado de poderes milagrosos” deveria ser traduzido, juridicamente, a partir da reimplementação de um poder moderador, em oposição ao prevalente sistema legal liberal:

Institucionalmente, ademais, isso significa que o Brasil precisa de uma reforma que transforme o nosso sistema de um arremedo de “sistema político autorregulatório franco-britânico de pesos e contrapesos”, resgatando o Poder Moderador como encarnação político-jurídica desse anseio brasileiro (e ibero-americano) por um líder dotado de poderes milagrosos. E o “milagre”, no âmbito político-jurídico, consiste precisamente na possibilidade de tomar decisões autônomas supraleais.

Na busca de “milagres” autoritários, Machado avança na retomada de um importante dispositivo antidemocrático da História do Brasil e faz isso posicionando o poder moderador

como anseio do povo brasileiro e parte da cultura nacional. Paralelamente, buscando a união do sul global contra a hegemonia ocidental, o Nova Resistência a necessidade de aproximação entre o Brasil e povos do continente africano³³⁸. Esse movimento justifica-se, também, segundo Raphael Machado, para evitar fluxos migratórios de africanos em direção ao Brasil. Por fim, o autor define a necessidade de retomada de movimentos revolucionários em África, mostrando apoio a golpes de Estado ocorridos nos últimos anos e apresenta uma proposta concreta:

Aqui é necessário retornar ao processo nacional-revolucionário africano. As ondas de levantes patrióticos já tomou Mali, Burkina Faso, Guiné-Conacri e Níger. Todos estes países, que são vizinhos, estão agora aliados e se apoiando mutuamente, na medida de suas parcas possibilidades locais.

Ora, da ponta do Nordeste brasileiro até Conacri, cidade portuária que é capital da República da Guiné, há a distância de 3 mil km, mesma distância que de Natal para São Paulo, por exemplo.

O Brasil poderia e deveria romper os bloqueios e embargos impostos ao Níger, criando uma rota comercial daqui a Conacri, e passando por Bamako e Uagadugu, até chegar a Niamei, capital do Níger. O mais importante seria garantir a chegada de alimentos ao Níger, bem como garantir o escoamento dos produtos nigerenses por Conacri para o Brasil. Poderíamos, inclusive, tentar trabalhar com eles contornando o dólar.

Ainda, o Nova Resistência atesta a centralidade dos BRICS como um primeiro passo na formação de um mundo multipolar. Criticando a postura do governo Lula, iniciado em 2023, diante do bloco, Raphael Machado atesta a importância dos BRICS na construção da multipolaridade ao passo em que critica o petista por suas aproximações com o Ocidente³³⁹. Dessa forma, Machado vê a ausência de Lula na Cúpula do bloco como um aspecto positivo, sendo menor a oposição ao que o autor enxerga como “impulsos vanguardistas” de Rússia e China:

O Presidente Lula não estará na Cúpula dos BRICS em Kazan, em uma desistência que segue um padrão recente de evitar comprometimentos definitivos com a pauta da multipolaridade.

Desde que começou o novo governo Lula, repleto de promessas e esperanças quanto a um possível rumo “multipolar” do Brasil, a nossa política externa tem sido, na verdade, a de um equilibrista numa corda estendida entre dois precipícios. O Brasil tem sido explícito em afirmar que não deseja se afastar do Ocidente e que, ao contrário, quer se aproximar dos EUA e da União Europeia em um projeto cosmopolita multilateralista fundado na democracia liberal e nos direitos humanos. (...)

Nesse sentido, apesar da relutância do Brasil em aceitar as tendências da atual fase geopolítica, não há futuro no Brasil no “equilíbrio”, tampouco no alinhamento com o Ocidente. Apenas o alinhamento com as potências multipolaristas encontraremos o respeito por nossa identidade, maiores possibilidades de transferência tecnológica, e por aí vai.

É por isso que é mais um mal sinal o Brasil não estar plenamente representado na Cúpula dos BRICS em Kazan. Afinal, tudo indica que ali se avançará na pauta da

³³⁸ MACHADO, R. **Brasil e África: uma missão | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/08/11/brasil-e-africa-uma-alianca-civilizacional/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³³⁹ MACHADO, R. **BRICS: Última Esperança para o Brasil | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/21/brics-ultima-esperanca-para-o-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

desdolarização e da busca por sistemas alternativos de pagamento, bem como do aumento das fileiras dos BRICS e da construção de um patamar intermediário entre “membro” e “não-membro”.

Por outro lado, porém, considerando que o Brasil tem tentado desacelerar o acréscimo de novos membros e outras propostas, a menor participação do Brasil, dessa vez, pelo menos atrapalha menos os impulsos mais vanguardistas da Rússia e da China.

Por fim, retomando a noção de “Nova Roma”, conceituada por Darcy Ribeiro, Raphael Machado busca definir princípios geopolíticos para o Brasil e seu estabelecimento como “império regional”³⁴⁰. Nesse movimento, Machado critica o anti-imperialismo de setores da esquerda e avança na defesa da multipolaridade duginista como única alternativa para combater a hegemonia liberal e norte americana:

As notas que se seguem consistem numa espécie de prolegômenos para uma Doutrina das Relações Internacionais de caráter nacionalista, independente e multipolarista. Expressa a visão da Nova Resistência a respeito das possibilidades de realização do Brasil, compreendido como um Império regional (Nova Roma), no mundo atual. Entre governos saindo e entrando, o resultado é a falta de estratégia e planejamento em todas as áreas, a política externa entre elas.

Por isso afirmo: precisamos construir uma estratégia multipolar.

Não se deve cair no erro de buscar reduzir o poder dos EUA em prol do fortalecimento de agências e instituições internacionais ditas “multilaterais” para favorecer o advento de uma ordem mundial apolar, em que as soberanias e vontades nacionais estão diluídas e todos os povos estão integrados em uma mesma civilização global sem fronteiras. Essa, a falsa alternativa defendida por muitos dos anti-americanos e terceiro-mundistas de esquerda, é o xeque-mate da elite mundial contra a causa dos povos. Um Consenso Global, com instituições internacionais ainda mais fortes do que hoje, tornaria quase impossível que qualquer país se rebelasse. Seria pior do que a hegemonia unipolar aberta dos EUA.

No lugar da unipolaridade americana e da apolaridade global, devemos apontar para uma ordem mundial multipolar estruturada no diálogo entre Grandes Espaços continentais-civilizacionais, representados pelos “Impérios” regionais. Esse é o esquema institucional internacional que oferece as melhores chances para que o Brasil consiga autorrealizar suas potencialidades.

Nesse movimento, Machado define o papel do Brasil na multipolaridade como líder da integração ibero-americana, apresentando propostas concretas para a política externa do idealizado império brasileiro de um mundo multipolar. Dessa forma, o autor defende a aproximação entre o Brasil e países que participaram da formação do povo brasileiro. Mais uma vez preconizando a formação de um grupo armado para “defender aliados” e projetando a ocupação dos territórios das guianas, Machado define:

Nesse esquema, o Brasil deve integrar e organizar confederativamente a América do Sul, tornando este um espaço comum defendido militarmente, inclusive com armas nucleares. Isso implica, necessariamente, libertar as Malvinas e Guianas (inclusive

³⁴⁰ MACHADO, R. **Propostas para uma Política Externa independente: rumo à Nova Roma | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/02/28/propostas-para-uma-politica-externa-independente-rumo-a-nova-roma/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

recorrendo ao uso da migração como arma) e romper o cerco de bases militares no Atlântico Sul. Devemos cooperar com o México na reordenação da América Central e Caribe e promover uma estratégia meridionalista de parcerias multivetoriais na África Negra (começando por Angola e Moçambique), Sul Asiático e até mesmo Austrália. Nessas relações, quando necessário, o Brasil deve recorrer a um análogo nacional do Grupo Wagner para combater insurgências em nações aliadas. Nossa herança luso-espanhola e mesmo ítalo-germânica podem também nos abrir as portas para um engajamento ativo em relações produtivas com uma Europa pós-atlantista. Tudo isso deve ser direcionado para projetar um nível de influência, estruturado em rede, que permitirá a longo prazo que a ordem multipolar possa ter, como *primus inter pares*, o Brasil, a Nova Roma Tropical

Diante do exposto, observa-se que o Nova Resistência tem como um dos principais pontos de seu empreendimento intelectual e metapolítico a assimilação e desenvolvimento dos princípios da multipolaridade duginista para os contextos brasileiro e latino-americano. Projetando a formação de um império regional latino-americano em um mundo multipolar, que conferiria papel de liderança ao Brasil, a organização propõe a aproximação entre o Brasil e quaisquer grupos que se oponham à ordem mundial contemporânea.

Nesse sentido, a multipolaridade defendida por Aleksandr Dugin é posicionada como o único meio de superação da hegemonia liberal, ocidental e estadunidense sobre o mundo contemporâneo. Retomando o conceito de Nova Roma e as teorias meridionalistas de André Martin, simbioticamente próximas ao pensamento duginista, o Nova Resistência busca se colocar como vanguarda na formação de uma identidade ibero-americana pautada pelos princípios da Quarta Teoria Política de Dugin.

Trazendo o autoritarismo e a valorização da hierarquia como aspectos característicos da civilização ibero-americana, o Nova Resistência busca, essencialmente, fomentar a construção de um grande espaço latino-americano em oposição aos Estados Unidos e ao imperialismo ocidental. Esse espaço, a partir da definição de Dugin de que cada civilização deveria definir seus modelos políticos a partir de suas tradições, deveria ser governado por líderes carismáticos, organicamente ligados ao povo. O esforço da organização brasileira é fundamental para os avanços internacionais do pensamento duginista e para a assimilação de seus preceitos geopolíticos ao espaço político latino-americano.

A partir disso, torna-se fundamental analisar o eixo central do núcleo teórico do grupo Nova Resistência. Esse eixo se estrutura a partir de tendências oriundas de múltiplas correntes ideológicas de direita e vinculadas a movimentos e atores brasileiros e internacionais. Ancorados na Quarta Teoria Política de Aleksandr Dugin, elementos ideológicos e intelectuais

ligados à direita são apreendidos, assimilados e instrumentalizados pelo Nova Resistência na proposição de seu projeto político.

3.3.7 O Nova Resistência na extrema direita

Analisar as vinculações do Nova Resistência à intelectualidade de direita é um esforço fundamental para a compreensão do projeto político da organização, bem como de seu núcleo teórico. Nesse sentido, deve-se retomar os demais elementos presentes na ideologia do grupo para que se possa entender o caráter neofascista e o posicionamento à extrema direita observados no grupo. Ao reinterpretar e assimilar a Quarta Teoria Política de Aleksandr Dugin para a política brasileira, imerso no contexto de uma rede transnacional ligada ao pensamento duginista e nas dinâmicas sociais criadas pelas novas mídias digitais, o Nova Resistência é um dos frutos de um amplo fenômeno ocorrido no campo neofascista brasileiro.

Criado em 2015, o grupo surge como culminância de um longo processo de disseminação e debate de obras tradicionalistas no Brasil, iniciado no fim da década de 2000. Esse processo, por sua vez, insere-se no fenômeno da segunda onda do neofascismo brasileiro, na qual observa-se uma expansão nos horizontes e na inserção de novas correntes intelectuais no campo neofascista, em movimento convergente à difusão de novas tecnologias de comunicação que criou novos contornos para a esfera política global.

A partir disso, emergiram inúmeros espaços virtuais dedicados à discussão de diversas correntes do pensamento político de direita e, posteriormente, algumas dessas redes de contato culminaram na formação de organizações, sobretudo grupusculares, ligadas a uma miríade de campos intelectuais. Observa-se, portanto, que o neofascismo brasileiro passa, nas últimas décadas, por um movimento que leva à disseminação de novas correntes ideológicas e na formação de grupos políticos estruturados a partir da dinâmica grupuscular prevalente na extrema direita contemporânea.

O Nova Resistência surge, portanto, a partir das ações empreendidas por atores ligados a esse processo. Raphael Machado, que teve seu processo formativo iniciado em fóruns dedicados ao supremacismo branco e ao separatismo do sul do Brasil, tornou-se figura essencial do grupo e participou ativamente de sua fundação e da construção de sua hegemonia em relação à proposição da Quarta Teoria Política no Brasil. A partir de contatos com o grupo internacional

New Resistance, o Nova Resistência surge como uma célula da organização duginista, acompanhando grupos em países como Estados Unidos, Reino Unido e Itália.

Posteriormente rompendo com o NR global, o NR brasileiro torna-se hegemônico no avanço da Quarta Teoria Política no Brasil, absorvendo inúmeros grupos à estrutura da organização e superando disputas intelectuais com outros polos de discussão do pensamento duginista no contexto brasileiro. Empreendendo um amplo trabalho metapolítico e intelectual, que é transmitido por sua página oficial, o Nova Resistência se posiciona dentro do campo neofascista que, por sua vez, é cada vez mais clivado diante de questões geopolíticas. Nesse sentido, o grupo busca se colocar como um movimento dissidente e superar a dicotomia entre esquerda e direita em favor da dualidade que divide dissidentes e conformados. Dessa forma, postulando o dissenso como postura fundamental diante da ordem mundial contemporânea, o Nova Resistência incorpora o pensamento de Aleksandr Dugin e estrutura um antiliberalismo que se traduz na integral oposição à noção duginista de Modernidade Ocidental.

Para isso, o grupo se apropria e reinterpreta diversas correntes intelectuais para propor um projeto político da Quarta Teoria Política para o Brasil, uma Quarta Teoria Política à brasileira. Esse movimento segue princípios estipulados por Dugin a respeito da necessidade de formulação de propostas políticas baseadas na QTP que correspondam aos valores de cada civilização, na busca por um mundo multipolar. O Nova Resistência, portanto, baseia-se no pensamento de Aleksandr Dugin para avançar na construção política, intelectual e discursiva de um grupo que se opõe à hegemonia liberal e ocidental sobre o mundo contemporâneo na defesa da construção de um grande espaço para a civilização ibero-americana, um dos previstos polos da multipolaridade duginista.

Nesse movimento, o grupo segue um aspecto fundamental do neofascismo ao empreender um amplo esforço de revisionismo histórico na busca da construção de uma identidade brasileira pautada por princípios quartopolitistas. Esse esforço, continuamente, relativiza a violência colonial, mas valoriza o que enxerga como uma violência mítica, que teria formado o povo brasileiro a partir da união contra invasores externos associados à Modernidade Ocidental. Reconhecendo a diversidade cultural do Brasil a partir da noção de império, amplamente prevalente na obra de Dugin, o grupo propõe um projeto que contempla o caráter heterogêneo da sociedade brasileira, mas postula sua união sob um Estado civilizacional baseado nos valores da cultura brasileira e, sobretudo, da civilização ibero-americana. Esses valores transmitem, para a organização, a necessidade de um Estado autoritário.

Concomitantemente, o Nova Resistência constrói uma cosmovisão, assim como Dugin, essencialmente tradicionalista, enxergando profundo declínio espiritual na contemporaneidade. Nesse processo, o grupo empreende análises de elementos da cultura brasileira sob o prisma do Tradicionalismo e da dicotomia entre dissenso e conformidade. Paralelamente, o Nova Resistência reinterpreta o Trabalhismo como uma corrente política autóctone capaz de ser assimilada à Quarta Teoria Política. Nesse movimento, a organização revisa e valoriza as inspirações fascistas de Vargas e, continuamente, busca romper as tendências que vinculam o Trabalhismo às esquerdas na política brasileira contemporânea.

Por fim, o grupo dialoga com correntes teóricas de esquerda e, assim como Dugin, critica o caráter iluminista de seus preceitos. Nesse movimento, o grupo disputa espaço com a esquerda nacional ao trazer respostas, através da Quarta Teoria Política, para questões usualmente debatidas pelas esquerdas brasileiras, em um esforço de parasitismo ideológico. Por fim, a organização condena o que enxerga como a liberalização da esquerda nacional e a suposta inserção de uma agenda ocidental, ou conformista, nos projetos políticos dos movimentos que a compõem.

A partir disso, torna-se possível analisar a forma como o Nova Resistência constrói uma proposta política e um núcleo teórico essencialmente neofascista e, portanto, de extrema direita. Os vínculos da organização às tendências do neofascismo e aos pressupostos estruturados pela Nova Direita Europeia são, assim como no pensamento de Aleksandr Dugin, fundamentais para o funcionamento discursivo da organização.

Nesse sentido, destaca-se a centralidade do nacionalismo para o Nova Resistência, que constrói a defesa radical do Brasil, sobretudo, diante do avanço do liberalismo ocidental. Nesse sentido, a organização, baseada em uma visão mítica da sociedade brasileira, tem o nacionalismo como um de seus mais importantes preceitos. Não sendo exclusividade das direitas, o pensamento nacionalista é aspecto essencial do núcleo místico do fascismo, descrito por Roger Griffin, a partir da noção de ultranacionalismo. Nesse sentido, a radicalidade belicosa apresentada pelo Nova Resistência na defesa da pátria converge a outro elemento fundamental, dessa vez do neofascismo nas análises de Nigel Copsey: a desterritorialização, que desvincula o ultranacionalismo dos limites dos próprios Estados-Nacionais.

Esse processo é fundamental para o Nova Resistência que posiciona o nacionalismo brasileiro como elemento fundamental na luta contra a modernidade ocidental e, ao mesmo tempo, defende a formação geopolítica de um grande espaço para a civilização ibero-americana.

Dessa forma, o ultranacionalismo promovido pela organização avança sobre as fronteiras do Estado-Nacional brasileiro ao propor a construção de um império multicultural, autoritário e centrado no Brasil para a América Latina.

Esse processo é evidenciado em análise de Frensel Lobo, publicada no site do NR, a respeito do nacionalismo defendido pela organização³⁴¹. Observando cinco vertentes na busca pela construção de um “Nacionalismo Revolucionário verdadeiramente orgânico, comunitarista e popular”, Lobo observa o nacionalismo do Nova Resistência como superior a variações do pensamento nacionalista. Para o autor, deve-se construir um “grande nacionalismo” frente os avanços do globalismo:

Muito se fala em nacionalismo hoje em dia, mas é verdade que o termo “nacionalismo” oculta uma certa polissemia – há nacionalismos burgueses, nacional-comunismos, nacionalismos desenvolvimentistas puramente materialistas, nacionalismos de terceira via, fascismos e patrioteirismos chauvinistas rancorosos, bem como há um Grande Nacionalismo, verdadeiramente orgânico e popular. É esse Grande Nacionalismo que almejamos. Esse macro-nacionalismo, estrela guia da Quarta Teoria Política, que de fato define o que chamamos de “nacionalismo revolucionário”, é fundamentalmente integrador e marcado por uma síntese entre as formas válidas e justas de nacionalismo e orgulho identitário. Ele vive naquele ponto místico em que Teoria e Praxis – Idealismo e Pragmatismo – se encontram. Minha tarefa neste pequeno artigo será desenvolver um pequeno panorama de um aspecto essencial desse “grande nacionalismo” que se opõe tanto ao globalismo liberal quanto ao pequeno nacionalismo ressentido e insofista.

Avançando na busca por uma clivagem entre correntes e aspectos dos nacionalismos que se vinculem, respectivamente, às noções de dissenso e conformidade, Lobo busca construir um nacionalismo brasileiro assimilado à Quarta Teoria Política. Analisando o que enxerga como cinco tipos de nacionalismo, o autor assimila, ao mesmo tempo, uma identidade brasileira e ibero-americana a ser defendida diante da hegemonia liberal ocidental:

Falo da conexão sagrada, justa, e natural entre os vários níveis de nacionalismo. Examinemos esse aspecto do nacionalismo revolucionário tendo em mente a nossa realidade, como brasileiros e ibero-americanos. Há 5 níveis organicamente interconectados de nacionalismo – um está ligado à Civilização (continentalismo da Pátria Grande Ibero-Americana), um ao Brasil (patriotismo estatal brasileiro), um à Identidade (identitarismo etnocultural), outro à Região (regionalismo estadual), e por fim, ao Município (municipalismo). Todos esses níveis são indispensáveis para um nacionalismo verdadeiramente revolucionário, nobre, grandioso, justo e comunitário.

Seguindo o movimento do grupo de posicionar a América Latina como espaço social formado a partir da união mítica entre europeus e indígenas, Lobo observa a “pátria grande latino-americana” como herdeira da síntese entre o “Cavaleiro Católico” e o “Índio

³⁴¹ LOBO, F. **Rumo a um Nacionalismo Revolucionário verdadeiramente orgânico, comunitarista e popular | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/06/18/rumo-a-um-nacionalismo-revolucionario-verdadeiramente-organico-comunitarista-e-popular/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Americano”. Dessa forma, o autor elenca o que entende como elementos e valores próprios da civilização latino-americana, tal qual a valorização da hierarquia, que seriam opostos àqueles importados na hegemonização do liberalismo ocidental. Por fim, Lobo postula a união imperial da América Latina:

1º – Continentalismo: pela Integração Nacionalista e Soberana da Civilização Ibero-Americana

O Brasil é parte de um grande continente, de um grande espaço mais amplo. Nós partilhamos com nossos “hermanos” uma longa história e profundas raízes étnicas, culturais e religiosas. O que nos assemelha, acima de tudo, é sermos herdeiros de uma civilização que surgiu da síntese entre o Europeu Ibérico (espanhois e portugueses) e o Indígena Americano – uma simbiose entre o ideal do Cavaleiro Católico e do Índio Americano. Temos em comum uma profunda influência católica na nossa cultura, uma nobre tendência ao caudilhismo, uma relação peculiar com o tempo (que para nós é maturação), relação essa que nos distingue absolutamente dos ingleses com seu “time is money” utilitarista e dos franceses modernos com seu “laissez faire” liberal. Acima de tudo, uma visão hierárquica do mundo e uma bendita preferência por nós mesmos – manifestada no Brasil na Batalha de Guararapes, na expulsão do invasor francês e holandês.

Mais além do aspecto idealista e identitário de pertencermos a uma mesma civilização, nós também temos inimigos em comum e a integração nos interessa mesmo se tivermos em mente apenas motivos puramente pragmáticos. Uma América Ibérica coordenada resolveria em questão de minutos a questão das Malvinas, de Esequibo, das Guianas e da tentativa de ocupação da nossa Amazônia. Separados somos fracos, unidos somos invencíveis.

Evidentemente, a integração continental deve se realizar em termos com os quais todos os países, e seus povos, possam concordar, de forma livre e unânime, em um espírito de fraternidade e de solidariedade civilizacional.

Rumo ao Império Crioulo e Caboclo. Rumo à Nova Roma.

A América Latina deve ser o centro de seu próprio Império.

A seguir, abordando um “nacionalismo estatal brasileiro”, Lobo retoma a busca pela soberania do Brasil frente o liberalismo e, nesse momento, traz traço fundamental da ideologia do Nova Resistência ao elencar a defesa do direito à diferença frente ao que entende como uma tendência de uniformização cultural pelo globalismo. Além disso, o autor aponta a fragmentação da América espanhola como um processo ligado à interferência do liberalismo ocidental e, ainda, volta a reconhecer a diversidade étnica e cultural do Brasil e da América Latina:

2º – Patriotismo Estatal Brasileiro: o Brasil há de ser uma Nova Roma, e um verdadeiro escudo de todos os povos e etnias do Brasil

Já comentamos sobre o que nos faz semelhante aos nossos irmãos do continente. Agora lembremos do diferencial que nos define – nosso tronco ibérico, como grande exceção do continente, é português em vez de espanhol. Mais além, nosso país se manteve inteiro e em dimensões continentais, diferentemente de nossos vizinhos que se fragmentaram em vários pequenos países graças às artimanhas do inimigo anglossaxão. Quicá por conta de nosso tamanho imenso, guardamos também dentro de nossos territórios uma diversidade incomparavelmente enorme de culturas, etnias, e identidades regionais – vaqueiros, caboclos, sertanejos, caipiras, gaúchos, ítalo-brasileiros, brasileiros germânicos, ribeirinhos e bandeirantes.

Isso nos leva a uma conclusão bastante justa – precisamos, primeiramente, defender o fortalecimento e libertação do Brasil rumo à sua Soberania REAL e efetiva, pois essa joia luso-indígena é nossa e não queremos viver em um mundo em que “nós” sejamos dissolvidos no inferno cosmopolita do Fim da História. E para além disso, olhando do ponto de vista das várias identidades regionais, étnicas e culturais do nosso país, o fortalecimento do Brasil é absolutamente necessário para impedir que essa enorme riqueza cultural não seja nem escravizada pelos intentos do imperialismo anglo-americano, nem dissolvida no rolo compressor do globalismo. Lutemos por uma Pátria de Trabalhadores Livres, um Brasil capaz de fazer o inimigo ao Norte tremer.

Posicionando o Brasil ideal como “escudo” dos povos e etnias do Brasil, Lobo avança sobre os princípios etnopluralistas, concebidos pela Nova Direita Europeia, para postular a defesa de determinados aspectos étnicos e culturais frente a uma suposta tendência homogeneizante da agenda ocidental. Esse movimento, na NDE, surge diante da necessidade de reformulação dos preceitos racistas propostos pelos movimentos fascistas do entreguerras. Pelo Nova Resistência, o discurso etnopluralista é empreendido na defesa da diversidade étnica e cultural do Brasil e da América Latina.

Nesse sentido, a defesa da originalidade de um povo brasileiro multifacetado e organicamente formado a partir da união mítica entre indígenas e portugueses é a culminância, no discurso político, do movimento de revisionismo histórico empreendido pela organização. Se as análises do NR sobre a História do Brasil relativizam a violência colonial, a defesa do direito à diferença do povo orgânico brasileiro frente à Modernidade Ocidental é ferramenta na omissão diante das contradições raciais prevalentes no Brasil contemporâneo.

Em sequência, Lobo avança na defesa da pluralidade cultural e étnica do Brasil, questionando movimentos que buscaram a unificação das identidades étnico-culturais a partir do que entende como “Identitarismo Etnocultural” e “Regionalismo Estadual”. Em dissonância a outros setores da extrema direita brasileira, o Nova Resistência reconhece a diversidade do Brasil no âmbito cultural, mas assume a necessidade de unificação política. Esse movimento segue o pensamento duguinista, que prevê a forma política de império como possibilidade de consolidação de um Estado, ao mesmo tempo, culturalmente diverso e politicamente centralizado. Em paralelo, o Municipalismo é visto como aspecto essencial do nacionalismo do Nova Resistência a partir da defesa revolucionária da família e da comunidade local em oposição ao liberalismo ocidental:

Todo homem é parte de algum agrupamento étnico, comunitário ou cultural. Esse senso de pertencimento precisa ser revitalizado, pois é o primeiro passo rumo à formação de um sentimento nacionalista orgânico e autêntico.

A possibilidade de participação em uma comunidade etnocultural enraizada é fundamental para a autocompreensão do homem e, assim, para torná-lo um cidadão funcional, capaz de reproduzir e aprofundar as características, habilidades, perspectivas, saberes e costumes de seus ancestrais. Defendemos a possibilidade de auto-organização autônoma de todo e qualquer grupo étnico, cultural ou etnocultural do Brasil, nos espaços geográficos nos quais estejam enraizados, sejam eles municipais, submunicipais ou supramunicipais, de forma a fazer vigorar, nestes espaços, a sua cosmovisão e as suas tradições. Acreditamos que aí reside a raiz da mais alta liberdade comunitária possível. Neste quesito, não deve haver duplicidades ou hipocrisia. O que deve valer para caiapós ou quilombolas deve valer para germânicos, ítalo-brasileiros ou açorianos, sem exceções de qualquer tipo.

Como nota, lembremo-nos que muitos “nacionalismos” do passado tentaram nivelar as culturas e identidades locais em prol de uma identidade central única, mas o grande resultado foi o desenraizamento e o fortalecimento do discurso separatista.

4º – Regionalismo Estadual

Para todos os efeitos, se por um lado temos uma grande semelhança que interliga todas as regiões de nosso país – a síntese do ibérico com o índio – temos, no entanto, a nível regional, elementos diferenciais fortes que não podem ser ignorados.

Em algumas regiões do Brasil há mais herança africana, em outras menos. Algumas regiões são mais lusitanas, outras são mais fortemente indígenas. Uma tem como figura central o bandeirante, outras o gaúcho.

Não deixemos que haja contradição entre o Regionalismo e o Nacionalismo. Amemos nossas regiões, pois elas são um pequeno reflexo parcial do Todo que é o Brasil.

5º – Municipalismo

Assim como a menor unidade social é a Família, a menor unidade política é o Município. O Município é onde a maioria das pessoas realizam todas as suas interações comunitárias: é o centro geográfico da vida cotidiana. Deste modo, Municipalismo é a elevação do Municípios ao estatuto de atores socialmente relevantes na política nacional. O Município, no entanto, não deve se sobrepor à Pátria, assim como as Pessoas não devem se sobrepor à Comunidade. A relação entre todos estes atores deve ser de interação, obedecendo um certo grau de hierarquia.

É preciso pensar na importância da subsidiariedade. Os municípios devem ter autonomia para resolverem localmente os problemas locais. É preciso que o militante nacional-revolucionário seja também um zelador de sua comunidade local – toda forma de revitalização do espírito comunitário em nossos municípios é uma pequena vitória para nossa causa e um pequeno golpe na serpente liberal-globalista.

Fica claro, portanto, o caráter radical do nacionalismo defendido pelo Nova Resistência. Abarcando inúmeras noções desterritorializadas de defesa da comunidade nacional, sobretudo frente aos avanços do que enxerga como inimigos externos, o Nova Resistência constitui um ultranacionalismo desterritorializado que contempla, ao mesmo tempo, a busca pela unidade política da América Latina, a defesa da soberania nacional e o reconhecimento das dinâmicas regionais do Brasil. Em outro artigo, analisando ator antagônico ao NR no universo da ultradireita nacional, o então presidente Jair Bolsonaro, Raphael Machado apresenta outro aspecto fundamental do fascismo> a palingenesia.

Recorrente em Dugin, demais ideólogos ligados ao pensamento tradicionalista e amplos setores da extrema direita contemporânea, a palingenesia se define a partir da percepção de um diagnóstico de declínio da comunidade nacional e da prerrogativa de ação revolucionária como

meio de reverter a degeneração. Esse movimento é evidenciado quando Raphael Machado evoca a imagem dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse para se referir à Nova República brasileira, em geral, e ao governo Bolsonaro, em específico, no contexto da pandemia de COVID-19. Citando o Livro das Revelações o autor apresenta visão de profundo declínio sobre a sociedade brasileira na contemporaneidade:

Ainda que haja grandes controvérsias e divergências sobre a correta interpretação teológica dessas passagens da Bíblia, na cultura popular do Ocidente, tornou-se tradicional e consensual que esses versículos fazem referência aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse — figuras terríveis que emergem conforme o Cordeiro de Deus abre os quatro primeiros Selos, e que simbolizam, na ordem de seu aparecimento: pestilência, guerra, fome e morte.

Essas figuras tem sido popularmente e tradicionalmente interpretadas como símbolos ou mesmo como propriamente responsáveis por cataclismos e catástrofes que demarcariam o fim dos tempos.

Independentemente da afiliação religiosa, os símbolos presentes nessa narrativa podem ser mobilizados como ferramentas arquetípicas úteis para a interpretação da situação crítica em que se encontra o Brasil e a Sexta República instaurada com o fim do Regime Militar.

Observando uma profunda noção, por vezes escatológica, de declínio no mundo contemporâneo, o Nova Resistência segue pressupostos duginistas ao identificar, integralmente, o processo de degradação ao avanço do liberalismo ocidental. Em suas teses sobre a civilização ocidental, Raphael Machado aponta que³⁴²:

(3) Nesse sentido, a civilização ocidental é como uma doença que se espalha pelo mundo, afetando, em maior ou em menor grau, os povos. (...)

(7) Hoje, aquilo que chamamos de civilização ocidental é o arranjo geopolítico-cultural que exerce hegemonia sobre o planeta. O mundo é unipolar, ainda que essa unipolaridade não seja estável. Para aqueles que defendem o iluminismo, a modernidade, o materialismo, o liberalismo, essa situação (geopolítica) é positiva e deve ser estabilizada e perpetuada até alcançarmos o Fim da História (conforme o ideal de Francis Fukuyama)

Paralelamente, Augusto Fleck, clamando por um reencontro do Brasil com o que entende ser a verdadeira essência nacional³⁴³, aponta a Modernidade como aspecto fundamental de declínio e postula a necessidade de uma busca espiritual pela sua superação. Partindo de uma cosmovisão tradicionalista, o autor aponta um “risco existencial” que deve ser corrido na busca pelo reencontro com os “eixos culturais orgânicos” que estariam dissolvidos na Modernidade

³⁴² MACHADO, R. **13 teses sobre a “civilização ocidental” | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/18/13-teses-sobre-a-civilizacao-ocidental/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³⁴³ FLECK, A. F. **O exercício de nós mesmos | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/02/13/o-exercicio-de-nos-mesmos/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Ocidental.

Já fazemos parte deste mundo moderno, amplo, global. A questão é COMO vamos vivê-lo, melhor, enfrentá-lo. Só há uma maneira espiritualmente autêntica de fazê-lo, milhares de inautênticas. A tensão entre a impossibilidade de uma afirmação isolada em si — pois o contato com o mundo está dado e precisa ser corretamente abordado, as alianças e batalhas corretamente firmadas e fronteiras estabelecidas — e a não contaminação é muito alta. É o risco existencial que corremos, que precisamos correr. Não há outro caminho. A aposta é, como sempre frisamos, total.

Ainda, Augusto Fleck, propondo a defesa de uma “ontologia mestiça contra o ocidente”, apresenta uma visão de castração do potencial civilizacional do Brasil a partir de suas influências ocidentais. Referenciando o filósofo argentino Alberto Buela, o autor alerta para o que enxerga como iminente colapso do Brasil a partir de sua aproximação ao Ocidente. Para Fleck, a luta contra o Ocidente, na América Latina, deve ser travada a partir da busca por elementos étnico-culturais:

A relação brasileira com o Ocidente não é nova, é parte de um complexo de sabotagem interna e externa que mantém o Brasil, há séculos, um simulacro do que poderia e deveria ser. O Brasil “se sente” ocidental porque se faz um esforço danado nessa direção. O resultado é o colapso que se avizinha. É primordial que qualquer projeto cultural para salvar o Brasil tenha como cerne os elementos adequados para uma perspectiva soberana, e estes elementos se encontram na gênese da pátria como povo, o processo de desbravamento e povoação do território, a formação étnica pela miscigenação, o crioulo evocado por Alberto Buela, cristalizado nos arquétipos regionais do território ibero-americano.

Diante do exposto, pode-se perceber que, a partir de um ultranacionalismo desterritorializado, o Nova Resistência se apresenta como agente na busca por um movimento revolucionário capaz de reerguer, palingenesicamente, o Brasil e a América Latina diante dos avanços da modernidade ocidental. Nesse sentido, criando uma noção orgânica de um povo mestiço formado a partir da união mítica entre indígenas e europeus, o grupo postula a necessidade de defesa da Tradição e da cultura brasileira frente ao que entende como as ameaças homogeneizantes do liberalismo ocidental. Assimilando uma cosmovisão tradicionalista ao etnopluralismo, o Nova Resistência tem, na base de seu projeto político, elementos de extrema direita que mobilizam o núcleo místico do fascismo e segue os preceitos avançados pelo neofascismo.

Em paralelo, a organização promove, continuamente, leituras a respeito de personagens ligados a movimentos locais e internacionais de direita. Avaliando suas ações a partir da dicotomia entre dissenso e conformidade, o grupo busca posicionar diversos atores como parte de uma agenda ocidental ou de uma resistência dissidente. Nesse movimento, é constante a

valorização de determinados atores políticos ligados à ultradireita contemporânea, vistos como pares na luta contra o liberalismo e pela Tradição.

Ainda assim, nem todos os campos da ultradireita atual são reverenciados pelo Nova Resistência. Esse movimento se apresenta de maneira única quando André Luiz dos Reis busca reavaliar as aproximações entre Jair Bolsonaro e o fascismo histórico³⁴⁴. Para Reis, Bolsonaro é um agente liberal comprometido com o avanço da Modernidade ocidental. O fascismo, por sua vez, está recheado de elementos que convergem ao projeto político defendido pelo grupo Nova Resistência:

O principal elemento do fascismo é determinado tipo de nacionalismo, que podemos chamar de ultranacionalismo. É a ideia de que a identidade fundamental de qualquer pessoa se dá pelo pertencimento a uma sociedade nacional de traços homogêneos e orgânicos ao mesmo tempo. Essa identidade nacional se encontra num patamar superior a qualquer outro vínculo ou associação da pessoa, seja de caráter religioso, classista, individual, regional etc. Essas demais 'identidades' inexistem quando comparadas à nação.

Não importa se essa sociedade nacional tem natureza racial ou étnico-cultural: ela nivela e legitima tudo no fascismo. Todas as instituições, mesmo as tradicionais, tem de se subordinar a essa identidade básica. Isso confunde muitos analistas, que pensam existir alguma contradição entre o discurso fascista de apego à tradição e um certo desprezo por instituições que são "tradicionais" na ótica do conservadorismo. Mas não há contradição nenhuma desde que se tenha atenção ao horizonte do fascismo, focado na continuidade e perenidade desse substrato nacional.

Ligado a esse elemento fundamental há o juízo fascista de que a nação se encontra decaída ou degenerada por diversos fatores. Ela precisaria ser recuperada, ou antes, purificada e regenerada em toda sua potência. O fascismo se afirma na percepção da ruptura entre o momento atual da nação e aquilo que ela verdadeiramente é.

Diversas outras características e posicionamentos do fascismo decorrem desse núcleo que descrevi. É antiliberal, pois o indivíduo não existe diante da nação, é uma ilusão atomizante que fragiliza o corpo nacional. É anti-marxista porque sua concepção organicista relativiza a luta de classes, principalmente aquela encarada em um contexto internacionalista e meramente materialista. É anticapitalista porque a liberdade dos fatores de produção, o lucro etc. tem de se subordinar aos interesses da nação.

Existem outros aspectos do fascismo a serem abordados — valores marciais, a visão sobre o território, a figura do Líder etc. —, mas o que citei aqui já é suficiente para demonstrar que Bolsonaro não tem nada de fascista. Um discurso que aposta na legitimação de pastores ou sacerdotes, ou então que afirma dependência do Exército ou outras instituições de ordem tradicional não é de forma alguma fascista. Um discurso que apela para o individualismo, seja na esfera dos direitos ou da economia, não tem nada que ver com o fascismo.

Assim, Reis distancia o Bolsonaro do fascismo, ressaltando os aspectos liberais defendidos pelo então presidente, que é visto como um agente em prol do avanço da agenda ocidental moderna. O fascismo, por sua vez, seria marcado pela subordinação de todos os

³⁴⁴ REIS, A. L. D. **A Natureza Política do Fascismo**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/07/20/a-natureza-politica-do-fascismo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

elementos da nação sob o interesse nacional na busca de sua purificação e regeneração. Ainda que os vínculos do bolsonarismo com grupos e ideias neofascistas tenha amplo alcance em estudos acadêmicos, é interessante notar como o autor busca distanciar o fascismo de Bolsonaro, que é visto como agente diametralmente antagônico ao que defende o Nova Resistência.

Em paralelo, em artigo assinado pelo Nova Resistência, o grupo debate as aproximações e distanciamentos entre Bolsonaro e Enéas Carneiro³⁴⁵, ex deputado federal que paulatinamente vem sendo reapropriado como símbolo pela ultradireita brasileira. Segundo o NR, porém, as referências de Bolsonaro a Enéas não representariam uma continuidade entre as duas figuras. Ressaltando o antiliberalismo de Carneiro e o liberalismo de Jair, a organização compara a aproximação de Bolsonaro a Enéas, pela direita, aos vínculos estabelecidos entre Lula e Getúlio Vargas, pela esquerda:

Em comum, os dois só possuem certo conservadorismo, que em Enéas está cientificamente e culturalmente bem embasado, enquanto que em Bolsonaro não passa de um aglomerado de chavões superficiais. Excetuando isso, não há absolutamente mais nada em comum entre os dois. E não obstante, Jair Bolsonaro resolveu assumir a postura de “herdeiro” de Enéas. Isso é tão hipócrita, falacioso e vergonhoso quanto Lula assumindo a postura de herdeiro de Getúlio Vargas. Nos dois casos, trata-se de uma grande farsa, uma farsa que só serve para enganar os idiotas ou afagar a consciência culpada dos “fariseus” que zombaram de Enéas ao longo de sua carreira política.

Sendo ambos símbolos da ultradireita brasileira após a redemocratização, Bolsonaro e Enéas, de diferentes formas, tornaram-se figuras e símbolos importantes para a extrema direita, em geral, e o campo neofascista, em particular, a partir de suas respectivas capacidades de mobilização. Apesar disso, deve-se destacar que Carneiro emerge em um momento marcado pelo fenômeno da “direita envergonhada”, ao passo em que Jair Bolsonaro surge como culminância de um amplo processo de fortalecimento e reorganização da ultradireita brasileira.

O Nova Resistência avança, também, em análises a respeito de fenômenos e atores políticos vinculados à ultradireita fora do Brasil. Para o grupo, a ascensão de movimentos identificados com a direita radical é reflexo de uma resposta contra a conformidade diante da hegemonia liberal. Buscando dissociar a imagem de Bolsonaro de outros atores da ultradireita

³⁴⁵ **Bolsonaro é a ANTÍTESE de Enéas.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/09/12/bolsonaro-e-a-antitese-de-eneas/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

internacional a partir de supostas diferenças a respeito de suas posturas diante do liberalismo ocidental. Esse movimento é evidenciado em artigo assinado pelo Nova Resistência³⁴⁶:

Daí a comparação de Bolsonaro com a Frente Nacional francesa, com o governo húngaro ou até mesmo o paralelo com eleição de Trump — três movimentos com diferenças capitais, mas que são jogados no mesmo saco do “nacional-populismo”. O que define esses movimentos no Hemisfério Norte, porém, seria basicamente a oposição que fazem ao comopolitismo e ao neoliberalismo que impulsionam a globalização financeira e a expansão das identidades pós-modernas. Ora, Bolsonaro não se adéqua nem mesmo a essa sacola do “nacional populismo”, ampla o suficiente para abarcar projetos com divergências cruciais. Embora represente uma reação parcial da população brasileira às identidades do cosmopolitismo ocidental — parcial porque fica na superfície mais tosca da real submissão do país à indústria cultural de massas, bombardeada desde os centros do capitalismo internacional —, Bolsonaro tem a intenção explícita de vincular o país aos fluxos da globalização financeira.

Buscando o conceito de “nacional populismo” para se referir à direita radical, o grupo reconhece Bolsonaro como reação ao que enxergam como cosmopolitismo ocidental, mas busca associar os atores europeus à mais ampla luta dissidente. É importante ressaltar que, como é amplamente documentado academicamente, as efetivas distinções entre diferentes atores da direita radical, sobretudo oriundas do contexto nacional em que se inserem e de suas respectivas posições na Divisão Internacional do Trabalho, Bolsonaro, Le Pen, Orbán, Trump e diversos outros personagens políticos são frutos e componentes do fenômeno de ascensão da ultradireita, em geral, e da direita radical, em específico.

Os marcadores de distinção empreendidos pelo Nova Resistência em relação a Bolsonaro e, mais substancialmente, a uma múltipla e reformulada ultradireita brasileira, historicamente subserviente aos interesses norte-americanos, justificam-se pelo movimento de busca por espaço construído pela organização. Buscando invadir o espaço das esquerdas e, ao mesmo tempo, disputando discursos e propostas com a multifacetada ultradireita brasileira, o Nova Resistência se coloca como antagonista de Bolsonaro, princípio fundamental de virtualmente toda a esquerda nacional desde 2018. Da mesma forma, o grupo reverencia atores estrangeiros da direita radical, buscando disputar a ultradireita brasileira com setores ultraliberais.

Enfim, ao analisar a vitória eleitoral de Donald Trump nas eleições de 2024³⁴⁷, Raphael Machado vê o presidente dos Estados Unidos em uma encruzilhada entre o dissenso e a

³⁴⁶ **Bolsonaro não tem nada a ver com os populistas europeus.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/10/12/bolsonaro-nao-tem-nada-a-ver-com-os-populistas-europeus/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

³⁴⁷ **MACHADO, R. O Triunfo de Trump e o Futuro do Mundo.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/11/06/o-triunfo-de-trump-e-o-futuro-do-mundo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

conformidade. Para o grupo, o triunfo do republicano apresenta um contexto de clivagem entre o caminho da oposição ao globalismo e a permanência da hegemonia ocidental moderna sobre o mundo contemporâneo. Ainda assim, em geral, a organização vê como positiva a vitória de Trump sobre Biden, enxergado como um dos mais fiéis retratos da agenda cosmopolita do liberalismo ocidental:

Trump representa a hipótese de um futuro de Estados-Civilizações plenamente autônomos e em choque no plano internacional, com o resultado dependendo apenas das correlações de forças, dos acordos entre líderes, dos sistemas de alianças – não mais de “tribunais”, “assembleias” ou o que seja.

Naturalmente, ele pode ser apenas um interlúdio, uma pausa no caminho de degeneração dos EUA. Spengler enxerga o cesarismo típico de civilizações decadentes não com “otimismo”, mas entendendo que na maioria dos casos o César é apenas um soluço antes da continuação do deslize rumo ao abismo. Nesse sentido, se Trump for incapaz de realmente expurgar o establishment dos EUA e empreender uma profunda revolução cultural, ele será, de fato, tão somente um soluço. Poderemos perceber melhor tudo isso a partir do momento em que ele escolher o seu time, especialmente para comandar o Departamento de Estado.

Por fim, observa-se que o grupo avança na proposição de discursos comuns a outros setores da ultradireita nacional, especialmente no que se refere a pautas conservadoras. Para o Nova Resistência, a defesa da família tradicional se apresenta como imperativo na valorização do que entendem como princípios estruturantes da civilização ibero-americana. Em paralelo, a organização segue sua contraposição da Teoria Crítica Racial e da tese do racismo estrutural à medida em que busca consolidar uma visão orgânica da sociedade brasileira e sua identidade nacional.

Dessa forma, a crítica à tese do racismo estrutural e a constante relativização das contradições raciais e do racismo prevalentes na sociedade brasileira são característica marcante da ideologia do Nova Resistência. Para o grupo, seguindo proposições estabelecidas por Aleksandr Dugin, a luta contra o racismo, na contemporaneidade, estaria ancorada na agenda do cosmopolitismo ocidental e buscaria, sumariamente, dividir e fragmentar os povos. A partir disso, o Nova Resistência retoma um comum movimento da ultradireita brasileira ao buscar uma noção de racismo reverso em sua oposição ao antirracismo e à Teoria Crítica Racial³⁴⁸. No artigo “No Brasil, o racismo é crime (mas não se a vítima for branca)”, Raphael Machado critica o ordenamento jurídico brasileiro e aponta que os brancos estão desprotegidos ao sofrerem casos de racismo a partir da disseminação da ideia de racismo estrutural:

Mais dano ainda foi causado pela influência da “teoria crítica da raça”, uma corrente extremista de estudos raciais de orientação progressista e pós-moderna, que advoga a

³⁴⁸ MACHADO, R. **No Brasil, o racismo é crime (mas não se a vítima for branca)**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/05/09/no-brasil-o-racismo-e-crime-mas-nao-se-a-vitima-for-branca/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

tese de um “racismo estrutural”. Ou seja, mesmo onde não há racismo em um sentido objetivo, ou seja, a hierarquização, a subjugação, a ofensa, a inferiorização praticada por uma pessoa ou grupo, contra outra pessoa ou grupo, o racismo ainda está presente desde que aquela sociedade tenha sido construída, ainda que no passado remoto, pela dominação de uma raça por outra e essa dominação ainda tenha repercussões nas mãos diversas áreas.

Essa tese do racismo estrutural é qualquer coisa, menos científica. Ela não pode ter sua existência impugnada empiricamente, porque se apoia em uma petição de princípios. Desde que tenha havido conquista, dominação, exploração e/ou escravidão de um grupo étnico-racial por outro como parte da construção das instituições em priscas eras, qualquer diferença social verificável hoje pode ser atribuída ao “racismo estrutural”. E não é que o racismo possa, também, se verificar dessa forma difusa, psicologizante e mística. A posição militante dos adeptos da “teoria racial crítica” é que SÓ nas condições do “racismo estrutural” se pode falar em racismo e ele é SEMPRE unívoco, sempre praticado pelos herdeiros “privilegiados” desse período de dominação de séculos atrás (sim, entre os herdeiros “privilegiados” devem ser incluídos, para a “teoria racial crítica”, mendigos brancos) contra as suas vítimas históricas.

A posição militante dos adeptos da “teoria racial crítica” é que SÓ nas condições do “racismo estrutural” se pode falar em racismo.

Introdução extremamente longa, mas necessária, para chegarmos ao ponto que queríamos apresentar: se tomarmos a definição clássica e consagrada de racismo, ainda vigente na maior parte do mundo, e resgatá-la para fazermos uma leitura sobre como se administra a justiça em questões raciais no Brasil hoje, a única conclusão que podemos tirar é que há racismos e “racismos”. Condutas racistas, discriminação, desumanização, hierarquização, inferiorização, demonização, que sempre foram facilmente identificadas e juridicamente punidas de forma isonômica, hoje podem se ver isentas de punição caso a vítima seja branca.

Ainda que reconheça, ao contrário de amplos setores da ultradireita brasileira, a prevalência de tensões raciais na sociedade brasileira, Machado avança na vinculação da luta antirracista ao “Grande Capital” e à agenda liberal de desintegração dos povos. Para o autor, os movimentos contra o racismo na contemporaneidade brasileira seriam, em geral, pautados por interesses dos atores que avançam a hegemonia ocidental moderna:

Agora, sabendo do que se trata todo esse antirracismo racista e quem o financia, o que leva bilionários, entre banqueiros, financistas, industriais e burgueses-boêmios a investir em programas e ONGs de “luta por direitos sociais”? Será puro altruísmo? Seriam os bilionários “marxistas culturais”? Ou será que eles sabem que essas e outras pautas caras ao progressismo pós-moderno de esquerda promovem a desintegração do tecido social, tornando os homens presas mais fáceis do turbocapitalismo, do consumismo e de todos os tipos de projetos de engenharia social do Grande Capital?

Paralelamente, o Nova Resistência associa a família, de maneira transcendente, ao povo, retomando a noção orgânica construída pela organização a respeito da formação da sociedade brasileira. Defendendo a “família tradicional” a partir de uma visão heteronormativa, o grupo avança na proposição da família como passo fundamental no processo formativo do cidadão ideal, revolucionário, nacionalista e vinculado à imagem do guerreiro³⁴⁹:

³⁴⁹ **Não há Nacionalismo sem Defesa da Família Tradicional!** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/05/15/nao-ha-nacionalismo-sem-defesa-da-familia-tradicional/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Baseada na geração, consecução e preservação, a família é o eixo existencial de qualquer civilização. Seu modelo tradicional, conforme deve ser o observado, compõe em si uma representação de um ideal superior, transcendente, que orienta o destino do povo desde seu interior.

Se é preciso olhar para algum conceito prioritário para entender e avaliar uma ideologia, é seu compromisso com a preservação da unidade familiar e da família como símbolo de todo o tecido social. E aqui enfatizamos a família tradicional, que em qualquer sentido concreto e relevante do termo só pode ser o que veio a ser entendido como família estendida ou extensa. Ou seja, a rede de relações familiares orbitando um centro constituído por um patriarca e/ou uma matriarca e que une, geralmente, vários casais e sua descendência, bem como ramos colaterais, etc.

Nela reconhecemos a primeira escola, que fornece todas as primeiras ferramentas éticas e culturais capazes de tornar cada novo homem um possível camarada, ávido por desenvolver suas aptidões pessoais, contribuir para o bem de sua comunidade, proteger as suas raízes culturais e, caso necessário, até sacrificar sua vida em defesa dos seus entes queridos, de seu povo e seu país.

Nesse movimento, a organização, também, vincula a defesa da unidade familiar também como prerrogativa na defesa dos trabalhadores, se alinhando a agendas da esquerda com um olhar pautado pela extrema direita, em geral, e pelo pensamento duginista, em particular. Isso se torna claro na reverência do grupo ao dia da família, artigo no qual a organização vincula a valorização da família à noção de socialismo (nacional) defendido pelo Nova Resistência:

A família é a base, tanto do socialismo, quanto da pátria. E esta é uma verdade insofismável para nós, por causa de nossas raízes enquanto comunidade de povos, nossa história e onde nos situamos no mundo. Tudo que almeje desintegrar a família é algo tendente a destruir a pátria e, na medida em que nos dissolve em indivíduos, enfraquece as bases de qualquer senso de justiça social e bem comum.

A defesa, como aponta o grupo, “tanto do socialismo, como da pátria”, apresenta o cerne do núcleo místico da organização, já apontado por Ramiro Valdez e estruturado a partir da noção de socialismo patriótico. Buscando combater o liberalismo, político, econômico e cultural, na proposição de civilizações imperiais compostas por povos orgânica e miticamente construídos, o Nova Resistência edifica o projeto de um socialismo patriótico que, morfologicamente, aproxima-se e marca distinção de uma já conhecida ideologia, o nacional-socialismo.

A partir disso, pode-se reconhecer como o Nova Resistência apresenta um projeto político efetivamente neofascista, pautado na busca pela reconstrução do povo brasileiro na proposição de um império ibero-americano, centrado no Brasil e pautado pelo que o grupo enxerga como princípios históricos compartilhados. Esse movimento é corroborado por um amplo empreendimento de revisionismo histórico, a partir do qual a organização avança na construção de uma identidade brasileira miticamente formada na união entre indígenas e portugueses.

Fruto de um amplo processo de ascensão da ultradireita brasileira, em geral, e de formação da segunda onda do campo neofascista nacional, em específico, o Nova Resistência empreende a busca pela superação da distinção entre esquerda e direita a partir da dicotomia que opõe dissenso e conformidade. A partir disso, pautando seu olhar diante de leituras a respeito do avanço da hegemonia liberal e do conceito duginista de modernidade ocidental, o grupo efetivamente disputa espaço entre setores da esquerda e da ultradireita no Brasil. Seguindo uma estratégia de parasitismo ideológico, a organização se posiciona como antagônica aos setores ultraliberais da ultradireita brasileira, aproximando-se da esquerda, e avança uma agenda tradicionalista, nacionalista e revolucionária como resposta a questões geralmente debatidas à esquerda.

A partir disso, o grupo assume posição central e hegemônica no campo da dissidência tradicionalista, setor da ultradireita brasileira que se ancora no pensamento de Aleksandr Dugin e na Quarta Teoria Política. Dessa forma, o Nova Resistência se apresenta como culminância do processo de formação de um campo dissidente no neofascismo brasileiro, pautado na oposição tradicionalista e revolucionária ao liberalismo e ao Ocidente. A partir da noção de dissenso, o Nova Resistência constrói um polo metapolítico de difusão do pensamento duginista e, ao mesmo tempo, consolida um papel de hegemonia dentro do neofascismo dissidente no Brasil.

CONCLUSÃO

Diante da ascensão da extrema-direita na contemporaneidade e do fortalecimento do neofascismo no Brasil, este trabalho tem como objetivo principal analisar as formas pelas quais a Quarta Teoria Política, formulada pelo russo Aleksandr Dugin, foi articulada, instrumentalizada e assimilada à realidade brasileira pelo grupo Nova Resistência. Imerso no fluxo transnacional do duginismo e visto como um dos mais importantes disseminadores da QTP, o grupo é hegemônico na apropriação do pensamento de Aleksandr Dugin no Brasil e se insere no amplo mosaico grupuscular que compõe a extrema direita brasileira.

A partir disso, o objetivo da pesquisa torna-se compreender como a doutrina proposta por Aleksandr Dugin foi traduzida para a realidade brasileira na construção do projeto político do Nova Resistência. Tornando-se dominante nos debates e movimentos relacionados à Quarta

Teoria Política no Brasil, o grupo vincula preceitos duginistas a correntes intelectuais autóctones para edificar um projeto revolucionário para o Brasil.

A análise dos movimentos intelectuais empreendidos por Aleksandr Dugin e pelo Nova Resistência se justificam a partir da crescente relevância de ideias, discursos e práticas vinculadas à extrema direita na política brasileira e internacional. Ainda, observa-se importantes lacunas na historiografia a respeito do processo de reformulação da Quarta Teoria Política para sua viabilização na realidade brasileira. Estudar Dugin e o Nova Resistência é analisar, portanto, a formação de uma nova vertente na extrema direita brasileira. Essa vertente, encontrando espaço em determinados setores da política majoritária e propondo alternativas revolucionárias (ou reacionárias) para o Brasil a partir do pensamento duginista, pode estruturar importantes desafios para a democracia no país, particularmente se tratando de um momento paradigmático de ascensão da ultradireita brasileira.

Nesse esforço de pesquisa, foram articulados conceitos políticos fundamentais para o entendimento do pensamento de Aleksandr Dugin e, portanto, do grupo Nova Resistência. Combinando preceitos fundamentais do (neo)fascismo com as noções de dissenso e multipolaridade, o duginismo concebe novos caminhos para um extremismo essencialmente antiliberal e oposto à Modernidade construída no Ocidente. Desse modo, a Quarta Teoria Política emerge como uma tentativa de síntese do antiliberalismo para a proposição de um projeto político revolucionário para *dissidentes* que, em diversos campos do espectro político e partindo de múltiplos preceitos intelectuais e filosóficos, condenam a hegemonia liberal sobre o mundo contemporâneo.

Para a consolidação do trabalho, demonstra-se a trajetória intelectual de Aleksandr Dugin que, simbiótica ao colapso do comunismo no leste europeu, consolida-se em espaço favorável à formação de ideologias ultranacionalistas e antiliberais. Também, a pesquisa busca apresentar o núcleo teórico do pensamento de Dugin a partir da análise de obras do autor, permitindo uma compreensão profunda do que efetivamente é proposto na Quarta Teoria Política. Por fim, o estudo tem como objetivo central compreender como o grupo brasileiro Nova Resistência fez uso da QTP para avançar um projeto revolucionário tradicionalista, anti-imperialista e neofascista para o Brasil.

Componente de um amplo movimento de estudo e análise acadêmica a respeito da ultradireita no Brasil, este trabalho se coloca como uma, dentre várias tentativas de

compreensão do fenômeno de fortalecimento de ideias ligadas à extrema direita na contemporaneidade. Nesse contexto, a formulação da ideia de *neofascismo dissidente*, criada para caracterizar a vertente da extrema direita brasileira que é dominada pelo NR, é apresentada como uma das mais importantes contribuições da pesquisa na tentativa de compreensão analítica da ultradireita brasileira.

A partir disso, pode-se observar que o estudo buscou, inicialmente, analisar a trajetória intelectual de Aleksandr Dugin, preenchendo uma importante lacuna nos estudos acadêmicos a respeito da Quarta Teoria Política no Brasil. Além disso, a análise em questão é fundamental para a compreensão do contexto no qual Dugin concebe os aspectos fundacionais de sua obra. No contexto da *perestroika*, o intelectual deixou de compor grupos esotéricos clandestinos, comuns nos anos finais da URSS, para se colocar como um importante intérprete da realidade russa e internacional. Partindo de uma cosmovisão tradicionalista, Dugin tornou-se figura importante em determinados setores da política russa dos anos 1990.

Em um contexto de efervescência nacionalista em todo o leste europeu, a partir do colapso dos regimes comunistas, Dugin foi articulador intelectual importante na construção da oposição à candidatura e, posteriormente, ao governo do ultraliberal Boris Yeltsin. Imerso em um contexto extremamente favorável à formação de uma ultradireita *rubro-parda*, que avança no ultranacionalismo a partir dos escombros do comunismo, Dugin participa da formação do Partido Nacional Bolchevique buscando, constantemente, associar o legado soviético à mobilização de ideais ultranacionalistas e antiliberais.

Sintetizando preceitos do Tradicionalismo Integral, sobretudo a partir do pensamento de Julius Evola, à geopolítica da Rússia pós-soviética, Dugin concebe um diagnóstico de declínio sobre a sociedade contemporânea e, então, passa a propor alternativas políticas para a superação do processo de degradação. Nesse movimento, também, o autor se consolida como ponte entre o espaço pós-soviético e as ideias da Nova Direita Europeia que, desde meados dos anos 1960, avançava na proposição de novos métodos e princípios ideológicos para a extrema direita.

Observa-se, portanto, um processo de formação tardia do neofascismo no leste europeu, em comparação a seus pares da Europa ocidental, que é marcado pela combinação do colapso do comunismo e avanço de agendas ultraliberais. Dugin emerge como um importante

intelectual e articulador ideológico para o espaço russo, ao mesmo tempo em que passa a ver suas obras encontrando espaço em determinados setores da ultradireita ocidental por meio dos contatos com a NDE. O autor, portanto, coloca-se como figura central do neofascismo rubro-pardo que se consolidava na Rússia e em toda a Europa oriental.

Passando de um anticomunismo esotérico, nos anos finais da URSS, para o Nacional-Bolchevismo, nos primeiros anos de liberalismo na Rússia, Dugin busca, paulatinamente, alternativas políticas para o que entende como um amplo processo de degradação gerado pelo advento de perspectivas liberais no espaço russo pós-soviético. Em um esforço intelectual pautado pela *palingenesia*, Dugin passa a condenar o liberalismo como mecanismo de supressão da essência cultural russa e dos povos eurásianos para, então, buscar meios revolucionários e reacionários que coloquem a Rússia, e o mundo, no caminho da Tradição.

A partir disso, o autor concebe os princípios fundamentais de sua obra. O Neo-Eurásianismo, um dos primeiros conceitos edificadas por Dugin, ainda nos anos 1990, surge como alternativa tradicionalista ao liberalismo na Rússia, conferindo centralidade à dominação política russa sobre o espaço eurásiano. Paralelamente, a Multipolaridade emerge como mecanismo de oposição à hegemonia unipolar do liberalismo na contemporaneidade, propondo a organização global em *grandes espaços* pautados por suas próprias tradições *civilizacionais*. Por fim, a Quarta Teoria Política, já no fim da década de 2000, é construída a partir da busca por uma síntese ideológica da oposição ao liberalismo e à hegemonia ocidental.

Desse modo, Dugin apresenta a QTP como uma proposta de superação do que o autor enxerga como as três grandes teorias políticas da modernidade, respectivamente liberalismo, comunismo e fascismo. Opondo-se, diametralmente, ao liberalismo, buscando determinados elementos do comunismo e mobilizando o núcleo mítico do fascismo, Dugin formula a Quarta Teoria Política como uma ferramenta para sustentar a oposição revolucionária ao Ocidente e o liberalismo. Buscando uma Revolução Conservadora contra a Modernidade Ocidental, conceito definitivo de Dugin para a antítese do que busca a QTP, Dugin tenta trazer tons tradicionalistas e escatológicos ao marxismo, avançando sobre um dos principais propósitos da Quarta Teoria Política: a superação da dicotomia entre esquerda e direita.

Nesse movimento, Dugin propõe a superação do espectro político convencional em favor de uma clivagem que divide a política contemporânea entre *dissidentes* e conformados.

Para Dugin, independente de esquerdas ou direitas, o que importa é o posicionamento dos autores políticos em relação à hegemonia ocidental e, portanto, essa postura é compreendida a partir da divisão entre dissenso e conformidade. Buscando a noção de *dissenso*, construída pelo filósofo argentino e de extrema direita Alberto Buela, Dugin postula a centralidade da negação do liberalismo e da modernidade para o projeto político da QTP.

Nesse movimento, Dugin concebe a busca pela construção de “múltiplas Quartas Teorias Políticas” que, formadas a partir dos valores de suas respectivas realidades regionais, nacionais ou, mais precisamente, civilizacionais, poderiam ser instrumentalizadas na busca dissidente pela superação do liberalismo unipolar. Em sua teoria da multipolaridade, portanto, Dugin propõe a divisão do mundo em *Grandes Espaços*, retomando as noções do geopolítico alemão Carl Schmitt, nos quais cada *civilização* organizaria o Estado a partir de seus valores tradicionais.

Para o caso russo, a partir do Neo-Eurasianismo, Dugin valoriza a forma política de império, capaz de advogar pelo domínio político do povo russo sobre a integralidade do espaço eurasiático e, ao mesmo tempo, garantir a autonomia cultural dos povos componentes do império. Pautado pelo Etnopluralismo, Dugin defende a valorização das características étnicas e culturais dos povos em oposição à suposta tendência homogeneizante da globalização contemporânea. Esse movimento, também, reflete importantes características do neofascismo. Construindo um ultranacionalismo que supera as fronteiras nacionais russas ao avançar sobre o espaço eurasiático, Dugin formula empreendimentos de revisionismo histórico para justificar sua proposta Neo-Eurasianista e, por fim, sustenta sua difusão e circulação a partir de meios metapolíticos.

Esse ultranacionalismo desterritorializado, ainda, é formulado como resposta ao que Dugin enxerga como um processo de degradação cultural e espiritual da humanidade a partir do advento da Modernidade. Sendo, portanto, uma alternativa palingenésica, o pensamento duginista mobiliza o núcleo teórico do fascismo a partir de mecanismos neofascistas de atuação política e intelectual. Por fim, ao deixar a Quarta Teoria Política como um projeto aberto, a ser reinventado nas realidades nacionais em que for inserido, Dugin abre espaço para a formulação intelectual de propostas baseadas na QTP em correlação à realidade política em que se apresentam.

É nesse movimento, instrumentalizando as ferramentas fornecidas pela Quarta Teoria Política, que o Nova Resistência avança, no Brasil, na formulação de um núcleo ideológico pautado pelo pensamento duginista para propor um projeto revolucionário para o Brasil. Emergido em um momento de efervescência da ultradireita brasileira, o NR traz contornos específicos à obra de Aleksandr Dugin ao assimilá-la à realidade do Brasil.

Formado a partir da culminância de um amplo movimento de formação de novos espaços digitais de sociabilidade e debate na extrema direita brasileira, no seio da consolidação de uma segunda onda do neofascismo no país, o Nova Resistência busca, em Dugin, os principais instrumentos teóricos de seu núcleo ideológico. Desse modo, o grupo é fruto de um processo simbiótico ao que fortalece e dá novos contornos à extrema direita ultraliberal do Brasil, mas segue um caminho de atuação distinto ao buscar os preceitos antiliberais da Quarta Teoria Política.

Sendo assim, o Nova Resistência é formado a partir dos debates empreendidos na comunidade *Olavo de Carvalho do B*, no Orkut, que levam à construção de espaços *offline*, como os Encontros Nacionais Evolianos e a fundação da Editora Austral. Desse modo, o grupo emerge após anos de discussões a respeito do Tradicionalismo, especialmente aquele defendido por Aleksandr Dugin, em meios digitais e presenciais.

Buscando criar, de acordo com preceitos estabelecidos pelo próprio Dugin, uma Quarta Teoria Política à brasileira, a organização avança em um esforço de interpretação e reinvenção do trabalhismo para formula-lo como uma corrente simbiótica ao que é defendido pela QTP. Em paralelo, a organização busca superar a dicotomia entre esquerda e direita para propor uma clivagem política baseada na oposição entre *dissidentes* e conformados. Instrumentalizando esse mecanismo para interpretar a realidade brasileira, a organização se aproxima de agentes políticos, à esquerda e à direita, que podem ser encaixados na lógica do dissenso.

Da mesma forma, o Nova Resistência avança na defesa de um ultranacionalismo que preserve as particularidades culturais do Brasil e observa a formação histórica do país a partir de uma perspectiva orgânica, que relativiza as contradições raciais e econômicas da sociedade brasileira. Empreendendo esse esforço a partir de movimentos revisionistas sobre a História do Brasil, o NR, ainda, propõe a formação de um *grande espaço* ibero-americano, liderado pelo

Brasil, como meio de preservação das culturas da região diante dos avanços da globalização ocidental.

Entendendo a cultura da América Latina a partir da valorização da hierarquia e de regimes autoritários, o grupo promove a desterritorialização de seu ultranacionalismo como meio de inserção de seus princípios no projeto duginista da multipolaridade. Com forte atuação metapolítica em meios digitais, o NR se coloca como antagônico a setores majoritários da ultradireita brasileira ao se opor ao imperialismo norte-americano e à influência ocidental sobre o Brasil e a América Latina.

Desse modo, o Nova Resistência busca se aproximar de determinados setores da esquerda brasileira a partir de uma agenda anti-imperialista comum. Apesar disso, a chave do anti-imperialismo do NR é pautada na defesa do *direito à diferença* dos povos diante da tendência homogeneizante que enxergam na globalização, ao contrário da esquerda brasileira, que propõe o combate à influência do norte global no Brasil e na América Latina, sobretudo, a partir de leituras econômicas. A aproximação parasitária do NR às retóricas do anti-imperialismo e do Sul Global é, portanto, um dos seus principais instrumentos ideológicos para disputar espaço no contexto político brasileiro.

Baseando seu projeto político em uma leitura que enxerga profundo declínio cultural no Brasil contemporâneo, em movimento simbiótico ao Tradicionalismo duginista, o NR busca construir um movimento revolucionário palingenésico para o Brasil a partir da combinação da Quarta Teoria Política com elementos ideológicos autóctones, sobretudo o Trabalhismo.

Assumindo papel importante na rede transnacional do duginismo e tendo sua atuação reverenciada pelo próprio Dugin, o Nova Resistência se apresenta como agente capaz de avançar na disseminação da Quarta Teoria Política no Brasil. Tornando-se hegemônico no campo dissidente, o grupo tem sua atuação pautada pela metapolítica, construindo esforços digitais e *offline* na busca pelo fortalecimento do pensamento duginista no Brasil e pela consolidação de seu projeto político neofascista.

A partir da atuação do Nova Resistência, observa-se a formação de uma vertente particular da extrema-direita brasileira, que se aproxima da esquerda, assume posição antagônica, em relação ao liberalismo, diante dos setores majoritários da ultradireita do país e,

substancialmente, mobiliza um ultranacionalismo desterritorializado e palingenésico, que se pauta na metapolítica para construir uma noção orgânica da formação do povo brasileiro, em um movimento de revisionismo histórico.

O Nova Resistência, portanto, ao mobilizar o núcleo ideológico do fascismo e os mecanismos de atuação política e intelectual do neofascismo, posiciona-se como componente da extrema direita brasileira e, mais especificamente, do campo neofascista. Ainda assim, as diferenças notáveis entre o que é defendido pela organização, em contraponto à maioria da ultradireita nacional, apresentam uma demanda acadêmica importante de conceituação do neofascismo rubro-pardo no Brasil.

Essa demanda foi trabalhada em diversos estudos a respeito do NR e do pensamento duginista no país, levando à criação das noções de “dissidência tradicionalista” e “campo tradicionalista evoliano”. Apesar das profícuas contribuições dos termos elencados para o entendimento do pensamento duginista e da atuação do Nova Resistência, deles escapa a principal característica da corrente: sua natureza neofascista.

Desse modo, a noção de *neofascismo dissidente* é proposta como ferramenta para analisar o fenômeno da extrema-direita rubro-parda no Brasil. Com o Nova Resistência sendo hegemônico nessa vertente, observa-se que a mobilização do núcleo ideológico do fascismo, a partir de meios de atuação neofascistas, são o elemento central das ideias defendidas pela organização. Observando a centralidade do Tradicionalismo para conferir um diagnóstico de degradação sobre a sociedade contemporânea em Dugin e no Nova Resistência, percebe-se que essa leitura é mobilizada para a proposição de um projeto político revolucionário, que parte de um ultranacionalismo desterritorializado. O Tradicionalismo, portanto, é componente essencial da palingenesia articulada pelo duginismo. É a partir da combinação de ideias tradicionalistas com um ideal revolucionário palingenésico que o Nova Resistência articula seu projeto político. Portanto, o (neo)fascismo, e não o Tradicionalismo, é sua característica ideológica fundamental.

Paralelamente, o grupo articula sua atuação a partir da noção de *dissenso*, formulada pelo filósofo argentino Alberto Buela. Desse modo, a organização se distancia de outros setores do neofascismo ao basear seu projeto político a partir da oposição, dissidente, ao liberalismo, à modernidade, ao ocidente e à globalização. Buscando transcender o espectro político

convencional, o NR e o duginismo buscam formar uma frente dissidente na luta contra a modernidade ocidental. Essa luta, por sua vez, é articulada através de meios neofascistas.

A noção de *neofascismo dissidente*, enfim, é colocada como alternativa capaz de designar o fenômeno da extrema direita rubro-parda no Brasil, vertente sobre a qual o Nova Resistência assume posição hegemônica. Pode ser possível estender o conceito proposto para além do Brasil, mas esse processo carece de profunda investigação a respeito da natureza neofascista e da possível centralidade da ideia de dissenso em grupos duginistas no estrangeiro. Fato é que, em suma, entende-se que abordar a vertente da extrema direita brasileira, dominada pelo Nova Resistência, como *neofascismo dissidente* permite que se evidencie as duas principais características da ideologia da organização: o neofascismo e a lógica de dissenso diante da ordem internacional contemporânea.

Por fim, ressalta-se a forma como essa pesquisa foi estruturada a partir do objetivo de contribuir no entendimento do fenômeno de fortalecimento da ultradireita na contemporaneidade, globalmente e no Brasil. O pensamento de Aleksandr Dugin, portanto, emerge como ferramenta fundamental para determinados campos do neofascismo e, no Brasil, sua circulação é consolidada a partir da atuação do grupo Nova Resistência.

Pôde-se, enfim, contribuir com o detalhamento da trajetória intelectual de Aleksandr Dugin, bem como dos elementos teóricos que sustentam a proposta da Quarta Teoria Política. Concomitantemente, foi possível destrinchar a formação e atuação do grupo Nova Resistência e, significativamente, a construção de seu núcleo teórico a partir do pensamento de Aleksandr Dugin. Por fim, foi proposta a noção de *neofascismo dissidente* como categoria capaz de abarcar o fenômeno da extrema direita rubro-parda no Brasil.

A pesquisa, enfim, apresenta limites que decorrem tanto da especificidade do objeto quanto da própria natureza dos movimentos neofascistas contemporâneos. O Nova Resistência é um grupo que opera sob uma lógica de opacidade deliberada: seus canais se reorganizam constantemente, conteúdos são deletados ou migrados, perfis são multiplicados e a circulação discursiva se dá em ambientes digitais fragmentados, fluidos e, muitas vezes, efêmeros. Esse caráter mutável dificulta a reconstituição integral de trajetórias, debates internos e estratégias organizativas, restringindo a análise a materiais públicos que o próprio grupo escolhe tornar visíveis. Assim, parte da historicidade do NR, especialmente no que se refere a processos de

formação doutrinária e disputas ideológicas internas, permanece inacessível ao escopo de fontes delimitado nessa pesquisa.

Há ainda limitações que decorrem do caráter transnacional do fenômeno estudado. A circulação das ideias de Aleksandr Dugin, e em particular da Quarta Teoria Política, não ocorre apenas em espaços abertos, mas se dá por meio de redes informais, contatos pessoais, comunidades digitais fechadas e circuitos intelectuais de difícil rastreamento. Ainda que haja evidências de contatos, convergências discursivas e afinidades políticas entre o Nova Resistência e diferentes atores internacionais, a opacidade dessas conexões impede avaliar com precisão a profundidade, a extensão e a institucionalidade desses vínculos. O resultado é uma compreensão necessariamente parcial das redes que sustentam e influenciam a recepção brasileira do duginismo.

Por fim, é preciso reconhecer os limites inerentes ao estudo de um fenômeno marcadamente contemporâneo e profundamente volátil. Tanto o duginismo, quanto o próprio Nova Resistência são objetos em constante transformação, que respondem imediatamente a conjunturas nacionais e internacionais, a disputas internas da extrema-direita, a inflexões geopolíticas e ao ritmo acelerado da política digital. Isso significa que qualquer análise realizada a partir de um recorte temporal definido captura apenas um momento de processos em permanente mutação. A ausência de entrevistas formais com integrantes do grupo, deliberada tanto por questões éticas quanto pela possibilidade de manipulação informacional por parte de movimentos extremistas, também representa um limite, pois impede acessar dimensões práticas e organizativas que ultrapassam o nível discursivo. Ainda assim, tais restrições não invalidam os resultados alcançados, mas situam a pesquisa dentro de um escopo metodológico específico, centrado na análise das manifestações doutrinárias e metapolíticas do *neofascismo dissidente* no Brasil.

Paralelamente, a pesquisa abre possibilidades importantes para investigações futuras, sobretudo uma vez que o fenômeno analisado se insere em um cenário político em constante transformação. A atuação do Nova Resistência, analisada aqui a partir de sua doutrina e de suas práticas metapolíticas, permanece em evolução, deslocando-se entre plataformas, ampliando redes e ajustando sua ideologia conforme conjunturas nacionais e internacionais. Estudos posteriores podem se debruçar sobre essa dinâmica, buscando compreender como o grupo adapta sua retórica e suas estratégias diante de novos contextos políticos e das mudanças na

própria extrema-direita brasileira. Essa dimensão processual, que inevitavelmente escapa a qualquer recorte temporal rígido, oferece um campo vasto e ainda pouco explorado na literatura.

Também se mostra promissora a investigação das conexões transnacionais que orbitam o Nova Resistência. Embora esta dissertação tenha evidenciado convergências ideológicas com o duginismo transnacional, permanece aberta a necessidade de mapear, com maior precisão e alcance, as redes pelas quais esses discursos circulam. Pesquisas que combinem análise de redes digitais, estudos comparativos com movimentos análogos em outras regiões e observação mais sistemática de canais transnacionais podem iluminar os fluxos, mediações e transferências que estruturam esse ecossistema global. Tais caminhos permitiriam avaliar até que ponto a recepção brasileira do duginismo é singular ou parte de um fenômeno mais amplo de rearticulação do neofascismo em escala internacional.

Por fim, há um amplo campo a ser desenvolvido na direção de estudos empíricos sobre o impacto do Nova Resistência no cenário político nacional. Embora esta dissertação tenha se concentrado na dimensão doutrinária e discursiva, pesquisas futuras podem investigar como o grupo influencia debates públicos, relações partidárias, disputas eleitorais, setores militares ou nichos específicos da juventude politizada. A análise de sua presença em eventos, sua produção editorial, sua capacidade de cooptação simbólica e seus mecanismos internos de formação militante pode revelar aspectos complementares que escapam ao foco aqui adotado. Tais caminhos de pesquisa ampliam não apenas a compreensão sobre o Nova Resistência, mas também sobre a própria reconfiguração da extrema-direita brasileira no contexto contemporâneo.

O conjunto da pesquisa permite afirmar que compreender o Nova Resistência a partir da chave interpretativa do neofascismo dissidente é fundamental para decifrar algumas das mutações mais profundas da extrema-direita brasileira contemporânea. Ao acompanhar a trajetória intelectual de Aleksandr Dugin, a formulação da Quarta Teoria Política e a forma específica por meio da qual esse repertório doutrinário é traduzido, adaptado e instrumentalizado no contexto nacional, torna-se possível revelar um processo mais amplo de recomposição ideológica que opera simultaneamente no plano global e no plano doméstico.

O Nova Resistência, ao articular dissenso, metapolítica, revisionismo histórico e um projeto civilizacional de caráter imperial, faz emergir uma modalidade de radicalismo que combina elementos do neofascismo europeu, do tradicionalismo político e de uma retórica anti-

imperialista apropriada seletivamente, configurando um fenômeno híbrido e ainda pouco compreendido pela literatura. Reconhecer essa síntese e situá-la dentro das dinâmicas de circulação transnacional de ideias, das disputas internas da direita brasileira e das tensões da ordem internacional contemporânea é decisivo para compreender tanto seu potencial de influência quanto os riscos que representa. A conclusão mais ampla desta dissertação é que o neofascismo dissidente não constitui um desvio marginal, mas um vetor emergente no contexto da extrema direita, cuja compreensão exige atenção constante e análise rigorosa, especialmente em países como o Brasil, onde projetos de poder autoritários encontram terreno fértil em conjunturas de crise e ressentimento.

Analisar o Nova Resistência é, portanto, debater a formação de um campo particular do neofascismo brasileiro, que carrega consigo desafios particulares que demandam respostas específicas em meios políticos e acadêmicos. Uma extrema direita que se aproxima da esquerda e coopta seus discursos na proposição de um projeto político neofascista não é novidade na História global, mas seu potencial destrutivo para a democracia deve ser rigorosamente considerado. Enquanto o Brasil olha para sua ultradireita bolsonarista, olavista e ultraliberal, uma nova serpente tenta chocar seus ovos em ninhos mais próximos do que se podia imaginar.

REFERÊNCIAS

FONTES

A Quarta Teoria Política é uma teoria radical e revolucionária! Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2017/08/10/a-quarta-teoria-politica-e-uma-teoria-radical-e-revolucionaria/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Bolsonaro é a ANTÍTESE de Enéas. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/09/12/bolsonaro-e-a-antitese-de-eneas/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Bolsonaro não tem nada a ver com os populistas europeus. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/10/12/bolsonaro-nao-tem-nada-a-ver-com-os-populistas-europeus/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BR_RESISTENCIA. Nem Dugin, nem a Quarta Teoria Política, nem a Nova Resistência são fascistas | Nova Resistência. Disponível em:

<<https://novaresistencia.org/2020/08/23/nem-dugin-nem-a-quarta-teoria-politica-nem-a-nova-resistencia-sao-fascistas/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Brasil não é Ocidente | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/11/27/brasil-nao-e-ocidente/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Brasil não é Ocidente | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/11/27/brasil-nao-e-ocidente/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

DUGIN, A. **Dugin – O Brasil Profundo | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/10/21/dugin-o-brasil-profundo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

DUGIN, Aleksandr G. **Absolyutnaya Rodina: tri trilogii.** Moscou: Arktogetya, 1999.

DUGIN, Aleksandr G. **Metafizika Blagoi Vesti.** Moscou: Arktogetya, 1996.

DUGIN, Aleksandr G. **Puti Absolyuta.** Moscou: Arktogetya, 1989.;

DUGIN, Aleksandr G. **Tainy Evrazii.** Moscou: Arktogetya, 1996.;

DUGIN, Aleksandr. **A Quarta Teoria Política.** Curitiba: Editora Austral, 2012.

DUGIN, Aleksandr. **A Quarta Teoria Política.** São Paulo: Ars Regia, 2021.

DUGIN, Aleksandr. **Fundamentos da Geopolítica.** São Paulo: Ars Regia, 2024.

DUGIN, Aleksandr. **Geopolítica do Mundo Multipolar.** Curitiba: Editora Austral, 2012.

DUGIN, Aleksandr. **Platonismo Político.** São Paulo: Ars Regia, 2024.

DUGIN, Aleksandr. **Putin vs Putin: Vladimir Putin viewed from the right.** London: Arktos, 2014.

DUGIN, Aleksandr. **Templars of the proletariat.** London: Arktos, 2023, p. 70.

DUGIN, Aleksandr. **Teoria do Mundo Multipolar.** São Paulo: Ars Regia, 2022.

DUGIN, Aleksandr. **The Great Awakening vs the Great Reset.** London: Arktos, 2021b, p. 59.

DUGIN, Aleksandr. **The Trump Revolution.** London: Arktos, 2025.;

DUGIN, Aleksandr; LAND, Nick. Nick Land vs. Aleksandr Dugin Debate | Guests: Nick Land and Aleksandr Dugin | 10/6/25. [vídeo]. YouTube, 6 out. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J86C4IJTaFw&t=3127s>. Acesso em: 2 nov. 2025

DUGIN, Alexander. **A Quarta Teoria Política**, 1ª Edição. Tradução: Raphael Machado. Caxias do Sul: ARS Regia, 2021a, p. 218

DUGIN, Alexander. **Eurasian mission: An introduction to neo-Eurasianism.** Arktos, 2014, p. 11.

DUGIN, Alexander; CARVALHO, Olavo de. **Os Estados Unidos e a nova ordem mundial: um debate entre Alexander Dugin e Olavo de Carvalho**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.

FLECK, A. F. **O exercício de nós mesmos | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/02/13/o-exercicio-de-nos-mesmos/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

FLECK, A. **O “Espectro” Duginista**. Nova Resistência, 9 mar. 2022. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/03/09/o-espectro-duginista/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

FREIRE, J. R. **Antônio Conselheiro: Herói Revolucionário da Autonomia Brasileira | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/03/13/antonio-conselheiro-heroi-revolucionario-da-autonomia-brasileira/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

GASPARINI, E. **Vivendo na Kali Yuga | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/05/27/vivendo-na-kali-yuga/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

H, G. C. **A Epopeia dos Bandeirantes: Uma Visão a partir da Quarta Teoria Política | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/06/03/a-epopeia-dos-bandeirantes-uma-visao-a-partir-da-quarta-teoria-politica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Haddad é o Macron brasileiro | Nova Resistência. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/10/01/haddad-e-o-macron-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LOBO, F. **Rumo a um Nacionalismo Revolucionário verdadeiramente orgânico, comunitarista e popular | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/06/18/rumo-a-um-nacionalismo-revolucionario-verdadeiramente-organico-comunitarista-e-popular/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LUIZ, A. **A França Antártica, a guerra esotérica em torno da fundação do atual Brasil e os brasilíndios | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/10/21/a-franca-antartica-a-guerra-esoterica-em-torno-da-fundacao-do-atual-brasil-e-os-brasilindios/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LUIZ, A. **A NR é a única organização quarto-teórica do país | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/04/05/a-nr-e-a-unica-organizacao-quarto-teorica-do-pais/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LUIZ, A. **A síntese luso-tupi na formação do povo brasileiro | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/07/27/a-sintese-luso-tupi-na-formacao-do-povo-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LUIZ, A. **Geopolítica do Separatismo no Brasil | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/10/15/geopolitica-do-separatismo-no-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LUIZ, A. **Getúlio teve influências fascistas? Sim. E não tem problema | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/14/getulio-teve-influencias-fascistas-sim-e-nao-tem-problema/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. – **Julius Evola contra os Párias: Desconstrução da falsificação do pensamento evoliano.** Nova Resistência, 14 dez. 2019. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/12/14/raphael-machado-julius-evola-contr-os-parias-desconstrucao-da-falsificacao-do-pensamento-evoliano/>>. Acesso em: 16 fev. 2025 e MACHADO, R. Raphael Machado – Julius Evola e o Quinto Estado: Contra as desinformações dos pseudo-evolianos neoliberais. Nova Resistência, 5 dez. 2019. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/12/05/raphael-machado-julius-evola-e-o-quinto-estado-contr-as-desinformacoes-dos-pseudo-evolianos-neoliberais/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

MACHADO, R. “**Não vivemos para o passado, vivemos para ganhar o futuro**”, entrevista com o coordenador geral da Nova Resistência no Brasil. Nova Resistência, 1 set. 2017. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2017/09/01/entrevista-vivemos-para-ganhar-o-futuro/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

MACHADO, R. **13 teses sobre a “civilização ocidental” | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/18/13-teses-sobre-a-civilizacao-ocidental/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **13 teses sobre a “civilização ocidental” | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/18/13-teses-sobre-a-civilizacao-ocidental/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **A Abolição da Escravatura e seus Heróis | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2025/05/15/a-abolicao-da-escravatura-e-seus-herois/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **A causa Palestina e o papel sabotador da Esquerda Liberal | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/09/10/a-causa-palestina-e-o-papel-sabotador-da-esquerda-liberal/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **A Coragem como virtude fundamental na transição para a Multipolaridade | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/04/30/a-coragem-como-virtude-fundamental-na-transicao-para-a-multipolaridade/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **A Decapitação como Rito Guerreiro na Tradição Ibérica | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2025/11/03/a-decapitacao-como-rito-guerreiro-na-tradicao-iberica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **A Esquerda Brasileira e a Falta de Autocrítica Ideológica | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/31/a-esquerda-brasileira-e-a-falta-de-autocritica-ideologica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **A Esquerda Brasileira na Encruzilhada das Reflexões Identitárias | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/18/a-esquerda-brasileira-na-encruzilhada-das-reflexoes-identitarias/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **As civilizações do Mundo Multipolar | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/02/05/as-civilizacoes-do-mundo-multipolar/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Brasil e África: uma missão | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/08/11/brasil-e-africa-uma-alianca-civilizacional/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Breve esboço de uma Metodologia para a Quarta Teoria Política | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/30/breve-esboco-de-uma-metodologia-para-a-quarta-teoria-politica/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **BRICS: Última Esperança para o Brasil | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/21/brics-ultima-esperanca-para-o-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Carnaval 2025: Celebração do Anti-Brasil?** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2025/03/06/carnaval-2025-celebracao-do-anti-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Celebrar tudo que é Brasileiro | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/07/26/celebrar-tudo-que-e-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Dugin e a luta patriótica brasileira | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/11/19/dugin-e-a-luta-patriotica-brasileira/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Dugin na Mídia Brasileira: As Difamações do “Observatório da Extrema Direita” | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/03/11/dugin-na-midia-brasileira-as-difamacoes-do-observatorio-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Hierarquia e Liderança como elementos fundamentais do Ser ibero-americano | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/05/24/hierarquia-e-lideranca-como-elementos-fundamentais-do-ser-ibero-americano/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **No Brasil, o racismo é crime (mas não se a vítima for branca)**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/05/09/no-brasil-o-racismo-e-crime-mas-nao-se-a-vitima-for-branca/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **O Irã e a Ética Guerreira Tradicional**. Nova Resistência, 5 out. 2024. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/10/05/o-ira-e-a-etica-guerreira-tradicional/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

MACHADO, R. **O Triunfo de Trump e o Futuro do Mundo**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/11/06/o-triunfo-de-trump-e-o-futuro-do-mundo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Propostas para uma Política Externa independente: rumo à Nova Roma | Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/02/28/propostas-para-uma-politica-externa-independente-rumo-a-nova-roma/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Silvio Almeida e Anielle Franco: O wokismo devora os próprios filhos.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2024/09/10/silvio-almeida-e-anielle-franco-o-wokismo-devora-os-proprios-filhos/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MACHADO, R. **Trabalhismo: nem centro-esquerda, nem “marxismo light” | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/04/15/trabalhismo-nem-centro-esquerda-nem-marxismo-light/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Não há Nacionalismo sem Defesa da Família Tradicional! Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2023/05/15/nao-ha-nacionalismo-sem-defesa-da-familia-tradicional/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

NOVA RESISTÊNCIA. **Bacurau (2019): a Tradição de um Povo é sua arma de guerra.** Nova Resistência, 3 abr. 2020. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/03/04/bacurau-2019-a-tradicao-de-um-povo-e-sua-arma-de-guerra/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

NOVA RESISTÊNCIA. **Falar em “cultura do estupro” é falar em subcultura funk.** Nova Resistência, 11 maio 2018. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/05/11/falar-em-cultura-do-estupro-e-falar-em-subcultura-funk/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

NOVA RESISTÊNCIA. **No capitalismo, a arte não passa de uma mercadoria.** Nova Resistência, 24 abr. 2018. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/04/24/no-capitalismo-a-arte-nao-passa-de-uma-mercadoria/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

O brasileiro está cansado da JURISTOCRACIA. Nova Resistência, 8 ago. 2018. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/08/08/o-brasileiro-esta-cansado-da-juristocracia/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

REIS, A. L. D. **A Natureza Política do Fascismo.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/07/20/a-natureza-politica-do-fascismo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

REIS, A. L. DOS. **A crise do paradigma iluminista e a emergência do Tradicionalismo.** Nova Resistência, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/01/21/a-crise-do-paradigma-iluminista-e-a-emergencia-do-tradicionalismo/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

REIS, A. L. DOS. **Há um abismo entre Dugin e Olavo de Carvalho.** Nova Resistência, 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/04/21/ha-um-abismo-entre-dugin-e-olavo-de-carvalho/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

REIS, A. L. DOS. **O necessário resgate do símbolo e da mitologia fundadora do bandeirantismo.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2021/07/26/o-necessario-resgate-do-simbolo-e-da-mitologia-fundadora-do-bandeirantismo/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

REIS, A. L. DOS. **Olavo de Carvalho é um agente dedicado à destruição do Brasil.** Nova Resistência, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2020/05/12/olavo-de-carvalho-e-um-agente-dedicado-a-destruicao-do-brasil/>>. Acesso em: 16 fev. 2025

RESISTÊNCIA, N. **A quem pertencem os legados de Vargas, Jango e Brizola? | Nova Resistência.** Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/07/22/a-quem-pertence-os-legados-de-vargas-jango-e-brizola/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

RESISTÊNCIA, N. **Aldo Rebelo e a centralidade da Questão Nacional** | **Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/05/02/aldo-rebelo-e-a-centralidade-da-questao-nacional/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

RESISTÊNCIA, N. **Discurso da Nova Resistência no Congresso Trabalhista** | **Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/05/21/discurso-da-nova-resistencia-no-congresso-trabalhista/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

RESISTÊNCIA, N. **Guararapes foi o nascimento do Brasil** | **Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2019/05/08/guararapes-foi-o-nascimento-do-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

RESISTÊNCIA, N. **O PSOL é o partido mais oportunista do Brasil** | **Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2018/03/20/o-psol-e-o-partido-mais-oportunista-do-brasil/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

TEIXEIRA, G. **Ciro Gomes, o Putin brasileiro?** | **Nova Resistência**. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/09/12/ciro-gomes-o-putin-brasileiro/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARONS, Kieran. *Genealogy of Far-Right Accelerationism*. 2023, p. 263

AKCALI, Emel et al. **Eurasianism and the European far right: Reshaping the Europe–Russia relationship**. Lexington Books, 2015.;

_____; PERİNÇEK, Mehmet. *Kemalist Eurasianism: An emerging geopolitical discourse in Turkey*. **Geopolitics**, v. 14, n. 3, p. 550-569, 2009.

ALLENSWORTH, W. **The Russian Question**. [s.l.] Rowman & Littlefield, 1998.

ARNOLD, J. **Mysteries of Eurasia: The Esoteric Sources of Alexander Dugin and the Yuzhinsky Circle**. Department of Religious Studies, Faculty of Humanities, University of Amsterdam, 2019.

AUER, Stefan. *Carl Schmitt in the Kremlin: the Ukraine crisis and the return of geopolitics*. **International Affairs**, v. 91, n. 5, p. 953-968, 2015.

BACKMAN, Jussi. *A Russian radical conservative challenge to the liberal global order: Aleksandr Dugin*. **Contestations of Liberal Order: The West in Crisis?**, p. 289-314, 2020.

BALE, Jeffrey M. **The darkest sides of politics, I: Postwar fascism, covert operations, and terrorism**. Routledge, 2017, p. 63.

BAR-ON, Tamir. *Transnationalism and the French nouvelle droite*. **Patterns of Prejudice**, v. 45, n. 3, p. 199-223, 2011.

_____. **Where have all the fascists gone?**. Routledge, 2016

_____; MOLAS, Bàrbara (Ed.). **The Right and Radical Right in the Americas – Ideological Currents from Interwar Canada to Contemporary Chile**. Lanham: Lexington Books, 2021.

BARROS, Felipe Eduardo Lima Reina. **Geopolítica e Religião uma Análise Crítica da Obra de Alexander Dugin**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, 2019.

BASSIN, Mark. **Eurasianism “Classical” and “Neo”: the lines of continuity**. na, 2008.

_____; POZO, Gonzalo (Ed.). **The politics of Eurasianism: identity, popular culture and Russia's foreign policy**. Rowman & Littlefield, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid modernity**. John Wiley & Sons, 2013

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1995. p. 101.

BURES, Eliah. The intellectual as culture warrior: metapolitics and the European new right. **Fascism**, v. 12, n. 1, p. 1-26, 2023

BYRD, Dustin J. Neo-Eurasianism as Ideology of Empire: Alexander Dugin and Russia’s War on Ukraine. **Islamic Perspective**, v. 28, p. 1, 2022.

CAMUS, Jean-Yves; LEBOURG, Nicolas. **Far-right politics in Europe**. Harvard University Press, 2017, p. 123.

CARNEIRO, Henrique; SAUDA, Aldo. Híbrido entre neofascismo e stalinismo, Alexander Dugin chega ao Brasil. **Contra Poder**. 2021.

CENTO BULL, Anna. Neo-Fascism. **The Oxford Handbook of Fascism**, p. 587-605, 2010.

CLOVER, C. **Black Wind : the Rise of Russia’s New Nationalism**. New Haven: Yale University Press, 2016.

COPSEY, Nigel. Neo-Fascism: A Footnote to the Fascist Epoch?. In: **Beyond the Fascist Century: Essays in Honour of Roger Griffin**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 101-121.

COYOTE, EL. **Vestindo a esquerda de camisas negras: Como os fascistas colonizaram o Anti-imperialismo , Parte I**. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/vestindo-a-esquerda-de-camisas-negrascomo-os-fascistas-colonizaram-o-anti-imperialismo-parte-i/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.

_____. **Vestindo a esquerda de camisas pretas: Alexander Dugin e a ascensão do fascismo “politicamente correto” Parte II**. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/vestindo-a-esquerda-de-camisas-pretas-alexander-dugin-e-a-ascensao-do-fascismo-politicamente-correto-parte-ii/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.;

DEVIĆ, Ana. The Eurasian Wings of Serbia: Serbian Affinities of the Russian Radical Right. **Extremism and Violent Extremism in Serbia**, v. 109, 2019.

DOS REIS CRUZ, Natalia. Aleksandr Dugin, o Projeto Neoeurasianista e a Narrativa sobre a Nova Ordem Mundial. **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 11, n. 2, p. 53-70, 2023.

DREYFUS, Hubert L. interpreting Heidegger on das Man. **Inquiry**, v. 38, n. 4, p. 423-430, 1995.

DUGIN, Aleksandr. **Templars of the proletariat**. London: Arktos, 2023, p. 70.

DUNLOP, John B. .Aleksandr Dugin's" Neo-Eurasian" Textbook and Dmitrii Trenin's Ambivalent Response. **Harvard Ukrainian Studies**, v. 25, n. 1/2, p. 91-127, 2001.

_____. Aleksandr Dugin's Foundations of Geopolitics. **Demokratizatsiya**, v. 12, n. 1, 2004.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Boitempo, 2025.

_____. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã**. São Paulo: Boitempo, 2024.

ENSTAD, Johannes Due. “Glory to Breivik!”: The Russian Far Right and the 2011 Norway Attacks. **Terrorism and Political Violence**, v. 29, n. 5, p. 773-792, 2017.

FARAH, Douglas; ORTIZ, Román D. **Russian Influence Campaigns in Latin America**. United States Institute of Peace, 2023.

FENGHI, Fabrizio. Making post-Soviet counterpublics: the aesthetics of Limonka and the National-Bolshevik Party. **Nationalities Papers**, v. 45, n. 2, p. 182-205, 2017

FORTI, Steven. Los rojipardos:¿ mito o realidad?. **Nueva sociedad**, n. 288, p. 15-26, 2020.

_____. et al. **Patriotas indignados: sobre la nueva ultraderecha en la posguerra fría**. Neofascismo, posfascismo y nazbols. Madrid: Alianza Editorial, 2019

GARRY, Amanda et al. QAnon conspiracy theory: examining its evolution and mechanisms of radicalization. **Journal for Deradicalization**, n. 26, p. 152-216, 2021

GHENGHEA, Mircea-Cristian. Romania and the Eurasian Union. Plans, Predictions and Perspectives. **CES Working Papers**, v. 8, n. 1, p. 74-80, 2016.

GRIFFIN, Roger. Between metapolitics and apoliteia: The Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the'interregnum'. **Modern & Contemporary France**, v. 8, n. 1, p. 35-53, 2000.

_____. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. **Patterns of Prejudice**, v. 37, n. 1, p. 27-50, 2003.

GUERRA, Nicola. Foreign fighters from the far right and extreme left in the Russia–Ukraine conflict. **Dynamics of Asymmetric Conflict**, v. 17, n. 1, p. 44-70, 2024A.

_____. The Russian-Ukrainian war has shattered the European far right. The opposing influences of Steve Bannon and Aleksandr Dugin. **European Politics and Society**, v. 25, n. 2, p. 421-439, 2024B.

INGRAM, Alan. Alexander Dugin: geopolitics and neo-fascism in post-Soviet Russia. **Political Geography**, v. 20, n. 8, p. 1029-1051, 2001.

JAMESON, Fredric. Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism. In: **Postmodernism**. Routledge, 2016. p. 62-92

JARA TOWNSEND, Gonzalo. Una antigua y nueva derecha – Dugin y Fusaro. **Antagonismos**, Vol. 1, Nº 1, p. 161-196, 2020.

JONES, Alex; HECKENLIVELY, Kent. **The Great Awakening: Defeating the Globalists and Launching the Next Great Renaissance**. Simon and Schuster, 2023

KAILITZ, S.; UMLAND, A. How post-imperial democracies die: A comparison of Weimar Germany and post-Soviet Russia. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 52, n. 2, p. 105–115, jun. 2019.

KHALID, Amna. Russia's Foothold in Asia: Understanding Eurasianism in Russian Post-Soviet Discourse. **MJIR| Malaysian Journal of International Relations**, v. 10, n. 1, p. 1-21, 2022.

KISACIK, Sina; KAYA, Furkan. Russian Eurasianism versus American Eurasianism within the Perspectives of Brzezinski and Dugin: A Case Study on the Recent Ukrainian Crisis. **International Journal of Arts & Sciences**, v. 9, n. 2, p. 161-185, 2016.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2018.

LANE, David. **Coloured Revolutions as a Political Phenomenon**. Rethinking the Coloured Revolutions. Routledge, 2013. 1-23.

LAQUEUR, W. **Fascism**. [s.l.] Oxford University Press, USA, 1996.

LARUELLE, Marlène. (Neo-) Eurasianists and Politics: "Penetration" of State Structures and Indifference to Public Opinion?. **Russian Politics & Law**, v. 47, n. 1, p. 90-101, 2009.

_____. Aleksandr Dugin: A Russian Version of the European Radical Right? **Occasional Papers**, v. 294, 2006.

_____. Alexander Dugin and Eurasianism. **Key thinkers of the radical right**, p. 155-169, 2019.;

_____. In Sanctioning Dugin, Washington Got the Wrong Man. **Foreign Affairs**, v. 25, 2015.;

- _____. In Search of Putin's Philosopher. **Intersection Project**, 2017.;
- _____. The intellectual origins of Putin's invasion. **UnHerd**, 2022.;
- _____. Larger, higher, farther north... geographical metanarratives of the nation in Russia. **Eurasian Geography and Economics**, v. 53, n. 5, p. 557-574, 2012.;
- _____. Russian Eurasianism: An ideology of Empire. Washington: Woodrow Wilson, 2012.
- _____. **Russian Eurasianism: An Ideology of Empire**. Woodrow Wilson Center Press, Washington, DC The John Hopkins University Press, Baltimore, v. 276, 2008.
- _____. **Russian nationalism: Imaginaries, doctrines, and political battlefields**. Taylor & Francis, 2019.
- _____. The Iuzhinskii Circle: Far-Right Metaphysics in the Soviet Underground and Its Legacy Today. **The Russian Review** 74, October 2015: 563–80
- _____. The three colors of Novorossiia, or the Russian nationalist mythmaking of the Ukrainian crisis. **Post-Soviet Affairs**, v. 32, n. 1, p. 55-74, 2016.
- _____. The two faces of contemporary Eurasianism: an imperial version of Russian nationalism. **Nationalities Papers**, v. 32, n. 1, p. 115-136, 2004.;
- LIKHACHEV, Viacheslav. **The far right in the conflict between Russia and Ukraine**. Ifri, 2016.
- LYOTARD, Jean-François. The postmodern condition. **The postmodern turn: new perspectives on modern theory**, p. 27-38, 1994.
- MACH, Zdzisław. Right-wing populism, Euroscepticism, and neo-traditionalism in Central and Eastern Europe. In: **The right-wing critique of Europe**. Routledge, 2022. p. 26.
- MAGALHÃES, David; NETO, Odilon Caldeira. As vias de transnacionalização da ultradireita brasileira. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs**, n. 11, 2024.
- MAIN, Thomas J. **The rise of the alt-right**. Brookings Institution Press, 2018.
- MÁIZ, Ramón. Eurasianismo y nacionalismo ruso imperialista en Aleksandr Dugin. **Política y Gobernanza. Revista de Investigaciones y Análisis Político**, n. 7, p. 5-32, 2023.
- MARX, Karl. **A crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MATHYL, M. The National-Bolshevik Party and Arctogaia: two neo-fascist groupuscules in the post-Soviet political space. **Patterns of Prejudice**, v. 36, n. 3, p. 62–76, jul. 2002.
- MITROFANOVA, A.V. **The Politicization of Russian Orthodoxy: Actors and Ideas**. Soviet and Post-Soviet Politics and Society, no. 13. Stuttgart: ibidem-Verlag, 2005.

MORGADO, Nuno. Assessing the role of Brazil in the New World Order: a geopolitical study of Meridionalism and neo-Eurasianism. **Anuario Latinoamericano–Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales**, v. 4, 2017.

MOSBEY, John Cody Considering Alexander Dugin's Esoteric Economic Thinking. 2021.

_____. **Alexander Dugin: Geopolitics at the Confluence of Theology, Tradition, and Eurasia**. 2020. Tese de Doutorado. University of Dublin.

_____. Considering Alexander Dugin's Esoteric Economic Thinking. 2021.; _____. Churchill was Right about Russia and Still Is. **world**, 2015.;

_____. Conspirology: With the 2020 Election, Conspiracy Theory Moves to Center Stage. 2021.

_____. **Dublin to Vladivostok**. AirCerberus, LLC, 2023.

_____. Russia, Dugin, and traditionalism in politics: Political and theological placement of the fourth political theory. **March 3, CHAP**, 2015.;

_____. Putin, Dugin and the Coming Wild Ride on Leviathan. 2016.

MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. **The far right today**. John Wiley & Sons, 2019.

NETO, Odilon Caldeira. **Neo-fascism and the Far Right in Brazil**. Cambridge University Press, 2025.

_____. Neofascismo, "Nova República" e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

_____. O neofascismo no Brasil, do local ao global?. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 29, n. 52, p. 579-598, 2022.

NUNES, Thainá Penha Baima Viana; SILVA, Mayane Bento. A Retomada da Geopolítica Russa: a Influência do Eurasianismo na Anexação da Crimeia à Rússia. **Revista Intelector**, 2018.;

_____. Fundamentos da geopolítica neo-eurasianista na inserção russa no caso sírio. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 5, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, LETICIA. "Desgraça, estás de pé; agora toma o rumo que bem te parecer.": um perfil de Rafael Lusvarghi. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/desgraca-estas-de-pe-agora-toma-o-rumo-que-bem-te-parecer-um-perfil-de-rafael-lusvarghi/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.;

COYOTE, EL. **A infiltração neofascista no PDT**. Disponível em: <<https://elcoyote.net/politica/a-infiltracao-neofascista-no-pdt/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.;

OZCAN, Merve. A New Ideology in Russian Foreign Policy: Nationalist Eurasianism. **Transylvanian Review**. 31. 2022.

PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. **The Morning of the Magicians**: Secret Societies, Conspiracies, and Vanished Civilizations. Translated by Rollo Myers. Rochester: Destiny Books, 2009

PETSINIS, Vassilis. Eurasianism and the far right in central and Southeast Europe. **Central and Eastern European Review**, v. 1, n. 8, p. 1-10, 2014.

RAIKHAN, Sadykova. Eurasian idea of N.A. Nazarbayev as the basis of modern integration, **Procedia - Social and Behavioral Sciences** 89, 2013, 377 – 386.

SEDGWICK, Mark. **Against the Modern World**: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century. Nova York: Oxford University Press, 2004

_____. Aleksandr Dugin's Traditionalist roots. **Studies in East European Thought**, p. 1-16, 2025.

SEGRILLO, Angelo. Rússia: **Europa ou Ásia?** A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Tese de doutorado. 2016.

SHEKHOVTSOV, A. Aleksandr Dugin's Neo-Eurasianism: The New Right à la Russe 1. **Religion Compass**, v. 3, n. 4, p. 697-716, 2009.

_____. Alexander Dugin and the West European new right, 1989–1994. **Eurasianism and the European far right: Reshaping the Europe-Russia relationship**, p. 35-54, 2015.

_____. **Russia and the Western Far Right**. Nova York, Routledge, 2018.

_____. A.The Palingenetic Thrust of Russian Neo-Eurasianism: Ideas of Rebirth in Aleksandr Dugin's Worldview. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 9, n. 4, p. 491-506, 2008.

_____. ; UMLAND, Andreas. Is Aleksandr Dugin a Traditionalist?" Neo-Eurasianism" and Perennial Philosophy. **The Russian Review**, v. 68, n. 4, p. 662-678, 2009.

_____. Aleksandr Dugin and Greece's SYRIZA Connection. **The Interpreter**, 2015.;

_____. Aleksandr Dugin's neo-Eurasianism and the Russian-Ukrainian war. **The politics of Eurasianism: Identity, popular culture and Russia's foreign policy**, p. 185-204, 2017.;

_____. Aleksandr Dugin's Neo-Eurasianism: The New Right à la Russe 1. **Religion Compass**, v. 3, n. 4, p. 697-716, 2009.;

_____. Alexander Dugin and the West European new right, 1989–1994. **Eurasianism and the European far right: Reshaping the Europe-Russia relationship**, p. 35-54, 2015.;

_____. Russian Fascist Aleksandr Dugin Gathering Intelligence on the French Military. **The Interpreter**, v. 28, 2014.

SHENFIELD, S. **Russian fascism : traditions, tendencies, movements**. Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, 2001.

SHLAPENTOKH, Dmitry V. Implementation of an ideological paradigm: Early Duginian eurasianism and Russia's post-Crimean discourse. *Contemporary security policy*, v. 35, n. 3, p. 380-399, 2014.

_____. **Ideological seduction and intellectuals in Putin's Russia**. Springer Nature, 2020.

_____. Alexander Dugin's views of Russian history: collapse and revival. **Journal of Contemporary Central and Eastern Europe**, v. 25, n. 3, p. 331-343, 2017

_____. Alexander Dugin's views on the Middle East. *Space and Polity*, v. 12, n. 2, p. 251-268, 2008.;

_____. Dugin Eurasianism: a window on the minds of the Russian elite or an intellectual ploy?. **Studies in East European Thought**, v. 59, p. 215-236, 2007.

_____. Dugin, Eurasianism, and Central Asia. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 40, n. 2, p. 143-156, 2007.

_____. The ideological framework of early post-soviet Russia's relationship with Turkey: The case of Alexander Dugin's eurasianism. **Journal of Balkan and Near Eastern Studies**, v. 18, n. 3, p. 263-281, 2016.;

_____. The time of troubles in Alexander Dugin's narrative. **European Review**, v. 27, n. 1, p. 143-157, 2019.

_____. The great friendship: Geopolitical fantasies about the Russia/Europe alliance in the Early Putin Era (2000–2008)—The case of Alexander Dugin. **Debate: Journal of Contemporary Central and Eastern Europe**, v. 22, n. 1, p. 49-79, 2014.

SHNIRELMAN, Victor A. Alexander Dugin: Building a Bridge between Eschatology and Conspiracy. **Gosudarstvo, Religii, Tserkov v Rossii i za Rubezhom**, v. 34, n. 4, 2016.;

_____. Hyperborea: the arctic myth of contemporary Russian radical nationalists. **Journal of Ethnology and Folkloristics**, v. 8, n. 2, p. 121-138, 2014.

_____. Alexander Dugin: Between eschatology, esotericism, and conspiracy theory. In: **Handbook of conspiracy theory and contemporary religion**. Brill, 2018. p. 443-460.;

SILVA, Beatriz. **A NOVA RESISTÊNCIA: Origem, atuação e projeto político em disputa no mundo virtual**. Trabalho de conclusão de curso—UFF CAMPOS. 2024.

SKŁADANOWSKI, Marcin. From an ideological war to an ideology of war: Aleksandr Dugin's assumptions of neo-Eurasianism and their application to Russian preparations for the war against Ukraine. **Studia Rossica Gedanensia**, n. 9, p. 175-186, 2022.

TEITELBAUM, Benjamin R. **War for eternity: The return of traditionalism and the rise of the populist right**. Penguin UK, 2020.

_____. Guerra pela Eternidade - O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da Direita Populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TOROSYAN, Veronika. Multi-faceted Eurasianism: a comparison in practice. **Review of Economics and Political Science**, v. 8, n. 5, p. 380-393, 2023.

UMLAND, A. Aleksandr Dugin's Transformation from a Lunatic Fringe Figure into a Mainstream Political Publicist, 1980–1998: A Case Study in the Rise of Late and Post-Soviet Russian Fascism. **Journal of Eurasian Studies**, v. 1, n. 2, p. 144–152, jul. 2010.

_____. Alexander Dugin, the Issue of Post-Soviet Fascism, and Russian Political Discourse Today. **Russian Analytical Digest**, v. 14, n. 07, 2007.

_____. Fascist Tendencies in Russia's Political Establishment: The Rise of the International Eurasian Movement. **Russian Analytical Digest**, v. 60, n. 9, 2009.

_____. Issues in the Study of the Russian Extreme Right: Guest Editor's Introduction. **Russian Politics & Law**, v. 47, n. 1, p. 4-6, 2009.

_____. Making Great Power Identities in Russia: An Ethnographic Discourse Analysis of Education at a Russian Elite University. **Slavic Review**, v. 70, n. 1, p. 226-227, 2011.

_____. Pathological Tendencies in Russian "Neo-Eurasianism": The Significance of the Rise of Aleksandr Dugin for the Interpretation of Public Life in Contemporary Russia. **Russian Politics & Law**, v. 47, n. 1, p. 76-89, 2009.

VALDEZ, Ramiro Soares. **Um nacionalismo transnacional?: estudo de caso da Nova Resistência, organização neofascista brasileira**. Dissertação de Mestrado 2024.

VASCONCELOS, Francisco T. R. "Para salvar a nação somos até capazes de comunismo": o Nacional Bolshevismo ontem e hoje. **Almanaque de Ciência Política**, v. 6, ed. 1, p. 1-34, 2022.

_____. dissidência tradicionalista: a reinvenção da extrema direita brasileira como aliança "vermelho-marrom". **Almanaque de Ciência Política**, v. 7, n. 2, p. 01-29, 2023.

_____. A "guerra cultural" neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. **Revista de História da UEG**, v. 10, n. 02, 2021.

_____. Alain de Benoist e a Nova Direita Europeia: gramscismo de direita, revolução conservadora e fascismo cultural. **Princípios**, v. 41, n. 163, p. 208-239, 2022

_____. As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a "revolução conservadora" e o tradicionalismo. **Plural**, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022.;

_____. Contra o mundo moderno: uma história do Tradicionalismo e do reacionarismo revolucionário. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 58, n. 1, p. 64-69, 2022.

_____; MARIZ, Silvana Fernandes. O 11 de setembro como marco simbólico do revisionismo histórico à direita: “guerra cultural”, elitismo e geopolítica civilizacional. **Locus: Revista de História**, v. 27, n. 2, p. 74-97, 2021.;

YANOV, A. **Weimar Russia and what We Can Do about it**. New York. Slovo-Word, 1995.

ZHIGADLO, Konstantin V. The problem of the left-right divide in modern russia through the lens of social constructivism. **RUDN Journal of Political Science**, v. 25, n. 2, p. 423-433, 2023.

